



# ANGRA em festa

Turma 9F de 1996/97 da EB/3 PIEAAH  
Coordenação – Profª Teresa Valadão



*Angra*  
**EM FESTA**  
**Sanjoaninas**

ANGRA DO HEROÍSMO

**“Angra em Festa”**

## Dedicatória

À nossa professora de História, e directora de turma, Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Valadão C. Martins, dedicamos este livro, pois sem a sua preciosa colaboração, e contagiante empenho este projecto dificilmente seria conseguido.

O nosso obrigado e Bem Haja!

*(Turma F, 9ºano da Escola Secundária Geral e Básica  
Padre Jerónimo Emiliano de Andrade; Ano lectivo 96/97)*



# Prefácio

Das nove maravilhosas ilhas que constituem os Açores, a Terceira foi desde sempre a mais alegre e folgazã destas irmãs espalhadas no Atlântico Norte.

No início do Verão realizam-se anualmente as chamadas Festas da Cidade – AS SANJOANINAS – que são consideradas uma das maiores festividades profanas da Região Autónoma dos Açores.

Como à Ilha Terceira afluem muitos estrangeiros, emigrantes e continentais provenientes das mais variadas paragens, a nossa turma decidiu fazer um livro sobre este evento cultural, no âmbito do projecto Área-Escola.

É nosso intuito divulgar um estudo pormenorizado sobre a sua evolução; os seus contextos programáticos e o ambiente de alegria que torna Angra num “mar de imensa multidão”, ávida de momentos preenchidos com folguedos que enriquecem os dez dias das Sanjoaninas.

Este livro é dedicado a todos os habitantes da Terceira; aos emigrantes e forasteiros, e a todos os membros das Comissões das Sanjoaninas, que de forma empenhada tem mantido acesa a chama da festividade e o engrandecimento cultural de Angra.

Assim pretendemos que todas essas pessoas possam aprofundar os seus conhecimentos sobre esta temática, compreendendo a sua evolução no decurso dos anos, aproximando-se do final do milénio com o espírito renovado pela chama da juventude.

O livro chama-se “Angra em Festa” e relata os pontos mais altos destas fantásticas festas. Contém sete capítulos intitulados: Origens, Cortejos, Marchas, Tauromaquia, Desporto, Gastronomia e Assuntos Culturais.

Esperemos que gostem de o ler pois fizémo-lo a pensar em si.

## Os Autores

*(alunos do 9ºF da Escola Secundária Geral e Básica  
Padre Jerónimo Emiliano de Andrade no Ano Lectivo de 1996/97)*

# Prefácio

(Presidente da comissão das Sanjoaninas 1999)

As Sanjoaninas, anteriormente conhecidas por Festas da Cidade, são a concentração de todas as actividades culturais, desportivas, tauromáquicas e recreativas que, ao longo do ano, acontecem na Ilha Terceira. O seu cartaz é sempre um vasto mostruário dessas actividades, apoiado num espírito de alegria e de hospitalidade e, sobretudo, o reencontro com os açorianos da nossa diáspora. Nada é mais bonito do que Angra com as suas ruas a brilhar de gente e de luz. Residentes e forasteiros tornam estas festas em acontecimento verdadeiramente popular. Ninguém lhes fica indiferente. Todos se envolvem sem reservas. E, assim, se tornaram conhecidas em todo o Mundo.

Com alterações pontuais de ano para ano, as Sanjoaninas – com suas rainhas, seus cortejos e marchas, seus espectáculos de folclore, de teatro e as suas filarmónicas, seus concertos de música de todos os géneros, suas exposições, suas touradas e suas provas desportivas, são vibração de múltiplos encantos, que se estendem ao longo de dez dias.

Porque populares e tradicionais, as Sanjoaninas têm História própria – História que merecia ser contada por quem o soubesse fazer. E, assim, aconteceu. A Professora Teresa Valadão, empunhando dedicada e competente dedicação, chamou a si os trabalhos de recolha e de pesquisa e, com o empenho dos seus alunos, da Escola Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, proporcionou a publicação deste livro. *Angra em Festa* é o seu título – documento único e valioso que, através da palavra e da imagem, há-de fazer recordar os mais velhos e elucidar os mais novos sobre o que são as maiores festas de índole profana nos Açores.

Como Presidente da Comissão das Sanjoaninas/99, em nome de todos os seus elementos e no meu próprio felicito e agradeço à Professora Teresa Valadão mais esta iniciativa e a oportunidade que nos deu de a poder fruir e divulgar. Para além do seu inegável interesse histórico, este livro é também uma homenagem aos que, ao longo dos anos, deram corpo às Sanjoaninas bem como àqueles que as vão continuar.

*Ildebrando Pércles Pereira Ortins*

# Introdução

Numa época em que se fala de Reforma Educativa, é importante suscitar nos alunos o interesse pelo estudo das problemáticas históricas, ambientais, etnográficas, culturais, da cidade onde estão integrados.

A Escola deve estar em perfeita consonância com a sociedade e vice-versa, permitindo demonstrar a sua interligação. Neste sentido foi fulcral este trabalho, que assentou numa livre opção temática feita pelos discentes.

Interessa despertar a motivação para a pesquisa documental e investigação bibliográfica, pois desta análise rigorosa surgirão conhecimentos de factos e realidades, até então desconhecidos.

Foi efectuado um estudo profundo da imprensa local, tornando viável a aquisição de informações, que serão transmitidas nesta obra.

Com este livro pretende-se fazer uma abordagem do grande acontecimento festivo Terceirense, intitulado: Sanjoaninas. Está cada vez mais arreigado na alma e na tradição Angrense, atraindo inúmeros forasteiros que vivem 10 dias de inesgotável festa e animação.

Longe vão os tempos dos Bandos, das Encamisadas ou do culto na Ermida da Rua de São João, mas no entanto continua impregnado o sentimento efusivo de uma alegria constantemente renovada, fazendo pulsar a Urbe.

Angra cantada pelos poetas, é a “eterna noiva dos oceanos”. Nostálgicamente continua a olhar a Baía, recordando as Caravelas Quinhentistas, e os marinheiros que aportando em cada cais, transportavam a liberdade oceânica feita navegação.

A festa invade os recantos históricos do Burgo Angrense, que guarda orgulhosamente o título de Património Mundial.

As Sanjoaninas fazem pulsar o Povo, partilhando a mesa da abundância feita de algodão doce colorido.

Nas casas senhoriais as varandas arrendadas de ferro forjado escondem flores multicores orvalhadas pelo sereno de São João.

Dependuradas as colchas de retalhos, recordam a riqueza de um artesanato que traduz a realidade cultural do povo. Milhares de luzes espalham uma tonalidade efusiva de luminosidade, enquanto no ar soa o troar dos morteiros que marcam o começo das festividades. Considero muito importante a motivação que deve ser fornecida aos jovens – são os futuros cidadãos: homens e mulheres do século XXI – aqueles que perpetuarão o legado dos antepassados. Com orgulho devemos estudar o passado, para compreendermos o presente e prepararmos o futuro – aqui estão condensados momentos importantes das Sanjoaninas, recordando que este fenómeno festivo permanece tão vivo como aquele que presidia ao espírito dos nobres dos Bandos.

Quem desejar recordar deve folhear as páginas deste livro, os que tiverem curiosidade de conhecer a sua evolução façam a sua leitura, sabendo que este estudo foi efectuado com muito empenho, alegria, e acima de tudo respeito pela tradição dos Terceirenses.

**A professora coordenadora do livro:**  
*Maria Teresa Valadão C. Martins*

# ORIGENS

*Procurar os origens de algo leva-nos a recuar no tempo, e a indagar o que se passava na época dos nossos antecessores.*

*Uma convicção pode ser transmitida – tal como nós, pugnavam pelo brilhantismo citadino, pela alegria folgazã dos munícipes e pela demonstração da cordialidade hospitaleira que caracteriza “as nossas gentes”.*

*Investigar o passado transporta-nos ao domínio dos livros, papéis e jornais – detentores dos “até então segredos”, das vivências de um quotidiano que já não é o que era, mas que caminha orgulhosamente para o dealbar do novo milénio.*

*Encontrar datas precisas e concisas é impossível, pois os documentos coevos são desconhecidos, mas apontar um percurso evolutivo é algo mais viável, uma vez que encontrado o fio condutor é fácil caracterizar este fenómeno cultural, que mantém acesa a chama “da eterna juventude de Angra Menina e Moça, Mui Nobre e Leal Filha do Heroísmo”.*

*As fachadas das casas guardam o orgulho dos fidalgos; os brasões recordam genealogias, e o traçado das ruas mantêm-se fiel ao mapa de Linshoten, e à fase em que “Angra era a escala universal do mar poente, onde todas as naus amainavam suas velas...”.*

*Desapareceram velas com a cruz de Cristo, mas confeccionaram-se bandeiras e pendões, as charamelas são inexistentes, mas constituíram-se filarmónicas, os Bandos desapareceram, e a arena da Praça Velha perdeu-se no tempo, sendo efectuada uma “cópia” no decurso das Sanjoaninas 1998.*

*Encontrar uma data precisa e concisa é totalmente impossível mas uma coisa é certa – em virtude do incremento do monarca, o culto a S. João foi-se implantando no Arquipélago.*

*Somos o resultado de um processo de colonização, herdando o legado dos homens e mulheres – aventureiros encetando uma diáspora com séculos de coragem, valentia e bravura.*

*Trouxeram costumes, tradições e todo um legado civilizacional que continua perpetuado até ao presente.*

*Um começo perdido no tempo .... um percurso carregado de contemporaneidade....*

*A festa continua, e anualmente faz renascer “Angra do Mundo e das Gentes”.*

# Lendas da véspera de S. João

Era uma vez uma moura linda, que um feiticeiro encontrara, transformando-lhe o corpo gentil num duro penhasco e os seus fartos cabelos de ouro numa relva luzente e muito fina, donde emergiam malmequeres brancos como estrelas e papoilas vermelhas como rubis.

Mas vinha a noite de S. João e a linda moura recuperava por algumas horas as formas do seu corpo gracioso, os cabelos caindo-lhe como uma catadupa de ouro até às espáduas, e ela andava sozinha pelos bosques chamando com a sua voz maviosa o infortunado príncipe de quem se enamorara, para que ele fosse quebrar o encantamento.

E as raparigas que na noite de S. João saíam para apanhar a semente dos fetos, que têm aquela virtude casamenteira que a lenda lhe atribui, fugiam assustadas para casa, ao ouvir os tristes queixumes que a linda moura soltava pelos bosques.

Mas isto é só pelo monte, porque na cidade as mouras encantadas não andam pelas ruas a soltar tristes queixumes.

É verdade, também, que as raparigas aqui, não se atrevem a soltar ao vento a sua voz feiticeira, como é uso no Continente.

Ali são ranchos e ranchos que marcham soltando os cânticos tradicionais de S. João:

«Abaixai-vos, carvalheiros,  
com a rama até ao chão,  
deixem passar os romeiros,  
que vão para o S. João.

As raparigas com grandes chapéus de palha decorados com grinaldas de flores, dando o braço aos rapazes que vão tangendo as violas, lá vão dizendo:

Ai na noite de S. João,  
é bem tolo quem se deita  
que esta noite é para fazer  
uma pândega bem feita.

S. João era um brejeiro  
que das cachopas gostava,  
prometeu-lhes carneiro  
mas só os ossos lhe dava.

S. João, para ver as moças  
fez uma fonte de prata,  
mas as moças não vão a ela  
e S. João todo se mata.

E orvalhada, orvalhadas, orvalhadas,  
viva o rancho das moças casadas.»

É a mocidade expandindo-se em ruído, e alegria, nesta noite sem comparação durante o ano. Nesta noite impregnada de tantas crenças e tradições andam associadas variados hábitos e costumes: desde o queimar dos fogos em honra e louvor de S. João, até ao consumo de petiscos variados e salgados convidando ao acompanhamento de um bom copo de vinho ou sangria. É pois em honra de S. João Baptista que morreu “degolado no fundo de uma masmorra”, que a as artérias citadinas se vão ornamentar para a festa, acendendo fogueiras, iluminações e queimando fogos.

Já que a tradição consagrou todos estes hábitos e costumes, a sua falta de cumprimento demonstraria um defraudar da alegria popular que ainda tem forças para mandar embora as tristezas. Isto faz parte “da alma da nossa gente” conferindo aos Terceirenses um carácter único na arte de receber, no convívio e na realização de um evento festivo que une a ilha inteira em torno da “mesa do convívio e da partilha”.

As nossas festas maiores: - designadas por Sanjoaninas, tem como patrono São João. Durante 10 dias, presta-se homenagem a este Santo.

Com Santo António e São Pedro, forma a triologia dos Santos populares, que enchem de colorido o mês de Junho. Sendo Santo António mais festejado em Lisboa; S. João ganha um especial destaque nos Açores (ex. Vila Franca do Campo em S. Miguel; contando Angra do Heroísmo com uma celebração digna de realce), e no Continente (Cidade do Porto).

S. Pedro é homenageado na Ribeira Grande (S. Miguel) onde se realizam as célebres cavalhadas.

No entanto devemos referir que mais cidades / vilas / aldeias festejam estes três Santos Populares. Seria um erro ignorarmos a importância destes Santos no âmbito dos festejos e folguedos que animam os Açores e o Continente no mês de Junho.

Não interessam divagações, uma vez que o tema proposto está relacionado com as nossas festas citadinas; e com o Santo que tanto veneramos, ou pelo menos se ouve falar no decurso da época festiva.

Para os mais curiosos ou para os leitores que gostam dos pormenores sobre esta festa, vamos fazer uma pequena resenha relacionada com a figura de São João. Quem seria o Santo, que merece a nossa veneração, e cujo nome designa as nossas festividades?

David Mourão Ferreira, fez uma tradução de diversas estrofes, compostas por um colaborador de Carlos Magno, chamado Paulo Diácono. Este vulto destacou-se na época do Renascimento Carolíngio e elaborou um “Hino a S. João Baptista”, do qual apresentamos estrofes:

“Para que os crentes, sobre a lenta lira  
possam cantar a tua gesta insigne,  
retira-nos dos lábios o pecado,  
Ó São João Baptista!

Um anjo vindo do supremo Olimpo  
a teu pai revelou a tua sina,  
e por ordem a história proferiu  
de toda a tua vida.

Temendo acreditar nessa promessa,  
perdeu teu pai o uso da palavra;  
mas, ao nascer, de novo tu lhe deste  
o domínio da fala.

E foi tenra idade que trocaste  
os sítios habitados pelos ermos;  
para que a tua vida não manchasses  
com palavras de vento...”

Este poema, também foi publicado no jornal A União do mês de Junho de 1976, onde foi feito um panegírico à festa e ao Santo.

São interessantes estas estrofes, pois partindo delas podemos encontrar dados relevantes sobre a biografia de São João:

- O anjo Gabriel aparece a Zacarias, quando este oferecia incenso no templo de Jerusalém, anunciando-lhe o nascimento de um filho. Perante tal profecia, ficou incrédulo, pois a mulher, Isabel, era de prolecta idade. Algumas destas referências encontram-se na 2ª estrofe.

Na 3ª pode-se constatar, que ao não acreditar no Anjo, este como sinal confirmativo emudeceu-o até o nascimento do filho.

Pode-se verificar, que recuperou o uso da fala, 8 dias depois da circuncisão do recém-nascido.

Na última estrofe, verifica-se: João, tal como fora profetizado, incarnou uma vida sóbria e austera no deserto, anunciando a vinda do Redentor.

Nas margens do Rio Jordão, procedia a Baptismos, tendo mesmo baptizado Jesus Cristo.

Não se conformava com as injustiças do seu tempo, e por esse motivo nunca abafou a sua voz, fazendo ouvir sua indignação perante a corrupção.

No entanto pode ser considerado mártir: foi degolado por ordem do Tetrarca Herodes, instigado pela mulher, Herodiádes, que se serviu da beleza da sua filha: a sensual e bela Salomé.

A cabeça de João Baptista, foi apresentada numa bandeja de prata.

Desta forma termina a breve biografia do nosso Santo.

No dia 24 festeja-se o nascimento deste piedoso vulto, que ao ousar desafiar a sociedade da sua época, provocou e antecipou o seu martírio.

A vitória alcançada pelos Hospitaleiros de Rhodes contra uma armada Turca, provocou o gáudio Papal (Papa Júlio II) no séc. XVI. Este facto coincidiu com as celebrações

Baptistinas, que influenciaram as nossas festas, uma vez que surgimos como resultado de um processo de colonização.

As nossas festividades passaram a designar-se por “Joaninas”.

No entanto sobre as festas primordiais, serão apresentadas as suas características noutros textos.

Podemos ficar com uma certeza: constituem a mais notável; faustosa e atraente solenidade desta terra. É interessante verificar no livro de Gervásio Lima: “Festas de S. João”; uma transcrição de um jornal Lisbonense “A Nação” de 5 de Janeiro de 1881:

“Admiravam-se os forasteiros que então se achavam em Angra, em tal forma, que disseram em voz pública que não poderia ser criado em parte alguma do mundo a muita riqueza que possuía em si a cidade de Angra”

Festas com um cunho ancestral, mas que continuam a pautar anualmente a nossa existência contemporânea.

As Sanjoaninas (Festas de São João), desde sempre constituíram a maior, a mais notável e atraente festa desta Ilha. Para garantir o equilíbrio financeiro, a edilidade Angrense suporta a maior parte dos custos destas festividades.

Os turistas recém chegados, ficam habitualmente surpreendidos e admirados com o impacto desta festa no âmbito do Burgo. Tal como se afirmava: “Admiravam-se os forasteiros que então se achavam em Angra. As festas populares de S. João revestidas de tamanho aspecto solene, tinham atingido tão elevado sentimento patriótico investindo tão fervoroso ideal religioso... Nada se pode comparar à Cidade de Angra do Heroísmo”...

No dia 24 surgiam os habitantes vestindo luxuosamente: com sedas, brocados, jóias ricas muito vistosas e até preciosidades. Nesta cidade aportavam Naus vindas directamente da Índia, trazendo inúmeras riquezas provenientes do Oriente. A riqueza concentrou-se no Burgo que mantinha a nível regional e nacional um forte prestígio; proveniente do tempo dos Descobrimentos Portugueses.

Na véspera e no próprio dia 24 de Junho, realizavam-se comemorações e festejos com o objectivo de relembrar São João Baptista. Esta celebração converteu-se na maior diversão da nossa Ilha - perdurou, e manteve-se até hoje...

Nestas festas participaram em 1861, dois importantes cavalheiros da nossa cidade: os Srs. Teotónio Paim de Bruges, e João Carlos da Silva. Desempenhavam o papel de padrinhos dos grupos gladiadores.

Nos tempos longínquos todos os estratos sociais aderiram ao divertimento facto que permanece actual, pois todos os Terceirenses continuam mobilizados em prole da festividade em honra do Santo.

As festas Baptistinas iniciaram-se desde o estabelecimento da nacionalidade, adquirindo um cunho especial no reinado de Dom João II (finais do séc. XV) - tiveram a sua consagração oficial, ordenando o monarca que se realizassem cavalhadas e que “Os homens bons saindo das suas vilas com a bandeira real à frente, fossem ouvir a missa numa ermida distante da sede do Concelho, mas termo dele...”

Nestas festas existem as famosas fogueiras crepitantes, o círio bento, o rosmaninho, as orvalhadas, a bochecha de água

e tantas outras crendices herdadas do paganismo. No entanto também se pode incluir: festas na praça, cavalhadas, justas e torneios, corrida de parrelhas, o desafio das "alcanzias" e das canas, a corrida dos pombos, ramos de flores; e quebra de barros.

De acordo com o jornal "A União"-Junho de 1925, passamos a transcrever o seguinte texto sobre os primórdios das nossas Festas Baptistinas: "Foi no alvor do século XVI que um nobre fidalgo Terceirense, João Vieira, o Velho, deixando a tribuna de Juíz Ordinário, e a cadeira da presidência do Senado Angrense, mandou edificar à sua custa, no canto da rua que depois se chamou de S. João (onde hoje se acha o estabelecimento comercial dos Srs. Antão e Gouveia) uma capelinha devotada a S. João Baptista, patrono dos fidalgos Portugueses."

Descreve-a o historiador Terceirense J. J. Pinheiro:

"- Demorando num primeiro andar sobradado era esta capela devassada da parte da rua por um arco de volta inteira, enquanto que pela banda da Rua da Sé era visto por outro arco de iguais dimensões. De ambas as ruas pois se observava o altar que se erguia no fundo deste pequenino edifício religioso onde, por alguns séculos, tão festejado foi o filho do incrível Zacarias, precursor do Divino Agnus Dei." Esta temática foi posteriormente retomada pelo importante escritor terceirense Gervásio Lima.

Os fidalgos terceirenses vestidos ricamente e garbosamente montados nos seus cavalos ornamentados e ajaezados com ouro e prata, formavam alas, com os seus pagens indo receber a comunhão, após a missa solene celebrada pelo Bispo da Diocese, que da janela ou varanda da Capelinha ministrava o sacramento aos cavaleiros, que curvavam humildemente a cabeça para receberem a hóstia. Posteriormente decorreriam lutas e torneios na praça pública, que tinha sido transformada num circo improvisado.

O circo equestre era fechado no redondel da Praça da Restauração. Eles se preparavam executando com destreza exercícios bélicos, que ajudariam futuramente nas lutas guerreiras. Eram chamadas festas reais, e eram presididas pelos mais velhos fidalgos da terra.

A estas festas também assistiu montado a cavalo, o Bispo da Diocese D. Jerónimo Teixeira Cabral, criando um estatuto em 1611: "Os capitulares assistissem também, a estas festas reais e edificantes do dia de S. João

Baptista"...

(citado por Gervásio Lima no livro: "As Festas de S. João na Ilha Terceira")

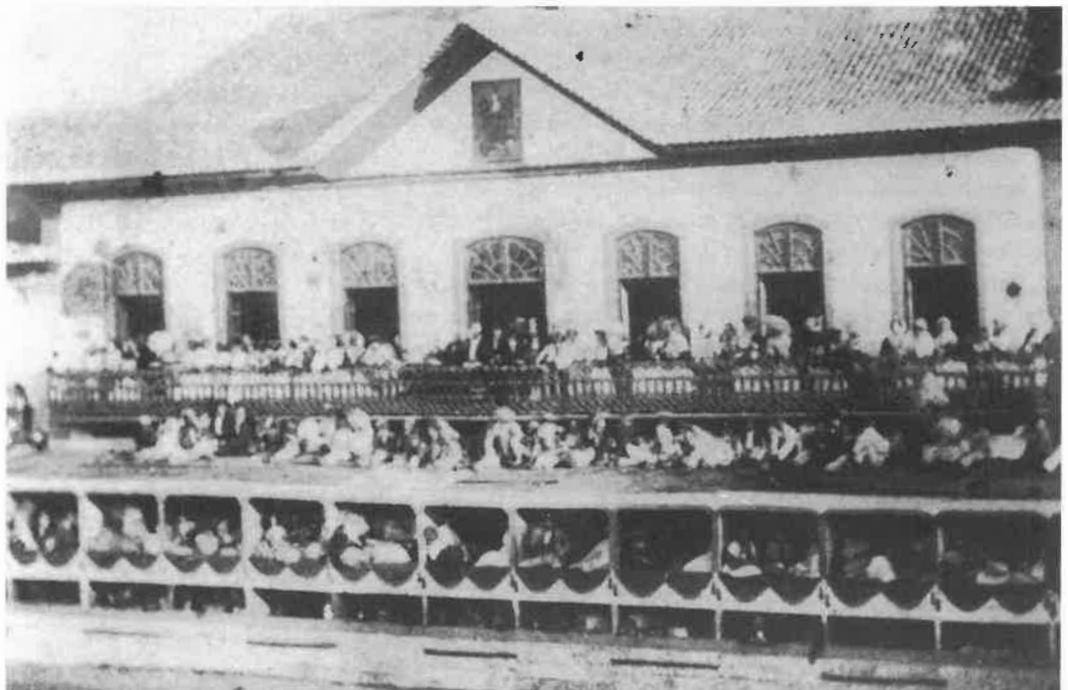
Depois disso eram as touradas onde corriam em pontas corpulentos e ferozes touros, sendo depois este costume proibido devido: "muitas mortes que causava."

As festas do dia 24, dia de S. João, foram apregoadas por Bandos que anunciavam o festejo pelas principais ruas da cidade. Também podemos falar das encamisadas, que integrando 21 ou 25 cavaleiros (filhos segundos ou algum tio velho das casa nobres), acompanhados, cada um, por dois pagens, formavam duas alas, no meio das quais surgia um pequeno cavaleiro que empunha um guião de seda vermelha com um cordeiro bordado a ouro.

À frente da encamisada surgia um grupo de corneteiros e um timbaleiro, anunciando através de toques especiais, a passagem do cortejo. Este reunia-se no ponto marcado - o largo do Convento de S. Gonçalo. A nobreza passeava luxuosamente com os seus apetrechos (jóias valiosíssimas) e pagens.

Na hora certa acendiam os archotes, e os cavaleiros com os seus respectivos pagens formavam alas, sendo saudados pela multidão que os aplaudia efusivamente. A primeira romaria era ao Castelo de S. João Baptista, onde eram recebidos pela guarnição que os acompanhava até à praça onde existiam enormes fogueiras. Em frente da igreja iluminada, gritavam-se: vivas a S. João. Depois percorriam toda a cidade desde S. Pedro até S. Bento em grandes saudações e vivas até à ermida de S. João onde se venerava uma imagem que durante algum tempo foi exposta na ermida de S. Lázaro.

Depois as magníficas festas sucediam-se: fogueiras, os banhos milagrosos, os perfumes de ervas, as canções, os bandos, as preces, os sortilégios, as cavalhadas, as encamisadas, os jogos de luta e destreza, as justas e torneios.



Camarotes do "Redondel" da Praça da Restauração

A praça era fechada por camarotes formando um anfiteatro, onde havia uma multidão de centenas de pessoas, ricas e alegres, mostrando aos olhos alheios as suas jóias e vestidos feitos de seda e de finíssimos tecidos de damasco.

Ao sinal dado pelas trombetas, apareciam na arena os melhores cavaleiros e os primeiros fidalgos da Ilha, com belas roupas feitas dos melhores tecidos e onde ressaltavam as bordaduras de ouro e pedrarias. Também surgiam cavaleiros e pagens empunhando lanças, espadas e escudos onde se visualizavam os brasões familiares.

Os cavalos entravam na arena ricamente ajaezados "calçando prata, segurando chalbraques de luxo, lindos xailes de veludo matizados de ouro, bordados de filigrana" (segundo um artigo de 1925), e assim começavam os jogos e os torneios. Após as cortesias em que os cavaleiros faziam gentis mesuras às damas, iniciavam-se as corridas, e justas. Surgia o alarido das músicas, as aclamações entusiásticas, os aplausos vibrantes entrecortados com as salvas contínuas de morteiros que ressoavam com rugido forte e estrondoso. "Assim eram celebradas as grandes datas da religião e da pátria, demonstrando o divertimento dos fidalgos, exercitando-se para a peleja da conquista ou para a luta defensiva, naqueles períodos de pugnas constantes em que a pátria exigia o braço e o valor dos nobres cavaleiros e peões"... (autoria de Gervásio Lima - num artigo da imprensa terceirense - "A União" (Junho de 1925).

Interessa destacar a figura deste escritor, pois foi um terceirense que se preocupou com o registo das vivências populares da sua Ilha.

Tendo feito referência anteriormente aos bandos, é interessante apresentar algumas quadras, que anunciam os festejos de S. João: (de salientar que são referidas por Gervásio Lima no seu livro sobre as Festas de S. João):

**Ano: 1840** - recitado na cidade, pela Figura Concórdia:  
 "Eu venho anunciar-vos jubiloso  
 o pomposo festejo consagrado  
 à glória dessa estrela radiosa,  
 que precedera o sol tão desejado  
 profeta anunciador da portentosa  
 vinda do grão messias suspirado,  
 enfim, ao grato S. João Baptista  
 que o céu, com suas preces vos conquista"...



Aspecto do espectáculo taurino na Praça da Restauração

**Ano: 1843** - Das quadras pode-se concluir que o mordomo das festas chamava-se: Elmano Josino Silvano, e que era muito devoto de S. João.

As festas iniciavam-se no dia 22 de Junho com o alarido dos foguetes; com uma função na "velha praça", com fogo de artifício e iluminação.

#### No dia 23:

"... Há-de haver toiros  
 que vos hão-de fazer tremer os coiros,  
 olha que eles não são para gracinhas  
 quando fazem seu uso das pontinhas..."

#### No dia 24:

"... Neste dia vereis pública alegria  
 ansiosos todos, todos à porfia  
 as janelas armando de verdes louros  
 como em sinal de bons agouros,  
 esperando pela hora da tourada,  
 que na praça há-de ser cousa engraçada..."

O programa também mencionava a existência de uma cavalhada.

**1861** (impresso na tipografia do Visconde De Bruges e recitado na Cidade de Angra no dia 22 de Junho de 1861):

"... Inda mais vós vereis nesta empreitada  
 danças que hão-de abismar o próprio Santo  
 e o fogo que também não é maçada,  
 à noite luz dará com lume tanto  
 e aqui fico - rapazes de feição -  
 dando só vivas três a S. João."

Importa recordar que estas festas no 2º quartel do século passado eram promovidas pela Irmandade existente. Realizavam-se como expressão viva de cor e alegria, notando-se até algum aparato.

Os Bandos constituídos por duas alas, são encabeçados por um par de cavaleiros - batedores que são os encarregados do itinerário.

No ano de 1840 o cortejo saiu da Miragaia, sendo composto por dezenas de cavaleiros (à volta de 60), montados em ginetes ricamente ajazados. Articulavam o cortejo e anunciavam as solenidades Baptistinas. Este cortejo era digno de louvor: uns apresentavam máscaras merecedoras de todo o elogio, outros estavam vestidos com requinte, enquanto alguns actuavam de forma burguesa.

O Bando homenageava as autoridades e individualidades de evidência do seu tempo, declamando efusivamente as suas récitas.

É interessante visualizarmos a conta da despesa e receita da Irmandade de S. João Baptista, para os seus festejos públicos em 1843. As contas foram apresentadas pelo tesoureiro das festividades - Aniceto António dos Santos.

Se compararmos com as despesas actuais, podemos verificar uma alteração substancial (apesar dos contextos económicos serem totalmente diferentes – logo impossíveis de comparar).

### Ano de 1843 (citado por Gervásio Lima)

#### RECEITA

Por importância da pauta recebida de 91 irmãos a 3\$600 cada um .....	327\$600
Por 4 números de camarotes que se venderam a diferentes pessoas na frente da praça a 3\$600 cada um .....	14\$400
Recebido de diferentes camarotes que se fizeram do lado da cadeia e do lado da Ernida da Saúde, por detrás dos da frente .....	67\$200
	<hr/>
	109\$200

#### DESPESA

Pela importância das despesas feitas com os ditos festejos, como da folha geral e mais documentos .....	597\$435
	<hr/>
Saldo a meu favor .....	188\$235

Angra do Heroísmo, 30 de Novembro de 1843.

*Aniceto Antonio dos Santos.*

Uma vez que estamos a analisar neste capítulo, as Sanjoaninas ao longo do seu percurso evolutivo, é pertinente apresentar os Estatutos da Irmandade de São João. São compostos por 14 artigos, que estão agrupados de acordo com os seguintes títulos:

- da Irmandade e o seu fim.
- da eleição da comissão e suas atribuições.
- das festas
- da organização da praça e distribuição de camarotes.

Todos estes elementos foram investigados na obra de Gervásio Lima.

# *Estatutos da Irmandade de São João*

## **Artigo I**

### *Da Irmandade e seu fim*

“A Irmandade de S. João Baptista da cidade de Angra do Heroísmo, é composta de todas as pessoas de ambos os sexos, que nela quiserem entrar: o seu fim único é a constituição dos festejos, que a este Santo eram em todos os anos dedicados nesta cidade.

## **Artigo II**

A Irmandade será representada por uma comissão anualmente nomeada pelos irmãos, em votação directa por escrutínio secreto, à maioria relativa de votos, e com o título de Comissão Administrativa da Irmandade de S. João Baptista.

## **Artigo III**

A comissão administrativa será composta de um presidente e seis vogais, compreendendo-se neste o tesoureiro, e o secretário que terão voto: o presidente decidirá qualquer empate de votos que haja na deliberação da comissão.

## **Artigo IV**

### *Da eleição da comissão as suas atribuições*

No último domingo do mês de Julho de cada ano se reunirão os irmãos todos, no local que para esse fim será estabelecido, e se procederá à eleição dos membros da comissão administrativa: os irmãos que servirem num ano, poderão ser reeleitos, mas não poderão ser obrigados a aceitar.

## **Artigo VI**

Pertence à mesa - 1, arrecadar, e administrar todos os fundos da irmandade - 2 nomear quaisquer irmãos para coadjuvarem os trabalhos das festas, sem que todavia sejam obrigados a aceitar, uma vez que no ano antecedente tenham exercido algum emprego da irmandade - 3 designar os brincos, a fazer os convites para eles - 4 finalmente convocar os irmãos

para os casos em que for necessário.

## **Artigo VII**

Pertencente ao director da praça fazer conservar a polícia, e boa ordem da mesma, regularizando-a em tudo que veja se faça necessário para que haja igualdade, tanto na altura dos camarotes como na pintura que por fora se deve fazer nos mesmos; não consistindo igualmente haver porta alguma aberta para dentro da praça que não sejam as duas precisas de entrada e saída da mesma, e as dos touris.

## **Artigo VIII**

### *Das festas*

As festas consistirão em todos os espectáculos públicos que era prática celebrarem-se na praça desta cidade pelo tempo de S. João; - os dias para elas prefixos serão os de 22, 24 e 29 de Junho de cada ano, se não forem alterados pela comissão.

## **Artigo IX**

No dia 4 de Abril de cada ano procederá a comissão à cobrança das contribuições dos irmãos a qual deverá estar concluída até o dia 30 do mesmo mês.

## **Artigo X**

Aquele dos irmãos que até ao dia 30 de Abril não tiver pago a sua quantia sendo-lhe pedida, entende-se que rejeite a irmandade, e não quer tomar parte nas festas; e por isso será riscado; o mesmo se entenderá quando algum irmão recusar a aceitação de um emprego da irmandade não sendo de reeleição.

## **Artigo XI**

### *Da organização da praça e distribuição dos camarotes*

O teatro para os espectáculos, e outros quaisquer brincos públicos promovidos pela irmandade, será a antiga praça da cidade.

## Artigo XII

O entrincheiramento para o povo, os palanques para a guarda, e para as danças, as portas das entradas, e os touris, serão feitos à custa da irmandade; a praça será dividida em camarotes de 8 palmos, e estes classificados em 3 classes; a 1ª será distribuída à sorte pelos irmãos que entrarem nas cavalhadas, e pelos mordomos dos touros; a 2ª pelos irmãos que entrarem nas danças; a 3ª pelo resto dos irmãos.

## Artigo XIII

No dia 4 de Junho de cada ano tendo a comissão formado a divisão da praça, o publicará para conhecimento dos irmãos.

## Artigo XIV

A família comensal do irmão, que fôr riscado da Irmandade, não será contemplada com camarote ainda que sobre da distribuição.

*“As Festas de São João” de Gervásio Lima (pp. 68 - 71)*

Pena foi que para partir de 1819, se alterasse a situação da velha ermida de São João.

O jornal “O Escudo” datado de 6 de Junho do ano já referido, menciona a seguinte notícia:

“Tendo sido legalmente julgada interdita a Ermida de São João, sita na Rua denominada do mesmo Santo... Não só pela sua incapacidade e indecência para n’ella se celebrar a festividade do orago, a que costumam concorrer inumeráveis fieis, com o desgosto, porém, de assistirem à festa no meio da rua pública, ou vindo o sermão pregado de uma janela para a mesma rua com grave indecência e irrisão... Mas também por se achar ultimamente de facto profanada com o escandaloso estabelecimento de uma taverna pública...

(...) Por isso se faz público que a imagem de S. João vai ser colocada no majestoso templo da Sé Catedral desta cidade, para ali se lhe celebrar novena, vésperas, missa cantada e sermão, com toda a solenidade, afim dos fieis poderem devidamente satisfazer a sua devoção e votos, para o que estará a igreja aberta enquanto houver concorrência de povo na véspera e dia da sua festividade”...

## Notas de curiosidade

“...A missa era sempre celebrada no dia 24 de Junho de cada ano, e a ela costumava assistir o Bispo D. Jerónimo Teixeira Cabral também montado a cavalo. Este Bispo que governou a Diocese de Angra de 1600 a 1612, chegou mesmo a obrigar os capitulares da Sé Catedral a assistirem à Missa de Festa na ermida ...”

“No tempo da guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel, a qual teve profundos reflexos nesta ilha pelas lutas acérrimas que entre nós se travaram, a Ermida ficou quase abandonada,

tendo nela sido instalada uma tasca, pelo que o ouvidor eclesiástico de Angra a considerou profanada por sentença de 26 de Maio de 1845.

Foi então nessa altura e por tais motivos, que António de Sieuve de Seguíer Camelo Borges, seu padroeiro, mudou a imagem do Santo para a Ermida de S. Lázaro, onde esteve até desaparecer. Nesta ermida continuaram as celebrações que anteriormente se realizavam, passando depois a ter lugar na Sé Catedral...”

(De acordo com José Joaquim Pinheiro in “Épocas Memoráveis da Ilha Terceira”).

Apesar dos problemas aqui mencionados as festas de São João continuam a ser importantes, mantendo ao longo dos anos a mesma fé inabalável no filho de Zacarias.

Da velha Ermida da Loja do Buraco (actual loja Vidal), hoje nada resta, a não ser as descrições dos manuscritos, mas no entanto as Sanjoaninas mantêm um impacto crescente nas multidões compostas por terceirenses, emigrantes e forasteiros, que anualmente continuam a afluir à Cidade Património Mundial, na esperança de verem e testemunharem a tradição viva de um povo que baila a “Sapateia”, e vive preso nas teias



Homenagem prestada a S. João - 1998 (Tribuna erguida na Loja Vidal - esquina da R. de São João)

da "Saudade".

No séc. XVI, podemos procurar raízes da tradicional festa denominada "Sanjoaninas", criada para se venerar o Santo S. João Baptista e ao mesmo tempo ser a maior manifestação profana dos Açores. As festas de São João estão incluídas no ciclo das festas de Verão, que decorrem na Ilha Terceira, e no nosso arquipélago.

Desde sempre os organizadores da festa procuram melhorar os programas, introduzindo temas originais que despertem o interesse da população provocando a atracção de turistas e emigrantes.

As Festas exigem às comissões experiência, dedicação e responsabilidade, porque só assim serão alcançados os objectivos preconizados inicialmente.

Para a concretização desta importante festa terceirense, são investidos milhares de contos, que provêm de subsídios da Câmara Municipal, empresas e entidades particulares. Estes contributos vão garantir a concretização do programa festivo pautado pela alegria, divertimento e principalmente conseguir que a cidade se apresente gloriosamente como anfitriã dos milhares de forasteiros e emigrantes que anualmente costumam afluír a Angra com o objectivo de visualizarem este evento.

As Sanjoaninas representam também uma fonte de rendimento para os nossos comerciantes.

Devemos apresentar uma palavra de apreço a todos



Relembrando "A Velha Arena" que era improvisada na Praça da Restauração (recomposição efectuada em 1998)



A Arte Equestre do Cavaleiro, perpetuando uma tradição dos antepassados

os homens e mulheres que integraram as sucessivas comissões das Festas. De forma corajosa e abnegada, assumem um compromisso militante, que não olha às horas ou aos dias. Interessa preparar um vasto leque festivo, que permita tornar Angra capital da alegria, dos folguedos, e da eterna arte de "Bem Receber...".

Muitos meses antes da eclosão da festa são preparados com recato e sigilo os moldes esquemáticos do programa que ocupará dez dias.

Tudo deliñado com rigor e precisão ... e VIVA A FESTA!

# As Tradições Populares

No ritmo trepidante do final do século, muitas das tradições populares vão caindo no esquecimento.

No entanto é interessante referir alguns costumes antigos que eram efectuados no decurso das festividades em honra dos Santos populares. A sua incidência apontava para a vertente matrimonial (saber quem seria o noivo), ou para tentar conhecer supersticiosamente o futuro, ainda que por vezes o receio fosse superior à curiosidade.

Aqui serão apenas mencionadas, algumas das mais relevantes, pois ao longo do Arquipélago Açoreano, e até da própria Terceira, devem existir muitos costumes, quase em desuso, ou então apenas recordações pela tradição oral dos mais antigos, que guardam um riquíssimo manancial de informações sobre os tempos já passados.

Começemos por mencionar as sortes que as raparigas “deitavam” na véspera de S. João.

O sereno da Noite de S. João, permitiria abrir um dos bilhetes, nos quais estavam escritos os nomes dos rapazes desejados. Aquele que se apresentasse aberto na manhã do dia seguinte (24 de Junho), indicava o nome do tão almejado noivo.

Outra tradição estava relacionada com as claras de ovos lançadas, ao bater das trindades, em copos com água. No dia imediato surgiriam formas fantasiosas (ex.: Ao aparecerem templos, antevisionava-se com brevidade o augúrio de um casamento).

É assaz interessante falar sobre a sorte das três favas, colocadas debaixo do travesseiro - uma descascada; outra meia descascada, e a terceira por descascar. A primeira representava o noivo pobre, a segunda o noivo remediado, e a última - o noivo rico.

A sorte consistia em meter a mão debaixo do travesseiro, e retirar ao acaso uma das favas.

Outra tradição consistia em lançar à rua uma “bochecha de água”, ao ouvir proferir um nome masculino, surgia a designação do futuro pretendente.

Ao encontrar na madrugada do dia de S. João um trevo de 4 folhas, o futuro surgia de forma afortunada, apresentando características imbuídas de felicidade.

Também existia a tradição de colocar em infusão ao relento - no momento do bater das trindades, ervas e folhas aromáticas: manjerona; salva; hortelã - pimenta; alecrim; tomilho; erva - limão; folhas de laranjeira, limoeiro. A rapariga que lavasse o rosto com esta infusão, certamente tornar-se ia mais formosa.

É interessante ler este romance popular, encontrado na “União” 23 de Junho de 1976 (não estando referido o nome do autor):

“Manhãzinha de S. João,  
pela manhã de alvorada,  
Jesus Cristo se passeia  
ao redor da fonte clara.  
Por sua boca dizia.  
Por sua boca falava:  
esta água fica benta  
e a fonte fica sagrada.

Ouviu a filha de El rei  
d’altas torres onde estava,  
vestiu suas meias de seda  
calçou sapatos de prata,  
pegou em cântaro de ouro,  
à fonte foi buscar água.  
Só no meio do caminho  
com a virgem se encontrava;  
atreveu-se a perguntar-lhe  
se havia de ser casada?  
Coitadinha havia de ser,  
muito bem afortunada;  
três filhos havia de ter  
tudo de capa e espada:  
um será Bispo em Roma  
outro Cardeal em Braga  
o mais novo de todos  
servo da Virgem Sagrada.

Ditosa da Donzelinha  
que à fonte foi buscar água.

As festas estão tão enraizadas no espírito dos Terceirenses, que não as dispensaram no ano de 1641, durante o cerco ao castelo.

Redigiu o seguinte texto o Padre Leonardo de Sá e Sotto Mayor (testemunha fidedigna): “Não se descudarão de o festejar das trincheiras, redutos, fossos e castellos com muita mosqueteria e peças, assi por ser o Grão João, como por o nosso Monarcha ter o seu nome, que até nelle o fês Deus grande, e que digo festejá-lo com ballas? Fogueiras lhe vieram a fazer trincheira, e no reduto de António Gomez, manifestando nesse lume a devoção acesa na alma, que se tem e deve ter a tal Santo...”

S. João é o santo das luminárias. Em sua honra fazem-se iluminações, queima-se fogo de artifício, estalam foguetes e acendem-se fogueiras.

Estas últimas estão relacionadas com a ancestral ideia do

fogo purificador. Tradição popular está ligada aos antigos cultos solares, do fogo e da água, coincidindo estas festas pagãs com o solstício do Verão em honra do sol e da fecundidade. Estas ideias foram desenvolvidas pelo Dr. Luís da Silva Ribeiro, que redigiu interessantes capítulos sobre as festas de S. João.

O costume de saltar as fogueiras reporta-se a Roma, e é mencionado pelo importante escritor Ovídio:

“... agora invida

ligeira nos pés, no corpo audácia,

Que hás-de transpor pulando as labaredas...”

(in *“Obras-Etnografia Açoreana”* (Vol. I) do Dr. Luís Da Silva Ribeiro, pág. 446).

A água também possui qualidades milagrosas- ex.: lavar o rosto na água com plantas aromáticas de infusão torna a pele fina e formosa. A crença no poder miraculoso do orvalho, está ainda vigente em todo o Arquipélago Açoreano.

Igualmente generalizada é a sorte da clara do ovo. É tão antiga que vem mencionada nas constituições do Bispado de Angra (1559).

Existem tantas histórias ou credices ligadas a São João. No entanto podemos concluir, que o seu culto continua extremamente importante nos Açores, com especial destaque para a ilha Terceira, onde são-lhe dedicados ininterruptamente 10 dias de festa.

A Ilha acolhe no regaço todos os seus filhos, e convida para a mesa da abundância os forasteiros que se deslocam à Terceira no período das Sanjoaninas.



(in “A União” de 23/06/76)

# As ermidas de devoção a S. João

De acordo com o artigo de Pedro de Merelim, datado de 23 de Junho de 1977, intitulado "S. João na Insula de Jesus" podemos verificar que a devoção nesta Ilha a S. João remonta aos princípios do povoamento. Sendo assim diz-nos o autor que além da Ermida que foi levantada em 1556 por João Vieira o velho, ao canto da rua da Sé e S. João, encontram-se outras duas da mesma época, talvez anteriores: a de S. Sebastião e a da Vila Nova. A primeira à entrada da antiga Vila, pela estrada do Porto Judeu, e que era mantida pelos rapazes solteiros, que para isso contribuía com as suas esmolas. A segunda foi fundada por João da Silva Couto. Já nenhuma delas existe (apenas a da Vila Nova em meados do século passado, oferecia um resto de parede).

Faça-se referência à da casa da Ribeira, chamada S. João de Hectrio (hoje igreja) e nos finais de Agosto de 1892 foi benta pelo Padre Manuel Maia da Costa, a de S. Mateus, (hoje pertence à família Contente).

Foram ainda consagrados a S. João o Castelo do Monte Brasil e a sua respectiva Igreja.

Dizem fontes antigas que este santo era muito celebrado e festejado no lugar dos São Joões, na convergência de S. Brás, Vila Nova e Aqualva.

Mencionou-se que na Vila Nova é tradicional celebrar S. João com festividades profanas (cantorias, folclores, touradas) e religiosas.

Enquanto o ilustre João Vieira, à sua custa fazia edificar o pequeno templo religioso referido anteriormente, reuniam-se os fidalgos terceirenses, para solicitarem de el-rei licença de poderem anualmente exercitar-se no uso da arma branca em circo equestre fazendo-se justas, e torneios em Angra, louváveis exercícios daqueles tempos guerreiros nestas festas reais a que só podiam presidir os mais velhos fidalgos.

As festas reais, que acabamos de enunciar no dia 24 de Junho, eram precedidas de outras na noite de 23, a que se dava o nome de encamisadas, em que entravam os filhos segundos, e algum tio velho de casas nobres, que ali obtinham cavalos, roupas, para se vestirem a capricho, mas sempre com decência. A encamisada, devidamente formada em duas alas, corria a cidade, não esquecendo os mosteiros pois todos esperavam a visita destes seus parentes.

No festival do dia 24, encontravam-se nobres cavaleiros, que participando nas justas, procuravam o templo do Deus Vivo, para se arrependem dos pecados, confessando-se a piedoso eclesiástico.

Às dez horas da manhã, estando paramentados na capela

de S. João o celebrante, diáconos da missa, não se demoravam sem se fazer sentir os sons da charamela da cavahada à qual sucedia a bandeira de S. João, levada pelo mordomo, que representava el-rei, e ladeada pelos dois chefes de guerra, que o acompanhavam até à porta do pequeno templo.

Ali apeando-se o mordomo, subia a escada de acesso, colocava a bandeira ao lado do altar, deslocando-se para a sua cadeira.

Os dois chefes de guerra dirigindo-se aos chefes de fila, determinavam-lhes que formassem a ala direita na Rua de S. João, e a ala esquerda na Rua da Sé. Constituídas as duas alas, o celebrante, tomando o hissopo, e chegando para o arco da Rua da Sé, aspergia a ala esquerda.

Seguia-se a celebração de uma missa cantada.

À consumação, sacramentado o mordomo, acompanhava com um brandão de cera o celebrante ao arco da Rua de S. João, para ele dali ministrar o Deus dos Exércitos sacramentado à ala direita, seguindo dali para o arco da Rua da Sé, para igual fim, à ala esquerda.

Após as cortesias de estilo, os cavaleiros dobravam-se em atitude de respeito e veneração pela solenidade do acto.

## Junho de 1894

### *Festividade religiosa:*

“No dia 24 do corrente celebra-se na Igreja de S. Lázaro com todo o esplendor a festa em honra do Glorioso Percursor S. João Baptista, constando de missa cantada e sermão sendo orador o Ex.mo e Rev.mo Monsenhor António Mariano de Sousa. Na véspera à noite haverá Ladainha, e iluminação tocando a harmónica Triumpho.”

(“A União” – Junho de 1894”)

## Junho de 1907

Através desta notícia do Jornal “A União” podemos constatar, que a Rua de São João festejava alegremente o Santo que conferia o nome a esta artéria citadina.

## Festas de S. João

“Além das festas já anunciadas, e que se tem preparado com grande aparato, uma comissão foi organizada há pouco para fazer uma iluminação com o arraial nesta cidade na Rua que tem o nome do Santo Percursor, e onde antigamente houve uma ermida que era consagrada.

Temos portanto Domingo na Rua de S. João uma esplêndida iluminação que será abrilhantada pela Banda do Regimento de Infantaria 25.

## Festas da Cidade

### 1934

“As Festas da Cidade, começaram quando acendeu-se a iluminação da Memória que produziu um espectáculo interessantíssimo que foi apreciado por centenas de pessoas.

Queimaram-se os foguetes tradicionais e houve a salva dos morteiros.

No dia seguinte realizou-se, no salão da Câmara Municipal os jogos Florais, número que se destacou do programa, como

um dos mais interessantes e de maior utilidade.

As Ruas da Sé e Direita apresentavam uma fina e artística decoração que lhes dava um aspecto realmente interessante.

Merecia referência especial, a exposição e iluminação que apresentou a Electro Foto na Rua Direita.

O número de Gymkana teve um grande interesse pela sua novidade no nosso meio onde concursos como este eram, e são sempre de agrado do público.

Incluídos no programa das Festas da Cidade, realizaram-se os Festejos do Império da Caridade, que decorreram muito bem.

O arraial e a iluminação estiveram bastante concorridos, tendo o elegante Império apresentado uma bonita decoração.

Na Praça de S. João realizou-se no dia 24 de Junho de 1934 a Tourada.

No dia seguinte, segunda-feira realizou-se a inauguração da Exposição nas salas do Palácio do Governo Civil.

O “Grupo de Circo Terceirense”, constituiu um excelente espectáculo com uma interessantíssima diversão e uma verdadeira surpresa.”

É bastante interessante esta notícia retirada de um jornal da época (“A União” Junho do referido ano). Aqui podemos verificar a dinâmica festiva que pautava o ano de 1934.

# A Nova Irmandade de S. João Baptista

(Retirado do jornal "O Angrense", ano de 1938)

"A Comissão encarregada da Direcção dos festejos dedicados ao juramento da Constituição Política, nesta cidade, apresentou ultimamente os estatutos, para uma Irmandade destinada à instauração dos festejos anuais, que aqui antigamente se dedicavam a S. João Baptista, no aniversário do seu nascimento.

Muito notável tem sido a satisfação com que muitos devotos se hão alistado na nova confraria.

Os habitantes desta ilha não podiam, sem profunda mágoa, ver passar em silencioso esquecimento, os dias que decorrem de 24 a 29 de Junho, dias saudosos e faustos, que lhes traziam sempre à memória esses aprazíveis recreios, com que nossos antepassados conservavam o mais inocente prazer em todas as classes de cidadãos: feliz lembrança - talvez que dela nasça o primeiro resultado que desejamos ver verificado - a fraternal harmonia entre todos os Terceirenses.

A festividade antigamente consagrada, por nossos maiores, ao nascimento do Percursor de Cristo, dividia-se em Religiosa, e em profana.

A solenidade religiosa estava a cargo do padroeiro da ermida erecta àquele santo; e é sempre o administrador de

certo vínculo, que o senhor Sieuve de Seguiet actualmente possui; para cujo fim destinou o instituidor um sufficiente legado. As dedicações profanas consistiam num espectáculo público, onde além dos elegantes torneios, dos jogos, e dos combates de touros, se ostentavam muitos e diversos brincos de máscaras, com que todos geralmente se aplaudiam. A acção religiosa continuou constantemente com igual piedade, porque o padroeiro já por sua própria devoção, já pelo dever que lhe impõe instituidor do seu morgado, não deixou de promover-la. A festividade profana de que espontaneamente se incumbiam os primeiros proprietários da ilha, foi de ano em ano decaindo, até que as dissensões políticas totalmente a extinguira.

Agora não sendo necessário instaurar a parte religiosa da festa, porque ela tem permanecido, e não pode deixar de continuar na administração do Padroeiro instituído; restabelecem-se somente os anos profanos, criando para os promover, e conservar, uma nova Irmandade.

Estamos certos, e muito nos congratularemos, de que o projecto prospere; porque temos a lisonjeira esperança de que muito concorrerá para tornarmos a gozar das aprazíveis delícias, que tanto facilitarão os dias dos nossos afortunados pais..."

# Iluminações

Ao entrevistarmos o senhor Carlos Gregório, um dos responsáveis pela elaboração e execução das Iluminações das Sanjoaninas, apercebemo-nos de como é difícil e complexa a concretização dessa tarefa.

Ao realizar este trabalho, há que ter em atenção muitos aspectos, pois as iluminações são um dos muitos cartões de visita da cidade durante o período festivo – daí a necessidade de cuidado rigoroso na sua execução.



Preparando a iluminação



Trabalhos efectuados no Porto das Pipas - Montagem das estruturas da iluminação

Um aspecto muito importante é a ligação do tema das Sanjoaninas e a Iluminação escolhida- existe uma relação directa, exemplificando: se o tema fôr por exemplo o mar a Iluminação vai ter o cuidado de se relacionar com o mar.

Outro aspecto de destaque é a distribuição das Iluminações pelas diversas ruas, possuindo Rua da Sé a maior importância. Colocando-se aí a Iluminação principal, em seguida vem a Rua Direita onde a Iluminação ainda é alusiva ao tema, e a Rua de São João onde a escolha recai sobre o Santo São João Baptista - procurando assumir um cariz popular.



Iluminação da Rua da Sé



Iluminação da Rua Direita - Inspirada nos motivos dos Bordados Regionais (Sanjoaninas 97)

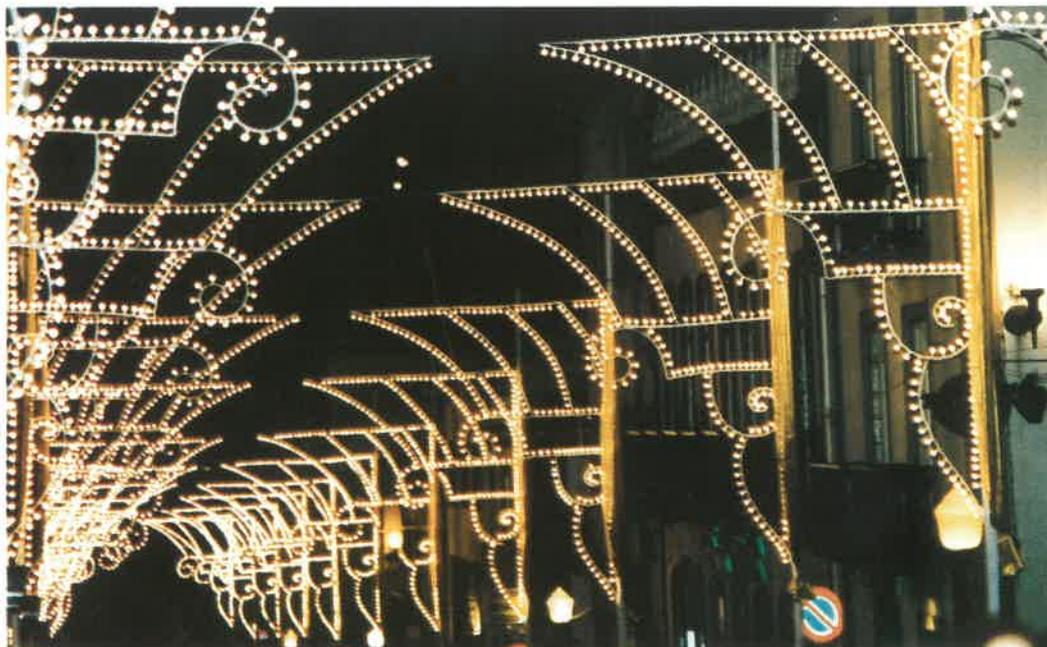
A evolução do trabalho começa ao definir-se o projecto. Depois constrói-se um protótipo que é pintado e feito à escala de um para um. Se essa maquete não agrada (como é o caso de algumas vezes), repete-se o ciclo que acabamos de explicar, devido ao facto de por vezes o que resulta no papel “não nos satisfazer na realidade”.

Na Iluminação são utilizados em média 6000 a 6500 lâmpadas e os custos chegam a ser

elevados, mas mesmo assim as despesas orçamentais variam com o desenho.

Na execução do trabalho é normalmente utilizado uma equipa de 3 ou mais pessoas.

O nosso entrevistado pertence a esse grupo de trabalho



Iluminação da Rua da Sé (1998)

desde a Iluminação de 92, mantendo-se até 98 (neste percurso laboral houve uma excepção no ano de 94).

Na sua opinião a melhor Iluminação foi a de 92.

As mais apreciadas pelo público foram as de 92 e 95, sendo a mais difícil de executar a de 1996.



Pormenor da Iluminação das Sanjoaninas 1995 (O Escudo Português)

# Fogo de Artifício

Como vem sendo tradição desde há vários anos, o fogo de artifício é o espectáculo que finaliza as grandiosas festas das Sanjoaninas.

Embora seja um cenário de rara beleza, a sua utilização requer perícia e cautela por parte dos seus manuseadores, sujeitos a vários perigos e riscos.

Numa entrevista feita ao senhor António Gabriel Pimentel Cota, que trabalha há 24 anos no fabrico do Fogo de Artifício, “tomando esta actividade como...um passatempo” que ao mesmo tempo ajuda na economia familiar, ficamos a saber que aprendeu a trabalhar desde pequeno nessas peças, observando o seu vizinho que tinha um negócio de Fogo de Artifício.

Os materiais para o fabrico das peças, são adquiridos em vários sítios, vindo a maior parte do Continente apesar de não

existirem exclusivamente produtos fabricados em Portugal. Uma grande parte provém da China, porque têm melhor qualidade e os preços apresentam-se mais acessíveis.

As peças são produzidas em fábricas onde cada trabalhador se dedica à execução de uma única tarefa permitindo no final a obtenção do produto.

Os acabamentos são feitos na casa onde está guardado o Fogo de Artifício, que recebe a designação de Paiol.

A peça mais simples e que portanto leva pouco tempo a ser feita é a bombinha. As mais complicadas levam cerca de quatro horas a serem elaboradas. Depois da fabricação têm que ser feita a montagem dos tubos, preparar e amarrar as canas. De seguida são enrastilhadas as peças para que o fogo se acenda progressivamente.

No Fogo de Som, que é um dos tipos de Fogo de Artifício, um dos elementos usados é a pólvora constituída por carvão, enxofre e nitratos.

No Fogo de Luz, são



misturadas limalhas de metais.

O Sr. António tem pessoas que o ajudam na preparação do maravilhoso espectáculo que temos vindo a assistir há já alguns anos. Este artista não produz exclusivamente Fogo de Artifício para as Sanjoaninas - executa com perfeição esta arte para algumas festas da nossa Ilha e para outras mani-

festações festivas dos Açores, como por exemplo: Santo Cristo na Graciosa, o Espírito Santo em São Jorge e festas do Faial.

A escolha da configuração das peças que permitem a obtenção do espectáculo que estamos habituados a visualizar, é feita pela comissão das Sanjoaninas, que chega a pagar em média 900 a 1000 contos, para obter a grandiosidade dessa manifestação de cor que idealizou (evidentemente que a sua concepção está relacionada com a temática das festas da cidade).

O espectáculo para o encerramento das Sanjoaninas, tem que ser preparado com uma antecipação de aproximadamente 4 meses.



### **Fogo de artifício - encerra as Sanjoaninas**

Que êxtase, que maravilha! Dadas as doze badaladas no relógio da Sé de Angra, o povo corre para a beira-mar, melhor falando, para o Pátio da Alfândega. De lá, assistirão ao lançamento do fogo preso que é o momento final das festas. O local é pequeno para tanta gente, e alguns procuram os pontos altos da cidade, para assistirem a tanta beleza.

Angra que durante dias foi concentração e vida, barulho e alegria das gentes, viu despovoarem-se as ruas da baixa, e nos

altifalantes ouve-se o toque final daquela que foi a marcha das Sanjoaninas do ano em curso.

No negro céu, vai-se sucedendo o rebeitar das "Balonas", lançando um turbilhão multicolor, quem sabe saído da paleta de algum pintor. Neste caso do homem da pirotecnia já afamado no nosso meio e bem conhecido pela bela arte e bom gosto. Do escuro faz-se luz, maravilham-se olhos, e esboçam-se ais, procurando-se no infinito aquilo que será a força de viver de um novo ano, e a espera porque no próximo haverá mais.



# *PERCURSOS*

# Percursos

## Percurso Antigo

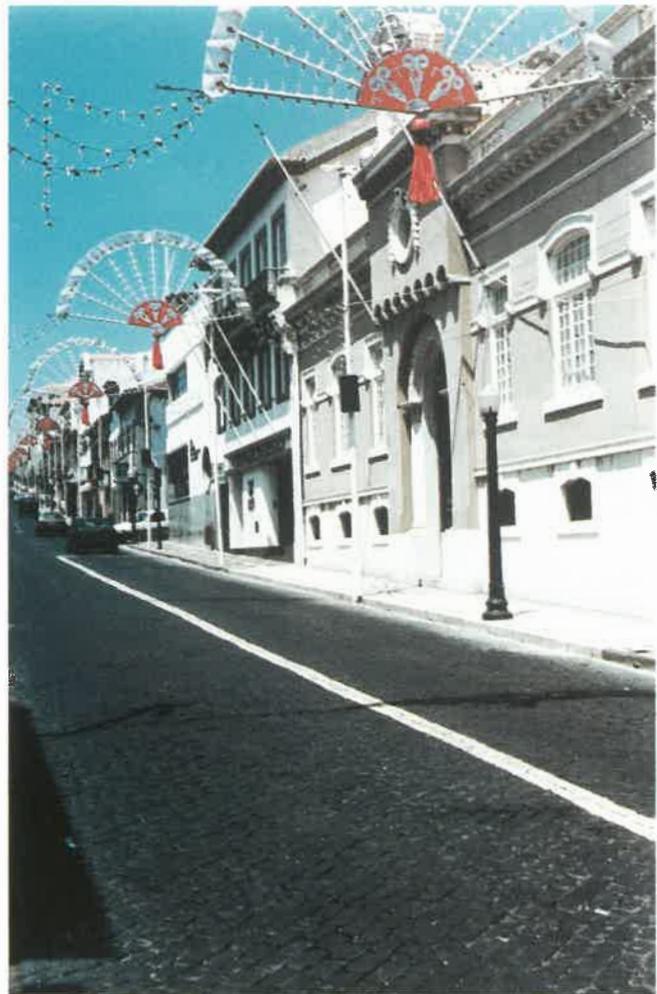
Antigamente o cortejo real iniciava-se nos Portões de São Pedro, seguindo pela Rua Dr. Sidónio Pais (actual Rua de São Pedro), Alto das Covas, Rua da Sé, finalizando na Praça da Restauração (actual Praça Velha).

## Percurso actual

Todos estes cortejos têm um certo percurso que é quase sempre o mesmo todos os anos (só muda quando o tema inspirador do cortejo o exige).

Estes iniciam-se no Alto das Covas, passando depois a percorrer as ruas mais importantes da cidade:

- *Rua da Sé*
- *Rua de S. João*
- *Rua das Minhas Terras*
- *Rua Direita*



Ornamentação em forma de leques (Rua da Sé)



Ornamentação da Rua de S. João (Motivos Populares)

Depois de percorrido este trajecto os cortejos chegam finalmente à Praça Velha onde continuam com outras cerimónias: danças, rituais, cerimónias de corte, concertos, etc...



Praça Velha - Ornamentação das Sanjoaninas 95

# Angra e o seu Traçado Urbanístico

O início do povoamento da Ilha Terceira não se encontra devidamente esclarecido, mas a fundação de Angra, depois do Heroísmo, deve-se à acção dos primeiros Capitães donatários (destaque para Jácome de Bruges e Álvaro Martins Homem).

A evolução da cidade está dividida em três fases. A princípio o casario encontrava-se à

volta do Castelo de São Luís (situado no Outeiro onde existe presentemente o monumento à Memória de D. Pedro IV e das Lutas Liberais) estendendo-se pela encosta em direcção ao porto. As ruas desciam paralelamente à Ribeira dos Moinhos (actual Rua da Miragaia) mas o seu traçado era relativamente irregular de modo a vencer o forte declive que separa o castelo da Praia.

A povoação foi construída de forma alongada,



Vista aérea de Angra do Heroísmo (16 de Novembro - 1943)

perpendicular à costa, e os edifícios mais marcantes sucediam-se na vertente: o castelo no ponto mais alto, como era hábito nas povoações continentais, a igreja dos Franciscanos na descida e a casa do Capitão tal como a futura Câmara de Angra no encontro da parte baixa com a encosta. Depois o equipamento e assistência virá a instalar-se junto ao cais, em face da Alfândega, onde seria mais necessário e urgente prestar apoio às armadas.



Aguardando o desembarque do Dr. Alexandre Ramos - Governador Civil de Angra do Heroísmo ((05/04/1925

Posteriormente, a povoação veio a adquirir uma forma alongada, mas paralela à costa, centrada numa rua interior como é de regra nas cidades portuárias. Esta via, constituída pelas actuais ruas da Sé e do Galo, une duas colinas, a do Alto das Covas e a de São Francisco, e estabelece ao mesmo tempo, a ligação entre os pontos privilegiados da reunião: a Praça da Sé e a Praça Velha, na qual foi edificada a Câmara.

Durante o séc. XVI, Angra conhece um

grande crescimento devido ao importante papel desempenhado pelo seu porto no comércio externo e no apoio aos navios da Carreira das Índias que, no regresso, faziam escala nos Açores. Daí vem o plano regular da zona baixa. Os edifícios da Alfândega e da Misericórdia ligam-se à Praça Velha e à Rua da Sé por dois arruamentos rectilíneos relativamente largos: a Rua Direita e a Rua de S. João: para poente desta abrem-se várias outras ruas mais estreitas, também de direcção Norte Sul, cortadas por transversais, pelo que se produz um plano reticular.

Angra é a primeira das cidades dos Açores a ser elevada à categoria de cidade em 1534. Neste mesmo ano é criada a Diocese dos Açores, facto que levará a Sé a ser edificada no local em que se encontrava a Matriz de São Salvador.

Quanto ao plano geométrico de Angra, pelo menos na parte compreendida entre a Rua Direita e a Sé, é certamente do primeiro terço do séc. XVI.

O Capitão Donatário sensível às vantagens do duplo porto que servia a cidade, decidiu aproximar a povoação do mar, tendo-se preocupado em fazê-lo segundo um plano regular.

J. M. Fernandes aparenta a malha de Angra (quer na dimensão das ruas quer na sua geometria relativa) à que então se estabelecia no Bairro Alto, em Lisboa, contudo, tem-se vindo principalmente a estabelecer a comparação com Tomar.

A malha de Angra conta com 10 Ruas paralelas cortadas por uma principal (Rua da Sé). Desde sempre se deu importância a uma Praça principal na cidade - Angra contava antigamente com a Praça da Restauração (actual Praça Velha) onde se realizavam eventos festivos como touradas de Praça, leitura de proclamações por parte do Capitão Donatário.

No séc. XIX a direcção de atravessamento Este-Oeste é reforçada devido à destruição de alguns elementos da primeira estrutura Norte-Sul, o que, em combinação com a decadência das actividades portuárias, contribui para manter até hoje a força desta estrutura urbana.



Sé Catedral antes do Sismo de 1980

# Angra do Heroísmo: *Cidade Património Mundial*

A Ilha Terceira foi designada anteriormente por Ilha de Nosso Senhor Jesus Cristo. Tal como o seu nome actual indica foi a terceira Ilha de entre as nove a ser descoberta.

Dos Povoados Primordiais da Ilha Terceira destaca-se a cidade de Angra do Heroísmo que foi edificada na proximidade de uma importante Baía - Zona de grande afluência de armadas vindas da Índia nas suas rotas comerciais.

Em virtude destas circunstâncias, o Governo Central, mandou estabelecer em Angra a Provedoria das Armadas, que prestou excelentes serviços no «comboio» e aprovisionamento das Armadas que faziam aguada em Angra.

O nome Angra deve-se à existência de uma “baía em forma de abraço”; Heroísmo veio posteriormente devido ao contexto das lutas liberais, sendo também enriquecida com a designação: «Mui Leal e Constante».

Todos os recantos da cidade encontram-se repletos de história.

Por carta de D. João III, datada de 21 de Agosto de 1534 Angra foi elevada à categoria de cidade. Possuía estaleiros navais (Prainha; Porto das Pipas) que construía, pequenas embarcações e navios de importante tonelagem (Naus e Caravelas).

A partir de 1580 Portugal irá viver uma situação de anexação Espanhola (Filipe II de Espanha torna-se I de Portugal, marcando o início da Dinastia Filipina e de um período designado por União Dinástica ou Monarquia Dualista). No entanto a cidade de Angra resiste à invasão tornando-se a capital da resistência nacional.

Nesta Ilha destacou-se a presença de D. António Prior do Crato que contou com o apoio incondicional de D. Violante do Canto.

Nesta altura foram instaladas as diversas Secretarias de Estado, a Casa da Suplicação, do Cível, o Desembargo do Paço e a Casa da Moeda.

Angra pode gravar a ouro, o orgulho de se ter mantido fiel ao Rei de Portugal; e de ter resistido heróicamente; tomando como lema a divisa de Ciprião de Figueiredo:

*« Antes morrer livres que em paz sujeitos »*

Ocorrida no dia 25 de Julho de 1581 a Batalha da Salga foi um dos principais acontecimentos que mostraram a valentia do povo Terceirense.

Devemos destacar a figura e a acção de valentia e coragem desempenhada por Brianda Pereira, que utilizando gado bravo (toiros) enfurecidos provocou desorientação nas hostes

Espanholas, que acabaram por perder esta Batalha. Mas voltariam... melhor preparados e predispostos para a permanência durante um período considerável.

As marcas do domínio Espanhol são visíveis: o Castelo do Monte Brasil - é uma imponente fortaleza, com 3 Km de área e quase uma légua de muralhas. Continua orgulhosamente de pé, demonstrando em cada pedra os interesses Filipinos no Atlântico.

Na altura da dominação Espanhola; era designado por Castelo de São Filipe, mas a partir do momento em que eclodiu a Restauração de 1640, passou a ser conhecido por Castelo de S. João Baptista.



Rua da Sé (26/04/1925)

Posteriormente serviu de prisão ao rei português D. Afonso VI entre 1669 e 1674.

Séculos depois serviu de presídio aos Régulos Africanos.

Devido à lealdade e patriotismo, demonstradas no decurso da luta contra o domínio Castelhana, o monarca D. João IV, concedeu o título de «Sempre Leal», e atribuiu o assento no primeiro Banco das Cortes.

Angra viveu períodos importantes:

1766 - instalação da sede da Capitania Geral das Ilhas dos Açores, com respectivos serviços e secretarias. Havia a residência do Capitão General.

Instalaram-se no antigo Colégio dos Jesuítas (Companhia de Jesus), que começou a ser transformado e adaptado a Palácio do Governo .

1830 / 1832 - Funcionamento de diversas secretarias de Estado da Regência aqui constituída. Angra do Heroísmo teve a Honra de ser considerada Capital do Reino, e sede da

Regência demonstrando a sua fidelidade Patriótica.

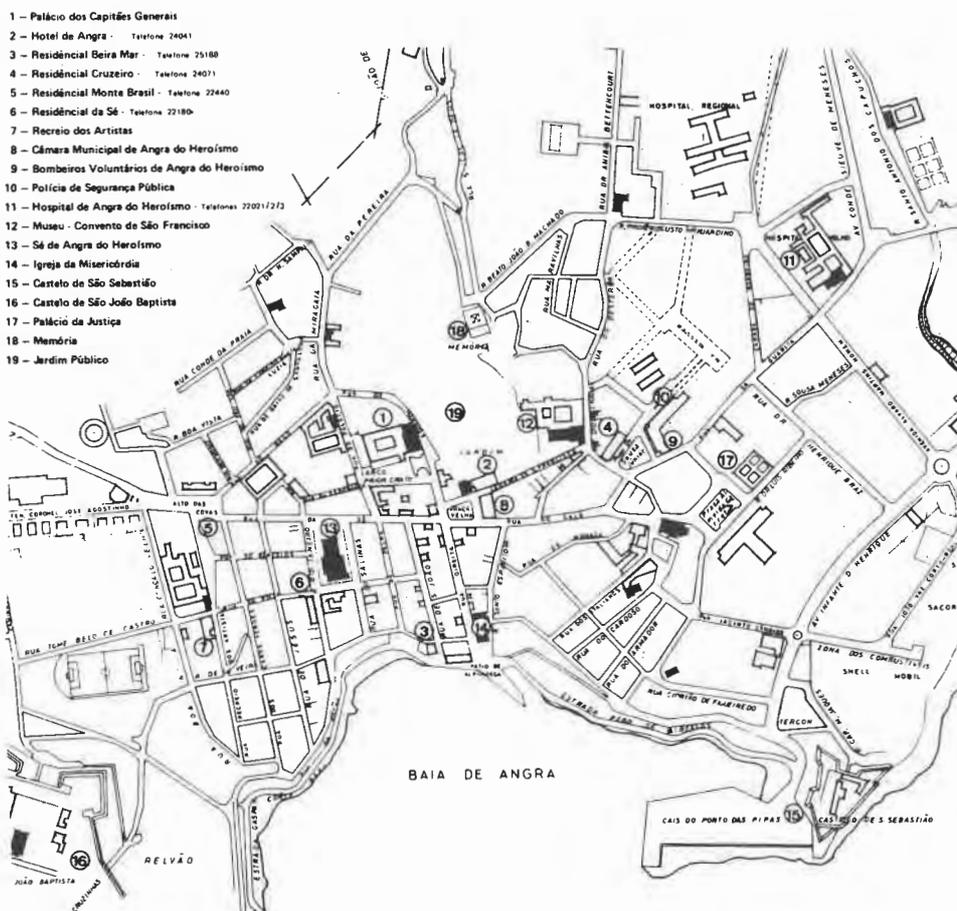
Aderiu à causa Liberal, facto que está marcado na homenagem prestada pela edificação do monumento da Memória, recordando o desembarque de D. Pedro IV, e lutas entre Liberais e Absolutistas.

Neste local existiu nos primórdios da povoação (depois cidade), um Castelo chamado de S. Luís ou de S. Cristóvão. No alto da colina escarpada, e devido a necessidades defensivas, edificou-se no séc. XV este Castelo.

A Praia – posteriormente da Vitória – recebeu esta Segunda designação devido ao papel desempenhado com estoicismo no triunfo liberal.

Em virtude do elevado espírito de sacrifício; abnegação e patriotismo evidenciado pelos Angrenses, D. Maria II concedeu à cidade o título de “Heroísmo”, a designação de « Sempre Constante » e a Grã Cruz da Antiga e mui nobre Ordem da Torre e Espada, de Valor Lealdade e Mérito.

## PLANTA DE ANGRA DO HEROISMO



# Terramoto de 1980

Pelas 15 horas e 40 minutos do dia 1 de Janeiro de 1980 a Terceira foi fortemente atingida por um Sismo com 8.6 graus na escala de Richter e que teve a duração de 11 segundos.

Muitos monumentos e outras construções foram parcialmente destruídas, deixando inúmeras famílias desalojadas. 61 pessoas morreram e mais de um centena ficaram feridas.

As ilhas mais afectadas foram a Terceira São Jorge e Graciosa.

Para os Açores foram enviadas casas pré-fabricadas, de estrutura metálica com as quais se formou o Bairro de São João de Deus, Terra-Chã, Santa Luzia e Cerrado do Bailão.

Angra do Heroísmo, conservando o peso de um passado edificado através dos séculos, viu o seu prestígio confirmado através da concessão do título de Património Mundial.

Logo em Janeiro de 1980 uma delegação da UNESCO visita os Açores e sugere que a cidade se candidate à inscrição na lista de Património Mundial. A proposta foi apresentada pelo governo Português em Março de 1982 e aceite pela UNESCO.

Mais uma vez gravamos a ouro o nosso nome no livro da História da Humanidade.

Sabemos conciliar o peso da História, com a riqueza do presente, e as inovações do Futuro século XXI.



# ***CORTEJOS E JOGOS FLORAIS***

# Cortejos

O nosso tema trata de um dos aspectos mais importantes das festas SANJOANINAS: os cortejos.

Um cortejo é um conjunto de pessoas a “desfilar ao longo de um percurso” de forma organizada e ornamentada, com trajes a rigor e por vezes carros enfeitados com flores ou outras decorações conforme o tema tratado no cortejo.

Há vários tipos de cortejo que se apresentam ao longo das festas: entre eles destaca-se o cortejo de abertura que integra a emblemática figura da rainha, o etnográfico e o de carros alegóricos.

Neste capítulo vamos tratar dos cortejos de abertura desde 1937 até 1998.

Agora, para que o leitor aprofunde os seus conhecimentos acerca dos vários tipos de cortejos que se realizam ao longo das Sanjoaninas, apresentamos-lhe uma pequena pesquisa sobre os mesmos:

## Cortejo de abertura

O cortejo de abertura recebe esta designação pelo facto de marcar o início das festividades.

A sua conotação aparece associada ao cortejo da rainha / carros alegóricos de que falaremos seguidamente.

## Cortejo da Rainha e de carros alegóricos

Este cortejo geralmente é o que abre as festas Sanjoaninas. É constituído por uma rainha, um chefe de protocolo (mestre de cerimónias ou arauto), ou um rei, pelas damas de honor (aias), camareiras (secretárias) e por todos os personagens e figurantes que nele participam. No decurso deste aparecem também vários carros alegóricos (enfeitados) que servem de cenário ao tema escolhido como mote das festas.

## Cortejo etnográfico e de oferendas

Este cortejo tem como objectivo mostrar às pessoas os costumes e tradições da nossa terra, evitando que fiquem soterradas nos escombros do tempo. Apresenta-se através de um grupo de pessoas que desfilam por várias ruas da nossa cidade, usando trajes antigos e representando costumes do passado vivido pelo nosso povo.

Procura-se transmitir o que há de mais genuíno nas tradições terceirenses. Retratos de um passado que tenta permanecer presente – bem associado às imagens visuais das novas gerações.



Aspecto do Cortejo de Oferendas realizado em 1995

# Importância da Rainha das Sanjoaninas

A abertura das Festas de S. João (Sanjoaninas) é feita através de um cortejo designado por cortejo de abertura ou cortejo real, onde figura a rainha e seu séquito que é composto pelas seguintes personagens: Camareira (por vezes escolhida pela rainha), Chefe de Protocolo e por um certo número de damas.

Conforme o tema das Festas, os intervenientes do cortejo podem variar.

A Rainha é a figura mais emblemática das Festas de São João. Cabe-lhe a função de transmitir a grandeza cultural e regional, através da sua elegância, juventude e beleza, a todos aqueles que assistem ao cortejo.

Dirige-se à multidão através de um discurso de boas-

vindas que pode ocorrer no Adro da Sé ou na Praça Velha, e que é divulgado através dos meios de comunicação social.

Devido à sua importância a rainha deve apresentar-se de forma magnífica, ficando as pessoas deslumbradas com a riqueza dos seus trajes e ornamentos.

Não devemos deixar de mencionar o árduo e perfeito trabalho das costureiras, esteticistas, cabeleiros (ex. Sr. Alexandre Rito de cujas mãos saem penteados artísticos que enaltecem o porte altivo das intervenientes). Todos contribuem para a magnificência deslumbrante do sector feminino do cortejo.

O cortejo tem ainda a função de transmitir a alegria e simpatia característica do povo Terceirense.



Raquel Avila (Rainha das Sanjoaninas 1999)

# Importância do povo no contexto das Festas Sanjoaninas

Desde sempre as Festas da Cidade (Sanjoaninas) foram feitas para atrair a população terceirense, emigrantes e turistas que nos visitam nessa altura do ano para deliciarem-se com as maravilhas da nossa Ilha.

As Festas contam sempre com verdadeiras “enchentes de pessoas” no arraial de luz onde se realizam todas as actividades com principal destaque para os cortejos e marchas.

O dia da abertura é muito ansiado por todos pois o cortejo é mantido em segredo pela comissão das festas, com o objectivo de suscitar verdadeira surpresa. Como consequência este é um dos dias em que há maior afluxo de espectadores.

Devido aos meios de comunicação de massas a cultura terceirense e a alegria deste povo está a ser cada vez mais difundida e divulgada em “todos os cantos do mundo” (com especial destaque para os locais da diáspora, onde os emigrantes seguem com atenção, o que se passa na sua Terra Natal.

“Diz o Dicionário Enciclopédico LAROUSSE: - “JOGOS FLORAIS, nome dado ao concurso poético anual instituído em Toulouse em 1323 por um grupo de poetas desejosos de manter as tradições do lirismo cortesão. Daí o título de **mantenedores** conferido aos membros da Companhia, primeiramente chamada **Consistoire du Gai Savoir**. Uma lenda surgida por volta do fim do séc. XVI, e que faz de Clarence Isaure, dama de Toulouse, a criadora desses jogos, contribuiu para a popularidade do concurso, cujos prémios são flores de ourivesaria. Em 1694, Luís XVI transformou a companhia em Academia dos Jogos Florais”.

Consta na história angrense que os primeiros **Jogos Florais** se realizaram em 5 de Julho de 1924, no salão Nobre da Câmara, promovidos pela Liga de Educação Física, à



Multidão assistindo à Festa no Bailão (1997)

semelhança do Norte de Espanha e do sul de França.

No entanto, se atentarmos bem, embora nessa época não houvesse a expressão Jogos Florais, foi efectuado um concurso poético nesta cidade em 1622 que se coaduna com o espírito desse torneio literário.

Nas grandes festas, por altura da canonização simultânea de Santo Inácio de Loyola e S. Francisco Xavier, levadas a efeito pelo colégio de Jesuítas, nos primeiros cinco dias do oitavário, a par de outras manifestações de cultura, não faltou convite **juntamente com os prémios aos poetas, que com poesias Latinas, Portuguesa, ou castelhana** (A Terceira estava sob o domínio espanhol este **torneio** mais não fosse do que imitação de Castela.), **melhor louvassem aos santos, ou com mais erudição descrevessem alguns dos passos principais da sua vida.**

Pelo que narrado fica se evidencia que já naquele remoto ano de 1622 se efectuaram o que hoje se designam por jogos florais.

Ainda foram contemplados **com prémios aos que saíssem com a melhor dança, chacota, e invenção, ou com mais curiosidade, e riqueza, e armasse, e ornasse a sua porta, nas ruas por onde havia de passar a procissão.**

(In Revista “Ilha Terceira” ano de 1979)

## ALOCUÇÃO

AO MEU QUERIDO AMIGO  
ARMANDO COSTA-RODRIGUES

Gentil Presidenta,  
Minhas Senhoras, Meus Senhores:

Se os interesses é que governam os povos, são os ideais que os norteiam. Sem ideal não ha civilização, não ha progresso, nem estímulos sociais, nem vida colectiva capaz de se aperfeiçoar.

O homem, levado apenas pelo interesse, pode alcançar a fortuna, pode atingir o poder sobre os seus semelhantes, mas, sem ideal e sem pensamento, a sua riqueza ficará socialmente estéril e não saberá usar do poder que alcançou.

Ai dos povos que não têm fé nos seus destinos nem esperança no seu futuro; ai dos homens sem ideais, porque se encerram numa actividade inferior nunca se elevando a uma finalidade maxima, que dirija e coordene os seus esforços.

Todos os grandes movimentos sociais e todas as grandes conquistas do progresso,

14

Jogos Florais

têm como antecedente fortes correntes de ideas, e nestas cabe principalmente aos poetas e aos artistas o mais saliente papel de precursores, porque em quanto a linguagem dos sábios é insufficiente para precisar e condensar as novas aspirações humanas, são os poetas e os artistas, dotados d'aquella visão profética seu apanágio, que exprimem, nas formas da beleza, as ideas imprecisas e mal definidas, ainda em vias de se fixar.

São eles ao mesmo tempo, que espalhando pela viagem da vida as rosas do prazer, a embelesam e nos proporcionam, no conceito de Boileau, a alegria de viver.

A vida sem poesia e sem arte, a vida sem beleza e sem ideal seria um sacrificio superior ás humanas forças.

Logar, pois, aos poetas entre os beneméritos da humanidade!

Estamos em Portugal que é e sempre foi um país de poetas; e estamos no Portugal insular, o mais português de todos, e onde, por consequência, os poetas não rarearão.

Efectivamente, nestas ilhas em que toda a natureza canta, no verde constante das colinas e dos prados, no marulho do mar e no sibilar do vento, os melros e os ca-

Jogos Florais

15

nários nas ramarias das arvores e a gente do povo na labuta dos campos, não fallam, graças a Deus, os poetas. Ei-los por toda a parte, uns poetando em segrêdo com o acanhamento que tantas vezes se enlaça com a poesia, outros, mais afoitos, tornando conhecidas do publico as suas produções, mas todos cantando naturalmente, espontaneamente, por uma necessidade do seu espirito, como os melros e os canários nas matas e nas urzes.

A Liga de Educação Física conscia de que toda a educação e todo o desenvolvimento humano tem de ser integral, resolveu dar aos poetas, nas festas da cidade, parada luxuosa da nossa força física e da nossa riqueza economica, certame concorrido de todas as nossas aptidões, o logar que ao ideal e á poesia compete de direito na vida de um povo. E aqui está como nasceram estes Jogos Florais, por emquanto uma hesitante tentativa, uma experiencia de forças para maiores cometimentos futuros, destinados porem a reatar o passado glorioso desta terra ao presente que lhe não quer ficar atrás.

A ilha Terceira foi, mais de uma vez, um importante centro de cultura intelectual.

16

Jogos Florais

Nunca em conventos franciscanos o ensino e o estudo atingiram maior grau de perfeição, do que no nosso convento de San Francisco. No Colégio da Companhia de Jesus desta cidade, no velho *pateo dos estudos*, hoje o edificio quasi em ruínas do antigo tribunal, leram mestres como aquele P.<sup>o</sup> Cristovão Gil, professor da Universidade de Evora, de quem o granadino Francisco Suarez, o *doctor eximius*, o maior teólogo do seu século, dizia admirado: — "Que necessidade havia de me irem buscar a Espanha se tinham cá um professor como este?"

E grande fama alcançaram em ambas estas casas de ensino as disputas scientificas realisadas em publico e as festas literárias em que, com os clérigos, ombreava a fina flor da nossa mocidade aristocrática.

Perderam-se muitos dos trabalhos dessas gerações, que ficaram manuscritos, e de alguns apenas nos restam escaças noticias, todavia suficientes para aquilatarmos do seu merecimento.

Com o governo dos capitães generais Angra tornou-se uma pequena capital, e as letras, para que sempre os seus habitantes tinham mostrado particular tendencia,

Jogos Florais

17

alcançaram um periodo de raro esplendor. A Academia Militar instalada no Castelo de San João Baptista constituiu-se, desde o seu inicio, num centro de cultura intelectual, onde as matematicas mereceram particular atenção. No principio do século XIX não ha festa em que a poesia e a musica não tenham a sua parte e das mais consideráveis.

Ha pedras que parecem ligadas a um certo destino; e assim como as cantarias das largas paredes do Convento de San Francisco, mudas testemunhas das aulas dos frades franciscanos, iam ver passar deante de si successivas gerações de alunos do nosso Liceu, os muros do Colégio dos Jesuitas, que tinham albergado tantos eruditos e presenciado tantas festas do espirito, passaram a assistir, no mesmo discreto silencio, aos brilhantes saraus dos capitães generais.

Por lá andavam Tibúrcio António Craveiro, o poeta eminente que traduzio Byron e Voltaire, José Augusto Cabral de Melo, o insigne tradutor das Odes de Horácio, João António da Cunha, tão consumado latinista que escrevia sonetos bilingues, ao mesmo tempo purissimo latim e vernáculo português, o sabio Dr.

18

Jogos Florais

João Cabral de Melo, tradutor de Milton, poeta original de mérito, juriscônsulto de raro valor, Manuel José Coelho Borges, o árcade, e talvez algum dia tambem por lá apparecesse, descido do distante Convento de Santo Antonio dos Capuchos, o bom Frei Alexandre da Sagrada Família, tio e professor de Garrett, mestre de Marquês de Alorna, bispo resignatário de Malaca e depois bispo de Angra, que, por certo, não desdenharia glosar discretamente o seu mote nauigma terfúlia mais intima.

Os emigrados da Amazona, que a população da ilha via com maus olhos por causa do seu democratismo afrancesado, eram homens de subido valor intelectual e contribuíram bastante para alçar o nivel da mentalidade terceirense. Nos púlpitos o P.<sup>o</sup> Wanseler, o franciscano Frei Tomás do Rosario, o Licenciado Gordo, o conego regrante D. Francisco da Soledade e mesmo o P.<sup>o</sup> Queiroz tão satirizado pelos postastros de então em consequencia do seu feitiço de apóstolo combativo, mixto de missionário e de moralista, capelão das freiras do Convento da Conceição, elevaram a eloquencia sagrada a alturas, até aí, difficil e raramente atingidas.

Jogos Florais

19

Veiu o constitucionalismo e o periodo revolucionário; mas a revolução não matou o culto das letras a que apaixonadamente se entregavam muitos dos soldados do liberalismo.

Os quartéis dos voluntários da Rainha eram viveiros de poetas, e quando se recebeu a noticia da derrota dos gutríllhas no Pico do Celeiro em 24 de outubro de 1828 D. Emilia Carlota da Silva improvisou dois formosos sonetos. Chegou o Imperador e para solenizar a vinda de D. Pedro, realisou-se no teatro, na noite de 5 de Março de 1832, um espectáculo no qual Joaquim Pinheiro das Ctagas, pai do illustre poligrafo de todos tão admirado, recitou uma pomposa ode em estilo neoclassico, comparando em mal distarçadas hyperboles o rei soldado ao heroi romano. Potulam as sátiras e os sonetos, as odes e as cantatas como se, com exercicios poeticos os expedicionarios se preparassem para a luta civil, que dentro em pouco se desencadearia no Portugal continental.

Passada essa época Angra entra num periodo estacionário, mas o amor ás letras não se perde. Vem o romantismo e Antonio Gil, Amancio Leocádio Vieira, Azevêdo Cabral, Mendo Bem José Sam-

20

Jogos Florais

paio, vão poetando á maneira de Gomes de Amorim, Soares de Passos e Casimiro de Abreu. A par deles brilham as poetisas do romantismo, D. Maria Dulce Coelho Borges, D. Maria Guilhermina de Mesquita Pimentel e... *fen passe*. Nem tudo são obras primas por certo, não ha mesmo nenhum grande poeta como os havia no começo do século, mas ha sempre inspiração, sentimento e naturalidade.

Continuam os poetas de hoje a velha tradição desta terra, e nas suas composições entra a accentuar-se um novo cunho — o regionalismo literário, fonte verificado-ra da moderna inspiração poetica, renovadora da arte, que sem perder o seu caracter nacional nem deixar de ser bela, se prende cada vez mais á terra, á terra mãe, á terra onde tivemos o berço e onde todos desejamos ter a sepultura, á terra querida que é primeiro a casa onde viveram nossos pais e onde vimos a luz do dia, depois estas nove ilhas dos Açores e o país grande na historia e grande nas tradições, grande em muitas das suas manifestações actuais da vida social, o país a que todos nos orgulhamos, nos desvanecemos, nos gloriamos de pertencer.

Jogos Florais

21

Sejamos bem açoreanos, bem portugueses e ainda bem terceirenses, e sejamo-lo convicta, deliberada, consciente, propositadamente. Sejamos em tudo o producto da nossa terra, e para mostrar que o somos pelo espirito e pela arte, se organizaram estes Jogos Florais onde, de mirth e louro, á maneira antiga, serão coroados os poetas vencedores.

LUIZ RIBEIRO

finalmente, a terceira, que os gregos veneraram chamando-a de Minerva, assistia aos espíritos, iluminava-os de engenhosas ideias e de subtis pensamentos, e era talvez de tôdas a mais alta porque seu peito era firme, a raros dava o dom de seus segredos, e sua graça, enfim, vaporosamente se mostrava aos homens nos cimos de todos os cimos. De Flora tem Vossa Excelência a frescura, e ainda mais com ela se confunde porque abre também as flores, que outra coisa não são as obras ideais d'êste dia; de Ceres retém o alto dom da abundância, pois de si vêm nestes magníficos jogos a seara das finezas, e os versos de hoje parece de si virem como um alvo pão nosso; e em terceiro lugar eu a comparo a Minerva pela porção de espírito que em Vossa Excelência concorre, já próprio seu, já de todos nós nascido e a si tornado.

Mas agora me lembra que estes ditos, derivados de mim, poderão parecer uma lisonja fútil ou uma pessoal blandícia. Não são. Expressim simplesmente o encanto de nós todos pela intenção desta hora, são como votos a um perfeito símbolo de todo o valor da festa, e porque a suma dos Jogos Florais é uma flor, eu a uma flor os

*digitado*

Minha Senhora (!):

Concorrem hoje na pessoa de Vossa Excelência, por graça natural e merecida eleição, os dons perfeitos de três deidades formosas que a antiguidade amou. Uma que era invocada por Flora, presidia ao entreabrir das flores nos meigos jardins romanos; outra, que tinha o nome de Ceres, tirava da terra as loiras messes fartas para que houvesse abundância;

(!) A Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria de Sampaio Dart de Castro Parreira Coelho, Rainha dos Jogos Florais.

dou por muito bem empregados. Conta-se de Catão, que em Roma viveu no derradeiro século antecedente a Cristo e que, após a derrota de Thapso, com a própria espada se deu uma morte digna; conta-se de Catão que sendo presente um dia a uma florália, festa da primavera, se retirou em meio por não escurecer o gáudio da assistência. Para eu ser como o bisneto nobre do grão-censor romano, e repressor do luxo, mingua-me a austeridade e o mais, que nêle se concertou; mas quiçá me não falta o rosto cheio de sombra e o nariz favorecido, que das medalhas que no-lo dão ressaltam sob os loiros peregrinos.

*Horresco referens!* — ao menos, nasalmente eu me assemelho a Catão. Mas, nesta florália, se pela má sombra a minha situação safu parelha á d'êle, a-pesar-disso, fico. E só invoco o ar avelhentado, a face injubilosa, em desconto da enganadora aparência deste elogio a vós.

Durante a Idade Média, Senhora, as côrtes de amor eram reuniões de damas a quem os poetas preiteavam. Dez, quinze castelãs recebiam vénia e mesura de trovadores ardidos. Passavam-se as vésperas, e êles a rimarem coitas. As noites iam-se, e elas a ouvirem dós. E esse tempo correu

assim propício a versos, os sentimentos tiveram nêle cabida, as letras se ilustraram e por tôda parte foram. Pois bem. Revivamos, no tempo mau e material que é o nosso, esse costume tão gentil e raro, tão precioso e formoso, tão fundamentalmente espiritual, enfim, que quasi nos transporta, arreda um instante da nossa vida o negrume e tanto nos comove, que não há alma que perante êle se abata ou não experimente alegria. Anacrônicamente façamos a nossa côrte de amor. E a si, pois, minha Senhora, que a ela preside como Rainha perfeita de tôdas as graças de hoje, e magestosamente acresce ao seu mandato uma excelencia tão sua, eu presto a minha humilde homenagem de pobre artista simples, e vassallo fiel do espiritual primor que em vós se representa.

VITORINO NEMÉSIO.

Foi Rainha desses Jogos Florais promovidos pela Liga de Educação Física de Angra do Heroísmo, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Castro Parreira, tendo por suas damas as Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Maria Margarida Borges da Costa (Leitora), D. Maria do Carmo Mendonça Machado, D. Maria Manuela Sivo de Monexos, D. Maria de Lourdes Mesquita, D. Matilde Fernandes de Guimarães Rodrigues D. Maria Belo de Castro, D. Emilia Belo de Castro, D. Maria José Parreira Pereira, D. Maria Madalena Forjaz de Lacerda e D. Maria de Lourdes Forjaz de Lacerda. Leram as poesias as Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Isabel de Oliveira, D. Amelia Cortes Real e D. Albertina Pimente.

# Jogos Florais

## *Festas da Cidade em Poesia*

E continuando as nossas pesquisas, leva-nos ao ano de 1937 e da autoria do Capitão António Maria da Silva Melo, que usava o pseudónimo “Crisântemo Azul”, transcrevemos um seu poema chamado “Jogos Florais”.

Neste Salão de nobres tradições,  
Decorado com arte, entendimento,  
O astro do poeta, o pensamento,  
Vai brilhar nas mais lindas florações.

Estes Jogos - Florais no sentimento,  
Anseios de alma em belas expansões,  
São odes inspiradas, ou canções,  
Que a Musa vai cantar neste momento.

Há séculos, que em França os trovadores,  
- Dos mais insignes Vates de Tolosa,  
Destes Jogos tiveram prima ideia;

E, anualmente, em Maio, o mês das flores,  
Em certames de trova bem famosa,  
Sua lira fascina e sempre enleia.

### II

Antigamente, a nossa fidalguia,  
Nos Salões e à beira dos Conventos,  
Glosava os mais belos pensamentos,  
Com perfícia, finura, e cortesia.

Poetas, pela raça, ou seus talentos,  
No Açores, tem tido a poesia;  
Que em rimas de suave melodia,  
Possuem, do estilo, os ornamentos.

Vós Rainha; que o sois de formosura,  
Ou, Minerva, uma deusa singular,  
Radiante de graça e beleza.  
Dai hoje às vossas damas a ventura,  
De ouvirem os donzéis a poetar,  
Cantando-lhes os dons da Natureza

Da análise destas quadras podemos inferir algumas características dos “Jogos Florais de Angra”: 1- realizam-se no salão nobre da Câmara Municipal

2- contava com a mui nobre presença da rainha; chefe de protocolo; e restantes damas / camareiras

3- assistiam todos os cidadãos ilustres, trajando com esmero e requinte. Era “um acontecimento chique” para o burgo angrése.

4- a tónica do serão assentava nas vertentes músico literárias (dando asas à inspiração). Surgiam leituras empolgadas dos poemas, ficando muitos espectadores extasiados pela capacidade de declamar.

*Extraído do Jornal “A União” de 1972 temos um poema intitulado “Festa da Cidade de 1972”, cuja autora é Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Avelar, e que passamos a transcrever na íntegra.*

Salão Nobre. Nobres Damas.  
Rainha com suas aias.  
Em tudo o seu gosto mais fino  
Desde as mais finas alfaias.

Gentil presença dos pagens  
Encanto no seu trajar  
Enlevo em magno dever  
De Rainha acompanhar.  
O Chefe de Protocolo  
Manejando a “Cortesia”  
Atento nele os olhares  
Atento ele em seu guia.

Reinado efémero... em voz  
Num sonho lindo, ligeiro  
Gravado em seus reflexos  
Com tons de amor primeiro!...  
Nestes dias só de Festas  
Nomeiam-na Majestade  
Vão os dias... Vão-se as horas...  
E é sua a graciosidade!...

*Jornal “A União” de 23 de Junho de 1977, podemos encontrar um poema da autoria do Padre Mateus das Neves intitulado: “O Baptismo da Terceira”*

Ilha Terceira, ou Ilha dos Amores  
recordo agora a suave madrugada  
de um Junho já distraído, a passarada  
cantava-te louvores;

O padre Oceano - espuma rendilhada, -  
 Serviu nesse instante de Jordão,  
 por, ele, na manhã de S. João,  
 tu foste baptizada.

e da autoria da ilustre poetisa terceirense Maria do Céu,  
 “São João na Terceira”

Nas Festas de São João  
 Da nossa Ilha Terceira  
 Há toiros e reinação,  
 O que não há é fogueira...

Nas Festas de S. João  
 as moçoilas da Terceira  
 dentro em cada coração  
 É que acende a fogueira

S. João veio à Terceira,  
 S. João não quer mais nada,  
 Em lugar de uma fogueira  
 Antes quer uma tourada!

S. João veio à Terceira  
 S. João até concorda:  
 É melhor que uma fogueira  
 Uma tourada de corda!

Ao longo de todo o trabalho de investigação, que efectuámos sobre as Festas da Cidade, podemos concluir, que inúmeros poetas terceirenses, e não só, inspiraram-se nestes dias de festa, e no culto a S. João, para apresentarem

garbosamente as suas manifestações poéticas.

Almeida Garrett, que passou a mocidade em Angra do Heroísmo, na companhia de seu tio Frei Alexandre da Sagrada Família, Bispo desta Diocese, cuja residência se situava na Rua de São João, 76, onde as Festas se celebravam, por ser lá a ermida do próprio Santo, escreveu o seguinte:

S. João, o santo mais guapo,  
 Mais garrido e brincalhão do calendário,  
 Cujos orvalhos bentos dão saúde  
 Ao corpo e alma, cuja noite amiga  
 De amores e prazeres tanto encobre  
 Gosto furtivo, beijo namorado,  
 E o mais que vai por arraiais, por festas,  
 Pelas devotas margens dos teus rios.

Finalizamos com um poema de Vitorino Nemésio retirado de seu livro: “Festa Redonda”

Ó Angra de fidalguia  
 E de procissão do triunfo!  
 Em amores puxei-lhe espadas,  
 Ganhou-me a dama do Trunfo.

Eu fui aos toiros de praça  
 No dia de S. João:  
 O meu bem era o capinha,  
 Atirei-lhe o coração!

As Sanjoaninas já existem há muito tempo. Para que tenha conhecimento dos cortejos de abertura que se realizaram há uns anos atrás vamos relatar-lhes alguns deles:

# Jogos Florais de Verão da Câmara de Angra do Heroísmo

Outrora as Festas Sanjoaninas eram também designadas por Festas da Cidade onde se inseriam os Jogos Florais. Estes compreendiam diversas actividades tais como: touradas de gala, jogos de futebol, recitais musicais, exposições de doçaria regional e de flores. Além destas actividades a comissão organizadora dos Jogos Florais propunha concursos de poesia, literatura e algumas gincanas que tinham grande adesão do público. Um júri constituído por vários elementos premiava os melhores trabalhos entregues em pseudónimo (a pessoa não assinava o seu nome para não haver preferências por parte do júri) e a rainha escolhida pelo Presidente da Câmara tinha a função de assistir a essas actividades e ser uma espécie de porta-voz do júri entregando os prémios aos vencedores.

Além dos diplomas eram atribuídos aos vencedores: a Rosa de Ouro e Rosa de Prata (secção juvenil), Palma de Ouro e Palma de Prata, Orquídea de Ouro e Orquídea de Prata, Camélia de Ouro e Camélia de Prata, Lírio de Ouro e Lírio de Prata e Caravela, sendo as flores uma constante.

O ponto mais alto dos Jogos Florais era, sem dúvida, o cortejo real onde a rainha, suas damas e pajens acompanhados por flores, pompa, alegria e mocidade faziam a delícia de todas as pessoas que acorriam às ruas.

O desfile tinha o seu desfecho junto da actual Câmara Municipal e no seu interior era montado um trono para a rainha e seu séquito.

## Ano de 1934

De salientar que neste ano foi rainha a Exm<sup>a</sup>. Sr. D. Mariana de Sampaio Castro Parreira (mais aspectos relacionados com



Jogos Florais (22/06/1934)

as festividades de 1934 encontram-se no capítulo: origens – texto do ano em questão).

## Ano de 1937

Um dos principais desfiles reais de todos os tempos inseridos nas Festas da Cidade, nomeadamente nos Jogos Florais de Verão da Câmara de Angra do Heroísmo foi precisamente o de 1937 que teve como Rainha a Exm<sup>a</sup>. Sra. D. Maria Leonor Brás Ramos Côrte-Real de (19 anos na altura)



Jogos Florais (1937)

e que foi escolhida pelo presidente da Câmara Sr. Dr. Elmiro da Costa Mendes.

A Rainha trajava um vestido inteiro de cetim branco-pérola decotado em bico, sem mangas, com uma pequena cauda e um manto de veludo branco com pequenas manchas pretas e forrado de azul, sapatos brancos e luvas altas.

A Rainha foi transportada num coche escoltado por quatro cavaleiros, vindo atrás um trem aberto puxado a cavalo em que seguia o mestre de cerimónias e as secretárias (camareiras).

Sua Alteza estava acompanhada de vinte damas de honor, duas camareiras, dois pajens e pelo mestre de cerimónias, Dr. Henrique da Costa Brás.

### **Batalha das Flores**

No dia 10 de Junho de 1937 realizou-se a Batalha das Flores. Um interessante número das Festas da Cidade que decorria sempre com grande entusiasmo e movimento.

Não é uma Batalha como todos nós pensamos, apenas tratava-se da ornamentação de carros com flores que desfilavam pelas ruas da nossa cidade.

Normalmente desfilavam quatro ou cinco carros apresentados pela comissão, e ornamentados a preceito.

A cidade floriu e encheu-se de cor, e as pessoas viram o cortejo em todo o seu esplendor.



A Rainha e o seu Séquito no Salão Nobre dos Paços do Concelho (1937)

## *Entrevista realizada à rainha dos Jogos Florais de Verão da Câmara de Angra do Heroísmo (Ano de 1937)*

Maria Leonor Brás Ramos Corte-Real de 19 anos na altura foi a rainha dos Jogos Florais de Junho de 1937.

Não havia tema neste ano mas sim um mote que era "Hortense". Como já mencionámos anteriormente realizaram-se exposições com flores e doçaria regional, assim como gincanas e outras actividades recreativas.

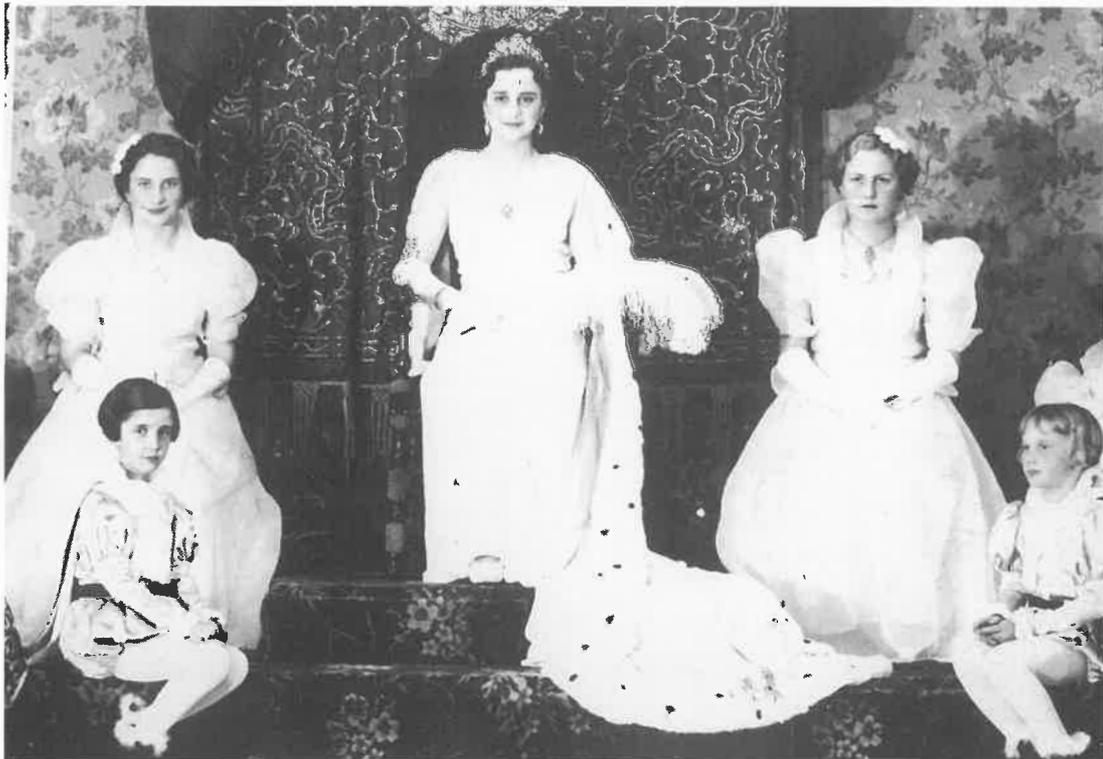
Ao ser convidada para ser rainha a Sra. D. Leonor não gostou. Sentiu-se embaraçada e "sem vontade nenhuma de dar nas vistas". Viu-se perante um facto consumado pois perguntaram ao seu pai. Dizendo que ela estava muito entusiasmada e em virtude disso "ele disse que sim, que ela

iria".

Nesse ano, como de costume a rainha e o seu séquito foram convidados a assistir a todas as actividades das Sanjoaninas, tendo para isso um local reservado.

O facto de ter sido rainha não contribuiu para futuras aparições na sociedade, pois continuou a "fazer a sua vida de sempre até aos dias de hoje".

Na sua opinião acha que as festas antigas eram mais bonitas, pois havia mais diversidade. "Não eram tão repetitivas pois cada dia tinha a sua actividade e além disso eram mais curtas o que favorecia os eventos festivos".



Jogos Florais (1937). A Rainha com as suas Damas: D. Antonieta Belo Pamplona e Maria Sensitiva Machado Soares Linhares de Melo Correia. Pagens: D Maria Teresa de Castro Parreira Abreu e Maria Margarida Simões Gomes Borges.

## *Programa dos Jogos Florais do ano de 1937, sendo lido pelo Chefe de Protocolo Sr. Dr. Henrique da Costa Brás.*

Primeiramente o ilustre Presidente do Município Sr. Dr. Elmiro Mendes vos há-de proferir uma alocução de abertura, indicando o significado e valor do certame.

E, em seguida, a gentil D. Isabel de Oliveira Lima, dirá uma saudação em verso, composta expressamente para este dia, por desconhecido poeta, que oculta modestamente o seu nome.

Depois, Ramiro Valadão, estudante de mocidade, de juvenil entusiasmo, há-de falar-vos "ditirecubas", de Poesia, de Beleza e de amor.

Então, seguir-se-á a apresentação das composições poéticas que o júri escolheu para prémios e menções honrosas dentre os concorrentes a estes Jogos Florais.

Começa-se pela poesia filosófica, que obteve o prémio - A Rosa de Ouro - e que é subordinada a um tema em verso, previamente tornado público, continuando-se pela poesia nacionalista, escolhida para segundo prémio, e seguindo-se a composição "Ad Libitum" que mereceu o terceiro prémio.

A "Rosa de Ouro" coube ao Poeta que se esconde sob a divisa "Crisântemo Azul";

O "Botão de Rosa" a "Legionário".

O "Malmequer" à divisa "Ditosa Pátria que tais filhos tens".

Seguir-se-á a poesia popular, de divisa "Maria" à qual coube o quarto prémio (caravela de ouro).

Tanto essas poesias como as que receberam menções honrosas, serão lidas, ou pelos seus autores, se o quiserem

fazer, ou por gentes declamadoras, conforme eu, Director do Protocolo, irei anunciando.

Depois, numa rápida evocação do passado, serão lembrados alguns Poetas Terceirenses que em anteriores torneios também não foram esquecidos - assim, a figura torturada e gentilíssima do Dr. Manuel António Lima.

Surgirá, ante uma Comovida Saudade, nos seus mais belos versos; a figurinha delicada e pequenina da Adelaide Sodré, que por entre nós perpassou quase ignorada, e cujas mãos graciosas que desferiram suavíssimos" acordes da lira panteísta se votaram depois ao serviço da Caridade Cristã, dos pobres, dos velhinhos, das crianças e dos enfermos, o Dr. Henrique Brás, de requintada sensibilidade, coração eternamente enamorado de Beleza, e cujo nome nos evoca as mais belas horas de arte desta nossa Terra Terceirense.

O Sexteto Vieira da Silva executará selectos números de música.

E, por fim, o Senhor Presidente da Câmara proferirá algumas palavras de encerramento.

Eis, minhas Senhoras e meus Senhores, o que será a festa.

Finis

Laus Deo

*(Extraído da revista do Jornal de Angra  
n.º 761/07 de Agosto de 1937)*

A C I D A D E E M F E S T A

# AS FESTAS DA CIDADE



## Rainha das Festas 1958

D. Maria da Graça Henriques Simões Flores, prendada filha do sr. Dr. Henrique Henriques Flores e da Sr.<sup>a</sup> D. Maria Alvarina Valadão Simões Flores.

## Velha Tradição que Ressurge

Foi com alegria e satisfação que vimos ressurgir em 1958 as Festas da Cidade (as Festas de São João) famosas desde o início do povoamento. Festas estas que não se realizavam por consequência há 22 anos e que haviam sido sepultadas pela poeira do tempo.

Constituída uma Comissão Organizadora e após terem vencido todos os obstáculos, sem desfalecimentos, esse punhado de Angrenses, conseguiram pôr em marcha, fazer reviver, uma velha Tradição Terceirense bem popular «As Festas da Cidade».

E com um programa sensacional elas surgiram com o Cortejo da Rainha das Festas, Iluminações, Touradas, Concursos, Jogos Florais, Exposições, Fogos de Artifício, Romarias, Música, Luz e Côr.



A Comissão Organizadora das Festas da Cidade de 1958: da esquerda para a direita, no 1.º plano — José G. Leonardo, Jorge L. Bettencourt, Rafael Lisboa (Presidente), Arnaldo F. Lobão, José S. da Costa e Adalberto Martins; no 2.º plano — José de C. Parreira, Guilherme P. C. Brum, Raul G. Lestinho, David F. de Melo e João V. Valentim

## Ano de 1958

Após largos anos de interregno Angra do Heroísmo encheu-se novamente de luz e fogo de artifício para o recomeço das Festas Sanjoaninas.

Muitas pessoas, ao longo das ruas, passeios e nas varandas preparavam-se para assistir ao cortejo real.



Decoração da Praça Velha (1958)

Toques de clarim anunciaram o começo do cortejo: à frente três cavaleiros montados em corcéis empunhavam bandeiras representativas.

Em seguida os Bombeiros Voluntários de Angra do Heroísmo dispostos simetricamente em duas viaturas seguravam pequenos tubos de lumes multicores.

As aias da Rainha desfilaram em automóveis.

A finalizar o cortejo um outro automóvel transportava a Rainha das Festas, Sra. D. Maria da Graça Simões Flores.

Este cortejo dirigiu-se para as portas do Município, tendo a Rainha e o seu séquito dirigido-se ao Salão Nobre onde decorreu a sessão solene.

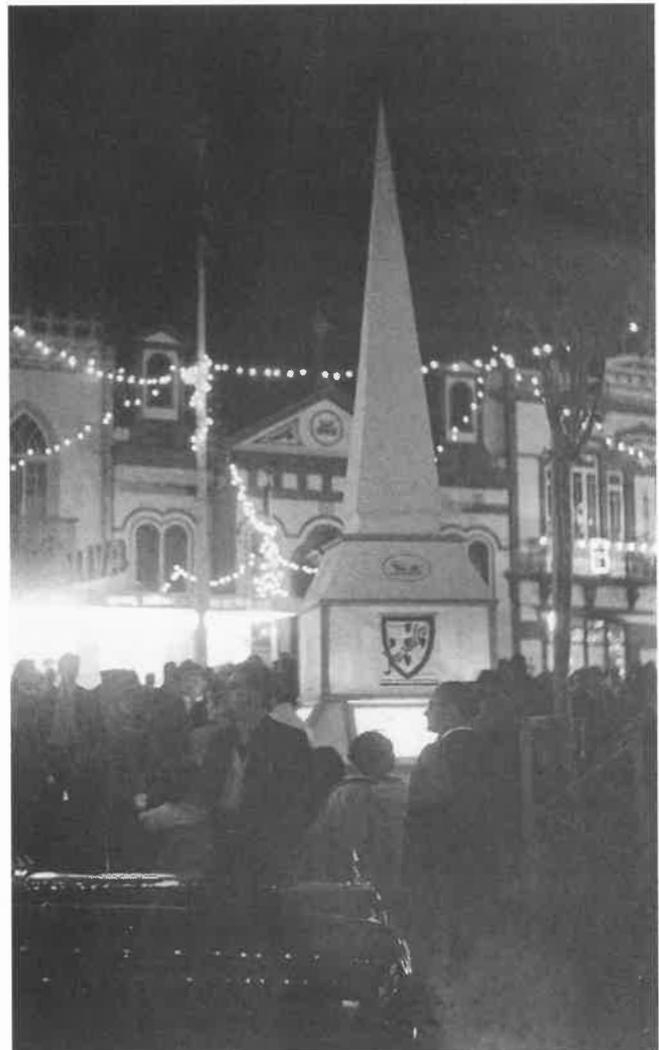
### *“Festas Velhas - Festas Novas”*

*(extraído do Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira apresentava o texto na íntegra)*

Auto declamado na Abertura das Festas da cidade de Angra do Heroísmo do ano de 1958.

*Por: Maria Francisca Bettencourt  
(Maria do Céu)*

A “Rainha” no trono e as suas “aias” fazem o fundo. De cada lado, num plano mais saliente as duas “Festas Novas e Festas Velhas”. Estas vestem de cor para destacar das “aias” que vestem de branco. As “Festas Velhas” trajam à antiga. O “Chefe de Protocolo” aproxima-se da Rainha que lhe entrega o clássico rolo de pergaminho, com a “Saudação” ao povo. Desenrola-o e dirigindo-se ao povo, lê:



Cópia do Monumento da Memória instalada na Praça Velha (1958)



A Rainha D. Maria da Graça Simões Flores (1958)



A Rainha no Salão Nobre da Câmara



A Rainha e o Séquito no Salão Nobre da Câmara Municipal

**Chefe de Protocolo** - Eu, em nome de Sua Majestade,  
A Rainha das Festas da Cidade,  
Leio:

### SAUDAÇÃO

Eu vos saúdo ó Ilhas dos Açores,  
Formosos alcantis de sonho e lava,  
Onde tudo é planta, viça e cresce,  
Desde o trigo aos palmares africanos,  
Desde o musgo às frondentes araucárias,  
Desde os línquenes aos úberes milharais! ...  
Pequeninos canteiros florescentes,  
De variadas flores e matizes  
De que a vista se enleia e se namora!...  
Conchinhas de esmeralda, baloiçando  
Por sobre a linfa azul do Oceano,  
Deste mar, caprichoso, de altas vagas,  
Que ora as vêm fustigar, ora as abraça!...  
Castelos de basalto, aonde mora  
O escol varonil da nossa raça,  
Desta raça que soube “dilatarse”  
A fé e o Império” para além do mar...  
Que os “novos mundos” deu ao mundo antigo  
“E a luz da fé aos peitos obscuros”!...  
Estâncias de repouso, calma e paz...  
Escrínios de poesia e de beleza  
Onde bem pródiga foi a Natureza!  
Eu vos saúdo, desde as caravelas,  
Que além da linha incerta do horizonte,  
Desenharam um dia a esperança nova  
Das suas corajosas brancas velas!  
- As Naus, que Frei Gonçalo trouxe aqui,  
Na rota tormentosa nestas ondas,  
No rumo esperançoso do poente...

### Eco - RUMO AO POENTE...?

Deixai partir as brancas caravelas  
No rumo esperançoso do Poente!...  
Trazem a cruz a dirigir-lhes as velas,  
E o sonho que as conduz é excelente!

Olhos ansiosos, que chorais ao vê-las  
Partir, erguei-vos numa esperança ardente!...  
Deixai-os vir, - e não temais por elas,  
Que é divina missão a dessa gente!  
- Deixai vencer-lhe o sonho de grandeza!...  
Vêm tornar grande a terra Portuguesa...  
E Senhora da Graça é que as conduz...

E as Naus de Frei Gonçalo - proa avant,  
Vencendo os medos deste mar gigante  
Hão-de aportar à ILHA DE JESUS!...

**Chefe de Protocolo** - Eu te saúdo ó minha amada terra,  
Ilha, que um nome tens maior que o teu;

- “Terceira de Jesus” terra que foste  
Espelho de grandezas e de glórias,  
Solar de nobres e altar de santos,  
Ninho de heróis, galé de navegantes  
E de descobridores!  
Eu te saúdo, desde aquela aurora  
Em que, soberbo, o Galeão do Infante  
Te veio, as virgens praias povoar!

**Chefe de protocolo:** Eu te saúdo encantadora Angra,  
Princesa destas ilhas bem-fadadas,  
Em teu alcandorado varandim  
De altas rochas, presa e debruçada  
A namorar eterna, o mar sem fim!...  
Eu te saúdo povo terceirense,  
Que trabalhas a rir e a cantar,  
Que cavas os teus campos, mas que corres  
Como um menino atrás dum toiro, bravo...  
Povo cortês, alegre e hospitaleiro,  
Forte na Fé, e firme na tradição,  
Filho bom desta alegre “Ilha Lilás”  
Cujo viver desmente o saudosismo  
Deste lilás do nome que te deram,  
E que antes “rubro” deveria ser!...

### Eco - ILHA RUBRA...

Ó linda Ilha Terceira - ó minha pequenina  
Conchinha de esmeralda, boiando sobre o mar!  
- És pequenina, sim, mas foste a heroína  
Dos feitos mais sublimes, que a história há-de narrar!...

Chamar-te Ilha Lilás...- é ironia fina...  
- Não seria por mal... ,as foi por não pensar...  
Lilás, é côr que lembra saudade, dôr, ruína...  
E a tua vida é força e riso a borbotar!...

Ilha Rubra sim, é que tu deves ser!  
- Só este nome então de facto te cabia -  
Vermelho é côr de glória, de sol e de prazer...  
- Metade da bandeira ovante, que nos guia...

Para mim não cabe bem ficar, prevalecer  
Em ti a côr lilaz dum triste fim do dia.  
- Poente, não há cá - mas nobre renascer...  
Vermelha é que hás-de ser - Vermelha de ousadia!

Rubra do sol vermelho das toiradas,  
Do sangue moço a rir às gargalhadas,  
Da nossa história, em sangue nobre erguida!

- Côr do meu coração a que andas presa...  
Pois tu também, na Terra Portuguesa  
Já foste o coração, o centro, a vida!

**Chefe de Protocolo** - E a vós, nobres estranhos a esta terra,

Que connosco viveis e trabalhais  
 E o mesmo pão e dores partilhais,  
 Eu vos saúdo!  
 E finalmente, ilustres forasteiros,  
 Que nesta hora aqui viestes ter  
 Para gozar connosco as nossas Festas  
 O meu desejo e saudação é esta:  
 - Deixai-vos aqui estar, que estamos bem convosco!...  
 Mas se tiverdes de partir, desejo  
 Que nos olhos leveis imagem bela...  
 - Dos nossos arraiais muita alegria,  
 De nós boa impressão e amizade!

E fique-nos ainda esta esperança:  
 Que de tudo guardeis feliz lembrança!  
*(enrolando o pergaminho)*  
 Por ordem de Sua Majestade  
 A Rainha das Festas da Cidade  
 Li: SAUDAÇÃO.

**Festas Velhas** - (Fazendo vénia à Rainha)  
 - Gentil e Real Senhora!  
 (a mesma vénia ao povo)  
 - Senhores que me escutais!  
 ... Chamaram-me... eu aqui estou...

**Festas Novas** - E quem sois vós, nobre Dama?...

**Festas Velhas** - Alguém, que o presente chama  
 Para falar do passado...  
 - Um passado glorioso,  
 Inesquecível, saudoso...

**Festas Novas** - Mas quem sois vós, de verdade?...

**Festas Velhas** - Eu, gentil nobre Donzela,  
 Sou... as "Festas da Cidade"  
 Desta Cidade de outrora...  
 - Da que foi Dona e Senhora  
 De todo este Arquipélago!...  
 - Minha Cidade famosa!...  
 Como me sinto feliz  
 Por poderem os meus olhos  
 Voltar a ver-te de novo!  
 - Meu leal e nobre povo,  
 Que bem me sinto entre vós!...

**Festas Novas** - Sois então as lindas "Festas"  
 Do tempo dos meus avós?...

**Festas Velhas** - Sim, minha gentil donzela...  
 E poderei eu também  
 Saber com quem estou falando?

**Festas Novas** - Pois podeis, minha Senhora...  
 Eu... sou as Festas de agora

Sou as "Festas da Cidade"  
 Deste ano que vem correndo...

**Festas Velhas** - Verdade o que estais dizendo?  
 E vós donzela sabeis  
 Ao que fui aqui chamada?!...

**Festas Novas** - Vós o dissestes Senhora...  
 De certo para nos contares  
 A beleza e esplendor  
 De que fostes rodeada...

- Falai do vosso passado!

**Festas Velhas** - O passado esplendoroso!  
 Jamais será igualado!

Mas agora estou notando  
 Como isto está transformado!...  
 - Mas direi, para melhor...

**Festas Novas** - Reparai, nobre Senhora!...  
 Olhai bem... tudo ao redor...

**Festas Velhas** - Mas... as ruas são as mesmas...  
 Ainda o mesmo elegante  
 E espaçoso traçado...  
 Mas as casas mais bonitas...  
 Tudo mais fresco e alindado...  
 - E que luz, que claridade!  
 - Tudo tão iluminado!...

**Festas Novas** - Mas contai Senhora minha,  
 Como fostes no passado!...  
 Todos estão ansiosos  
 Por ouvir a vossa história!

**Festas Velhas** - Pois... começo por dizer,  
 - Se me acudir a memória -  
 Que esta famosa Cidade  
 (suspira)- Ai Donzela, que saudade!... - .  
 Foi a antiga capital  
 Destas Ilhas encantadas...  
 - Salão Nobre dos Açores -  
 Chegou a ser capital  
 Do Reino de Portugal!...  
 - Nesta fidalga Cidade  
 Houve palácio Real!...

**Festas Novas** - Sabemos, Senhora minha...  
 A história fala-nos bem  
 Desse tempo sem igual!...

**Festas Velhas** - Mas, como eu ia dizendo,  
 As Festas de São João,  
 - Ou as "Festas da Cidade",

A quem D. João Segundo  
Deu foros de realeza,  
Sabeis que nome tiveram?...  
Este, de "Festas Reais"!...  
- E aqui o foram de facto  
Mais que em outra qualquer parte...-  
Pelo fausto, beleza e arte!...

**Festas Novas** - Mas continuai Senhora!...  
Contai sempre... contai mais,  
Que eu estou muito interessada!...

**Festas Velhas** - Ora, como a fina flor  
Da fidalguia do Reino  
Aqui vi instalada...  
E as Naus, que vinham da Índia,  
Primeiro aqui aportavam  
E cá riquezas deixavam,  
Tudo vestia esplendor!...

Na véspera de S. João,  
Havia o "Bando" chamado,  
Pelo qual o povo todo,  
Era às "Festas" convocado...

Depois, as "Encamisadas" ...  
- Num cortejo grandioso  
De fidalgos Cavaleiros  
Em seus cavalos garbosos,  
Com ferraduras de prata  
E arreios preciosos,  
Que atravessava a Cidade,  
Conduzindo pelas mãos  
Do menino da Nobreza  
Um pendão de seda rubra,  
Com um formoso "Agnus Dei"  
Bordado a ouro de lei...

**Festas Novas** - Ó que fausto, que grandeza!

**Festas Velhas** - Cada fidalgo levava  
Um, ou dois Pajens consigo...  
- E as lanças altas espadas,  
De lavrado e rico punho,  
Brilhavam ao sol de Junho  
De mistura ao colorido  
Dos escudos brasonados,  
Dos chapéu emplumachados  
Dos veludos e cetins...  
Dos penachos e das fitas...  
Com tal brilho e tais riquezas,  
Que os cronistas desse tempo  
Descrevem estas grandezas  
Como coisas nunca vistas...  
E chegam a censurar  
A Cidade, por mostrá-las

Aos imensos forasteiros,  
Nacionais e estrangeiros,  
Que então, por aqui passavam,  
E aqui permaneciam...

- E que bem então sabiam  
Hospedar, e receber!...

**Festas Novas** - Também hoje nobre Senhora,  
Temos a honra e o prazer  
De hospedar gente de fora!...

- Hoje, como antigamente,  
Angra, acolhe toda a gente!...

**Festas Velhas** - Tenho gosto que assim seja!...  
Não é justo que se percam  
Maneiras de fidalguia...

**Festas Novas** - Embora se vão perdendo...  
Ainda há porte e cortesia...  
- Mas, continuai Senhora!...  
Todos gostamos de ouvir...

**Festas Velhas** - Depois... havia a seguir,  
As "Justas" e os "Torneios"...  
Os jogos de galhardia,  
Em que às lutas se adestravam  
Os moços da Fidalguia...

(Apontando) Aqui mesmo, nesta Praça (Praça da  
Restauração)

Armada em anfiteatro,  
Com camarotes, bancadas,  
E tribunas, adornadas  
Das mais ricas colgaduras,  
De damascos e veludos  
Com franjas e bordaduras...  
Servindo de pedestal  
Aos rostos encantadores  
Das aparições de então,  
que eram tidas pelas mais belas,  
E mais gentis dos Açores!...  
- E até de Portugal...

**Festas Novas** - Hoje então, Senhora minha,  
Não é fácil distinguir  
Entre o falso...e o natural...

**Festas Velhas** - Mas... esquecia dizer...  
- Ai, esta minha cabeça!...  
É natural que me esqueça...  
Tantos séculos já passados!

Na manhã do grande dia  
Da Festa de S. João,  
Em vistosa cavalgada,

Vinha a Nobreza montada,  
Ouvir missa e comungar...  
A capelinha era ali (aponta)  
Ao canto daquela rua  
Que inda hoje tem o seu nome  
- A rua de S. João...

E dos seus pajens seguidos,  
Os fidalgos cavaleiros,  
Sem desmontar, mas erguidos  
Nos estribos, com destreza,  
Recebiam da varanda,  
Das mãos unguidas do Bispo,  
A sagrada Comunhão...

**Festas Novas** - Ó que visão de beleza!

**Festas Velhas** - Sim. Tendes razão Donzela,  
Era a cerimónia mais bela!...

**Festas Novas** - Mais bela e impressionante...  
E depois, Senhora minha.  
Que mais se fazia então?...

**Festas Velhas** - O festejo culminante:  
Touradas no redondel...  
Quinze toiros ferocíssimos...  
Lidados em pontas vivas,  
À velha moda de Espanha...  
Por entre aplausos e vivas,  
Sorrisos e emoção...  
Não faltando os "Marialvas"  
Com galhardas cortesias...

**Festas Novas** - Isso ainda é dos nossos dias...

**Festas Velhas** - Vieram depois as danças,  
Competições e concertos...  
E até graça e poesia  
Dos lindos "Jogos Florais"...

**Festas Novas** - Como eram encantadoras  
As vossas "Festas Reais"!...

**Festas Velhas** - E agora, gentil Donzela,  
Não poderei eu saber  
Também o vosso programa?...

**Festas Novas** - Com certeza, nobre Dama,  
Tenho gosto em vo-lo dizer...

**Festas Velhas** - Talvez não vá desmerecer  
As minhas festas passadas...

**Festas Novas** - Sim... talvez... vamos a ver...

Em vez das "Encamisadas"  
Teremos uma vistosa,  
Alegre e espectacular  
"Espera de Gado Bravo"  
Onde também haverá,  
Entre muita gente a pé  
Cavaleiros muito bem montados  
Jovens destros e garbosos  
Como aqueles do vosso tempo...

**Festas Velhas** - Muito bem... E que mais é?...

**Festas Novas** - Em vez das "justas", "torneios",  
Em que os jovens se adestravam  
Para as lutas, para a guerra  
Em que tanto se exaltaram  
Para a Glória desta Terra...  
Teremos os desafios,  
Os concertos, as corridas,  
Em que atletas bem formados,  
Se divertem sem pensar  
Que a guerra possa existir,  
- Que os homens possam matar...

**Festas Velhas** - Muito bem! Estou de acordo,  
Sinto-me entusiasmada!...  
E toiradas... haverá?...

**Festas Novas** - Pois haverá, com certeza...  
Ainda hoje, na Terceira,  
É a festa preferida...  
- Duas toiradas de corda;  
Duas toiradas de praça...  
Com menos toiros na "lida"  
Mas com arte e valentia...  
Com a diferença também  
Que já não são os fidalgos  
A actuar no redondel...  
Mas sim artistas famosos,  
Que em meneios de destreza,  
Em "passes" habilidosos,  
Nos fazem entusiasmar  
E os camarotes também  
Se hão-de mostrar adornados,  
Dando côr à velha Praça...

**Festas Velhas** - Onde não há-de faltar,  
Também a beleza e graça  
Das raparigas de agora...  
Pois já vi que na Terceira  
Belas moças sempre as há...  
E que mais, disse-me lá?...

**Festas Novas** - Cortejos religiosos,  
Arraias e exposições...

Lindo fogo de artifício,  
Regatas e iluminações  
De feérico e lindo efeito  
Como aquelas que ides ver...

**Festas Velhas** - Pois sempre vos vou dizer  
Que as minhas festas de outrora  
Em nada desmerecerão  
As vossas Festas de agora...

**Festas Novas** - Serão favores Senhora?...

**Festas Velhas** - Não Donzela, é a verdade!  
E, só me resta partir...  
Vou regressar ao passado  
Satisfeita e convencida  
De que ainda há boa vontade,  
Alegria e mocidade,  
Nesta ilha encantadora...  
Que Angra continua a ser  
Uma formosa Cidade!...

Adeus, mui nobre Donzela,  
(*vénia à Rainha*) Alteza Real - Adeus!...  
Obrigada vos estou  
Por esta lição tão bela...

**Festas Novas** - Obrigados somos nós  
Por nos ter dado o ensejo  
De ficar a conhecê-la!

**Festas Velhas** - (Cumprimenta e afasta-se)

**Festas Novas** - (Voltando-se para a Rainha)

Ouvistes Real Senhora?...  
E agora,  
Que destinais que se faça?...

**Rainha** - (pondo-se de pé com imponência)

Eu... neste ano da Graça  
De mil novecentos e cinquenta e oito  
Na Terceira de Jesus,  
Como Rainha das Festas  
Desta mui nobre Cidade  
De Angra do Heroísmo,  
Para não faltar à verdade  
De tão rica tradição,  
Por tudo o que me dizeis,  
E também se manifesta...  
Mando...  
Que se dê princípio à Festa!

Representado em frente do Município na Praça da Restauração (Actual Praça Velha).

Após a leitura deste extenso mas precioso auto podemos constatar documentalmente o que foi afirmado no decurso do capítulo: "origens". É apresentado um "confronto" de contexto programático destas festividades, uma vez que a partir de 1958 passaram a realizar-se com outro modelo.

Inclusivamente os interregnos para a realização das "Festas da Cidade" serão substancialmente reduzidos (tornam-se mais periódicas. A oposição entre "Festas Velhas e Festas Novas" é de substancial interesse pois aparece um diálogo marcado pela oposição passado – presente .

A sensação de continuidade traduz-se pelas palavras: beleza; claridade; grandeza; "hospedar gente de fora"; cortesia; toiros e valentia; arraiais; exposições; fogo de artifício e acima de tudo muita alegria...

## Ano de 1959

As Festas Sanjoaninas começaram uma vez mais com o cortejo real que iniciou o seu percurso nos portões de São Pedro.

O primeiro carro alegórico encontrava-se coberto de verduras e hortenses - nele vinha o chefe de protocolo.

Acompanhando o desfile vinham três trombeteiros anunciando a chegada da Rainha, D. Ana Maria Costa. Ao longe já se avistava o carro (coberto de hortenses), onde ressaltava a imponência, esplendor de sua alteza real.

Acompanhada de seus pajens e damas de honor, Sua Majestade distribuía sorrisos simpáticos “à multidão que não arredou pé”.



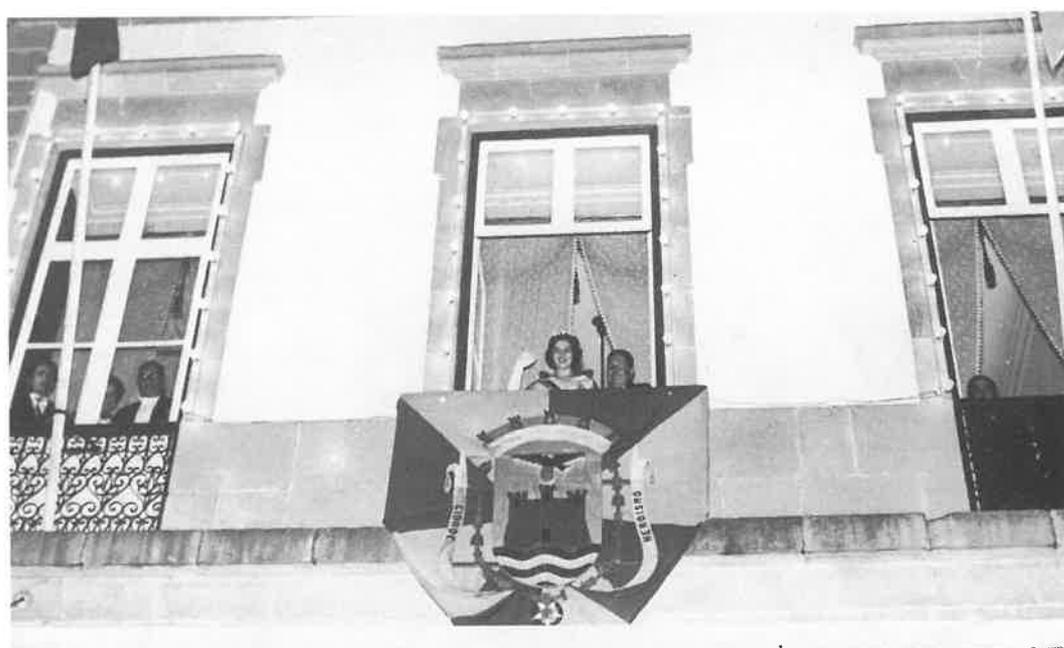
Rainha das Festas - D. Ana Maria Costa (1959)



O carro alegórico onde seguiam a Rainha e o Séquito (1959)



A Rainha Ana Maria Costa nos Paços do Concelho



Saudação da Rainha na janela da Câmara Municipal (Jogos Florais - 25/06/59)



Jogos Florais (25/06/1959)

### **Damas de Honor:**

#### **Senhoras:**

- D. Deodete Maria Alves Leal
- D. Margarida Maria Meneses Borba
- D. Maria Angra Reis Leite
- D. Maria Isabel Figueiredo Gouveia
- D. Maria Luísa Costa
- D. Maria Lusa Teixeira Gomes
- D. Maria Manuela Silva Vale
- D. Maria Margarida Cardoso de Sousa
- D. Maria Natalina Paim
- D. Maria Teresa Franco Pato François
- D. Maria Zita Teixeira Gomes
- D. Rosa Maria Vieira Cardoso.

#### **Pajens:**

- D. Maria Teresa Sousa da Costa
- D. Maria Raquel Falcão Berbereia



Durante os Jogos Florais

## Ano de 1960



Cortejo do Dia 22/06/1960

No cortejo real do ano de 1960 D. Maria Angra Reis Leite, Rainha das Festas, desfilou com postura e dignidade num carro alegórico que se assemelhava a uma réplica do Castelo de São João Baptista.

Trajava um riquíssimo vestido branco de pesado cetim. Ao seu redor encontravam-se os pajens e as gentis damas.

No dia 26 de Junho realizou-se o desfile diurno de vários

carros alegóricos sendo o primeiro da Academia do Liceu representando o ambiente da sala de aula; em seguida apresentou-se o carro dos Lacticínios da Terceira, o carro das tintas "São João", o carro de uma cena da vida regional demonstrando uma casa tradicional, um carro da Empresa de Construções Angrense, outro da Robical e finalmente o carro da Federação de Lacticínios.



A Rainha e o seu Séquito (a fotografia foi tirada na casa da Rainha no Caminho de Baixo)



A Rainha D. Maria Angra Reis Leite (1960)



Jogos Florais (25/06/1960)



Padre Coelho de Sousa declamando no decurso dos Jogos Florais (1960)



Momento musical dos Jogos Florais - 1960 (Concerto de Piano - acompanhado ao violino pelo músico Sr. Arraial)



Rainha acompanhada pelo Presidente da Câmara (Dr. Baptista de Lima) e pelo Chefe de Protocolo (Dr. Reis Leite)



Cortejo Diurno (1960)



Cortejo de Carros Alegóricos



Outro pormenor do cortejo diruno



A Rainha saudando a população (Cortejo Diurno - 26/06/1960)

**Ano de 1962**

A multidão na Praça Velha

Desfilou ao longo da Rua da Sé, D. Fernanda Castro Reis e Almeida, Rainha das Festas da Cidade de 1962, acompanhada pelo séquito real, damas de honor, pajens, arauto e chefe de protocolo (Luís Filipe Cota Bettencourt Moniz).

Os carros alegóricos constitutivos do séquito real estavam ornamentados de forma subtil, assim como a Rainha demonstrava imponência devido ao seu traje elegante.

Mais uma vez com o abrir da iluminação realizou-se uma noite pautada por um certo cunho de evento aristocrático.



A Rainha D. Fernanda Castro Reis e Almeida e o seu Séquito na Praça Velha



3 Rainhas: D. Ana Maria Costa; D. Fernanda Castro Reis e Almeida e D. Maria Angra Reis Leite



Jogos Florais (Junho de 1962)

## Ano de 1963



Cortejo da Rainha - Rua da Sé

Neste ano, Angra do Heroísmo, abriu mais uma vez as suas portas para acolher o cortejo da Rainha. Leonor Corte Real Rego da Silva foi a sublime representante de Angra.

Como já vem sendo hábito encontrava-se acompanhada pelos seus pajens e damas de honor. O cortejo era constituído por seis carros, cinco deles ornamentados com bonitas flores amarelas, verdes, brancas, lilazes e azuis.

No carro real, encontrava-se a rainha que emergia de pétalas enormes, a camareira e seus pajens. Nos restantes carros encontravam-se as damas.

Terminado o cortejo na Praça Velha foi lido pela camareira o programa das festas, tendo a Rainha proferido uma proclamação.



A Rainha D. Leonor Corte Real Rego da Silva



Outro pormenor da Rainha (1963) - chegada à Câmara Municipal no dia da Inauguração das Festas



Descida da escadaria da Câmara Municipal no Dia da Inauguração das Festas



Saída da Rainha dos Paços do Concelho (1963)

## Ano de 1966



A Rainha e o seu Séquito

O cortejo real iniciou-se no Caminho de Baixo, junto à residência da rainha das festas D. Maria das Mercês Ferreira de Matos.

Anunciando o cortejo vinham taroleiros e chameleiros trajando uniformes azuis e escarlata. Seguidamente, três automóveis transportavam o chefe do protocolo, José

Duarte Barcelos da Costa e as ordenanças de sua majestade.

As damas seguiam em quatro carros figurando gigantescos cisnes. O carro da Rainha, representava um trono e escadaria e "Sua Alteza" tinha como acompanhantes a camareira e dois pajens.



Cortejo de Abertura



A Rainha D. Maria das Mercês Ferreira de Matos lendo o discurso no Salão Nobre da Câmara Municipal



Na escadaria dos Paços do Concelho (Rainha; Camareiras, Pajes e Chefe do Protocolo)



Aspecto da leitura do Programa das Festas no Adro da Sé

## Ano de 1968



Pormenor de um carro do Cortejo

Este cortejo contou com apenas um carro alegórico que era uma fantasia baseada em setas de Cupido, onde seguia a Rainha, Maria do Amparo Pereira, e suas damas de honor e pajens que para surpresa geral tratavam-se de dois Cupidos, cada qual com seus carcás bem munidos de setas.

Num automóvel aberto ia o chefe do protocolo.

O cortejo real foi anunciado por quatro filarmónicas e por

dezoito batedores em motocicletas.

A rainha das festas estava deslumbrante; coroada com um diadema de fio de ouro composto por 246 pérolas.

Trajava um vestido com manto estilo "Império" de tecido de nylon suíço branco, mangas de balão, uma cauda com cerca de um metro, luvas brancas de pelica e sapatos de cetim vermelho.



Carro com a Rainha das Festas e suas Camareiras



A Rainha D. Maria Amparo Pereira (1968)



A Rainha e o seu Séquito na Câmara Municipal



Outro aspecto do Séquito Real (1968)



A Rainha saudando e apresentando Miss Tulare



A Rainha e 2 Camareiras posando com Miss Tulare na Câmara Municipal

## Ano de 1970

Angra vestiu-se a preceito para mais dez dias de festa. Todos os monumentos da cidade encontravam-se cheios de luzes coloridas apelando para a festividade. O povo acorreu à cidade para presenciar o cortejo da rainha, um dos acontecimentos mais importantes destas festas maiores da ilha Terceira.

O desfile da rainha foi anunciado por uma cavalhada em belas montadas, abrindo com um “poney”, guiado por uma menina – Susana de Bruges Dinis Toledo. Faziam parte da cavalhada doze cavaleiros e uma amazona - esta americana (Mrs. Margolyn Ohheistorm) e um outro americano (Capt. Edward Magee). Os cavaleiros terceirenses eram: António Fonseca Paím da Câmara Carvão, Francisco Jorge Soares Pamplona Reis, Gaspar Baldaya do Rego Botelho, João Carlos Soares Pamplona Reis, José Albino Fernandes, José Eduardo Fernandes, José Gabriel Dinis Toledo, Raúl Marino Alves Pamplona Reis e José Baldaya da Câmara Rego Botelho. Abriam o cortejo empunhando a bandeira Nacional e a bandeira do Município. A banda anunciava a proximidade do Cortejo Real, cuja fantasia vestiu as damas, camareira e rainha.

“Fantasia” – um diadema e duzentos brilhantes, foi o tema fulcral do cortejo cujos vestidos eram românticos, floridos e vaporosos. Damas e camareira trajavam de organdi com modelos idênticos. A rainha também vestida de organdi, mas branco ostentava um manto azul muito largo, forrado a seda fulgurante cor de cinza, pendendo de alças formadas por conchas de branco nacarado enfiada de duplo renque de pérolas e caindo das costas em diagonal que descia à direita até à cintura.

Maria João Santos Afonso (rainha), desfilou num carro aparatoso e monumental simbolizando borboletas esvoaçantes que os pajens guiavam. Maria Leonor Baptista Forjaz (camareira), Maria Helena Rocha Costa e Silva, Maria Teresa Alcaçova de Ornelas Bruges, Ana Maria Soares Monteiro Paes, Anabela Maria Meneses Pinheiro, Isabel Maria Freitas de Lacerda e Areia, Maria Manuela de Freitas, Maria de Lurdes Correia Borges Barcelos, Maria Teresa Sá Pereira Raposo foram as damas que acompanharam a rainha. O chefe do protocolo foi Luís Braz e os pajens foram Margarida Maria Parreira Braz da Silveira Rodrigues e Maria Luísa Parreira da Costa Bráz



O Séquito Real (1970)-



Saudação da Rainha D. Maria João Santos Afonso

Nota: é interessante referir que uma equipa da RTP deslocou-se propositadamente à Terceira para fazer uma reportagem do cortejo de abertura das festas Sanjoaninas.

## Discurso de saudação da rainha Angra do Heroísmo 1970

“Cidade de Angra em festa:

Duas palavras apenas: uma para saudar este povo angrense que veio à festa da sua cidade; a outra dedicada à nossa terra, na evocação sentida do que a história marca, no olhar do que perpassa à nossa volta, no pensar enquanto podemos vir a ser no futuro, no futuro, que, dia a dia e plano a plano, se coloca ao alcance da comunidade.

Somos um todo: os que estão presentes e os que estão connosco em espírito, escutando os ecos do que decorre aqui nestes momentos fugazes de abertura do festival angrense.

Somos um todo e connosco estão os angrenses espalhados pelo mundo. E se aos presentes cabe partilhar desta folga no trabalho e desta visão animada e colorida pela noite dentro dos Açores, aos outros – aos ausentes – talvez saiba ainda melhor, pelo espinho da saudade, imaginar a beleza desta ocasião para a qual tantos e tantos trabalharam.

Estaremos enleados na graça deste cenário mas a rainha das festas da cidade por si e interpretando o sentimento das suas aias e demais acompanhantes – como em corte se decidiu – faz voar o seu pensar até às Áfricas, que são de há séculos terras, onde jovens militares e capitães defendem Portugal, repetindo o querer milenário de um povo inteiro, o querer por amor àqueles que lá estão e se chamam irmãos.

Estamos a viver já o nosso festival. Mas as festas da cidade não se fazem só porque são precisos motivos de distração. Fazem-se para que confluam os terceirenses cada vez mais no sentido de cooperação e da amizade social.

### Angra, Angra do Heroísmo 1970.

A rainha das festas da cidade te saúda, ó Angra, aqui junto da Sé Catedral no quadricentenário da Igreja – mãe dos Açores.

E saúda-te, ó Angra, vendo as tuas belezas naturais, as tuas casa, os teus castelos, as tuas ruas, as tuas fábricas, o teu movimento, a tua graciosidade, as tuas touradas, todas as actividades deste povo nobre e alegre.

A rainha das festas da cidade muito te ama, cidade de Angra. Por isso: estas palavras com a promessa de trabalho contínuo para esta terra que é Portugal!”

Foram hoje inauguradas as festas da cidade cuja Rainha foi Maria João Santos Afonso.

Culminando alguns meses de entusiástico labor, durante os quais numerosos problemas tiveram de ser superados, iniciaram-se as festas da cidade, que se alongaram até 29 de Junho.

A um grupo de angrenses, tendo à frente o Sr. Eng. Júlio Areia, fica-se a dever a promoção de mais este festival angrense



Festas da Cidade (1970)

em que avultavam como pontos salientes, os ligados à “festa brava”, ou não fosse a Terceira uma terra de touros e toureiros.

Outras manifestações, no entanto, não deixaram de marcar presença, desde os jogos florais a espectáculos no Teatro Angrense e na Fanfara Operária, às touradas à corda, à prova automobilística, ao festival náutico, à exposição pecuária e a um conjunto de outras exposições que se revestem do maior interesse.

Associou-se, a tudo isso, essa parada de beleza e juventude que foi o cortejo da rainha, e a alegria das músicas e decorações. Tudo conjugado permite dar uma visão longínqua do que foram as Festas da Cidade há vinte e nove anos.

## 16 de Junho de 1970

**Festas da Cidade.  
No Governo Civil.**

O governador do distrito, Sr. Dr. Teotónio Machado Pires, recebeu ontem à tarde os membros da comissão da festa da cidade, tendo o respectivo presidente, Sr. Júlio Bettencourt Lacerda e Areia, apresentado o programa em edição artística que ficará a recordar o festival angrense que se inicia no

próximo sábado.

O programa ostenta o brasão angrense e, excelente composição heráldica de Abreu Lima e o texto inclui uma nota intitulada «entre o passado e o presente», sendo curioso realçar que esta nota faz menção das realizações citadinas dos últimos dois anos.

Inclui, também, uma fotografia da «rainha» das festas da cidade.

\*Nos últimos dias de preparativos, regista-se a azáfama própria de quem arranja a casa para os dias «da festa».

\*Os júris dos diversos certames tem-se reunido e sabemos que a exposição fotográfica de «Os montanheiros» conta com vários trabalhos de categoria. Os jogos locais reúnem também, ao que nos informam mais de duas centenas de trabalhos e haverá prémios tanto entre os concorrentes à secção «sénior» como à secção juvenil.

\*Vários estabelecimentos comerciais preparam exposições de montras, algumas com motivos regionais.

## Ano de 1971



A Rainha com o Séquito Real (acompanhadas por Miss Tulare)

A cidade de Angra encheu-se uma vez mais de cor e alegria para acolher as festas da cidade e nomeadamente o cortejo da Rainha, Maria Manuela Coelho de Sousa que contou com a participação especial da Miss Tulare, Amber Benton.

O cortejo teve início na Rua de Lisboa (actual Rua Direita), e deu a volta à Praça da Restauração (actual Praça Velha), subiu a Rua da Sé até ao Alto das Covas e voltou ao Adro da

Catedral.

Os cinco carros alegóricos estavam cobertos de flores encaixadas em carros de praça, sem contar com o carro de Miss Tulare que foi o primeiro a desfilar.

Em seguida desfilaram os quatro carros das damas constituídos por duas damas e dois pajens e por último o carro da Rainha em que figurava ela própria, duas camareiras, e dois pajens.



Aspecto do Cortejo da Rainha



Carro alegórico das Damas



A Rainha D. Maria Manuela Coelho de Sousa (1971)



Aspecto do Cortejo Diurno efectuado em 1971

## Ano de 1972



Cortejo da Rainha

A Rainha das Festas foi Maria Manuela Benevides acompanhada de sua camareira Ana Maria do Rego Benevides.

Este ano o cortejo não teve tema.

O cortejo saiu da casa da Sra. D. Antonieta Carvalhal em São Pedro, seguiu para o Alto das Covas, desceu a Rua da Sé e deu a volta à Praça Velha.

O cortejo nocturno era constituído por um único veículo: no ponto mais elevado encontrava-se a Rainha acompanhada por oito damas que vinham quatro de cada lado do carro, dois pajens à frente e a camareira atrás.

O Chefe de Protocolo, José Brasil, seguia num carro descapotável.

Para combinar com o carro que tinha flores dentro das quais seguiam as damas e pajens, a iluminação este ano foi também em forma de malmequeres.

No dia seguinte o séquito real deslocou-se em descapotáveis para os Paços do Concelho nomeadamente para o Salão Nobre para a entrega dos prémios dos Jogos Florais.



A Rainha D. Maria Manuela do Rego Benevides

## Ano de 1974



Apresentação da Rainha e das nove Damas

O cortejo de abertura das Festas Sanjoaninas, teve como objectivo fazer uma representação juvenil da mulher Terceirense.

A Rainha das Festas foi Maria Manuela Flores Brasil que se fez acompanhar pelas suas nove damas: Maria Leonor Sarmento, Maria Luísa Brasil, Clara Maria Sodré, Maria Baldaya Botelho, Maria Manuela Tavares da Silva, Maria de Fátima Sá Pereira, Maria Luísa Vasconcelos, Maria Zulmira Ávila, Margarida Leiria Gomes e ainda pela representação feminina da Califórnia a Miss Tulare, que esteve presente na Ilha devido à celebração dos 500 Anos das capitânias de Angra

do Heroísmo e Praia da Vitória.

Depois do cortejo e de lidas as habituais proclamações de abertura das festas houve o desfile de dois carros alegóricos, um de S. Sebastião com uma figuração da Brianda Pereira e Ferreira Drumond e outro das Lajes representando um imenso bolo de alfenim.

O cortejo de abertura foi marcado por uma simplicidade e autenticidade que salientava ainda mais a beleza da mulher Terceirense, feito sem grande ostentação. Os carros estavam todos ornamentados com hortênsias azuis, num vivo contraste



O Séquito Real ladeando a Rainha e Miss Tulare

com a brancura dos vestidos à “belle époque”.

A comissão das Festas teve como objectivo dar um colorido diferente ao cortejo, devido aos acontecimentos do 25 de Abril.



Disposição do Séquito no Adro da Sé



Carro Alegórico (1974)



A Rainha D. Maria Manuela Flores Brasil

Na Ilha, como bando humilde de gaivotas, temos vivido. A nossa luta manteve-se no limite afogado do espaço que nos foi dado habitar.

Sujeitos sempre a um passado de bafio, bem pouco nos restou que não fosse a premente necessidade duma emigração constante e da descompressão, de vez em quando, dumas Festas ditas da Cidade.

Agora, uma nova luz nos ilumina e uma esperança salutar nos percorre as veias, como seiva abundante nos pinheiros. Falaremos de barcos não já para partir, mas como quem tem o seu cais habitado pela harmonia simples duma canção que se espalhará até ao âmago de cada um de nós.

É neste rumo novo que concretizamos o Festival Sanjoanino - 1974. E...

com o programa elaborado pretendemos prestar uma modesta homenagem. Homenagem...

ao Povo Português pela nova condução dos seus destinos neste caminho de mais Justiça, que o Programa do Movimento das Forças Armadas a todos veio abrir. Homenagem...

com o coração cheio de alegria e de paz, ao Povo da Ilha! Foi para o Povo que, desde a primeira hora, planeámos estas Festas, com a pretensão (grande de mais para nós) de que elas fossem aquilo que todos esperavam.

Cabe-nos também uma saudação a todos os que vieram partilhar, nesta mesa aberta da Ilha, das nossas Festas e da nossa tradicional hospitalidade.

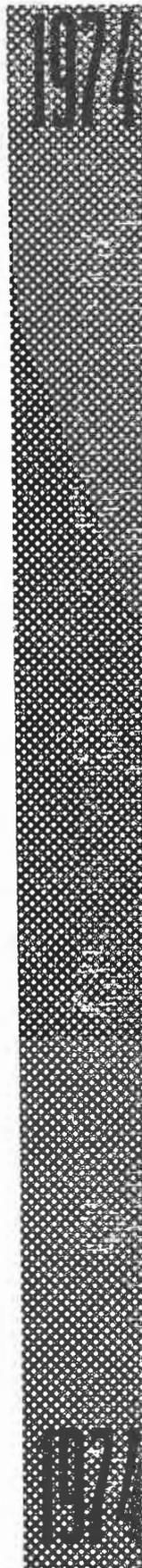
Foi propósito desta Comissão Organizadora descentralizar, quanto fosse possível, o programa Sanjoanino da restrição geográfica da Cidade de Angra. Entendemos sempre que este Festival deveria englobar toda a nossa Ilha. Démos um passo nesse sentido. Foi um passo pequeno, muito pequeno mesmo. No entanto, caberá às futuras Comissões a colocação definitiva do programa à volta da Ilha. Confiamos, para tal, no que o futuro tem para nos dizer.

E pronto. Voltamos a falar de barcos, não como uma pétala de saudosismo que se traga na lapela, mas como quem confia no enorme archote de liberdade que nos acenderam. A viagem mais bela canta-a o Povo com as vozes rubras de cravos.

Há também um ramo de hortênsias, muito azuis, para cada um.

Na Ilha, cada homem é um mundo. Por isso, cada vez mais nobre é o gesto de darmos as mãos.

#### A COMISSÃO



# Feriado Municipal

## Ano de 1976

O dia de São João costuma ser festivo marcando o feriado municipal do concelho de Angra à semelhança de outras localidades portuguesas.

Em Angra realizar-se-ia a espera de touros e, à tarde, corrida na praça de São João.

Em Nossa Senhora do Mato reunir-se-iam como é de costume muitas famílias.

1976 seria ano de festas da cidade tal como aconteceu em 1974 (o da muita chuva), mas infelizmente não se concretizaram. Para justificar o dia de São João, feriado municipal, houve pelas onze horas na Rua 25 de Abril a já tradicional espera de gado bravo com a largada de 6 touros fornecidos pelos ganaderos José Albino Fernandes, Gaspar Baldaya e Álvaro Inácio Gomes.

Para o complemento da festa brava a partir das quinze horas realizou-se na praça de touros de S. João uma corrida na qual actuaram o matador Armando Soares, o diestro Peixinho e o toureiro francês Robert Tilles.

O curro foi fornecido pelo grande ganadero José Albino Fernandes.

## Ano de 1977

O cortejo de abertura das Sanjoaninas contou com a participação de 19 carros apresentados por dezasseis freguesias rurais. Estas viaturas decoradas tiveram como função representar a vida rural das diversas localidades da Ilha Terceira, começando com a freguesia da Terra-Chã e acabando com a freguesia de São Sebastião.

O cortejo foi aberto por Maria Margarida Moniz que recitou uma saudação poética ao povo dos Açores.

Seguidamente houve um desfile de filarmónicas (ao todo treze).

## Ano de 1978

As festas Sanjoaninas da Ilha Terceira deste ano foram realizadas na nobre vila da Praia da Vitória segundo o calendário já referido. No que se refere a cortejos mencionamos

o de carros alegóricos e o cortejo principal teve como tema "A Cinderela".

## Ano de 1979

Houve um cortejo de onze carros, dez dos quais com motivos alusivos à Declaração Universal dos Direitos da Criança. Foram concebidos pelos professores e alunos das unidades escolares locais.

Relacionada com este cortejo houve uma exposição cultural de cartazes, livros e audiovisuais referentes à educação da criança que se realizou no Edifício das Obras Católicas.

A escolha desta temática prendeu-se com o facto de 1979 ter sido dedicado ao Ano Internacional da Criança.

## "Memorandum"

**Efectuado pelo Presidente das Sanjoaninas 1979 (Sr. Ildfonso Manuel Pereira da Silva)**

**Tema:** Ano Internacional da Criança (Declaração da ONU)  
- Cortejo de abertura . Carros Alegóricos, todos eles, conseguidos pelas diversas escolas da Ilha. Total liberdade dos professores e alunos para a sua concepção. À imaginação de professores e alunos foi deixado todo o resto que resultou magnificamente a nível pedagógico. A Comissão das Festas apenas apoiou financeiramente.

Por se tratar do "Ano Internacional da Criança" convidámos, e pagámos todas as despesas de deslocação, da Banda da Casa Pia de Lisboa formada pelas crianças e adolescentes. Foi um sucesso devido à qualidade musical dos seus intervenientes. Abriram o Cortejo e deram concertos no Adro da Sé.

O cartaz das Festas foi o resultado de um concurso público aberto aos artistas locais. O vencedor foi seleccionado por um Júri do qual fizeram parte o Sr. Maduro Dias (Pai) e Dr.<sup>a</sup> Helena Monjardino.

Pela primeira vez se organizou a Coroação do Espírito Santo com a participação de todos os Impérios da Ilha. Particularidade: Todas as crianças vestiram de branco e não houve crianças "pequeninas" para se evitar a presença ou necessidade de pessoas grandes no meio do desfile.

Foi o ano, creio que único, que a R.T.P. com a ajuda das câmaras de exterior do exército, transmitiu os acontecimentos

mais importantes do programa, nomeadamente, Cortejo de abertura, Coroação, Festival / Concurso da Canção etc.

Iluminação: Contratou-se uma Firma da especialidade no Continente para efectuar toda a iluminação da Rua da Sé, Rua Direita, Rua S. João, Praça Velha, Jardim Público e Adro da Sé.

Fizemos questão de NÃO HAVER MASTROS na Rua da Sé. Pediu-se aos proprietários das casas para “chumbar uns ferros nas casas” de forma a prender umas linhas de verga atravessando toda a largura da rua onde se prendiam os fios eléctricos e respectivas composições de lâmpadas e arranjos decorativos. Esta opção foi bem aceite na altura. Produziu efeitos espectaculares pela noção de maior amplitude que trouxe à Rua da Sé, “fugindo ao aspecto rural dos mastros típicos dos arraiais da Ilha”.

Houve a preocupação de alterar a estrutura das Festas criando-se espaços onde as pessoas pudessem parar. Isto é; tradicionalmente as nossas Festas fazem-se passeando nas Ruas da Sé, S. João e Rua Direita. No nosso ano utilizou-se o Adro da Sé e Praça Velha com actividades culturais, passagens de modelos e concertos vários.

O restante Programa não se afastou muito do tradicional e seria fastidioso descreve-lo aqui na totalmente.

### **Ano de 1980 a 1983**

As tradicionais festas Sanjoaninas, marcadas pela cultura popular, pelos cortejos, marchas, cantorias e outros entretenimentos foram interrompidas durante estes anos devido

à reconstrução da cidade de Angra do Heroísmo em consequência do terramoto de 1980.

Nesse ano (1980) não houve Sanjoaninas pois Angra estava destruída, e a Praia solidarizou-se no sentimento de consternação que abalava a Ilha.

Nos anos de 1981 a 1983, como a cidade de Angra estava num caos, as festas realizaram-se alternadamente na cidade da Praia da Vitória.

A partir de 1980 as festas passaram a ser consideradas as “Festas da Terceira”, sendo uma das manifestações profanas dos Açores, e como tal realizavam-se alternadamente em Angra do Heroísmo e na Praia da Vitória (facto que terminou em 1986).

### **Ano de 1984**

Neste ano e cumprindo o tema das Sanjoaninas “Pela Cultura e pelo Povo” houve um desfile de treze carros alegóricos e quatro filarmónicas representando as nossas gentes e os contextos vivencias. O cortejo concretizou-se devido à participação activa e empenhada das Casas de Povo da Terceira.

Após anos de sofrimento devido ao sismo, as artérias da nossa cidade ganharam vida para assistir à festa.

### **Ano de 1985**

Realizaram-se na Cidade da Praia da Vitória.

## Ano de 1986



Os Reis D. Carlos e D. Amélia acompanhados pelas aias no Adro da Sé

Este cortejo pretendeu representar de forma fidedigna o desembarque dos Reis D<sup>a</sup> Amélia e D. Carlos aquando da sua visita em 1901 à Terceira, comemorando-se em 1986, oitenta e cinco anos da sua deslocação à Ilha Terceira de Jesus Cristo. A originalidade traduziu-se até no desembarque de suas majestade no Cais da Alfândega.

Houve também um cortejo real que percorreu diversas artérias da cidade, não antes da Rainha Ana Bárbara Forjaz ter recebido simbólicamente as chaves da Cidade de Angra das mãos do Presidente da Câmara Municipal.

O rigor dos trajes reais e das damas impressionaram vivamente os espectadores mais atentos.

Depois do cortejo da Rainha e seu séquito seguiu-se o desfile de carros alegóricos que representavam a História: a Memória, que é um monumento histórico da nossa Cidade, a construção do Castelo de S. Filipe (actual Castelo de S. João Baptista), a colonização dos Açores, a aclamação do rei D. João IV.

Foi bonito ver a exactidão dos pormenores ostentados pelos quadros que desfilaram ao longo Rua da Sé. Tudo isto foi trabalho primoroso, e os figurantes portaram-se à altura.

O desfile foi um êxito e arrancando fortes aplausos dos espectadores que ali se encontravam.

O Séquito Real era composto pelas seguintes damas:

- Isabel Pereira de Lima
- Patrícia Rego B. Parreira
- Anabela Barcelos
- Luísa Soares
- Ana Maria Silva
- Isabel Féu Rodrigues



Aguardando a Chegada dos Monarcas no Pátio da Alfândega

## Ano de 1987

No dia da abertura das Sanjoaninas 87 houve um cortejo de cinco magníficos quadros que teve como tema “Açores no Mundo da Fantasia”. Relatava em termos alegóricos a criação das ilhas dos Açores e a decisão de Neptuno, Rei dos Mares, de estas “insulas” serem entregues a formosas princesas para serem as suas fiéis guardiãs.

Os carros eram constituídos por figuras de animais, designadamente golfinhos, a cabeça de um dragão, e uma enorme concha.

A Rainha foi Nélia Rocha.

O Séquito Real era composto por: Bárbara Ourique, Helena Vaz, Paulo Bettencourt, Isabel Silva, Augusta Bruges, Graça Borba, Bárbara Machado, Mónica Pereira, Guida Góis, Catarina Melo, Leonor Bettencourt, Paula Regina, Paula Alexandra, Irene Melo, Sandra Garcia, Helena Silveira, Leocádia Rocha, Lúcia Filipe, Laura Teves, Manuela Sousa, Carla Silveira, Sandra Costa, Ana Pereira, Sónia Borges, Natércia Silva, Marco Paulo, Soraia Ponte, Andreia Coelho, Ricardo Borges.



A saudação da Rainha Nélia Rocha

## Ano de 1988

O cortejo de 1988 tratou da lenda de Angra, da Descoberta da América, de Angra centro da cultura açoriana e de Angra e a sua herança cultural.

Cada carro tratava um destes quatro temas.  
A rainha foi Ana Maria Silva



A Rainha D. Ana Maria Silva

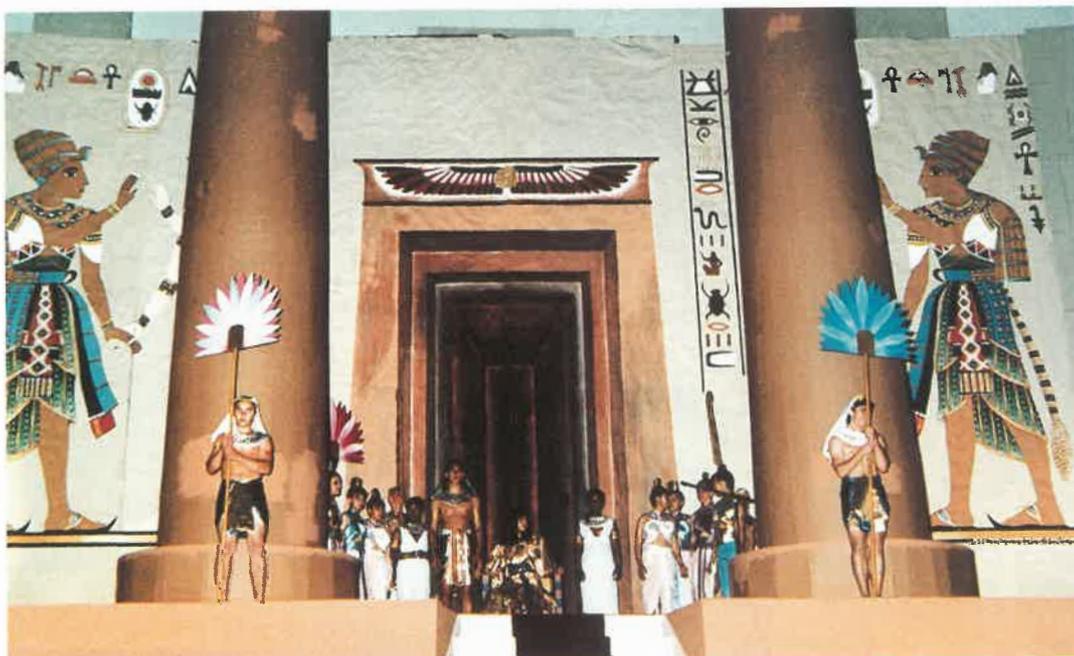


Aspecto do Carro da Rainha



A Rainha e o seu Séquito (1988)

## Ano de 1989



Ornamentação do Adro da Sé

Este ano foi marcado por um desfile diferente. Representava a vivência da velha civilização do Nilo (civilização egípcia) com destaque para a Rainha deste povo: Cleópatra.

Este cortejo foi baseado nas super produções cinematográficas de Cecil B. Mille, e até os ideólogos do cortejo criaram encenações na corte do Egito.

O séquito da Rainha, Maria Botelho, era constituído por servas, servos e todo o resto da criadagem (figurantes), e também por grupos de bailarinas que davam um ambiente

relaxante, sensual e bonito dos locais privados do Faraó.

As Aias da Rainha eram: Patrícia Berbereia; Cristina Gonçalves, Ana Pereira, Andreia Bretão, Ana Borba, Sandra Meneses, Marisa Toste, Cláudia Costa.

Foi no Adro da Sé, por entre elementos arquitectónicos de proporções gigantescas, que os espectadores assistiram a alguns momentos de maior efeito da noite.

Foi um espectáculo memorável e temos a certeza de que nunca será esquecido.



A Rainha D. Maria Botelho lendo o discurso

## Ano de 1990

Por entre o grande número de pessoas que afluíram às festas, desfilou o cortejo de abertura composto por cinco carros alegóricos desta vez dedicados às cidades irmãs de Angra do Heroísmo.

Quatro desses carros representavam as cidades de Tauton, Tulare, Évora e Angra e de seguida vinha o último carro, com o ponto mais alto das festas: a Rainha Bárbara Ourique e seu séquito.

Este era composto por: Zé Ourique (Chefe de Protocolo), Patrícia Frias, Luísa Barcelos, Marta Areia, Vanessa Costa, Cristiane Couto, Andreia Cardoso, Rute Garcia.



A Rainha D. Bárbara Ourique

## Ano de 1991

O cortejo de abertura deste ano foi inspirado nos anos 60 e nele participaram 32 jovens em homenagem à juventude da nossa Ilha Terceira.

Desfilou apenas um carro alegórico que transportou a Rainha das Festas - Andreia Bretão.

Os restantes veículos eram viaturas antigas patentes em exposição – transportavam originalmente o séquito real.

Figuraram os seguintes jovens:

Vanessa Costa

Duarte Bretão

Paulo Pinheiro / Sandra Pereira

Luís Fonseca / Isabel Correia

Gerardo Rosa / Antonieta Reis Leite

Francisco Couto / Sandra Vieira

José Paim / Joana Costa

Pedro Berbereia / Antonieta Carvalho

Duarte Monteiro / Catarina Ávila

João Toledo / Sofia Borba

António Pimentel / Sandra Sousa

Eduardo Brito / Cláudia Coelho

João Correia / Maria do Pilar

Paulo Pacheco / Rita Monteiro

Ricardo Flores / Sílvia Correia

Paulino Vieira / Madalena Berbereia



Um dos automóveis com o Séquito da Rainha



A Rainha D. Andreia Bretão e o Séquito no Adro da Sé

## Ano de 1992



Baile de Corte na Praça Velha

Angra encheu-se novamente de gente para assistirem uma vez mais ao esplêndido cortejo da Rainha que se intitulou “Angra, mui nobre... e romântica.”

As pessoas que ali se encontravam, aguardaram ansiosamente o cortejo e pouco se sabia a seu respeito; pois tinha sido mantida em sigilo.

Teve como objectivo mostrar o viver da corte no século passado, e era constituído por românticas charretes puxados por cavalos. Estas desceram a Rua da Sé que estava devidamente ornamentada com uma réplica dos lustres dos antigos salões de baile, e chegaram à Praça Velha que estava decorada com candeeiros e coretos.

Aí mostraram o luxo e ostentação dos bailes pomposos da corte daquele tempo. Dançaram a valsa ao compasso da música de Strauss enquanto a Rainha assistia atentamente ao espectáculo sentada na sua poltrona juntamente com as crianças

A Rainha deste ano foi Antonieta Reis Leite.

O Séquito era composto pelas seguintes crianças:

Mónica Seidi

Catarina Valadão / Ricardo Gregório

Micaela Santos / Miguel Gregório

Lara Simões / Francisco Maio

Os Jovens eram:

Sofia Borba / Samuel Alves

Sílvia Correia / Miguel Alvernaz

Carla Pereira / Paulo Grilo

Mónica Almeida / Bruno Gonçalves

Cláudia Correia / António Câmara

Paula Oliveira / João Melo

Débora Borges / José Oliveira

Rita Toledo / Pedro Cardoso

Carlota Gomes / Maurício Nunes

Rafaela Leite / Paulo Sousa

Natacha Machado / Miguel Soares

Susana Bendito / Ricardo Almeida

Leonor Brás / José Leonardo



A Rainha D. Antonieta Reis Leite



A Rainha e o Séquito Real na Câmara Municipal

## Ano de 1993



A Rainha e o Séquito Real no Palácio da Madre de Deus (antes do Cortejo)

“À descoberta da Ilha!” Sim, foi este o tema do cortejo que tinha como lema “Angra a descobrir”. O cortejo baseou-se na lenda de um reino no fundo do mar chamado Atlântida: “O Rei daquele reino de sonho quis presentear a sua filha com algo nunca antes visto. Mandou um exército montado em âncoras douradas à procura do desconhecido. E a descoberta foi magnífica: Ilhas.

A Terceira, a mais formosa, neste grupo das Ilhas dos Açores, envolta num manto lilás, é o presente escolhido. Possuía uma “baía em forma de abraço” e um baú cheio de Nobreza e Heroísmo. A esse lugar deram o nome de Angra e fizeram da princesa Sofia sua Rainha”.

Desfilaram dois carros alegóricos em que o primeiro

representava um jardim do reino onde se encontrava o rei e os seus súbditos. No segundo carro representando também um jardim do reino, vinha a princesa Sofia com os seus cabelos loiros.

Este cortejo teve a participação dos alunos, contando com a colaboração de pais e professores do Colégio de Santa Clara, exigindo muita imaginação e trabalho.

A Praça Velha e os limites da cidade estavam decoradas com caravelas de grandes mastros e barricas; recordando a época dos descobrimentos e a epopeia marítima dos Portugueses.

De seguida houve um cortejo Real, cuja Rainha foi Sílvia Correia.



Carro Alegórico de Neptuno



Carro com Damas e Pajens

O Séquito compunha-se pelas seguintes crianças:

- Maria Rita Ornelas Neves
- Maria Pia Ornelas Neves
- Tomás Ornelas Neves

e pelos jovens:

- Rui Correia
- Susana Bendito
- Andreia Cardoso / Nuno Silva
- Carla Sousa / Bruno Cardoso
- Vanessa Costa / Manuel António Silva
- Cristina Fantasia / Paulo Ávila
- Lisandra Rocha / Miguel Borba



A Rainha D. Sílvia Correia



Pormenor do Carro da Rainha (1993)

## Ano de 1994



Cortejo das várias associações recreativas e escolas

Um grande número de figurantes, entre elas várias associações recreativas e desportivas, integraram-se no cortejo de abertura que ao contrário dos outros anos não se relacionou com a história e não teve Rainha, mas sim cinco damas que na cabeça traziam uma das cinco letras que forma a palavra Angra. Elas eram Bárbara Parreira, Telma Lima, Sandra Bettencourt,

Humberta Augusto e Tânia Parreira que se encontravam no único carro alegórico do desfile, que simbolizava os vulcões que deram origem à nossa ilha.

Estas Sanjoaninas tiveram como tema “Angra do Mundo e da Gente”.



O Carro Alegórico com as figuras representando Angra

## Ano de 1995

Houve um cortejo relacionado com um projecto educativo intitulado “Tordesilhas ou a Partilha do Mundo”.

Tentava-se enaltecer a vertente expansionista portuguesa. A túnica foi colocada nas duas casas reais peninsulares que administravam e coordenavam a política marítima de então.

No que respeita a Espanha há a destacar os Reis Católicos D. Fernando e D<sup>a</sup> Isabel (responsáveis pela expulsão definitiva dos muçulmanos de Granada e pelo apoio à iniciativa ainda que arrojada de Cristóvão Colombo).

Relativamente a Portugal exaltou-se a figura de D. João II



Os Reis Espanhóis na Praça Velha



Carro Alegórico alusivo à expansão portuguesa e à figura do Infante D. Henrique

salientando a forma como ele era encarado a nível poético por Fernando Pessoa (“A Mensagem”).

O cortejo representava as duas cortes com os diversos estratos sociais. Eram apresentados todos os pendões reais com as suas respectivas cores e símbolos nobliárquicos.

Após grande investigação bibliográfica foi possível apresentar com rigor o enquadramento histórico e cortesão quinhentista.

Na Praça Velha foi proferida a leitura do Tratado de Tordesilhas e no Adro da Sé foram efectuados os discursos reais.

Este cortejo contou com a participação dos alunos da Escola Secundária Geral e Básica Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, baseando-se num trabalho original de duas professoras do 10º grupo A: Maria Teresa Valadão e Zélia Martins. Contou com a colaboração do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.



Os Reis de Espanha chegando ao Adro da Sé

## Ano de 1996



A Rainha e o Séquito com o Presidente das Sanjoaninas (Dr. Raúl Rego)

“Angra, Noiva dos Oceanos”, foi este o tema do Cortejo deste ano. Contou com a participação de alguns alunos da Escola Secundária Geral e Básica Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, Escola Preparatória C+S de Angra do Heroísmo e do Colégio de Santa Clara.

Uma Caravela formada por crianças deu início ao Cortejo, rodeada de bailarinas vestidas de azul, simbolizando o Mar

que avançava envolta nos aplausos da multidão.

O primeiro carro do Cortejo Real transportava o Chefe de Protocolo, seguido de várias viaturas, vindo em cada um duas Damas de Honor. Os carros alegóricos tinham como adornos, conchas, pérolas, búzios e algas, transportando-nos até ao domínio marítimo – respeitava-se assim a temática proposta para o ano de 1996.



Aspecto do Cortejo - pormenor da Caravela



Carro com Damas - o tema inspirava-se no mar

Finalmente, a Rainha Ana Rita Pinheiro desfilou num carro magnífico, branco com adornos em dourado, finalizando o cortejo com beleza e esplendor.

O Séquito era composto pelos seguintes elementos:

**Pajens (crianças):**

- Cassandra Rocha
- Alexandra Sousa
- Antonieta Maio
- Frederico Bettencourt

**Chefe de Protocolo:**

- Miguel Borba

**Camareira:**

- Graça Melo

**Damas:**

- Nancy Pinheiro
- Salomé Martins
- Silvana Cardoso
- Joana Sá
- Raquel Ávila
- Noélia Bettencourt



A Rainha D. Ana Rita Pinheiro

## Ano de 1997



A Rainha e o Séquito Real na Câmara Municipal

Joana Sá foi a rainha das festas Sanjoaninas que teve como tema “Angra, regaço das artes”. O cortejo de abertura incluiu 5 carros alegóricos representando temas como: pintura, poesia, escultura e arquitectura.

O verde, o branco, o dourado e o lilás foram as cores predominantes de uma coreografia de duas centenas de crianças do “Colégio Baloíço”, Irmandade de Nossa Senhora do Livramento e Conservatório de Angra do Heroísmo.

À medida que ia decorrendo o desfile envolvido pela dança sucediam-se os carros alegóricos com a Rainha das festas e todo o seu séquito real.

O primeiro carro simbolizava a poesia apresentado na forma de um livro, a música surgiu no seguinte carro representado por uma pauta; a pintura pelo cavalete.

O carro da escultura transportava a camareira Vera Garret no seu vestido cor de salmão, e finalmente o carro esperado da noite: o da arquitectura ocupado pela rainha Joana Sá.

Como tem sido hábito o povo marcou presença nesta grandiosa noite festiva que deu início a mais dez dias de festa.

### Nos Pajens encontravam-se:

- Laura Ferreira
- André Couto

### O Chefe de Protocolo:

- Mário Lima

### Sendo as Damas:

- Georgina Rosa
- Lisa Rocha
- Eleana Coelho
- Sandra Pacheco
- Ana Sousa
- Mandy Amorim
- Raquel Silva
- Adriana Costa



Cortejo de Abertura (aspecto alusivo à pintura)



Carro Alegórico relacionado com as Artes (a riqueza da produção literária)



A Rainha D. Joana Sá num carro que pretendia simbolizar a Memória e a Arquitectura Angrése

## Ano de 1998

Angra encheu-se de luz para dar início a mais umas festas Sanjoaninas 1998 com o tema: "Angra Salgada e Doce".

Vera Garrett foi a rainha. O cortejo de abertura contou com a participação de 300 figurantes, a maioria crianças da Irmandade de Nossa Senhora do Livramento e do Colégio de Santa Clara.

Foram concebidos cinco carros alegóricos.

A anteceder o cortejo de abertura teve lugar o desfile da filarmónica da Recreio dos Artistas que apresentou a marcha oficial das "Sanjoaninas/98 e os "soldadinhos de chumbo" que despertaram as ruas de Angra ao som dos seus tambores – era a fanfara dos Escuteiros de Portugal.

O primeiro carro alegórico trouxe um conjunto de chupa chupas, onde o colorido chamava a atenção dos mais gulosos.

O 2º carro foi um carrossel onde o azul era a cor dominante e fez a transição entre os dois temas do cortejo de abertura: o



A Rainha e Séquito com o Presidente da Câmara Municipal Dr. Sérgio Ávila

imaginário infantil e os doces.

Uma pomba de alfenim foi o elemento principal do terceiro carro do desfile, enquanto que o quarto carro posteriormente surgiria com uma decoração apresentando a doçaria tradicional da Ilha (quem não aprecia as famosas Donas Amélias ou as cornucópias?).

Nesses dois carros alegóricos seguiu o séquito real constituído por Mariana Teles, Vitória Garrett, Carolina Vicetto, Daniela Soares, Andreia Correia, Emilianina Medina,

Juliana Couto, Mónica Oliveira, Carla Silva e Ricardo do Carmo: chefe de protocolo.

Finalmente a área do quinto carro era quase totalmente ocupada por um bolo de noiva. Como é tradicional a rainha Vera Garrett Sousa Gomes mostrou-se ao povo.

"Angra salgada e doce".

As Sanjoaninas prometem animar a cidade



Pormenor de um carro do Cortejo



Carro simbolizando a Pomba de Alfenim

**1998**

“Segundo o presidente da comissão organizadora, José Bendito, no cortejo de abertura das festas, que teve como tema “Angra Salgada e Doce”, foi integrada, como sempre, a figura tradicional da rainha este ano na pele da jovem Vera Garret de 16 anos, que se fez acompanhar pelas pagens Mariana Teles, Vitória Garrão, Carolina Vicetto, e Ricardo Carmo como chefe de protocolo. Depois, Daniela Soares, Andreia Correia, Emiliania Medina, Juliana Couto, Mónica Oliveira, Carla Silva constituem o séquito real como damas. O conteúdo do cortejo, que reflecte o tema das Sanjoaninas, foi no entanto mantido

em segredo até ao dia 19, como forma de proporcionar uma grande surpresa à população e a todos os visitantes.

Segundo a comissão organizadora, na diversidade da imaginação, estas Sanjoaninas são o apelo continuado, a todos e a cada um de nós, para que vivamos estes dias de muita alegria solidária que, desde sempre constitui a referência principal do seu cartaz. “Depois é só temperar com um pouco de sal e dar açúcar da amizade satisfazendo assim os apetites”. Nessas Sanjoaninas, Angra é mesmo salgada e doce”.

( *In Diário Insular, Junho de 1998* )



Carro com Damas (simbolizando a Doçaria Terceirense)



Pormenor da coreografia junto ao carro da Rainha



A Rainha D. Vera Garrett Sousa Gomes

**NOTA:**

Em certos anos não se concretizaram as Festas da Cidade, em virtude da conjuntura financeira de então. Noutra fase não se realizavam anualmente, mas alternadamente (ano sim ano não).

Nos anos de 1962, 1964, 1965, 1969, 1973 e 1975 não nos foi possível relatar os acontecimentos festivos nomeadamente os cortejos devido à falta de documentação.

# ***MARCHAS***

# Marchas

Povo cantando a S. João, entoando trovas de louvor ao Santo popular que anima as festividades e os arraiais. Sendo um fenómeno recente, ganhou rapidamente a adesão da população.

Se a noite das marchas populares de Santo António é importante para os “alfacinhas”; a noite de 23 de Junho, pode ser considerada um ponto alto das Sanjoaninas – pelo número de forasteiros que atraí à cidade; e pela quantidade de intervenientes.

Com meses de antecedência efectua-se os preparativos, e os ensaios animam os terreiros calmos, ouvindo-se no final da tarde os sons trauteados de um refrão elevando-se no ar.

E o ensaiador “grita nervosamente” pedindo que todos colaborem no aspecto vocal.

Surgem rodopios; voltas e compassos apressados – provocando o suor e cansaço dos intervenientes. Os vizinhos “espreitam” a rapaziada causadora de tanto bulfício.

Aos serões são elaborados os arcos – corta-se papel; faz-se um entrelaçado de cores garridas, e mãos habilidosas enrolam e contorcem fitas de papel. Os balões aguardam num recanto, o momento final em que serão pendurados nos contorcidos do arco.

Volúpia de tecidos, máquinas de costura; tesouras serpenteando por entre “bolinhas; riscados e flores” – daqui surgirão vestidos; coletes; saias que ornamentarão corpos, invadindo num “mar de alegria” as ruas de Angra.

Vem de todas as freguesias ... prepararam-se com esmero, e deliciam os espectadores.

Até os mais renitentes, passam a aderir à festa ... quando a marcha passa, ninguém pode ficar indiferente. É um ritmo contagiante, que convida a um pé de dança; ao trautear do refrão; ou simplesmente às palmas entusiásticas. Existem marchas de crianças; jovens / adultos, e até de idosos, demonstrando que a idade não é um obstáculo para a diversão.

As marchas chegaram a implantarem-se ... são cartaz que atraí multidões...

## Álamo de Oliveira

*(Inspirada numa entrevista feita ao conhecido escritor, poeta, autor.)*

Chama-se José Álamo de Oliveira e compõe a letra da marcha oficial das “Sanjoaninas”.

Para compor as letras das marchas (oficiais) inspira-se no que vê: «na capacidade de uma festa que junta as pessoas durante uma semana; transmitindo uma alegria colectiva, que é muito difícil de encontrar, em qualquer outra parte do mundo.»

Para ele é um prazer escrever a letra para uma marcha, só que existem anos que são mais difíceis do que os outros. As

festas das “Sanjoaninas” têm um espírito muito próprio e peculiar.

Para ele escrever uma letra de uma marcha é um passatempo responsável.

Nesse aspecto a sua influência foi sempre muito importante, porque as roupas estão quase sempre relacionadas com o espírito da marcha, nomeadamente com as letras e a coreografia.

Álamo de Oliveira diz que gosta de desenhar roupas para as marchas, e que «se não gostasse de o fazer, não o fazia».

Existem anos em que é ele, que desenha e apresenta os esboços das roupas, surgindo no entanto o ano de 95, em que não foi o responsável pelo referido desenho.

Os tecidos mais utilizados na confecção do vestuário são: os cetins, as sedas e os tules.

Para além de compôr as letras das marchas, Álamo de Oliveira escreve poesia, contos e também teatro. O que faz menos é compor letras para marchas.

Para conseguir ter tempo para fazer tudo isso, imagina a divisão de tempo que cada pessoa faz para as ocupações do dia-a-dia.

Por vezes também tem mais tempo para estar com os amigos e outras não: tudo depende, daquilo que lhe parece ser mais importante fazer num determinado momento.

Diverte-se quando escreve a letra de uma marcha, e sabe o que as pessoas querem que essa letra lhes transmita, transformando em desafio o aceitar fazer uma letra - o público espera uma mensagem que faça o apelo às suas raízes ancestrais.

Afirma: «que o melhor pagamento do mundo, que recebe é a simpatia e a alegria das pessoas». Neste sentido o poeta deve sentir-se feliz pois de facto a alegria irradia no coração festivo da Ilha.

A música ecoa no rádio, e nas artérias citadinas os transeuntes trauteiam o refrão. As quadras do poeta ganharam a intemporalidade.

Eis o nome das letras de algumas marchas oficiais das Sanjoaninas:

- 1986 – Angra Mais Cidade
- 1987 – Angra Gomo D’Água
- 1989 – Angra Cidade do Mar
- 1990 – Angra a Cantar
- 1991 – Festa de Bravos
- 1992 – Angra à Boca da Festa
- 1993 – Angra a Descobrir
- 1994 – Angra do Mundo e da Gente
- 1995 – Angra, Muito Prazer!
- 1996 – Angra Noiva dos Oceanos
- 1997 – Angra Regaço das Artes
- 1998 – Angra Salgada e Doce

# A marcha oficial das Sanjoaninas

Foi interessante a conversa mantida com a Sra. D. Guida Pinheiro.

Desse diálogo constatámos um sentimento entusiasta pela manifestação popular das marchas, e até pelo fenómeno mais amplo, chamado Sanjoaninas.

Desde o primeiro momento em que se falou na concretização de uma marcha "oficial" das Festas da Cidade, aderiu.

É a partir da sua experiência que elaborámos este texto que pretende documentar a vivência deste projecto, permitindo conhecer com mais pormenor a "Marcha Oficial das Sanjoaninas", apresentando a sua dinâmica organizativa.

seu ser, todo o sentimento ilhéu, demonstrando que apesar de estar "físicamente" afastado da ilha, possui espiritualmente um elo indissolúvel com a Terceira.



Marcha Oficial das Sanjoaninas 1998

## A marcha de há dez anos

Há dez anos as marchas eram diferentes do que são hoje em dia: «eram mais simples e ao mesmo tempo mais ricas»...

Uma marcha era constituída por 24 pessoas, ou seja 12 pares, com médias de idade à volta dos 30 anos. Eram quase sempre casais que se conheciam, facto que conferia um ambiente muito peculiar ao relacionamento.

O principal motivo da formação de uma marcha estava relacionado com o prazer de conviverem uns com os outros, de trocarem impressões, de partilharem ideias e sobretudo a vontade de trabalharem em grupo, permitindo uma convivência enriquecida pela amizade.

Na altura o financiamento da marcha orçava os 500 contos no máximo.

A letra da primeira marcha oficial foi escrita pelo Sr. Álamo de Oliveira e a música foi composta por Carlos Alberto Moniz. São estas duas pessoas que ainda, hoje compõe a letra e a música da marcha oficial das Sanjoaninas.

Na noite de 23 de Junho, vemos o nosso conterrâneo - Carlos Alberto Moniz, acompanhar o percurso da marcha, tocando de parceria com a filarmónica. Sente no âmago do

## A marcha de hoje

Hoje as marchas são diferentes, Apresentam novas características, isto se compararmos com alguns anos atrás.

Actualmente são mais requintadas: o vestuário, os ornamentos. Tudo mais trabalhado e elaborado de forma estilizada.

Os dançarinos das marchas são em maior quantidade - à volta de 28/30 pares e de todas as idades (jovens e adultos). Notando-se uma grande adesão da juventude que trabalha em perfeita consonância com os adultos transmissores de experiências enriquecidas pelo tempo.

O que não mudou durante estes anos todos, foi o espírito de convivência com que as pessoas trabalham em grupo.

O financiamento de uma marcha, está substancialmente acrescido: por vezes existe um orçamento que chega aos 2500 contos. Devemos atender ao requinte exigido pela confecção do vestuário e pelos materiais que tem encarecido.

A letra e música são escritas e compostas por Álamo de Oliveira e Carlos Alberto Moniz. Abnegadamente o músico e o poeta, compartilham com os pares desta marcha, de uma alegria efusiva, permitindo e habituando a nossa população

aos acordes de maravilhosas marchas, que transbordam um hino à Ilha, à Cidade, aos nossos costumes e a São João.

A marcha das Sanjoaninas já divulgou o nosso nome no estrangeiro (Estados Unidos da América), e nos Açores (diversas ilhas), que visitaram por ocasiões festivas.

É justo salientar que no ano de 1988, a letra da marcha foi efectuada pelo poeta Emanuel Félix, com música do maestro Mário Coelho da Silva - ilustre músico terceirense que sempre pugnou pela qualidade dos meandros musicais da nossa ilha.

Esta marcha ao longo dos anos vai pautando pela sua qualidade, sendo responsável pela abertura e fecho do desfile de marchas da noite de 23 de Junho.

A alegria contagiante enche o ar recebendo a bênção e a protecção do Santo Patrono: São João.

### Os arcos das marchas

Hoje tudo tende para a simplificação facto que leva muitas marchas a abandonarem a utilização de arcos, devido ao seu orçamento e exigência laboral.

A sua elaboração é morosa e exige um trabalho minucioso, feito por mãos pacientes, que noite após noite, enrolam e colam o papel à volta da armação do arco.

Não se pode dizer que seja fácil a sua elaboração, daí poderemos constatar o reduzido número de pessoas que se disponibilizam para a sua realização.

Segundo o que pudemos apurar de acordo com organizadores da marcha da Rua de S. João, eram 5/6 casais



Marcha das Sanjoaninas

que faziam este trabalho.

Os arcos são revestidos com papel de seda/crepe comprado consoante as quantidades desejadas. Primam-se pelas tonalidades mais coloridas, pois procura-se transmitir vivacidade no ambiente nocturno.

Deve ser estabelecida uma perfeita consonância dos arcos, com as cores dos vestidos das marchas, e até muitas vezes com a própria temática/letra.

Escolher no seio da própria marcha, os pares que devem transportar os arcos, é uma tarefa complicada - "quase todos (excepto raras excepções) preferem dançar". De facto é uma incumbência difícil, devido ao seu peso, e até se atendermos à distância do percurso: do Alto das Covas até à Praça Velha,



Marcha dos Biscoitos - inspirada na riqueza vitivinícola da freguesia



Marcha da Rua de S. João (1986) - Arco inspirado no Chafariz do Alto das Covas

passando por outras ruas (Sé, S. João, Minhas Terras, Direita).

No entanto podemos constatar a existência de pequenos arcos de mão, com um balão na extremidade. Esses permitem à pessoa que os leva, facilidade na movimentação coreográfica.

A marcha da Rua de S. João, foi uma das primeiras a introduzir arcos; com desenhos assaz complicados (ex.: Brasões, monumentos, caravelas, coretos), sendo muitas vezes iluminados.

Devemos salientar a notória qualidade e diversidade de elementos ornamentais, que as marchas têm apresentado no decurso de pelo menos 10 anos.

Os arcos dos anos anteriores são totalmente modificados, evitando-se a repetição das suas temáticas.

No entanto inovar é por vezes complicado. Com o decurso dos anos é difícil encontrar temas e esboços figurativos sempre novos, que demonstrem elevados graus de qualidade, permitindo o gáudio da população local e dos forasteiros.

Também são interessantes os elementos decorativos, que cada marcha traz à frente, anunciando a sua constituição. Surgem cestas de flores, leques, âncoras, caravelas, lemes, cestas com fruta, e muitos outros décors indicando: o nome da marcha, a Casa do Povo que financiou, e até por vezes os autores das letras e das músicas.

Apesar da notória tendência para a diminuição do número de arcos, nas marchas de 23 de Junho, aqueles que os mantêm garantem, que apesar de trabalhosos “é salutar a camaradagem criada nos serões, pois o ambiente de alegria ajuda a antecipar a festa”.

No dia 24, nas marchas das crianças, também vemos arcos bem mais pequenos, adaptando-se às idades dos componentes “de palmo e meio”. No entanto no texto dedicado a estas marchas, falaremos deste assunto.

Os arcos das nossas marchas, já se tornaram num “ex-libris” popular da noite de São João.



Marcha Infantil

# A noite de São João

A noite de São João é considerada por muitas pessoas, como a mais bela desta época festiva, conhecida pelo nome de "Sanjoaninas".

É a noite em que um maior número de pessoas sai, procurando o espírito irreverente da festa. Toda a multidão é atraída mágicamente pelo burgo Angrense.

A velha cidade senhorial, rejuvenesce e emoldura-se de encantamentos feitos de alegria e juventude.

Mal se pôs o sol no ocaso, o ambiente começa a ganhar uma magia inexplicável. E nós os terceirenses, que granjeamos fama na "arte de bem receber", demonstramos aos imensos turistas que acorrem a Angra, o significado da festa, mesclada com povo e tradição.

As ruas, os passeios e a imponente escadaria da Sé Catedral, revestem-se de um manto humano compacto. A multidão a circular parece um ondedado estonteante que deambula num



O bom gosto e a alegria das Marchas Populares

vaivém ininterrupto.

São João impera. Os músicos passam para o Alto das Covas e no altifalante surgem apelos para que os componentes das marchas se reunam no espaço perto da Escola do Infante.

Como por magia ao toque da música, surgem encadeadas as marchas. Os pares evoluem com agilidade, cantando estrofes elevadas ao vento.

Sucedem-se cores, coreografias, arcos. A visão é magnífica:

olhar a Rua da Sé (para a zona de onde surgem as marchas) é estonteante. O ondedado desprende-se da tela multicolor pintada por guaches coloridos.

A multidão quer comungar desse entusiasmo estonteante.

Não suportam o facto de permanecerem como espectadores silenciosos e passivos.

O calor festivo inundou o âmago dos corações, e nos pés surge o frenesim de acompanhar a coreografia.

Atrás de cada mar-



A multidão entusiasta segue as marchas (1997)

cha que passa, forma-se uma multidão de adeptos que correm, saltam e batem palmas. “A ilha inteira parece que cabe na cidade”, vivendo-se momentos inebriantes, difíceis de esquecer.

Os jovens vivem entusiasticamente esta noite imemorável, enquanto os mais velhos recordam “o antigamente”, que era tão diferente, mas igualmente belo. Eram os tempos das sortes ao luar, das fogueiras e de outros costumes que deixaram de povoar a nossa imagem contemporânea.

As marchas acabam as suas actuações na Praça da Restauração (ou Velha). O suor banha os rostos cansados, mas felizes.

Trocam-se impressões, tentando saber ávidamente qual a opinião dos transeuntes, pois interessa ter-se agradado ao público.

E o relógio “devora” rapidamente as horas... os ponteiros acompanham o ritmo da noite, mas a multidão esqueceu-se de olhar para o relógio altaneiro da Sé Catedral.

O apelo vem do Cerrado do Bailão, o cheiro apetitoso das



A alegria é uma constante da festa

tascas inunda o ar, e os acordes do grupo de música popular enchem o palco.

No entanto este fenómeno é recente. Antes ficava-se nas ruas, saltando as fogueiras crepitantes, olhando para as fagulhas elevando-se no ar.

Por vezes, as comemorações decorriam no Bairro do Corpo Santo (ex. Sanjoaninas 1984). Havia um cunho muito popular, impregnado pelo cheiro “castiço” das sardinhas assadas.

Saltavam garbosamente atravessando as chamas, evitando o contacto com o lume, senão seria “Ai Jesus” doloroso, murmurado entre dentes, para as moças não verem a fraqueza do rapaz.

O tempo vai-se “escoando”, tal como o lume que vai “morrendo”, dando origem a cinzas num pequeno braseiro.

Alta madrugada, a população recolhe a casa... cansados mas felizes... já pensam na continuidade da festa: o dia 24 é feriado municipal.

No entanto todos estes elementos não precisam de ser recordados... pois haverá pela frente mais noites de São João para voltarmos a reacender a velha chama da emoção e da alegria, que é-nos trazida pelas nossas “Sanjoaninas”.



E a magia continua “pela noite dentro”



Marcha inspirada nos marinheiros - um apelo à vocação marítima e à Epopeia dos Descobrimentos



Marcha da Rua de S. João. O bordado das saias inspirava-se nas varandas da cidade

# Ensaizando as marchas de São João

Ao redor da Ilha vive-se efusivamente o espírito festivo em honra de São João. Cada freguesia que participa na manifestação exuberante do júbilo das Sanjoaninas, prepara antecipadamente, o esboço figurativo que dará lugar a uma das mais belas noites da cidade de Angra - "Eterna menina e noiva do Atlântico".

As marchas de São João iniciam os seus ensaios algum tempo antes do desencadear das Sanjoaninas. Há que estudar com pormenor os esboços coreográficos permitindo a evolução graciosa dos pares ao longo das artérias citadinas por onde passam as marchas, transmitindo à população o entusiasmo efusivo, que deve pautar a noite de S. João.

Os ensaios são marcados semanalmente num horário pós-laboral, para permitir a participação de todos (ou pelo menos da maioria) dos intervenientes. Os arcos improvisados são distribuídos pelos pares, que levarão os originais na noite de 23 de Junho. Agora é só ligar o rádio e ouvir os acordes da filarmónica entoando a música original... requer vida, alegria e juventude, acertar... alinhar... começar a executar todo o movimento. Há que ser rigoroso, pois só assim se pode atingir a qualidade e a perfeição exigida.

De ano para ano há que inovar para atrair a multidão e granjear fama. Quando surge a inspiração, há um brotar de ideias, que são postas rapidamente em prática.

Ensaia-se em espaços amplos, que comportem o número elevado dos pares participantes.

Tenta-se manter em segredo o ensaio, só que é impossível.

Mal soam os acordes da música, começam a aparecer os curiosos, e lentamente forma-se uma plateia que assiste ao ensaio.

Quem ensaia está sempre atento. Marca o compasso e exige precisão nos passos, verificando se todos acertam o passo com os acordes. E lá no fim das alas, grita o ensaiador: "Oh rapaz! Já ensaias há dias e ainda não sabes cantar o refrão... Acerta o movimento... Segura o arco com graça..." Frases que se repetem ininterruptamente, mas que contribuem para a perfeição.

Uma das pessoas, que sabe como ninguém o que é a preparação de uma marcha, é a Sra. D. Areovalda Leonardo. Conhece os meandros do folclore, e ensaia há 10 anos a marcha da Rua de S. João. No último ano, também trabalhou com a marcha de Santa Luzia, e no parque em frente à Praça de Toiros, deu corpo a um projecto que se tornou realidade.

Contou com o apoio e a adesão da juventude, que demonstra boa colaboração respondendo às solicitações

exigidas. Todas as tarefas exigem abnegação, não olhando às horas dispendidas. A Sra. D. Areovalda, estende o seu trabalho às crianças, e é vê-las graciosamente transmitir a inocência da infância numa coreografia, que foi cuidadosamente planeada.

Trabalhar com grupos amplos de pessoas, não é problema é vê-la ensaiar 40 pares, rodopiando em honra do santo que dá nome à rua que representam orgulhosamente.

Como uma verdadeira adepta destas manifestações, considera a noite de S. João como a mais bonita dos 10 dias de festa. A alegria incendeia o ar, e a cor veste as ruas do burgo Angrense.

Ao estarmos observando o evoluir de uma marcha, devemos ter a certeza que todo um trabalho de equipa viabilizou a concretização de um sonho que ganhou forma e passou na última fase a um conjunto harmonioso e multicolor rodopiando alegremente, transmitindo a mensagem... "A vida é festa"...

A todos os anónimos que dão corpo a projectos desta envergadura, e cujos nomes é impossível "apurar", seja demonstrada uma justa e merecida homenagem, pois contribuem para o enriquecimento cultural da nossa Ilha, mantendo vivas as festas que fazem parte da nossa identidade terceirense...

## Maria Natália Morais Ferreira

Maria Natália, costureira de profissão é uma pessoa que trabalha na costura desde os seus 15 anos.

Começou a confeccionar roupas para marchas e cortejos há 20 anos, estando nos primeiros anos mais vocacionada para a confecção de roupas para as marchas. Nos primórdios da sua profissão, tudo era diferente: os adereços eram em maior número e mais complicados; os modelos eram por vezes bastante exigentes (baseados num grande pormenor).

A nível do salário cobrava 15\$00 pelas roupas masculinas, visto serem menos trabalhosas (de acordo com a sua opinião). Ao longo dos anos muitas são as pessoas que a procuram quer para a confecção de roupas do dia-a-dia, quer para as épocas festivas.



Maria Natália diz que os modelos, que são utilizados nos vestidos das marchas variam muito, mas que geralmente “são vestidos de meia perna”.

O tempo que leva para confeccionar um vestido destes não pode ser contabilizado ao certo pois tudo depende do feitio do vestido e dos adornos. Portanto também é impossível definir um preço.

No que diz respeito às roupas das marchas, começam a ser confeccionadas por vezes com três meses de antecedência, Já costurou vestidos de diversas marchas estando as roupas relacionadas com a temática. A sua casa vive numa constante azáfama.

Os tecidos coloridos emprestam uma tonalidade especial ao contexto habitacional desta costureira.

Recorda o ano de 1995, pois pela sua sala passaram numerosos fatos históricos, todos confeccionados de acordo com o modelo quinhentista.

Até altas horas, era um constante acertar de mangas, de pregas, de capas e de muitos outros pormenores, que conferem a “classe” de um vestido ou de um fato.

Quando as festas se aproximam, o trabalho prolonga-se

até de madrugada. O ruído da máquina de costura, povoa o ar fazendo uma zoadá frenética.

Ao visualizarmos um cortejo ou uma marcha não devemos esquecer, as mãos invisíveis que trabalhando até à exaustão, permitiram o aparecimento de vestidos coloridos, matizados, drapeados, estilizados e sofisticados.

Por vezes estão tão cansadas, que vêem o cortejo ou a marcha pela televisão, fitando no pequeno ecrã as maravilhas produzidas pelas suas mãos.

Agora são vestidos que rodopiam na marcha, ou mantos soberbos que aconchegam a altivez de pano, de seda, de cetim ou de veludo, que chegou num saco acompanhada por um simples esboço estilístico... Fez-se magia, e o povo fica extasiado, vendo desfilar tanta elegância. É um trabalho que requer arte, perícia e é claro muita paciência mas no fim o gosto de ver o produto do seu trabalho, faz sentir-se orgulhosa da sua profissão.

A todas as costureiras espalhadas pela nossa Ilha, um bem haja pois são o rosto invisível das nossas festas tradicionais.

As vossas mãos fazem magia... Permitindo que os nossos olhos fiquem habituados à beleza.

## Marchas Infantis

# Marcha Infantil do “Colégio o Baloço”

Tal como os adultos, as crianças também gostam de se divertir e conviver durante a época festiva das “Sanjoaninas”. Um elevado número de crianças participa nas marchas tradicionais.

Inicialmente desfilavam no dia 23, em conjunto com as marchas dos “adultos”. Posteriormente passaram a actuar na noite do dia 24 (feriado municipal), isto para evitar a concentração excessiva de marchas.

Numerosas Escolas Primárias; Colégios como o de S. Gonçalo e St<sup>a</sup>. Clara; Jardins de Infância; Rádio Clube e outras instituições emprestam um brilho muito especial à noite das Marchas Infantis.

A maioria das crianças têm idades compreendidas entre os 2 e os 11 anos.

### Marcha Infantil do “Colégio O Baloço”

Um perfeito exemplo da participação destes “pequenos adultos” pode encontrar-se no jardim de infância “O Baloço” que todos os anos colabora na maior festa da Ilha Terceira.

A marcha deste jardim/creche é constituída geralmente por 36 elementos masculinos e femininos, mas já chegaram a fazer marchas que por vezes atingem 120 elementos.



Marcha: “As Bonecas do Baloço”

O tempo de preparação desta marcha depende da organização e da motivação das crianças, mas podemos afirmar que são quase sempre três meses.

No jardim de infância “O Baloço” quem compõe as letras da marcha é a Presidente do Jardim de Infância: Filomena Valadão. A música é composta pelo Sr. Durval Festa, que auxilia no arranjo orquestral da filarmónica que os acompanha. As letras das marchas estão sempre adaptadas por temáticas e idades, procurando introduzir poucas sílabas, uma vez que as crianças não sabem ler.

Auxiliadas pelo precioso e dedicado trabalho de educadoras e funcionárias, as crianças conseguem efectuar marchas graciosas, povoadas de ternura e singeleza.

No que diz respeito aos arcos das marchas são elaborados segundo o conteúdo da letra.

O orçamento de certas marchas infantis chega por vezes aos 700.000\$00, atendendo a toda a sua organização.

Este Jardim de Infância tem intenções de continuar a participar nas Sanjoaninas, pois desejam contribuir com singeleza nesta grande festa terceirense que traz à Ilha muitos emigrantes, amigos, principalmente no grande dia que é o dia de S. João.



Pormenor da Marcha do Centro Infantil de Angra do Heroísmo “O Baloço”

## Materiais utilizados na confecção das roupas



Marcha da Escola de S. Carlos

O comércio de Angra também vibra com as Sanjoaninas. Devem ser pensados dois períodos:

- *O que antecede as festas:* nesta fase é a compra dos tecidos/adereços necessários para a confecção dos fatos/ vestidos das marchas ou dos cortejos.

A antecedência deve pautar os intervenientes destas manifestações festivas.

Os tecidos utilizados são comprados pelos constituintes das marchas individualmente ou em conjunto, variando o seu custo consoante as exigências estilísticas da indumentária.

As cores mais utilizadas são: azul, verde, amarelo, vermelho, preto e branco. Nota-se uma grande tendência para as tonalidades garridas, procurando-se uma perfeita simbiose de cores, satisfazendo as opiniões dos mais exigentes.

Todos estes fatos utilizam os mais variados tecidos (ex.: pano, cetins, tules, etc.)... Tendo contactado a Casa Silva, esta loja de Angra referiu: “que fornece materiais para as marchas das Sanjoaninas, há 12 anos... Quando há ruptura de stocks, costuma mandar buscar os materiais ao continente (Guimarães)...”

Tal como mencionámos no início deste texto, há um segundo período para o comércio de Angra:

- *Durante as festas:* As montras são decoradas com motivos atractivos, primando pelo bom gosto dos arranjos florais, apresentando motivos etnográficos terceirenses.

A tradição e a fé no Espírito Santo concedeu à Casa Branca o primeiro prémio, ou até o apelo histórico feito com personagens ao vivo (recordemos a montra da loja Lopes Confecções no ano de 1993).

Há que mostrar aos forasteiros que nos visitam, a riqueza da nossa tradição combinada com a originalidade fruto da imaginação. A partir desta simbiose, podem-se apresentar atractivamente os produtos... Há que motivar os consumidores.

A compra de pequenos “souvenirs”, anima o comércio durante os 10 dias de festa. No entanto continua a ser importante o “mercado da saudade”, que dinamiza a vertente comercial.

No burgo Angrense tudo rejubila, fazendo renascer a cidade... Até as montras “vestem-se de gala”, honrando São João.



Marcha de S. João - Centro de Convívio de Idosos, Agualva / S. Gonçalo - a idade não é um obstáculo para a diversão



Uma perfeita convivência de diferentes níveis etários - Marcha das Gerações - S. Sebastião (1994)



Marcha Infantil do Colégio de St<sup>a</sup>. Clara - uma perfeita combinação de bom gosto e alegria



Marcha Infantil (1995) - o colorido invadindo a Rua da Sé



Marcha actuando no Dia de S. João (na noite do dia 24 conseguem-se viver momentos inesquecíveis devido à actuação destas crianças

# ***ASSUNTOS CULTURAIS***

# Participação Teatral

A Terceira foi sempre uma Ilha de grandes tradições e expressões teatrais. Nelas incluímos as Danças de Carnaval, que muitas vezes actuam nos festejos das Sanjoaninas, para demonstrarem perante visitantes e emigrantes, toda a arte que tal encerra e que remonta a muitos anos de execução.

Quanto ao teatro, que levou à cena muitos amadores, mencionamos os actuais grupos locais como: Alpendre, Pedra-Mó, o Outro Teatro, A Teia, etc.,

todos eles dando o melhor e empenhando-se por actuações ao longo do ano, contando-se com participações brilhantes quando são convidados pela Comissão da Sanjoaninas.

Em 1984, decorreu uma jornada de Teatro - contou com a adesão dos grupos locais, e da Companhia Profissional Teatro Em Movimento. Participou um Grupo de Santa Maria e outro do Pico (do sector da Educação Permanente)

Referenciamos também grupos de teatro continentais que aqui vêm representar e ensinar novas técnicas, com fim de melhorar este vector cultural tão útil a uma comunidade. Angra Cidade Património, bastião da cultura.

Há que o divulgar e promover o espírito artístico entre os



Aspecto da Ópera *Serva Patrona* (1995)

jovens com o objectivo de aparecerem novos actores, e talentos. O Teatro aproxima o povo, é pactuante, dinamizante, é o testemunho de uma cultura.

## Teatro Angrense

Após a aquisição deste espaço pela edilidade Angrense procedeu-se à sua recuperação e conservação.

Como local privilegiado para actuações de cariz teatral, espectáculos musicais ou coreográficos, a comissão das Sanjoaninas passou a integrar nos seus programas, eventos culturais no teatro Angrense.

Assim devemos destacar algumas dessas manifestações culturais:

1994 – Noite de Bailado – ballet corpo de bailarinos do Ballet da Gulbenkian

1994 – “O Circo” pelo “O Outro Teatro”

“Nós, o Infante e o Mar” – grupo da Escola Secundária Padre Jerónimo Emiliano de Andrade

1995 – Ópera “Serva Patrona” – Real Teatro de Queluz

1996 – Espectáculo de Danças Sevillanas – Grupo Cidade de Sevilha

1997 – Companhia de danças de Olga Roriz



Actuação das Danças Sevillanas (1996)



*d. quixote e  
sancho pança*

pelo **alpendre**  
grupo de teatro

SÁBADO, 27 DE JUNHO  
PELAS 21.30 HORAS

**LESP**  
TICARMONICAS  
Sobredotados  
JOÃO PEDRO PAES  
PACO BANDEIRA  
Hot Splash  
GRUPO DE BAILE CANÇÃO REGIONAL TERREIRO  
CONCRETO

**ECT**  
ENUMA ELISH  
BRAIN DEAD  
ALPENDRE GRUPO DE TEATRO  
COXE  
Delfins  
VAN ROCK

**ACU**  
DEAPE e SIGA  
JORGE COMBA  
GRUPO BRASIL DO SERRA DO  
NIP  
ARTE BRASIL  
TEATRO AGADREITEIRA SONS DO MUNDO

**LOS**  
GONÇALO DA CÂMARA PEREIRA  
Hot Full Ground  
GRUPO DE METAIS ILHA ULAS  
REAL TEATRO DE QUELUZ  
CANTARES DO MINHO  
GRUPO VIOLAS SANTA BARBARA



# Recreio dos Artistas

(Sociedade Filarmónica de Instrução e Recreio)

Fundada em 16 de Julho de 1877

Membro da Ordem de Benemerência

Pessoa Colectiva de Utilidade Pública

## REVISTA "QUENTES E BOAS"

Poema de Eduardo Melo  
Música de Mário Coelho  
Declamação de Augusto Gomes  
Coreografia de Luís Medeiros  
Figurinistas: Maria Emília  
Luís Medeiros  
Cenografia de Fernando Purificação  
Luminotécnico: José Manuel Medeiros  
Contra Regra: Luís Andrade  
Aderecista: Luísa Toste  
Ponto: Gaspar da Costa  
Carpinteiro: Francisco Vicente  
Orquestra da Recreio dos Artistas  
Chefe de Quadro: Eliana Amaral

### ELENCO:

Luís Rafael  
Carlos Fragoso  
Cristina Medeiros  
Lúcia Carmo  
Elsa Medeiros  
Carlos Araújo  
Florival do Carmo  
Jorge Sequeira  
Tiago Gorgita  
Durval Medeiros  
Elsa Martins  
José Gabriel Fragoso  
Eliana Amaral

### COROS E BAILADOS

Ruth Sequeira  
Carla Santos  
Cristina Medeiros  
Aristides Araújo  
José Correia  
António Costa  
Fernanda Simões  
Simone Simões  
Helena Melo  
Luciana Medeiros  
João Arruda  
Paulo Medeiros  
Luís Medeiros  
(Mónica Medeiros)

### — 3 ACTOS —

(com excertos da «Mensagem», de F. Pessoa)

### PERSONAGENS E INTERPRETES

Manuel (Frei Luís) de Sousa .....	AGNELO MENESES
D. Madalena de Vilhena .....	ANGELA ALMEIDA
D. Maria de Noronha .....	EDUARDA BORBA
Frei Jorge Coutinho .....	FERNANDO ALVARINO
O Romeiro .....	JOÃO FERREIRA
Telmo Pais .....	LEONARDO MELO
O Prior de Benfca .....	NELSON BICA
O Irmão Converso .....	HERBERTO MEDEIROS
D. Sebastião .....	PAULO AGUIAR
Doroteis .....	CRISTINA LINHARES
Miranda .....	NELSON BICA
Sombra .....	CRISTINA LINHARES
Algum Fovo preciso .....	HERBERTO MEDEIROS
	SANDRA BRETÃO
	JORGE GORGITA
	LEONARDO MELO
	NELSON BICA
	SOLANGE ZANETTI
	ROSA MEIRELES

### Ficha técnica

- Encenação de ALAMO OLIVEIRA
- Ponto — NATÁLIA AMORIM e JORGE GORGITA
- Cenografia de ROCHA E SILVA
- Carpintaria orientada por JORGE GORGITA
- Sonoplaste — AUGUSTO VILAÇA
- Luminotécnico — DAVID MARTINS e JORGE PEREZ
- Guarda-roupa do Grupo
- Relações públicas — ROGERIO MEDEIROS

### Colaboração

- Gravações no Rádio Clube d'Angra, sob orientação de RUBEN SIMAS



frei Luís  
de Sousa  
ALMEIDA GARRETT

# Coroações

Em Portugal, o culto ao Espírito Santo recebe grande acolhimento por parte da Rainha Santa Isabel, chegando até nós com os primeiros povoadores.

Os sismos, vendavais, catástrofes naturais e até a própria emigração, ajudaram a manter viva a tradição de festejar o Espírito Santo.

Assim as Sanjoaninas, como nossas festas maiores, dão vulto à Coroação monumental, na qual participam Impérios de toda a Ilha, trazendo costumes e usos de respeito e de Fé.

O deslumbramento da brancura das vestes que integram a Coroação, desfilando até à Sé Catedral, onde será celebrada a eucaristia, cujo ponto alto é a descida do Espírito Paráclito

sobre cada coroadado. Ceptros, coroas, símbolos do Espírito, orientador e guia das nossas gentes.

Função, na sua trilogia do pão, carne e vinho, servida a todos que a ela acorrem. Mesas de abundância, a sopa, cozido, alcatra, massa sovada, e todos deliciam-se com estes manjares, entre copos de vinho de cheiro misturados com o aroma de hortelã da sopa.



No fim o alfenim é oferecido. Confeccionado por mãos hábeis de doceiras, surgem peças representando flores, pombas, etc. - numa fantasia de açúcar: para os forasteiros será uma recordação da Ilha Terceira.



Aspecto da Função em S. Pedro (1995)

# A organização da Coroação das Sanjoaninas

Desde os primórdios da colonização dos Açores, verificamos a presença do culto ao Divino Espírito Santo.

Não existe freguesia, ou paróquia nos Açores, especialmente na Terceira que não ostente pelo menos um império, de pedra e cal dedicado ao Espírito Paráclito.

Na Ilha Terceira este fenómeno de caridade e amor ao próximo inicia-se logo após a Páscoa e a sua última manifestação é a monumental Coroação integrada no programa das Sanjoaninas e que ocorre no último Domingo das festas.

O brilho, o entusiasmo e a devoção transparece numa das maiores demonstrações do fervor religioso do povo Terceirense - é a monumental coroação das Sanjoaninas.

Sucedem-se os impérios bem organizados incorporando graciosas jovens vestidas de branco etéreo.



É uma onda de magia que avança solenemente, espalhando a divina imponência nas ruas por onde passa.

Olhar a Rua do Galo é impressionante... As bandeiras ondeiam ao vento, as coroas imponentes estão colocadas nas salvas e o cheiro das flores invade o ar - tudo respira pureza.

Tivemos interesse em conhecer os meandros da

organização desta coroação, pois tal evento deve exigir um profundo trabalho, nos meses que antecedem a sua realização.

Só assim esta Coroação pode ser bem sucedida, mostrando a todos os Açorianos e estrangeiros, o culto ancestral que está enraizado nas nossas vivências cristãs.

Para entrarmos mais em pormenor fomos entrevistar o Sr. José Gabriel Bettencourt. Este senhor trabalhou durante diversos anos, na realização/orientação desta coroação.



Começámos por perguntar há quantos anos participa nos Cortejos do Espírito Santo ou mais concretamente neste evento. Perante a resposta, constatámos a longa experiência desde 1977, havendo incidência nos anos de 1986 a 1995 (excepto 1991).

Ao perguntar a duração da preparação verificámos que havia grande antecedência - oscilava à volta dos dois meses.

Naturalmente que os cortejos para serem realizados necessitam de pessoas intervenientes, por isso tomámos a liberdade de perguntar quantos participantes, costumam habitualmente incorporar o cortejo. A resposta não estava longe das expectativas: - o número correspondente oscila entre as 4 ou 5 centenas de componentes.

Para poderem ser bem sucedidas estas Festas das Sanjoaninas a ajuda das freguesias é importante, pois possuem uma longa tradição na preparação de Coroações e vivem de forma exuberante o período dos Bodos, demonstrando uma tradição religiosa sempre viva.

Houve um ano em que o cortejo da coroação foi organizado à moda antiga, para gáudio da multidão que assistia ao longo do percurso - desta forma relembrou-se o passado como a presença dos foliões que acompanhavam o cortejo anunciando



a passagem do Espírito Santo. Esta tradição hoje quase desapareceu, surgindo as filarmónicas que acompanham efusivamente os fiéis nos cortejos.

Como sabemos todos os anos é elaborado uma função em S. Pedro. A lauta refeição é servida após a celebração da Eucaristia na Sé Catedral.

O Sr. José Gabriel mencionou que a função é servida a todos os participantes, e forasteiros que ali acorrem. É típico da Ilha Terceira servir Sopas do Espírito Santo, cozido e alcatras - a isto chama-se função. A sua concepção nas Sanjoaninas ganhou maior incidência na década de 90.

O entrevistado demonstrou as preocupações inerentes a um responsável pela organização deste acontecimento, tendo

afirmado que "sentiu dificuldades ao princípio". Naturalmente depois do primeiro ano e da experiência adquirida, os problemas foram-se esbatendo, permitindo a maior facilidade e eficácia na concepção de projectos desta envergadura.

Foi interessante o diálogo mantido com o Sr. José Gabriel Bettencourt, pois através deste depoimento ficámos a compreender melhor os aspectos organizativos da Coroação.



Coroação concebida à "Moda Antiga"

Sanjoaninas 1996 - Espírito Santo celebrado na Praça Velha



Coroação das Sanjoaninas - Os Foliões



# Procissões



**Nossa Senhora da Boa Viagem (1993)**



**De S. Pedro**

# *Participação da Escola Secundária nas Sanjoaninas*

As Sanjoaninas contam com a participação e presença positiva dos alunos das várias escolas que aderem em grande número, contribuindo para a concessão de um espírito jovem às festas.

A Comissão das Festas tem pedido nos últimos anos a colaboração dos alunos da Escola Secundária Geral e Básica Padre Jerónimo Emiliano de Andrade. Estes participam geralmente no cortejo de abertura, marchas e actividades.

Em 1993 a Escola participou com uma peça de teatro intitulada "As Páginas da História" que teve lugar no Salão do Seminário de Angra do Heroísmo.

Nas festas de 1994 os alunos da Escola tornaram a

participar fazendo uma excepcional peça de teatro com o tema "Nós, o Infante e o Mar", que teve lugar no Teatro Angrense. Neste mesmo ano os alunos desfilaram no cortejo de abertura ostentando bandeiras. Foram coordenados pelos professores de Ed. Física da Escola.

No ano de 1995 os alunos da Escola Secundária Geral e Básica Padre Jerónimo Emiliano de Andrade marcaram presença no magnífico cortejo de abertura que teve como tema "Tordesilhas ou a Partilha do Mundo".

No ano seguinte os alunos do 8ºA e 8ºD participaram nas Festas Sanjoaninas com uma peça de teatro intitulada : "As civilizações do Ouro" - tal evento decorreu no Teatro Angrense.

Interessam apresentar pequenos apontamentos sobre diversas actividades, que ocorreram ao longo dos anos, no decurso das Sanjoaninas. As notícias foram retiradas dos jornais locais e relatam:

#### **- Uma kermesse (1937)**

“Realizou-se no mês de Junho de 1937 uma kermesse no Jardim Público. Nos estabelecimentos dos Srs. Atanázio Ávila Vasconcelos e António José Inácio da Silva encontraram-se bilhetes à venda custando 50 centavos para cada cadeira e dia.

Este bazar continha valiosas prendas e trabalhos artísticos, que devido à qualidade foram amplamente apreciados pelo público”

É pertinente apresentar esta notícia. Para o efeito, é reproduzida da forma como se insere no Jornal “A União” de 1937.

#### **- Exposição (1937)**

Nesse mesmo ano realizou-se também uma exposição de Figuras Históricas.

#### **- Edição de um livro (1937)**

No decorrer das festas de 1937 realizou-se uma edição especial do livro “Lenda do Bom Ladrão” em verso livre e original do escritor açoriano Gervásio Lima.

#### **- Exposição de pintura (1960)**

No ano de 1960 decorreu a exposição do pintor Rogério Silva que foi promovida pelo Instituto Açoriano de Cultura e patrocinada pela Comissão das Festas.

Os trabalhos apresentados foram no total 21, demonstrando um elevado domínio técnico.

#### **- Exposição de pintura (1963)**

A 27 de Junho de 1963 realizaram-se duas exposições:

- Uma exposição de pintura dos jovens António Dias e Victor Azevedo.
- Exposição de pintura da artista D. Lucília Duarte.

#### **- Exposições de Pintura**

##### Pintura de David D’Almeida

David D’Almeida apresentou no “Turismo” doze estudos a tintas de água. Um dos seus melhores trabalhos foi a aguarela

“Igreja do Castelo”.

##### Pintura de Carlos Paiva

Foram 14 os quadros que foram expostos na Sala do Grémio do Comércio, onde Carlos Paiva confirmou o seu esforço bem digno.

#### **- Exposição Filatélica**

##### Filatelia

Vários sócios do Núcleo Filatélico de Angra do Heroísmo compareceram no Clube Musical Angrense com dúzia e meia de quadros comportando muitas centenas de selos postais.

#### **- Feira do Livro**

Nas Sanjoaninas 1984 teve lugar na livraria “Vitorino Nemésio” uma feira do livro. Foi organizada pela Secretaria Regional da Educação e Cultura. Cada dia esteve relacionado com a apresentação de um livro.

- A 21: “Inventário Artístico dos Açores”, de Francisco Ernesto Oliveira Martins.
- A 22: “História das 4 ilhas”, de António Lourenço da Silveira Macedo.
- A 23: “In Memorium de Luís da Silva Ribeiro”, de vários autores
- A 24: “Mobiliário Açoriano”, de Francisco Ernesto Oliveira Martins.
- A 25: “Anais da Ilha Terceira”, de Francisco Ferreira Drumond.
- A 26: “Adágio Popular Açoriano”, de Armando Cortes Rodrigues.
- A 27: “Da Emigração à aculturação”, de António Alpalhão e Victor M. Pereira da Rosa.
- A 28: “Escultura nos Açores”, de Francisco Ernesto de Oliveira Martins.
- A 29 “História Insulana”, do Padre António Cordeiro.
- A 30 “História da Literatura Portuguesa”, de Teófilo Braga.

#### **- Ano de 1984**

A 17 de Junho de 1984 decorreram exposições e vendas de vinhos da Terceira e de Bordados Regionais.

Realizou-se também no Pátio da Alfândega uma feira da Tralha de 23 a 30 de Junho.

De 22 a 25 realizou-se na vinha Brava uma Feira Regional (Agricultura / Indústria / Ambiente).

# *Outras manifestações das Sanjoaninas*



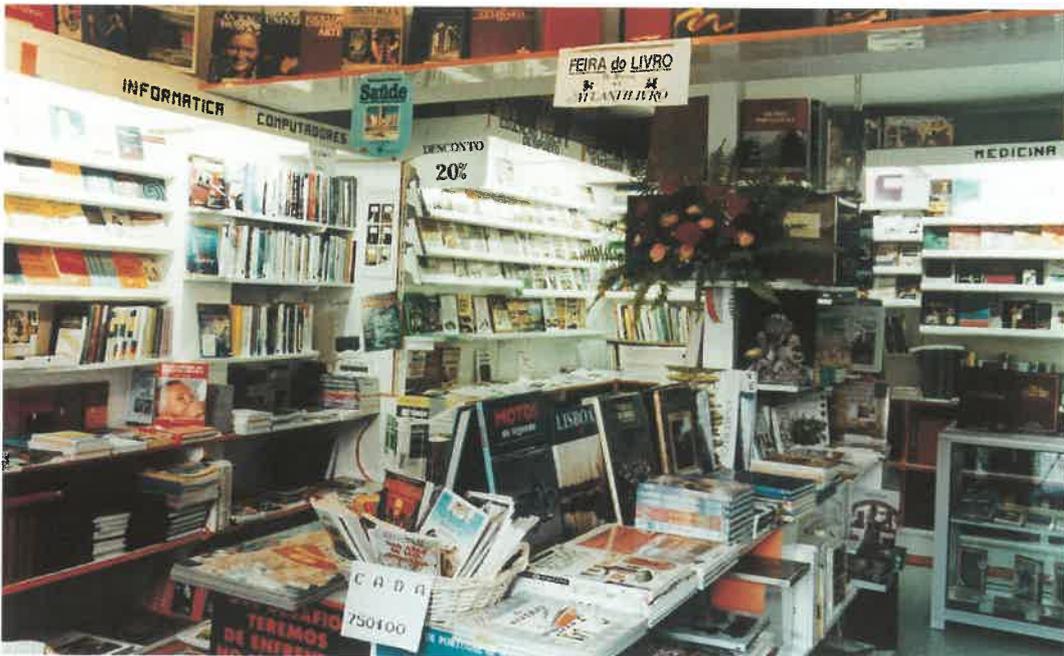
Exposição Tauromáquica (1998)



Exposição "Rainhas das Festas da Cidade" (1995) - hall do Salão Nobre da Câmara Municipal)



Exposição de Pintura em Porcelana (1995)



Feira do Livro



Exposição de Artesanato (destaque para S. Jorge)

# *Espectáculos e actividades para Crianças*



Actuação de Carlos Alberto Moniz no Jardim Público (1991)

# Cantoria e Pezinho



Cantoria no Adro da Sé (1991) - os mais afamados improvisadores da Terceira deliciando o atento público



O Pézinho cantado à Porta da Loja Vidal (1998) - homenagem à antiga ermida aí existente em honra de S. João

# *Forma como as pessoas encaram as Sanjoaninas*

As Sanjoaninas são umas festas cativantes, às quais aderimos com grande facilidade, pois traduzem vontade de participação.

Então é ver-se, os que trabalham eufóricamente, para que estas manifestações sejam cada vez mais “brilhantes e pomposas”.

Desde o ensaiar das marchas, cortejos e discursos à montagem das tascas; passando pela programação de cada dia ao contratar de grupos estrangeiros transmissores dos mais variados tipos de música. Só há um objectivo: mostrar que o povo Angrense (e da Terceira) existe, e está desperto para iniciativas diversas.

Nota-se um grande entusiasmo nas ruas da cidade.

A azáfama estende-se aos grandes meios de comunicação social: a rádio, a televisão e os jornais, cartazes e programas, para que as pessoas tomem conhecimento dos vários acontecimentos que irão decorrer.

Todas as pessoas desempenham um pequeno papel nesta

grande Festa, na qual participamos com transbordante alegria, mesmo que seja com uma simples presença.

As ruas da cidade transformam-se num formigueiro interminável de gente que visita exposições, assiste a concertos e espectáculos, que compra pipocas e algodão doce ou come a morcela nas tascas do Cerrado do Bailão.

Ali, “cabe a Ilha por inteiro”, acotovelando-se nas artérias da cidade, convergentes com o mar. Ela própria, cidade “Noiva do Oceano”, aberta ao mundo.

Arraiais, balões e fitas temperam o colorido festivo de um Santo folgazão, bem ao jeito deste povo inconformado com a “tristeza colocada momentaneamente para trás das costas”.

São as cores da vida, colorações do tempo, as tonalidades da festa que prende os emigrantes de saudade permanente, reforçando nestes dias o elo à terra mãe.

Partem, depois, com os olhos aguados de verde e de mar, rumo à terra prometida, procurando melhores condições de vida.

# A participação das Filarmónicas no contexto das Sanjoaninas

No encerramento das Sanjoaninas, é tradição, realizar-se o desfile de todas as filarmónicas da Ilha – ou seja daquelas que aceitaram o convite feito pela Comissão das Festas.

É sempre um ponto alto, se atendermos ao papel que uma Banda de Música representa para abrilhantar e dar expressão à vida de um povo.

Assim nesse dia que regra geral é um domingo, começam a chegar a Angra, músicos das diferentes localidades da Ilha. O sítio de encontro de onde partem para iniciarem o desfile, é o Alto das Covas.

Contudo não deixaremos de mencionar um pormenor



interessante: é que a colocação de saída de cada filarmónica, é feita por questões de antiguidade de existência da mesma, razão porque é a da Serreta sempre a primeira a avançar, seguida pelas outras.

E lá vem elas garbosas, fardas impecáveis, reluzindo o belo instrumental, com as suas bandeiras trazidas por porta-estandartes.

Cada qual orgulhoso daquela que representa, incluindo as Direcções das mesmas que na frente de cada uma, mostram que há gente, que sem cobrar honorários, muito dão às suas colectividades, para as perpetuar no tempo e no espaço, que enriquece a Ilha.

Quem fala dos músicos? Recordai, que para uma banda sair à rua e interpretar peças musicais de vários autores, houve gente desta que gratuitamente se dá, e todas as sema-



nas na sua freguesia onde está o Salão, passa algumas horas a ensaiar os acordes, para que a sua filarmónica seja sempre a melhor. Não contabilizam horas, nem esforços. Lembremos os seus regentes, que muito dão, e ensinam para que as Bandas possam perpetuar os costumes das nossas gentes.

Também durante o programa da Semana das Sanjoaninas muitas são as filarmónicas que abrilhantam as noites com seus concertos. Então é vê-las, actuando nos famosos coretos improvisados, e aqui merece referência o existente no Jardim Público de Angra, cuja estreia se fez em Domingo de Páscoa do ano de 1887, (já lá vão tantos anos). E do Alto das Covas, à Praça da Restauração (Praça Velha), e do Pátio da Alfândega, entre o som melodioso das bandas, passeiam-se as velhas e

novas gerações da Ilha.

Recordando o longínquo ano de 1937, é-nos dado saber através de artigos da imprensa local que a Recreio dos Artistas actuou no Coreto da Rua da Sé, a Fanfarra Operária na Praça da Restauração e Recreio dos Lavradores da Ribeirinha no Alto das Covas, perante uma grande massa de povo que escutou-as, aplaudindo os seus exímios trechos musicais.

De outras paragens chegam-nos de visita outras filarmónicas, querendo partilhar connosco a festa. Como por exemplo temos: a Banda Filarmónica de Alcochete, de outras ilhas e dos Estados Unidos da América (ex. Tauton) - conjuntamente formam um todo universal, onde a música marca o ritmo da criação artística..



# *Entrevista à Filarmónica da Serreta*

Esta filarmónica foi constituída em 1873, razão porque é a mais antiga da Ilha - motivo porque damos-lhe devido realce.

Serreta é uma freguesia quase ao norte da Ilha Terceira, famosa pelos seus ares e pelas suas matas, não esquecendo as romarias à Sr.<sup>a</sup> dos Milagres.

Quando se formou esta banda o número dos seus elementos era superior aos actuais, contudo todo o seu instrumental era diminuto, pois eram outros tempos, o que não acontece presentemente, pois houve uma modernidade e um nível técnico, que permite obter instrumentos de grande precisão de execução.

Apesar de tudo isso, que se chama progresso, não foi o suficiente para atrair os jovens a esta arte de ser-se músico e

que no fim é considerada uma actividade cultural.

No seu curriculum, contam-se várias participações na sua freguesia, e localidades limítrofes tanto em procissões, festas do Espírito Santo e concertos.

Como sempre, participa no Cortejo das Filarmónicas que encerram as Sanjoaninas.

Para subsistir precisa de apoios financeiros e consegue-os, através de fundos das suas tocatas e subsídios do Governo Regional.

*(O texto foi redigido segundo informações que os alunos colheram, junto da sua actual Direcção).*

# Filarmónicas

Sobre filarmónicas, foi interessante verificar a notícia relatada por um jornal da época. Podemos transcrever:

“No dia 28 de Junho de 1960 realizou-se um grande concerto de filarmónicas sob a regência de Raúl Coelho, com o palanque armado frente à Sé Catedral, perante milhares de pessoas, às 22 horas.

Esse agrupamento de 100 elementos ou mais, regido pelo ilustre maestro, realizou uma soberba actuação digna de tão entusiásticos aplausos. Depois desta actuação, muitos mais concertos se realizaram e gerou-se a tradição de haver concertos de filarmónicas nas Sanjoaninas...”

De acordo com a observação de diversos programas das Sanjoaninas podemos constatar uma crescente participação de filarmónicas. Devemos destacar as seguintes: Sociedade Filarmónica Recreio Serretense; Sociedade Filarmónica Recreio dos Artistas; Sociedade Filarmónica Recreio de St<sup>a</sup>. Bárbara; Sociedade Filarmónica do Sagrado Coração de Jesus - Altares; Sociedade Musical União das Fontinhas; Sociedade Recreativa União Musical de S. Sebastião; Sociedade Filarmónica Recreio dos Lavradores - Ribeirinha; Sociedade Filarmónica União Católica da Serra da Ribeirinha; Filarmónica do Espírito Santo da Casa do Povo de S. Bartolomeu; Fanfarra Operária Gago Coutinho e Sacadura Cabral (foi instituída a 19 de Março de 1906 com o nome de “Fanfarra D. Carlos I”. Com o advento da República, tomou a designação de “Pátria e Liberdade”, fazendo a sua estreia, com tal nome, em Angra do Heroísmo, a 23 de Agosto de 1912);

Sociedade Filarmónica Espírito Santo da Aqualva; Sociedade Filarmónica Recreio da Juventude da Terra-Chã; Sociedade Filarmónica Progresso Lajense - Lajes; Sociedade Recreativa Brianda Pereira - Porto Judeu; Sociedade Instrumental e Recreativa de St<sup>o</sup>. António - Porto Judeu; Sociedade Recreativa do Bairro de S. Pedro - Biscoitos; Grupo Filarmónico Nossa Senhora das Mercês - Feteira; Filarmónica União de São Brás (1986); Sociedade Filarmónica Nossa Senhora do Pilar - Cinco Ribeiras; Sociedade Filarmónica Raíña Santa Isabel - Doze Ribeiras; Banda de Música de Santa Beatriz das Quatro Ribeiras; Filarmónica da Casa do Povo de S. Mateus; Sociedade Filarmónica Recreio Lajense; Sociedade Filarmónica Progresso Biscoitense; Associação Filarmónica Cultural e Recreativa da Fonte do Bastardo; Filarmónica Lira do Espírito Santo da Vila Nova; Filarmónica União Praiense.

Ainda colaboraram extra: Fanfarra dos Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande (Sanjoaninas 1990); Sociedade Filarmónica da Academia Musical Eborense (Sanjoaninas 1992); Sociedade Filarmónica Artista Faialense (Sanjoaninas 92); Filarmónica Lira de São Roque (Sanjoaninas 94); Filarmónica da Ribeira Seca de S. Jorge (1994); Filarmónica de Santo António de Cambridge (Sanjoaninas 1996); Sociedade Filarmónica Progresso da Graciosa (Praia da Graciosa - Sanjoaninas 96); Filarmónica dos Bombeiros da Ribeira Grande (Sanjoaninas 1996); Banda de Alcochete (Sanjoaninas 98); Sociedade Filarmónica Lira Madalense (Pico - Sanjoaninas 98).

# Grupos que Actuaram

Noites povoadas pelos acordes musicais, deixando sonoridades das mais diversificadas tendências.

Destacam-se as tunas - ex: do Faial (Flamengos) - Sanjoaninas 1994; St<sup>a</sup>. Luzia da Praia da Vitória (Sanjoaninas 1989); Tuna do Seminário (1998); Tuca (Tuna Universitária da Casa dos Açores - Lisboa - 1997); Tuna da Escola de Enfermagem (1996).

Mencionamos a Tuna Académica da Universidade dos Açores que também actuou nas Sanjoaninas (1997).

Em 94 actuaram as Tunas Académicas de Évora, Algarve, Açores.

Pelos palcos passaram artistas como: José Cid, Cândida Branca Flor, Alexandra, Paco Bandeira, Fafá de Belém, Tonicha, Amália Rodrigues, Paulo de Carvalho, Fernando Tordo, Carlos do Carmo, Rodrigo, Marco Paulo, foram alguns dos cantores que nos encantaram com as suas vozes.

Quanto a grupos tivemos: Xutos e Pontapés, Delfins, Despe e Siga, Santos e Pecadores, Sitiados, Tropical Band, GNR, etc.

Espectáculo com o Grupo "Trovante" onde a inconfundível voz de Luís Represas encantou a população que encheu o recinto da praça de touros da Ilha Terceira.

Destaque para a actuação de grupos de música popular: "Samacaio", "A cantar é que a gente se entende", "Terra dos Bravos", Toques, Cantinho da Terceira.

Quanto aos terceirenses como cantores tivemos: Guy Fernandes, Filomena Rocha, José Xavier, Maria Aurora, Anabela Mancebo, etc.

Grupos da Terceira como: Coxe, Grupo Açor, Gama, Rest in Peace, os Pantera, os Sobredotados, Banda Íris e toda a nova geração de grupos de rock terceirense, que engrossam as fileiras musicais da "Música da pesada".

Saraus musicais com os Grupos Corais da Terceira, concretizaram-se no decurso de certos anos das Sanjoaninas.

A nível da música clássica devem-se destacar concertos com composições Chopin e Liza com músicos do Conservatório de Lisboa, mas a frequência aos mesmos foi diminuindo, uma vez que a maior parte dos jovens preferem outro tipo de representações.

Interessante espectáculo de "Fados e Toiros" na Praça de Touros da Ilha Terceira, contou com a participação do fadista Nuno da Câmara Pereira (Sanjoaninas 1990). Numa perfeita simbiose, conciliou-se a festa brava com as cordas dedilhadas da guitarra, que acompanhava a voz expressiva do cantor.

No âmbito do Fado nas Sanjoaninas 1986, houve um "Encontro com o Fado" - dividiu-se em duas partes: I - O

Cinema Português e o Fado ( projecção do filme: "Fado" de Perdigo Queiroga onde a protagonista chamava-se Amália Rodrigues; II - "O Fado ao Vivo" - com as interpretações de D- Vicente da Câmara e D. José da Câmara

## (Ano de 1989)

Noites de fados de Coimbra e de Lisboa pelo Dr. António de Portugal e por Rodrigo.

Xutos e Pontapés

Conjunto de guitarras de Carlos Baptista



Dulce Pontes no Campo de Jogos (1997)

José Castelo  
 Olivério Ribeiro  
 Grupo "Os Golfinhos"  
 Quarteto de Mário Lajinha  
 Grupo de violas da Casa do Povo de Stª Bárbara  
 Lori Yates  
 Atomic Opera  
 Grupo de violas da Ilha Terceira

Muitos outros artistas (locais, regionais, nacionais e até internacionais) actuaram nas nossas festas, permitindo enriquecer a animação dos espaços urbanos onde decorrem as actuações.

Outras actuações:

- Grupo de Violas da Ilha Terceira
- Grupos de Música Popular Portuguesa - homenagem a Zé da Lata (Sanjoaninas 87)
- Paulo de Carvalho

- Lena Coelho e Banda Sucesso
- Serenata na escadaria da Igreja do Colégio/Com Fados de Coimbra (Sanjoaninas 1989)
- Conjunto de Guitarras de Carlos Baptista/José Castelo/Olivério Ribeiro
- Besclure - Música Popular Portuguesa (Sanjoaninas 1991)
- Grupo "Lua Cheia"
- "Os Ilhéus" da Ilha do Pico
- Música Popular Brasileira "Pantera"
- Música Baiana com o grupo "Som das Águas"
- Baladas com Manuel Bernardo
- "Ronda dos Quatro Caminhos"
- Espectáculo de Manuel Freire
- Grupos como os "Tá-Modes" e "Maio Moço", "Tormenta Tropical", "Banda Iris"; "Enuma Ellis"; "Onda Choc"; Patrícia Rodrigues; Susana Coelho.



Actuação de Paulo Gonzo (1997)



Actuação de Fátá de Belém (1991)



Actuação da Fúria do Açúcar (1998)

# Entre “Excesso” e outras sonoridades



Multidão para o Concerto dos “Excesso”

## 1998 – Concertos.

Uma assistência estimada em cerca de dez mil pessoas deslocou-se no Domingo 21 de Junho de 1998 ao Bailão para assistir ao concerto da Boys-Band Excesso integrado no

programa das “Sanjoaninas 98”.

A afluência de fans ao recinto do concerto começou cerca das 17h00 (cinco horas e meia antes do espectáculo), altura em que os membros da banda (Melão, Gonzo, Duck, Portugal e Carlos) subiram pela primeira vez ao palco do Bailão para o habitual teste de som.

As fans mais fervorosas – muitas das quais já tinham tido um primeiro contacto com os ídolos durante a concorrida sessão de autógrafos no jardim público de Angra do Heroísmo – aproveitaram nova ocasião para ver os cinco boys ao vivo e a cores.

Quando eram cerca das 0h30 e com o recinto destinado a concertos no Bailão repleto começou então o esperado concerto.



Sessão de Autógrafos dos “Excesso” no Jardim Público (1998)



Concerto dos "Excesso" (1998)

Muitas das fans tentaram abeirar-se mas os 25 seguranças exigidos à produção do espectáculo não permitiram; outras que não aguentavam a emoção tiveram de ser socorridas pela Cruz Vermelha.

Além dos Excesso grupos como Fúria do Açúcar e Polo Norte passaram pelo palco do Bailão com bastante sucesso. Outras bandas como os Gods in (local) com um som gótico e os Turbo Junkie do Porto contaram com uma afluência razoável de pessoas aos seus concertos na noite da 2ª feira 22 de Junho.

Topo Top Band, uma banda Jorgense apresentou um concerto de aproximadamente uma hora com um leque musical constituído por um misto de temas originais, e de compositores e grupos conhecidos (sobretudo portugueses). Pouco conhecida a nível da Terceira conseguiu cativar o interesse do público ao representarem um som bastante consistente e agradável.

Los Gusmanos apresentaram um concerto onde a boa disposição esteve sempre presente em palco em virtude da intervenção de Mark, o vocalista da banda.

Para Los Gusmanos cada concerto é uma festa que tem como banda sonora temas imortais dos anos 60, 70 e 80 e

inspiradores em nomes como Led Zeppelin, Jimmy Hendrix e Queen entre outros.

Os Coxe apresentaram um concerto à base de temas conhecidos que convidavam a um pé de dança. A actuação contou com a participação especial da cantora Luso Americana Suzy, que para além de ter apresentado 3 temas do grupo "deu uma ajudinha" na interpretação da marcha oficial "Angra Salgada e Doce".

A programação musical do palco do Bailão contou na noite de 5ª feira 25 de Junho apenas com a actuação do grupo canadiano Blue Rodeo.

Aguardada com alguma expectativa pelo facto dos Blue Rodeo serem uma banda com algum sucesso no Canadá, a actuação acabou por não cativar o público terceirense que compareceu em número reduzido ao recinto.

Apesar disso os Blue Rodeo estiveram durante duas horas em cima do palco a apresentar o seu trabalho onde são notórias as influências de country-rock com alguns pós-jazz. Uma sonoridade pouco consumida por estes lados. Por isso o público esteve um pouco alheado do concerto apesar dos sons serem produzidos por músicos de grande qualidade.

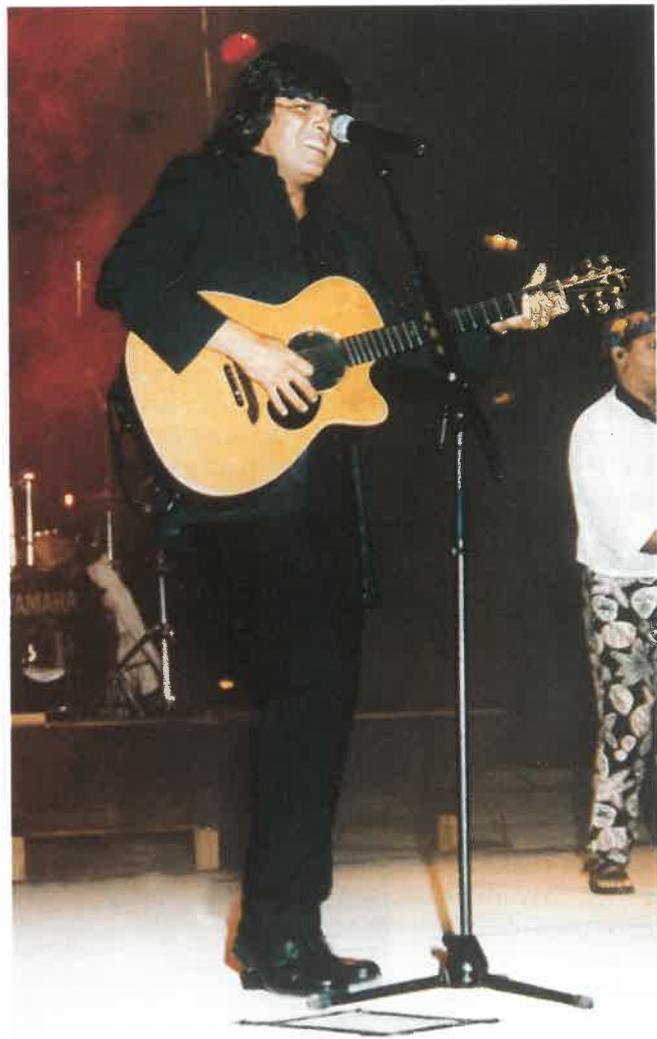
# Luís Represas /98

Durante aproximadamente 1h30 Luís Represas prendeu a atenção do público presente no recinto (cerca de 7 mil pessoas) com temas dos seus trabalhos a solo como: “Feiticeira”, “No escuro”, “Foi como foi”, “Hora do lobo” ou então dos Trovante como “125 azul”, “Perdidamente” e “Timor”.

Para além da qualidade da sua música e da participação do público o concerto de Represas contou com um excelente suporte de som.

As noites festivas dependem dos acordes de música popular, dos sons metálicos do rock, da melodias românticas que se elevam no ar, ou então do troar efusivo dos instrumentos que enchem o ar de sons trepidantes.

Ficaram aqui registados alguns dos momentos importantes destas festas. Muitos outros poderiam ser referidos, só que apareciam listas intermináveis, de artistas / agrupamentos fazendo que o leitor perdesse o entusiasmo pelo dinamismo utilizado no registo das manifestações culturais.



Actuação de Luís Represas (1998)

PRAÇA DE TOIROS DA ILHA TERCEIRA  
27 e 28 de Junho – 21H30

# TONICHA



CARLOS  
ALBERTO  
MONIZ

PRAÇA DE TOIROS DE S. JOÃO

SEXTA-FEIRA, 26 DE JUNHO

PELAS 22 HORAS

a actuação de  
**PAULO DE CARVALHO**

e a participação dos

«Toques»



BILHETES À VENDA  
NO POSTO DE INFORMAÇÕES  
DAS «SANJOANINAS 87»

## “Rock nas Pipas”

Sábado, 20 de Junho, pelas 22 horas

CONCERTO COM OS



**HERÓIS DO MAR**

COM A PRESENÇA DE  
**Carlos Cruz (da RTP)**

*Fascinante desembarque na Baía de Angra*

ACTUAÇÃO NO PORTO DE PIPAS  
COM UM CENÁRIO IMAGINATIVO

*Um espectáculo dedicado à Juventude*  
**GRÁTIS**



The Musical Time

MUSICA

COXES Chili Mozart

THE ATOMIC OPERA

MANUEL FREIRE

New Style ATLAS

RIP

DUO RANGEL

SITIADOS

ИY B'AT'ИЦZARES

TROPICAL BAND

BANDA IRIS

Braúlio Barral

&

Sobredotados Carlos Villela

Boonda dos Quatro Caminhos 33

# Mensagens dos Presidentes e Comissões das Sanjoaninas

1984 - Sendo as maiores festas de cariz profano que se realizam nos Açores, as Sanjoaninas têm na Ilha Terceira, o seu cenário tradicional e histórico, agora alternado entre a cidade de Angra do Heroísmo e a novel cidade da Praia da Vitória. O sismo de 1 de Janeiro de 1980 - que destruiu o rosto de Angra, tornando-se triste e doente - desviou violentamente o antigo centro das Sanjoaninas. Na verdade, o sismo varreu-lhe também o dom da alegria. Agora que Angra, com esforço heróico, se ergue das suas próprias ruínas e reconquista o seu belo rosto, chegou o momento de devolver-lhe o seu genuíno quotidiano e, com ele, as suas festas. Serão Festas da Terceira num abraço de Açorianos, de portugueses, de emigrantes em homenagem de saudade e de todos os que queiram juntar-se a este espírito de alegria e amizade. Pela Cultura. Pelo Povo.

1986 - As Sanjoaninas são uma tradição secular. Atraem inúmeros forasteiros. São um cartaz turístico, tempo de encontro e de convívio. Muitos emigrantes voltam à Terceira para matar saudades da família, dos amigos e da terra natal. A comissão organizadora decorou as festas com qualidade e orgulho.

1989 - Foi com muito trabalho e responsabilidade, mas com enorme satisfação que esta Comissão preparou e organizou aquelas que são consideradas as maiores festas profanas dos Açores.

Com muita preocupação e responsabilidade porque para gáudio de todos nós, as Sanjoaninas já atingiram uma projecção que ultrapassa as nossas fronteiras naturais.

Com enorme satisfação podemos proporcionar à nossa comunidade e aos que nos visitam - a quem asseguramos boa

estadia - uma quadra festiva e divertida.

Agora há que viver intensamente o S. João para engrandecimento e dignificação destas Festas.

1990 - (*Presidente da Câmara Municipal de Angra - Joaquim Ponte*)

AS Sanjoaninas da Ilha Terceira cada vez mais se afirmam como um dos maiores cartazes turísticos dos Açores.

Mantendo a profunda raiz popular que as fez surgir há mais de quatrocentos anos, as festas têm vindo a melhorar os seus programas.

Não podemos aqui esquecer tantos conterrâneos que vivem e labutam por outras paragens do mundo e que nesta altura nos dão o grande prazer da sua visita.

1996 - As Sanjoaninas são concebidas, visando três grandes objectivos: afirmação da nossa diferença; mobilização popular e projecção para o exterior. É um precioso "brinquedo" para o povo e para a economia. Para a economia, como mola activadora da circulação de bens e serviços. Para o povo, porque amacia a sua vida, estimulando o convívio, o reencontro, a tolerância e a alegria. Não se pretende que as Sanjoaninas sejam melhores ou piores que as demais (Dr. Raúl do Rego).

Através destes excertos tirados das mensagens dos Presidentes das várias Comissões e do Presidente da Câmara, salientamos que toda a tónica está centrada na análise, da melhoria gradual do nível das festas, na propaganda turística da Ilha, no entusiasmo posto para que tudo resultasse em êxito, surgindo sempre uma palavra muito especial para os forasteiros que a nós chegam, em especial os nossos irmãos emigrantes, e que aqui acorrem juntando-se a nós na vivência das emoções desta quadra festiva.

# Cortejo Etnográfico

Sendo a Terceira rica em tradições que remontam aos seus ancestrais, não podia deixar de as reviver nas suas festas maiores.

Assim, após um exaustivo levantamento, tem-se conseguido trazer a público nas

Sanjoaninas, o chamado Cortejo Etnográfico.

É a maneira através da qual as gerações mais recentes, podem recordar os usos e costumes de outras décadas, (não exclusivamente os habitantes da Terceira, mas os forasteiros e emigrantes).

Quando tal evento ocorre, grande é a multidão que de pé, ao longo do percurso, admira, aquilo que outrora foi meio de vida de muitos antepassados.



S. Pedro (1998)

Desde o cortador de lenha, que nas matas cerrava manualmente as árvores para as transformar em lenha, que iria aquecer os fornos das casas, ao da rapa que acendia os fornos para fazer o pão. E o moleiro com o trigo que depois de moído, seria farinha para o sustento do homem com o fabrico do pão.

Do homem das peneiras que peneiravam a farinha, ao vendedor de petróleo, ao funileiro, ferreiro, amolador de facas e tesouras.

Chegam-nos os ardinhas, nabiças, vendedores de galinhas e ovos, que enchiam as ruas com o som das suas cornetas e pregões.

Vendedores de favas, tremoços, milhos que nas touradas faziam as delícias de quem os mastigava calmamente, aguardando o espectáculo.

Quem esqueceu a mudança da família da Ribeirinha para a sua casa de férias na Serretinha, com todos os pertences na carroça, não faltando os colchões, galinhas, camas e até o bacio.



Uma festa mostrando o que há de mais genuíno - As Tradições Terceirenses



"A Muda para a Serretinha"

E as mexeriqueiras, beatas e intrigistas que vestidas de negro, mantilhas na cabeça, "ao abrigo de irem à missa", quando de lá regressavam, pelo caminho vinham sabendo de tudo, fazendo mexericos e contando acontecimentos.

Quem relembra o casamento de outros tempos, com noivos, padrinhos, pais e familiares com os seus melhores fatos: eles de negro, chapéu na cabeça, corrente de relógio em ouro sobressaindo do colete preto sob casaco da mesma cor. Elas vestidas de seda, chapéus ou mantilhas, sapatos altos, cordões de ouro ao pescoço.

As ofertas eram trazidas no cortejo em sacas de chita de cores e com borlas, não faltando as pratos de arroz para lançar aos noivos, em sinal de fertilidade. Tudo isto ficava imortalizado pelo fotógrafo de antigamente, com célebre máquina de magnésio tapada com um pano... "rebertava com

fumo" mas registava para a posteridade o evento.

São cortejos de grande valor cultural, onde também se relembra os carros do bodo do Espírito Santo, das matanças do porco, do vinho, etc.

Quem os organiza, merece um elogio, pois revela que teve de se documentar para poder reproduzir fielmente, e deve-se salientar que todos os que se tem realizado nas Sanjoaninas são bem o testemunho de um bom trabalho em prole de uma cultura.

Nas Sanjoaninas 1996, assistimos à etnografia das várias ilhas Açorianas que fizeram-se representar com os seus usos e costumes, tendo finalizado na Praça Velha com prova dos produtos gastronómicos, dando a conhecer aquilo que se fazia e faz nas outras ilhas dos Açores.



A "Desfolhada" do Milho



**Cortejo Etnográfico - 1998**



## A nível etnográfico devemos referir:

1984 - Bodo de Leite nas Bicas de Cabo Verde

1986 - Bodo de Leite em São Pedro (colaboração da Vila de São Sebastião)

1991 - Etnografia: Recordar Figuras de Outros Tempos

Serão Regional com a participação de Ranchos Folclóricos, Bailinho de Carnaval, Foliões, Ciclo das Colheitas e Rancho de Natal

### *Etnografia e Gastronomia Terceirense*

colaboração :

- QUINTA DO MARTELO
- GRUPO FOLCLÓRICO MODAS DA NOSSA TERRA

*A funcionar, todos os dias, durante as festas,  
no Parque de Estacionamento da Rua Queimada.  
Faça-nos uma visita !*

Dia		Motivo
Semana	Mês	
Sexta	21	Abertura - Centro Etnográfico e Gastronómico
Sábado	22	Matança do Porco
Domingo	23	Época das Ceifas
Segunda	24	Festas Populares
Terça	25	Noite de Fado
Quinta	27	Entrudo
Sexta	28	Espírito Santo
Sábado	29	Colheitas
Domingo	30	Ciclos Económicos - Ciclo da Laranja

- 1992 - Apontamento Etnográfico "Os Pregões da Nossa Terra"  
 - Matança/Ranchos de Matanças (colaboração do Grupo de Baile à Antiga do Posto Santo)  
 - Apontamento Etnográfico: "A Folia do Pézinho"  
 - Trajes Típicos da Ilha Terceira  
 1993 - Cortejo sobre o Ciclo da Lã

## Ciclo da lã

Mais do que escrever a história da lã, fizeram-na os nossos avós na alegria de serões que eram festas de trabalho, cantiga e desafio. Tocavam-se as manhas ovelhas, para que despindo-as, fosse vestida toda a família. As mulheres já em ar de festanas ribeiras ou pins de lavadouro público lavavam a lã, que depois de seca seria verdadeira e aberta, pronta para o serão ou fião. Depois eram os convites normalmente feitos pelas filhas da casa ou vizinhas, enquanto a mãe cozinhava o milho, merenda deliciosa que as comadres apreciariam, aberto em estrela com pitada de chá em prato de domingo. Finalmente o serão, chão forrado de estira de junco do mato entrelaçado, luz de petróleo, requinte de tempos mais modernos, pois muito se fiou à luz da candeia; só depois luz de vidro posta em cima da rasola ou alqueire, tudo a postos e limpo, pois as comadres mexericam; tudo e não deixam passar a lã de desatada ao campo do hirante. Noite e chegar, trindades batidas e lá chegam as comadres e vizinhas, parentes e amigas, fião em punho, cardas de baixo do braço, xale pelos ombros, lenço de lã estampado, galocha de trincha de polimento e avental do tear; Uhi! Uhi! Mariquinhas! Vámo enitrandu amigas e tomando assento na estira. Perna cruzada, gritam as comadres: Venha a lã que o fuso já roda e o fio já campeonato de maesarcos. Porém, vieram também os maridos e irmãos, os primos e os amigos e com eles, as gaitas de folas e de boca, violas e violões, bandolins e rebecas, para que saísse a cantiga e fosse animado o serão. Na Charamba ou São Macieiro, na Lira ou no Meu Bem, saudavam-se os velhos, namoravam-se os novos, por vezes acabando em despique, mas sempre em ar de festa. Cantava-se, fiava-se e cardava-se, dobava-se e ensarilhava-se e quando não havia mais lã, lá vinham os pratos de milho cozido. Serão fiado, muito trabalho havia ainda a fazer até que a lã chegasse ao tear, ou às mãos de quem faria de lá bolota de pastor, "nuera", meia e até mesmo luva, manta, colcha ou cobertor. Tinha com as mais variadas plantas, cozidas em panela de ferro, onde depois dos tons conseguidos, era introduzida a lã. Urdiam-se as telas sem régua nem compasso, ladrilhavam-se lindos losangos, hexágonos e octógonos, estrelas e quadrados, numa mistura de cores, tão lindas que ainda hoje são a gala das nossas varandas em dias de São João.

## As debulhas do trigo

As debulhas eram fruto do trabalho árduo, das ceifas que acabavam na fatura do trigo, guardado em ceifeiras de linho ou sacos de tear, esperando moí-lo ou atafuna que o faria farinha de pão de cada dia, para os mais abastados e pão alvo de dia de festa para os mais pobres.

Ceifado o trigo, amarrado em molhos, era carregado a preceito em carro de bois que o transportava à eira.

Santa Isabel era o mês marcado no calendário agrícola para as ceifas e Agosto era tempo de mudança da família para o palheiro da eira. Pelo caminho, os carros entoavam a melodia do peso quando as cantadeiras chamavam em cima do rodeiro. Carros loiros imitando longas cabeleiras de dama antiga, passavam rumo à eira. Ali os bois cangados a preceito puxavam o trigo, tabuas lisas com pedras pontiagudas presas, que serviam para cortar a palha e simultaneamente debulhar o grão de trigo; a palha, depois de cortada e descascada à espiga, era retirada com forquilha de três dentes para dar início à limpeza do grão que era levantado ao ar tantas vezes quantas fossem necessárias para ficar completamente limpo.

Todo este ritual, fácil de descrever, era porém difícil de executar, dado estar condicionado ao estado do tempo que pouco colaborava, por não haver vento e a operação de limpeza se tornar mais difícil.

Ocasão única se nos deparou com este apontamento etnográfico que nos foi proporcionado pela boa vontade e total disponibilidade do Grupo Folclórico do Posto Santo, semeando, ceifando e carregando o trigo que agora vai ser debulhado na eira das nossas festas.

## Bodo de leite

Bodo de leite é ponto alto das festividades da nossa ilha. Tocam a repique festivo os sinos anunciando a saída da procissão e à porta da igreja, em andor ornamentado a preceito aparece o eremita de longas barbas, báculo e campainha, Santo Antão, protector de todos os animais.

Perfilada, a filarmónica saúda o Santo muito à nossa moda, em Pézinho de folia que ele ouve com ar bondoso, sem notar que é profana a música, e lá segue terreiro adiante, ao ombro de quatro pastores de bolota e camisola que o transportarão até onde estão concentradas as vacas da freguesia. Junto o gado há bênção e sermão.

Mojos bem cheios, as vacas esperam as mãos dos lavradores que delas farão jorrar o leite quente para o bodo. Lindas raparigas trajadas pelos nossos teares esperam que lhes encham os jarros, enquanto outras seguram travessas de massa sovada. No império e para visitantes generosos há carne assada e alfenim.

Venham de longe ou de perto, emigrantes ou turistas, pois quantos mais vierem, mais colorido emprestam ao bodo, pois a fartura é tanta que ninguém ficará sem comer nem beber.

Angra em festa é hoje bodo grande da nossa Ilha e Santo Antão na cidade passou em cortejo solene para assistir a esta Festa que é nossa e a este bodo que é de todos.



Mostra Gastronómica/Etnográfica dos Açores na Praça Velha (1996)



Cortejo para o Bodo de Leite de S. Pedro

# Folclore



Terra sem folclore, não é terra, uma vez que este é a expressão máxima do seu sentir e querer. É a voz de um povo, traduzida na música e dança. Expressa anos de tradição e de esforço dos seus ensaiadores, tocadores, cantadores e bailadores.

Como mostra turística são cartaz dos nossos festejos, e não deixariam de marcar presença nas Sanjoaninas.

Actuam em palco durante a programação da Semana, e desfilam em conjunto com toda a sua etnografia, a demonstrar os usos e costumes das nossas gentes.

Não só os da Ilha Terceira, mas outros provenientes do Pico, S: Jorge, Graciosa, Corvo, Flores, Faial, S. Miguel e Santa Maria.

Recordemos os grupos da Terceira como: "Modas da Nossa Terra", "Grupo Folclórico das Doze Ribeiras", do Posto Santo, os "Bravos", Biscoitos, Vila Nova, "Grupo de Baile da Canção Regional Terceirense".

Todos dão o melhor do seu talento, chegando a deslocarem-se ao Continente e estrangeiro representando a Terceira.





São muitos os jovens que se integram nesta actividade cultural, e bom será que continuem pois assim não perderemos as nossas tradições.

Hoje podemos contar com o inegável valor do Grupo de Violas da Ilha Terceira – o som afinado do instrumental consegue sensibilizar quem escuta os acordes deste agrupamento.

De salientar o instrumental do Grupo de Violas de Santa Bárbara - os sons elevando-se - na Praça Velha, recordavam

os serões dos tempos antigos

Ao som do Samacaio, passando pela Chamarrita e o Pézinho, não falando na Bela Aurora, mais o Bravo e a Saudade e a inesquecível Sapateia, todas elas bem cantadas e dançadas pelas gentes da Terceira, surge um ambiente entusiástico, convidando os espectadores / público à dança cadenciada e ritmada pelas violas.



O Folclore também esteve presente nas Festas da Cidade - 1962

### Grupos que actuaram:

- Grupo de Baile da Canção Regional Terceirense
- Grupo da Casa do Povo das Fontinhas
- Grupo de Baile à Antiga do Posto Santo
- Grupo Folclórico da Vila Nova
- Grupo de Bailhos e Cantares da Ilha Terceira
- Grupo Folclórico "Os Bravos"
- Grupo de Baile "Sapateia Açoreana"
- Grupo Folclórico das Doze Ribeiras
- Grupo Folclórico Santo António de Patucket - Rhode Island (Sanjoaninas 87)
- Grupo de Folclore Modas da Nossa Terra



Baile à Antiga no Adro da Sé - Rancho da Fonte do Bastardo (Festas da Cidade - 24 de Junho de 1963)

# Feira Açores

No âmbito das Festas Sanjoaninas é importante destacar a Feira Açores, que decorre na Vinha Brava. Neste local desde 1983, foi construído o recinto permanente para a sua realização, dotado dos meios necessários e adequados ao seu bom funcionamento.

A sua concretização é muito importante, pois se atendermos às características económicas da Região, e neste caso da Ilha Terceira, certames com estas características são cruciais pelo seu valor económico-social, permitindo dinamizar as forças vivas da nossa Ilha.

Este local é o palco, privilegiado, onde os nossos lavradores devem apresentar os melhores exemplares de gado bovino; ou então as melhores espécies animais criadas e engordadas nas verdes pastagens da Terceira.

Esta Feira é a montra "viva" que atesta a vitalidade produtiva de um povo que faz da agro-pecuária, o seu principal sector económico.

Neste espaço decorrem colóquios, exposições, concertos, concursos, mas acima de tudo desfile de gado e exposição de produtos da nossa agro-pecuária.

O recinto engalanou-se festivamente, apresentando bandeiras coloridas, e importantes arranjos florais nos diversos pavilhões. Sucodem-se as exposições, e nos altifalantes surgem vozes anunciando os acontecimentos do dia; ou os vencedores dos concursos.

O restaurante de comida tradicional serve iguarias saborosas, demonstrando a riqueza gastronómica da nossa cozinha.

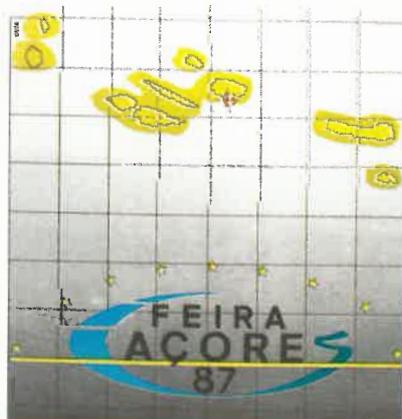
Não querendo descurar outros anos, interessa referir na nossa investigação, os anos de 1987, 1990 e 1993.

## Ano de 1987 (de 26 a 29 de Junho)

### Acontecimentos

Sinais evidentes do trabalho de 5 secretarias regionais:

- Trabalho
- Agricultura e Pescas



PROGRAMA	26 DE JUNHO	27 DE JUNHO	28 DE JUNHO	29 DE JUNHO
08h30 - Entrada de gado alfeiro	09h00 - Abertura oficial	16h00 - Concurso de canídeos	17h00 - Concurso de "Stands"	21h30 - Noite Regional
08h30 - Concentração	09h30 - Desbaste de um Poldro	10h30 - Carrocel (Associação Equestre Micaelense)	Volteio (A.E.M., C.H.L.T., outros)	11h30 - Atrelagem
14h00 - Prova pequena obstáculos	15h30 - Prova grande obstáculos	23h00 - Noite de "Fiamenos"		
08h30 - Concentração Raid	09h00 - Visita Escolas	09h30 - Início do Raid	11h30 - Chegada do Raid	14h00 - Demonstrações Alfaias Agrícolas
16h00 - Jogos Tradicionais	18h00 - Entrada de Gado Leiteiro	21h30 - Noite de Fados		
09h30 - Desfile e pré selecção de bovinos	13h00 - Desfile de cavalos e atribuição de prémios	15h30 - Desfile e classificação de bovinos	Entrega de prémios	21h30 - Desfile de Marchas convidadas
24h00 - Encerramento				

## Feira Agro Comercial e Industrial (FACIT/93)

### DIA 24 - ABERTURA

08h00 - Entrada de gado alfeiro  
16h00 - Abertura oficial  
16h00 - Concurso de canídeos  
17h00 - Concurso de "Stands"  
21h30 - Noite Regional

### DIA 25 - DIA DO AGRICULTOR

08h30 - Concentração Raid  
09h00 - Visita Escolas  
09h30 - Início do Raid  
11h30 - Chegada do Raid  
14h00 - Demonstrações Alfaias Agrícolas  
16h00 - Jogos Tradicionais  
18h00 - Entrada de Gado Leiteiro  
21h30 - Noite de Fados

### DIA 26 - DIA DO CAVALO

08h30 - Concentração  
09h30 - Desbaste de um Poldro  
10h30 - Carrocel (Associação Equestre Micaelense)  
Volteio (A.E.M., C.H.L.T., outros)  
11h30 - Atrelagem  
14h00 - Prova pequena obstáculos  
15h30 - Prova grande obstáculos  
23h00 - Noite de "Fiamenos"

### DIA 27 - ENCERRAMENTO

09h30 - Desfile e pré selecção de bovinos  
13h00 - Desfile de cavalos e atribuição de prémios  
15h30 - Desfile e classificação de bovinos  
Entrega de prémios  
21h30 - Desfile de Marchas convidadas  
24h00 - Encerramento

- Comércio e Indústria
- Transportes e Turismo
- Equipamento Social
- Presença de 38 expositores do Comércio e Indústria:
- 4 pavilhões de Artesanato
- 10 pavilhões para exposição de gado bovino, caprino, suíno e cavalar.
- Estavam reservados 570 contos para prémios aos concorrentes de gado bovino.
- 60 troféus estavam expostos em local de destaque.

### Menciona o jornal "A União" de 29 de Junho de 1987:

"... Se em todo o vasto programa das Festas Sanjoaninas 87 houve um grande número de actos assinaláveis pelo seu valor cultural e significado humano do povo Açoriano/Terceirense, este da Feira Açores 87 foi um dos mais relevantes cujos efeitos dificilmente serão esquecidos..."

## Ano de 1990 (de 29 de Junho a 1 de Julho)

### Acontecimentos

#### Diurnos

- Entrada e classificação do gado.
- Jogos Tradicionais
- Colóquios
- Exposição/Concurso: Canídeos e Aves
- Desfile/Distribuição de prémios ao gado seleccionado.
- Concurso Hípico
- Distribuição de troféus dos concursos: Stands, Canídeos e Aves

#### Nocturnos

- Actuação de Marchas de S. João.
- Actuação de grupos Folclóricos.
- Concerto com o "Grupo Gente da Ilha".
- Bailinhos de Carnaval.

No decurso das Sanjoaninas é notório o número de exposições que ocorrem em diversos locais. Desta forma é possível visualizar elementos relacionados com:

### Ano de 1972:

Fotografia de Mário Silva  
Salão de fotografia do mar (Club Náutico)  
Fotografia de: Isidro Ramalho  
Emanuel Pontes

Exposição Filatélica  
Exposição: "10 pintores de Angra"  
I Salão automóvel dos Açores

I Feira do livro Açoriano (como curiosidade deve ser referido que o livro com maior número de exemplares vendidos foi a colectânea de poemas, comemorativa do acontecimento, e intitulada: "14 poetas de Aqui e de Agora")

Exposição - Arte Sacra  
Flores

"A Rainha visitou acompanhada de todo o seu séquito e do Presidente e membros da Comissão das Festas da Cidade, diversas exposições..."

No campo de jogos da cidade a rainha das festas e seu séquito assistiu de camarote à exibição do "Populorum Progressio..."

(A União - 1972)

### Ano de 1986:

Medalhística e Numismática  
Filatelia  
Fotografia  
Miniaturas de Garrafas  
Bordões e Chocalhos  
Bordados Regionais  
Caixas de Fósforos  
Retratos a Carvão  
Transportes dos Séculos XVIII e XIX  
"A Propósito da Visita Régia"  
Miniaturas da Lavoura (José Araújo)

### Ano de 1987:

"Angra - Chave da Carreira das Índias"  
"Vestígios da Civilização Espanhola na Ilha Terceira"

Fotografia - Jardim Público (Ricardo Laureano)  
Pintura por Artur Vitorino  
Forum Internacional - "Aspectos Culturais e Turísticos sobre a Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e Canadá."

### Ano de 1988:

Aparalápis  
O Mar (pelos Escoteiros Marítimos nº 52)  
Circos Terceirenses  
Vida Tauromáquica e Desportiva de "Joaquim Simões"  
(Tertúlia Tauromáquica Terceirense)

### Ano de 1989:

Arraiolos  
Fotografia - relacionada com o tema: Campanha mundial contra a pena de morte  
Feira do livro  
Peças de Joalheria  
Pintura a óleo  
Bordados regionais  
Porcelana pintada à mão  
Artesanato

### Ano de 1990:

Tauromaquia  
Arte Oriental  
Pintura e trabalhos em marfim  
Cerâmica  
Bordados  
Medalhística  
Pintura  
Artesanato

### Ano de 1995:

Rainhas das Festas da Cidade  
D. António Prior do Crato  
Pintura em Porcelana  
Etnografia  
Arranjos Florais  
Marchas de São João  
Pintura de Hildebrando Silva  
Pintura/Desenho de Carlos Centeno

**NOTA:** Durante as Sanjoaninas decorrem anualmente exposições de grande valor/qualidade. Apresentar todos esses eventos seria demasiado extensivo.

# A imprensa e as Sanjoaninas

É interessante verificar que a imprensa no âmbito das Sanjoaninas procura apresentar diversas reportagens, ilustrando os acontecimentos que ocorrem no decurso deste período festivo.

Hoje com o incremento dos audiovisuais nota-se o grande impacto da televisão, do rádio e dos jornais. Todos em conjunto fazem a eficaz cobertura das Festas da Cidade.

É notório que todos os anos surgem notícias interessantes na imprensa escrita Terceirense. Ao escolhermos estes anos e artigos não queremos de forma alguma menosprezar outros autores, jornais ou livros que abordam o fenómeno festivo das Festas Citadinas. Muitos são os autores, repórteres ou até cidadãos anónimos que fazem textos de rara beleza, abordando a temática da Ilha, Cidade e de S. João. Escolhemos estes apontamentos, porque achámos curiosa a sua composição / informação, ou até mesmo porque enriquecem documentalmente o nosso trabalho (ex.: o artigo do conhecido

crítico tauromáquico Ricardo Jorge, intitulado: “A nova Praça de Toiros”; ou então: “A origem dos Jogos Florais” da autoria do Dr. Reis Leite).

Como fontes documentais podemos mencionar os jornais locais, e a revista “Ilha Terceira”.

1º artigos - 1º “A origem dos Jogos Florais” (Ano de 1972)

2º “A nova Praça de Toiros” (Ano de 1984)

2º Registo da autoria do Padre Coelho de Sousa intitulado “Sanjoaninas Perto” (1977). Deve ser lido com especial atenção o último parágrafo deste texto, pois surge uma breve e fugaz caracterização do novo sistema autonómico que se vive nos Açores.

3º As Festas da Cidade no ano de 1937 - Apontamentos do Jornal: “A União”. Este ano é extremamente rico a nível documental, permitindo encontrar notícias muito curiosas.

**A UNIÃO**  
 DIÁRIO DA TARDE  
 dre António Cordeiro, 13-21 — Telef. 125 — Angra do Heroísmo — Ilha Terceira

**ANO LXXIX**  
 N.º 22.940

**Fundador**  
 Vieira Mendes  
**Director**  
 A. da Cunha Oliveira  
**Editor e Administrador**  
 António Manuel de Sousa Rocha  
**Propriedade**  
 União Gráfica Angraense

**Quinta-feira**  
**22**  
**JUNHO**  
**1972**

# rte de governar

foi sempre exige gran- nuncia e de nos nossos : um carác- nte espinho- que já ul- jarreira dos s educados austeridade inculcada a dicional às oridade. Os s dioceses,

os párocos nas suas fregue- sias, os superiores nas suas comunidades e, na maior parte dos casos, os pais nas suas famílias gozavam de prestígio e dispunham de poderes que só um ou outro, dotado de temperamen- to mais rebelde, ousava contestar.

Qualquer discordância ou até hesitação no cumprimen- to da ordem recebida era considerada como grave falta contra a disciplina.

Os superiores julgavam ter sempre razão, como se o privilégio da infabilidade abrangesse todos aqueles que estavam investidos em cargos de governo.

Como reacção contra este autoritarismo excessivo surgiram, no nosso tempo, em todas as comunidades, atitudes de inconformismo que muitas vezes assumem o carácter de manifesta rebelião, a ponto de, em muitos casos, se tornar quase impraticável o exercício do poder.

O desprestígio da autori- dade, a contestação siste- mática de todas as ordens recebidas, a crítica implacável de todas as decisões, são sintomas da grave cri- se que afecta todos os meios sociais.

Quando se julgam cons- tituídos no dever de fazer qualquer admoestação ou de contrariar qualquer pre- tensão dos súbditos, mesmo que os superiores procurem adotar a pilula, servindo-se de termos corteses e con- descendentes, provocam quase sempre respostas

bruscas, desabridas e atitu- des desdenhosas e desco- nroladas. Até nas próprias comunidades religiosas já se não sabe muito bem qual o significado e valor que muitos atribuem ao voto de obediência.

É certo que os superio- res não se devem julgar de- tentores de poderes discri- cionários sobre os seus sú- (Continua na 3.ª pág.)



Maria Manuela do Rego Benevides (Rainha das Festas)

# Amanhã abertura das Festas

## Cor, Graça, Juventude nas Festas da Cidade de Angra

Angra, esta Angra que ca- da vez mais teima na rei- vindicação das suas secula- res tradições, a que vai alic- iando já um sentido de pro- moção turística, aposta-se para as suas festas anuais

— as Festas de «São João». Por todo o lado é lida e tra- balho que os olhos dos visi- tantes já vão apreciando. São os últimos retoques nas iluminações, as forras de ce- dro nos mastro alvacentes da cidade, o levantar do tro- no da Rainha no adro da Sé, tudo isso que é motivo de imensa canseira em vésperas de festa.

A Rainha e o seu juvenil séquito, por seu lado, aguardam, não sem comoção, o grande dia que é amanhã em que Angra por intermédio dos seus jovens oferecerá aos forasteiros a graça e beleza de uma juventude em marcha.



Ana Maria do Rego Benevides (Camareira), José Silveira Flores Brasil (Chefe do Protocolo), Maria Luísa Reis Carvalho Rocha Lourenço (Pagem) e Maria José Reis Carvalho Rocha Lourenço (Pagem)

### Festas da Cidade Programa

- Para amanhã (21h00):
- ★ Salva de morteiros;
  - ★ Desfile do cortejo da Rainha, precedido de fitarmónicas;
  - ★ Abertura das iluminações;
  - ★ Proclamação das celebrações;
  - ★ Saudação;
  - ★ Ballet.



Maria Filomena Vieira Brito de Azevedo, Maria Margarida Vieira Ferraz Pinheiro, Maria Helena Dias de Ávila e Azevedo e Maria Margarida Moules Leiria Gomes (Damas de Honor)



Maria Manuela Moniz Vieira da Areia, Susana Lourenço de Ávila, Maria Gabriela Bruges Porto e Maria Manuela Martins de Ávila (Damas de Honor)

## Gruta das Agulhas Prevenção de riscos rurais

Uma vez mais pelas Fes- tas da Cidade de Angra, «Os Montanheiros» prestam a sua colaboração, mostrando ao público uma das grutas exploradas por aquela colec- tividade.

Este ano será a GRUTA DAS AGULHAS, situada na freguesia do Porto Judeu, com entrada junto à beira mar, muito próxima da his- tórica Baía da Salga.

Assim, a referida galeria vulcânica de extraordinário

Realizou-se hoje, pelas 11,30, no Gabinete do Dele- gado de Trabalho, uma Con- ferência de Imprensa pelo grupo de técnicos da Campa- nha de Prevenção de Riscos Rurais que se inicia ama-

### Flash

«Como português Ca- mões encarou até à ma- dula toda a nossa condi- ção: pobreza, vagabunda- gem, cadeia, desterro, (...) escreve o poeta Eu- génio de Andrade, no pre- fácio duma antologia, ago- ra publicada, de Camões, de verso e prosa. E ainda mais: «De Camões, em pura verdade, muito pouco sabemos. Nasceu pobre, viveu pobre, morreu mais pobre ainda (se não miseravelmente, e é isso que não cessa de doer), sic, que acumulou bens que milhares de milhares de ho- mens não têm chegado pa- ra dissipar» (...)

Luiz Vaz de Camões teve a sua vida num dos maio- res entroncamentos histó- ricos que a raça viveu: Daí toda a tumultuosa vida política e social, todos os seus desastres e incom-



Delgada e 1971, e se- da J. A. P. ram entrada Delgada 1.018 pelagem bru- 86 navios de ocamento de

Boto de sua es- edina Cer- oncontra - se o de férias; nio Carepa

arepa Boto, sumprimen- imabilidade r e a gene- ferta a ser queles ne- ocuram es-

### CA OLA POR AMOR DE DEUS

espiga, por amor de Deus. Uma espiga de trigo. Ou chamem-lhe abraço ou ternura, e uma espiga. m de longe, de tão longe, por causa desta espiga vossa, das vossas mãos alentejanas. o pão de asinho, o berlínde e o bibe: a espiga loira (agora não sei a cor que le- ira) do meu trigo de menino. thos camaradas de Alvalade, de Melides, de Santiago, do Cercal, como eu amava, esse nosso-meu mar de trigo. Sabem co- esumbrado, as mãos sobre os cabelos da

io do mundo para vos pedir ao menos, uma sara, minha única ternura da vida: a in- ocês no bibe azul aos quadrados.

eduardo olímpio

# DIÁRIO

Journal Diário - Terceira - AÇORES  
Ano LII - Nº 15610  
20 de Junho de 1998  
Preço: 85300  
Endereço Internet:  
<http://www.cidadevirtual.pt/diarioslar>

Sábado

# INSULAR

Fundado em 1946

Director: José Lourenço

Crianças espalham fantasia

## Angra cheia de doçura na abertura das festas



Primeira Coluna

### Angra murcha

Hoje, é esta uma coluna algo desanimada e, ainda por cima, sem fim-de-semana que deveria ser de início de festa. Mas também ninguém nos manda ser curiosos e entrevistar gente cujas opiniões não nos reatam para grandes euforias.

Um técnico da UNESCO, que conhece suficientemente bem o processo "Angra, Património Mundial", está na cidade, a convite da Câmara Municipal, para ajudar a reformular os regulamentos que tenham a ver com a preservação do património local edificado e a construir.

E a sua opinião, embora não nos tenha apanhado de surpresa, é demolidora e traduz-se nos termos mais ou menos que se seguem, sem a letra, pelo menos no espírito: Meus senhores, têm-se permitido ao despitante de fazer tanta asneira, a que convida a legislação inadequada que praticam, e porque sefastaram das obrigações resultantes da elevação a património mundial, que, retirá-lhes a nomeação, a UNESCO não poderá, mas pode conceder-lhe um outro galardão, desta feita, de vergonha à escala mundial.

Portanto, ou tomamos juízo, governo, município, cidadãos em geral, ou corremos o risco de sermos apontados como exemplo de património em desleixo, de degradação geral, no nível físico e de mentalidades.

Para terminar a semana até que não está mal.

De facto, até já andávamos suspirando disto, mas, lá íamos enfando. Uma no cravo, outra na ferradura, adivinhámos para um futuro pouco preciso, decisões que deveriam ter sido tomadas ontem. E a política sempre de perreco.

A verdade é que nunca assumimos por inteiro aquele arrojo espantoso de termos conseguido tamanha gabarido para Angra. E, devido a sermos um povo pouco culto, por um lado, há, e pouca, preocupação, por outro, não conseguimos arranjar, nestes anos todos, um modelo aceitável de organização burocrática onde o cidadão se revisse e fosse incentivador do orgulho de viver numa cidade com esses pergamínios.

Tem abundado a impreviabilidade, mas tem faltado muita coisa, sobretudo capacidade de decisão e dinheiro. Dinheiro para educar, para construir, recuperar, incentivar.

Muito mais se poderia ter feito. É sempre verdade. Mas, mais ainda e mais depressa se houvesse mais dinheiro.

Resta-nos arranjar alternativas ou estagnar no tempo, e dar um colapso de quando em vez, na fachada. Para que a casa não nos caia em cima.



VERA Garret Gomes, rainha das "Sanjoaninas-98" (foto: João Costa/01)

As principais ruas da cidade de Angra encheram-se para assistir ao cortejo de abertura das "Sanjoaninas-98". Cerca de 300 figurantes e cinco carrus alegóricos, trouxeram para a cidade o imaginário infantil e a doçaria tradicional. Uma noite cheia de cor, onde as crianças voltaram a dar um brilho muito especial à festa.

Página 3



Sérgio Ávila:

### Cidade devolvida

### aos angrenses

O presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Sérgio Ávila, destacou, no discurso abertura das "Sanjoaninas-98", o facto de a cidade estar a passar por um processo de transformação, que visa a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

Página 3

Daniel Drocourt

### Angra nem sequer se respeita

Angra do Heroísmo pode passar por vergonhas na reunião da Unesco da próxima semana. Daniel Drocourt, consultor da Unesco, disse ao DI que a nossa cidade começa a assemblar-se à Dysnviândia. Ninguém respeita nada desde sempre.

Resultado: o nosso património e de fachada.

Página 5

# Modelo

# Curiosidades sobre as Sanjoaninas

«No salão nobre da Câmara Municipal de Angra, ocorreram em 5 de Junho de 1924, os primeiros Jogos Florais da cidade, promovidos pela Liga de Educação Cívica, à semelhança do Norte de Espanha e do Sul de França.

O ambiente era de gala e distinção, sendo presidido por sua majestade Graciosa - a rainha dos ditos jogos, sem o ser das festas.

O ceptro foi empunhado pela Exm<sup>a</sup>. Sra. D. Maria de Sampaio D'Arte de Castro Parreira Coelho, ladeada pelas suas damas.

Foram proferidas duas brilhantes conferências, por dois ilustres conferencistas: Luís Ribeiro e Vitorino Nemésio.

O Júri foi constituído por: Armando Côrtes - Rodrigues; Manuel António Lino e Gervásio Lima.»

(A União)

«Decorreu no Teatro Angrense um Festival da Canção Açoriana - Maria Amaro foi intérprete da canção mais votada (das 24 concorrentes), intitulada: "O Povo Todo". Possuía letra e música de Álamo de Oliveira.

Filomena Rocha ganhou o prémio interpretação com a canção: "Nas Voltas do Bravo".»

(Revista - Ilha Terceira)

«Num dos capítulos citadinos em honra do Infante D. Henrique, decorreu no Teatro Angrense, o espectáculo de Gala intitulado: "Ao Mar". É da autoria do Sr. Padre Coelho de Sousa (Ensaíador e encenador). Desse mesmo espectáculo também fez parte um recital de poesia, com poemas do Sr. Padre Coelho de Sousa e da poetisa Maria do Céu. Os poemas foram declamados por Virgínia Parreira e Luís Filipe. Este espectáculo decorreu a 20 de Junho de 1962.

(O Teatro Angrense da autoria de Augusto Gomes da Silva)

«Nas Sanjoaninas - 62, decorreu no Teatro Angrense uma festa da rádio, onde foi apresentada a peça: "O Amor Entrou de Roldão" - original de Eduardo F. Gomes da Silva, com interpretação de Elisa Maciel, Manuel Matos, Jorge Armindo

e Fernando Maciel.

(O Teatro Angrense da autoria de Augusto Gomes da Silva)

«Na biblioteca do Convento de Mafra, na colecção "Opúsculos Vários", existem Júbilos Festivos, Epanáphora Angrense, que assim descreve uma Tourada realizada em 15 de Junho:

- O Anfiteatro era majestoso e os palanques achavam-se cheios de espectadores.

Os Toiros foram corridos a cavalo por João Pereira de Lacerda, Sargento-Mor da cidade, e seu irmão Francisco Pereira de Lacerda, Capitão da Infantaria. Vestia o 1º de branco e verde, com ricas bordaduras, e o 2º de branco e encarnado. Montavam cavalos ajaezados a primor.

Era cada um acompanhado de 16 capinhas e numerosos criados de estribeira.

O 2º toiro feriu o cavalo de Francisco Lacerda, que esteve por isso em perigo eminente de ser colhido. Apeou-se, e com a espada deu no bruto forte cutilada, mas, partindo-se esta, não foi preciso servir-se da outra, porque o irmão acabou de prostrar o toiro aos pés com um golpe tremendo que lhe vibrou.»

(In "Toiros e Touradas na Ilha Terceira" de Pedro de Merelim)

«No ano de 1849 (24 de Junho) o fidalgo João Pereira Forjaz de Lacerda promoveu no pátio da sua Quinta das Mercês - um famoso espectáculo, variado pomposo, em honra de S. João.»

(In "As Festas de S João" de Gervásio Lima)

«As festas públicas de toiros e cavahadas formaram sempre nestes meses (Junho) um dos mais favoritos e importantes divertimentos do povo Terceirense...

Reuniam em grande e pomposo vulto tudo quanto havia de mais brilhante nesta cidade...»

(In "Toiros e Touradas na Ilha Terceira" de Pedro de Merelim)

# Entrevista ao Sr. Álamo Oliveira

Neste livro estão registadas diversas opiniões emitidas por vultos que participam activamente nas Sanjoaninas.

Aqui é apresentada a entrevista efectuada ao conhecido poeta: Álamo de Oliveira.

**1- Como descreveria as Sanjoaninas a uma pessoa que nunca tivesse ouvido falar destas festas?**

Uma semana onde a alegria acontece sob múltiplos motivos. Cada um pode escolher o seu - isto é : dos contidos aos exuberantes, passando pelos comuns e pelos seleccionados. Diria ainda tratar-se de uma festa que pode ser vista de varanda, sendo, no entanto, uma escolha redutora já que o melhor é participar nela.

**2- No seu entender, a importância e o valor atribuído pelos emigrantes a estas festas, são merecidas?**

São merecidos. Um emigrante é uma pessoa especial porque repartida, quebrando-se entre o ser e não - ser de algum lugar. Sofre muito com isso, mesmo quando, exteriormente, parece não assumir esse sofrimento. Para ele, as Sanjoaninas têm qualidades terapêuticas. É o reencontro com a terra, com as pessoas, com aquilo que a sua memória detém transformado em soldado. Durante aqueles dias, ele exorciza à saudade revivendo o passado. Depois, tudo volta a situação anterior. Mas está revigorado, reconciliado com o seu próprio coração e preparado para enfrentar mais uns tempos de ausência.

**3- Acha que os desfiles de abertura de hoje em dia fugiram muito à tradição?**

Não fugiram tanto quanto se possa contar. Quando muito adoptaram-se a novas concepções estéticas, a novos materiais. Mas julgo que isso é o mínimo que se pode esperar de desfiles do género. Cada desfile de abertura, ao longo dos anos, foi sempre aquilo que as pessoas conseguiram fazer. Não há regras para um desfile. O que importa é haver imaginação, bom gosto e dinheiro.

**4- As Sanjoaninas podem ser cada vez mais consideradas como uma festa para a juventude?**

Sempre foram festas para a juventude. É essa a sua tónica e a sua preocupação principal. Ontem, hoje e amanhã. Só muito esporadicamente uma alínea do programa pode interessar

menos a juventude. As alterações que actualmente se notam são ditadas pela mudança dos tempos e isso implica mudança de vontades.

**5- Apoia a vinda de grupos de teatro; ballet, bandas musicais para o convívio desta grande festa?**

Apoio isso tudo embora nem sempre possa acontecer. É que as Sanjoaninas são essencialmente festas de rua. Há que ter este aspecto em conta. Só as condições climatéricas podem fazer com que as pessoas se interessem por realizações culturais em espaços fechados.

**6- Que importância tem o teatro na participação cultural das Sanjoaninas?**

Tem o seu lugar. Porém, sempre que é feito em espaço fechado a sua importância relativiza-se. No entanto, as Sanjoaninas são povoadas por gente de gostos muito diversificados. Numa palavra: há gente para tudo.

**7- No decurso das Sanjoaninas, o público tem uma maior adesão a espectáculos de cariz cultural, ou preferem outros?**

Costumo dizer a sério brincando: as Sanjoaninas podiam ser feitas apenas com filarmónicas, tascas e iluminação. As pessoas divertiam-se na mesma. Só que há responsabilidades a fazer vingar. Por isso, a componente cultural tem de ser cada vez mais forte e cuidada.

**8- Muitas pessoas afirmam que as Sanjoaninas já não são como antigamente. Concorda? Justifique.**

Em cada ano, as Sanjoaninas são aquilo que as pessoas querem que sejam. E, por isso, não podem ser o que eram antigamente. As pessoas são outras tem outros gostos, outra mentalidade, outro tipo de comportamento. Mesmo assim, as Sanjoaninas mantêm o essencial dos antigos programas: as corridas de toiros de praça, o cortejo de abertura, a espera de gado, a iluminação com os concertos de filarmónica, as tascas, o fogo de artifício para encerrar.

**9- Concorda com a afirmação popular: " Nas Sanjoaninas cheira tudo a morcela e manjerico".**

A morcela sim. A manjerico não sei. Mas, penso que o seu grande cheiro é o da alegria lavada das pessoas.

**10- Alguns presidentes da comissão das Sanjoaninas já afirmaram que é preciso um novo modelo para a realização das mesmas. Concorda?**

De facto, já ouvi isso algumas vezes. No entanto, há pontos do programa ( os que foram enunciados na nossa pergunta 8) que não podem ser alterados, sob o risco de desfigurarem o resto das Sanjoaninas. O que pode ser mudado, de certa forma, tem-no sido. O que há são pontos do programa que podem ser melhorados. Mas isso depende da imaginação, da boa vontade e do dinheiro que houver. De resto, a única coisa que pode provocar, eventualmente, a ausência das pessoas é o mau tempo.

**11- Há quantos anos escreve letras para as marchas das Sanjoaninas?**

Desde de 1974.

**12- Onde se inspira e em que se baseia?**

Exactamente do que é possível captar e apreender da atmosfera especial que envolve as Sanjoaninas. Depois, tento que a letra saiba a autenticidade e a alegria - forma eficaz de fugir da mediocridade.

**13- Em média quantas letras escreve por ano?**

Nos primeiros anos, uma média de 6. Depois, reduzi para duas, no máximo.

**14- Tem mais solicitações das freguesias ou dos grupos urbanos?**

Actualmente, mais de grupos da cidade.

**15- Com quanto tempo de antecedência é preciso começar a programar estas coisas?**

O mais tardar, em Outubro do ano anterior.

**16- Como é que encara o teatro?**

Como método privilegiado de comunicar com os outros. Nesse momento, cabe o jogo do actor com a sua personagem; cabe o desafio mágico de surpreender ( pela acção e pela palavra ) o espectador; cabe a inquietação deixada no colo do referido espectador; cabe a mensagem - que não pode ser gratuita. Cabe, finalmente, um acontecimento artístico - a que toda representação teatral deve ser.

**17- O que é que ele representava?**

Pelo que ficou visto representa bastante.

**18- Prefere escrever peças de teatro ou letras para marchas?**

São duas coisas tão diferentes que acabo por não referir preferências. Uma marcha diverte-me. Aceito o desafio necessário das tónicas e da métrica. E, apesar disso, procuro obter uma letra que tenha "pés e cabeça", isto é: que se entenda e que dê gosto de cantar. A escrita de um texto para teatro é bem diferente. Tem que dar prazer - é um facto. Mas há outras exigências que é necessário satisfazer. Contar bem a fábula, definindo bem as personagens; dar a estas a alma e a boca adequadas à sua função no texto; provocar emoções de forma crescente para cumprir com as linhas de força; provocar o jogo teatral de forma que a irrealidade pareça real; ter noção e tempo em que a acção se desenrola; oferecer diálogos que permitam que o actor respire e que o espectador não se afunde no fastio; dar um final verosímil, mas que seja surpreendente. Não é fácil num texto só um dramaturgo conseguir cumprir todas estas obrigações. Depois, há que contar também com o talento e o instinto do escritor. É que uma peça, literária é tecnicamente bem escrita, pode dar um mau espectáculo teatral. Porém, isso é outra questão.

**ANGRA**  
**DESCOBRIR**

§ Carlos Alberto Moniz

1.  
Minha Angra descobria  
Em manhã de São João,  
Quinhentista por te aberta  
Sobre o mar do coração.  
Da varanda, onde a gente  
Vê o povo tão precado,  
Cai a coisinha do presente  
Feita ao gosto do passado.

**REFRÃO:**

No refrão, São João  
É fogueira a estalar  
Um tambor que nunca para de tocar

Vou sentir, descobrir,  
Teu sorriso mulher  
E depois seja o que Deus quiser.

Adamo Oliveira et

2.  
Teu vestido veio da China  
— Cor-de-rosa em tafetá,  
O teu peito de menino  
Cheira a versos de arcaça.  
São do Índia teus sabores:  
O gengibre da poesia,  
A canela dos amores,  
A pimenta da alegria.

3.  
São João traz no regaço,  
O sorriso desta ilha,  
E a bunda, a compasso,  
Toca a marcha da partilha.  
Não há festa que lhe ganhe  
Ao redor da terra inteira...  
Ergo a taça de champanha:  
Beba ao povo da Terceira.

# Entrevista ao Sr. Belarmino Ramos

**1- Como descreveria as Sanjoaninas a uma pessoa que nunca tivesse ouvido falar nestas festas?**

São um misto de alegria e cor, numa cidade povoada de espaços animados por diferentes manifestações culturais: do desporto à poesia; da mímica ao teatro; da etnografia ao folclore; da arte à gastronomia.

**2- No seu entender, a importância e o valor atribuídos pelos emigrantes a esta festa são merecidos?**

Penso que sim. A época do ano em que as Sanjoaninas têm lugar é propícia à vinda dos emigrantes à sua terra-mãe para matar saudades e para fugir à rotina e bulício das fábricas; dos ranchos.

Deste modo elas funcionam como cartaz turístico e como ponto de (re)encontro.

**3- No seu pensar, as Sanjoaninas são ou não são agora cada vez mais consideradas a festa para a juventude?**

Para mim são a festa de todos e para todos, onde a juventude tem o lugar relevante.

**4- Acha que os desfiles de abertura de hoje em dia fugiram muito à tradição?**

Não tenho modelo de comparação. No entanto, julgo que os desfiles têm a ver com a unidade temática das festas (o mar, os descobrimentos...).

Angra foi sempre uma cidade do mar e do mundo. Não pode confinar-se a coisas suas.

**5- Apoia a vinda de grupos de teatro, ballet, folclore, filarmónicas e bandas musicais para o convívio desta grande festa?**

Sim, é uma forma de enriquecimento que se reparte por diversos sectores culturais: além disso, é muitas vezes a única possibilidade de estarmos a par daquilo que vai acontecendo noutros lugares.

No entanto é de apoiar e valorizar cada vez mais o que se faz por cá, desde que sejam manifestações artísticas e culturais de qualidade.

**6- Que importância tem o teatro na participação cultural das Sanjoaninas?**

Teatro não tem tempo nem lugar; é sempre importante desde que seja feito com a preocupação de qualidade. As civilizações fizeram sempre do teatro o ponto alto da sua cultura.

Um povo só não apoia o seu teatro por duas razões: ou estar moribundo, ou o teatro não ser realmente o seu barómetro cultural, o pulsar da sua vida.

**7- No decurso das Sanjoaninas o público tem uma maior aderência a espectáculos de cariz cultural, ou preferem outros?**

De uma forma geral, as pessoas percorrem os diferentes espaços animados, segundo as suas preferências. Contudo procuram bastante os lugares onde há música, alegria, festa. O povo da Terceira é o povo mais folgazão dos Açores.

**8- Muitas pessoas afirmam que as Sanjoaninas já não são como antigamente. Concorda?**

Estão mais abertas à participação colectiva de grupos sócio-culturais exteriores à Ilha.

Há vários “cheiros” culturais. Esses são alguns deles.

**9- Concorda com a afirmação popular: “Nas Sanjoaninas, cheira tudo a morcela e manjerico”?**

As “Tascas” são na verdade uma referência obrigatória, como ponto de encontro e de convívio.

**10- Alguns presidentes da Comissão das Sanjoaninas já afirmaram que é preciso um novo modelo para a realização das mesmas. Concorda?**

Não estou bem a par dessas novas preocupações de “modelo”. No entanto julgo que após cada festa, cada comissão deve fazer uma reflexão crítica, por forma a melhorar e rentabilizar as festas maiores de uma cidade património.

**11- Há quantos anos participa nas actividades teatrais?**

Há vinte anos. Sou um dos sócios fundadores do Alpendre, onde me tenho metido como actor e às vezes encenador.

**12- Em quantas actividades culturais costuma participar?**

Cerca de duas peças de teatro e um recital de poesia.

**13- Prefere representar ou dirigir actores?**

Prefiro representar. No entanto, a experiência de direcção de actores, tem sido fascinante.

**14- Durante quanto tempo ensaia e organiza uma peça?**

As peças de teatro levam geralmente dois meses e meio de trabalho até à estreia.

**15- Para si o que é o Teatro?**

O Teatro é um vector cultural de extrema importância, em

qualquer comunidade. É uma actividade de rendimento superior onde se desafiam e se fundem todas as linguagens e todas as artes. Não sei muito bem definir o que é o Teatro; sinto-o e vivo-o intensamente.

**16- Após tantos anos de participação teatral, acha que já completou o percurso evolutivo dessa carreira?**

Um actor não chega nunca ao topo da carreira.

Cada peça é um desafio, onde se aprendem e descobrem coisas. Fico sempre insatisfeito. Na vida e no Teatro, serei sempre um homem inacabado, em permanente construção.

# Entrevista ao Sr. Dr. Maduro Dias

**1 - Como descreveria as Sanjoaninas a uma pessoa que nunca tivesse ouvido falar destas festas?**

Será difícil explicar uma vez que são festas onde muita coisa se mistura. No entanto, e indo às raízes, as Sanjoaninas são essencialmente uma festa que se apoia numa feira taurina, na noite de São João e nas marchas, com actividades marítimas e desportivas a par, e com grande enquadramento de outras actividades variadas.

Embora podendo ser festas temáticas pela origem e nome, acabaram por ser presentemente uma grande reunião de gente, bõnita, alegre, movimentada mas difícil de definir.

O acrescentar de alimentos do Espírito Santo aqui deveria ter maior profundidade humana e maior ligação efectiva e afectiva com algo que é muito mais que uma tradição estética.

**2 - No seu entender, a importância e o valor atribuído pelos emigrantes a esta festa, são merecidos?**

- Evidentemente que numa terra como a nossa em que há mais gente "lá fora" do que cá, estes momentos da festa são, naturalmente, um tempo de "pôr água nas raízes culturais" e rever terra e gente.

**3 - Acha que os desfiles de abertura de hoje em dia fugiram muito à tradição?**

Acho e não acho.

Há coisas que não podem nem deviam permanecer das festas antigas.

Há outras que se ganhava em as recuperar.

A partir da estrutura de base: cortejo + Noite de São João + Fogo de artifício, introduziram-se mais coisas. Mas isso não é só aqui, outras festas do arquipélago acabam por ter o mesmo modelo misturado, bonito, mas difícil de explicar.

**4 - No seu pensar, as Sanjoaninas são ou não são agora, cada vez mais, consideradas a festa para a juventude?**

- Uma festa orientada para toda gente deve ter elementos para toda gente.

Não vejo as Sanjoaninas como festa para a juventude como a Maré de Agosto, por exemplo, julgo até que o mérito das

Sanjoaninas é o não se destinarem apenas a um determinado público.

**5 - Muitas pessoas afirmam que as Sanjoaninas já não são como antigamente. Concorda? Justifique.**

É um facto que já não são.

É um facto que talvez ganhassem em ter uma estrutura mais clara que desse menos a noção de "Sopa de Pedra".

É um facto que algum desses elementos acrescentados como as marchas e a coroação deram alento a dias menos brilhantes.

É um facto que algum dos "acrescentos" poderão não ter a ver muito com as festas antigas como se quer referir.

No meio disto tudo talvez fosse chegada a hora de, aqui e ali, arejar a festa e melhorar-lhe a estrutura através de uma análise de todos os elementos em presença.

Seria adequado, penso, aumentar a visibilidade de elementos como o facto de a Zona de Angra ser Património Mundial, que abre um número apreciável de portas a explorar.

**6 - Concorda com a afirmação popular: " Nas Sanjoaninas cheira tudo a morcela e manjerico! "**

A frase é de uma quadra e, como tal, poética acima de tudo.

Que as pequenas tascas deram vida e animação temos de estar de acordo, a ponto de se achar que, sem elas, as Sanjoaninas não seriam as mesmas.

**7 - Alguns Presidentes da Comissão das Sanjoaninas já afirmaram que é preciso um novo modelo para a realização das mesmas. Concorda? Justifique.**

Penso que não é de um novo modelo mas de um olhar interessado, com ampla participação de todos quantos, tendo passado por lá, queiram agora ajudar a " arrumar as coisas. "

As Sanjoaninas têm a tradição, cartaz e espaços feitos.

Menos confusão e mais visão estratégica de médio prazo, num quadro de maior permanência e mais e em ligação com as outras épocas festivas que existem e não existem ao longo do ano, só traria benefícios penso. Mas isso já seria a própria discussão.

# ***TAUROMAQUIA***

# Tauromaquia



A valentia de desafiar o touro

Como é do conhecimento de todos, os espectáculos taurinos na nossa Ilha Terceira, tanto corridas de toiros e praça, como touradas à corda pelas diversas freguesias ou ainda as esperas de gado, são o divertimento de preferência das nossas gentes.

Assim sendo, é natural que se tenham integrado nas “Festas da Cidade” como um dos atractivos de maior relevância, como pólo de atracção, tanto para os nossos aficionados como para os turistas que nos visitam pela época de Junho.

Como já se referiu, neste apontamento, as Sanjoaninas de que há notícia, são pelo ano de 1935. Nessa altura essas festividades taurinas eram preenchidas com amadores locais, tanto no toureio equestre como no toureio a pé.

Seria uma injustiça não mencionar alguns nomes, que ficariam no esquecimento e que esses amadores, dadas as suas qualidades de coragem, arte e desmedida aficção foram os pilares da nossa tauromaquia actual. Vou tentar recordá-los a partir de 1900: Cavaleiros: Morgado José Borges, Matheus José da Roza Jr., João de Lemos Bettencourt, João Bettencourt, Gabriel Fonseca, Thomé de Castro, Tomé Bello de Castro, José de Castro Parreira, Virgílio Mendes da Rosa, Virgínio Pedro Ávila, Luís Ramalho, Marino Pamplona Corte Real, Raul Pamplona, Jorge Abreu Castro Parreira, aos actuais João Carlos Pamplona (o primeiro cavaleiro terceirense com alternativa), João Miranda (também com alternativa), os praticantes Pedro Pavão e Mário Miguel, e o jovem amador Tiago Pamplona. No toureio a pé: Amadeu Simões (com alternativa de bandarilheiro), Edmundo Canário, Luís Gonzaga, irmãos Raul, Guilherme e Carlos Carvalhal, irmãos Valdemar e Gastão Silva,

Henrique Manuel Parreira, José de Castro Parreira e seu irmão Miguel, José Eduardo Silva, Bertinho Pacheco, aos actuais Rogério Silva e Rui Silva (ambos com alternativa de bandarilheiros). Os valentes forcados: João Baldaya de Rêgo Botelho (o primeiro forcado terceirense a pegar à córnea), João do Posto, D. José Sieuve de Meneses, Serrano, Chicharro (pai e filho), os irmãos Amadeu, Joaquim e Osvaldo Simões, João Hermínio, António Baldaya de Rego Botelho (actual cabo de forcados do Grupo de Forcados da Tertúlia Tauromáquica Terceirense), José Lúcio aos actuais José Luís Toste e Adalberto Belerique. Também foram ganadeiros de postim: Irmãos Corvelos, Manuel “Chorica”, Dr. João de Barcelos, Manuel Barcelos, José Narciso Parreira, José de Castro Parreira, Tomaz de Mesquita Borba, José Diniz Fernandes e José Albino, Manuel de Almeida Jr. aos actuais Herdeiros de Rêgo Botelho, Ezequiel Rodrigues, Herdeiros de José Albino, José Eduardo Silva, Eliseu Gomes e Irmãos Toste.

A todos os que nos lerem, esta extensa lista de nomes bem diz da nossa aficção, como recorda o brio, estoicismo e dedicação que todos devotaram ao engrandecimento da nossa Festa dos Toiros.

Somos aficionados ao toiro e a prová-lo é o gosto que dedicamos à nossa Praça de Toiros da Ilha Terceira, que com a sua bela construção tantos benefícios nos trouxe, a começar pela possibilidade de assistir a faenas executadas por bons matadores de toiros e dignos e artísticos cavaleiros

Ricardo Jorge

# Touradas à Corda



Tourada em São Bento (1998)

O povo terceirense gosta em especial das touradas à corda, predilecção que segundo alguns historiadores vem do tempo da dominação Filipina.

Não se sabe ao certo onde surgiram as touradas à corda aqui na Ilha Terceira.

Numa tourada à corda os pastores “devem” usar camisolas de linho branco, calças de cotim cinzento e calçam sapatos de lona, e usam um chapéu feito tipo Andaluz.

Antigamente iam descalços, na cabeça usavam chapéus de feltro, de aba larga.

Normalmente numa tourada à corda o número de toiros corridos nunca ultrapassa os quatro, durando cada actuação 20 a 30 minutos.

As entradas e saídas dos toiros são assinalados por foguetes e o final da corrida é marcado pelo som ruidoso de vários “bombões”.

Há tempos atrás os homens andavam com bordões que em cima tinha agulhões dos quais se serviam para picar os toiros, com o objectivo de os embavecer.

Não foi há muitos anos, que os toiros iam para o local da corrida junto com as vacas bravas em manadas. Essas vacas bravas designavam-se por “vacas do sinal”. Depois davam a entrada numa caixa enorme de madeira que se designa por touril onde os pastores amarravam o toiro e o aguentavam para a embolação. Essa caixa tinha forma de paralelepípedo com duas portas para o exterior - na parte superior nas bases e em cada extremo um alçapão fechado com um fecho de ferro (Caixa de embolação).

Terminada a embolação o toiro sai para o caminho. Depois de corrido torna a entrar para a caixa no sentido inverso, sendo desembolado.

Nem sempre isto sucedeu. Antigamente os touros eram pegados à unha para os embolar e amarrar à corda, e por determinação Real “serravam as pontas dos cornos para os correr”.

Ao chegarem às freguesias onde decorriam as touradas era costume servirem um abundante jantar regional aos pastores das touradas à corda.

# *Tourada do Porto de Pipas*



Sanjoaninas 1995



Sanjoaninas 1998



Sanjoaninas 1995 - "A Valentia da Ilha dos Bravos"

## O Forcado/A Pega

Na pega de touros, como em qualquer outro tipo de toureio, o touro é que determina a lide, e o valor da pega depende naturalmente do aproveitamento que o forcado faz das características do touro; da sua bravura, tamanho e estado depois da lide a cavalo. Assim não há regras pré-definidas para todas as pegas pois a sua beleza depende da maneira como o sentido artístico, valentia e coesão do grupo de forcados se adapta à variabilidade de cada touro. É assim na descoberta dos mais ínfimos pormenores do comportamento do grupo face ao touro que se pode apreciar o valor da pega: a escolha do forcado da cara e das ajudas, a colocação do touro, o brinde, a arte e eficácia do cite, o momento da reunião, o "sítio" dos ajudas, a actuação do rabejador e a reacção face à avaliação do público.

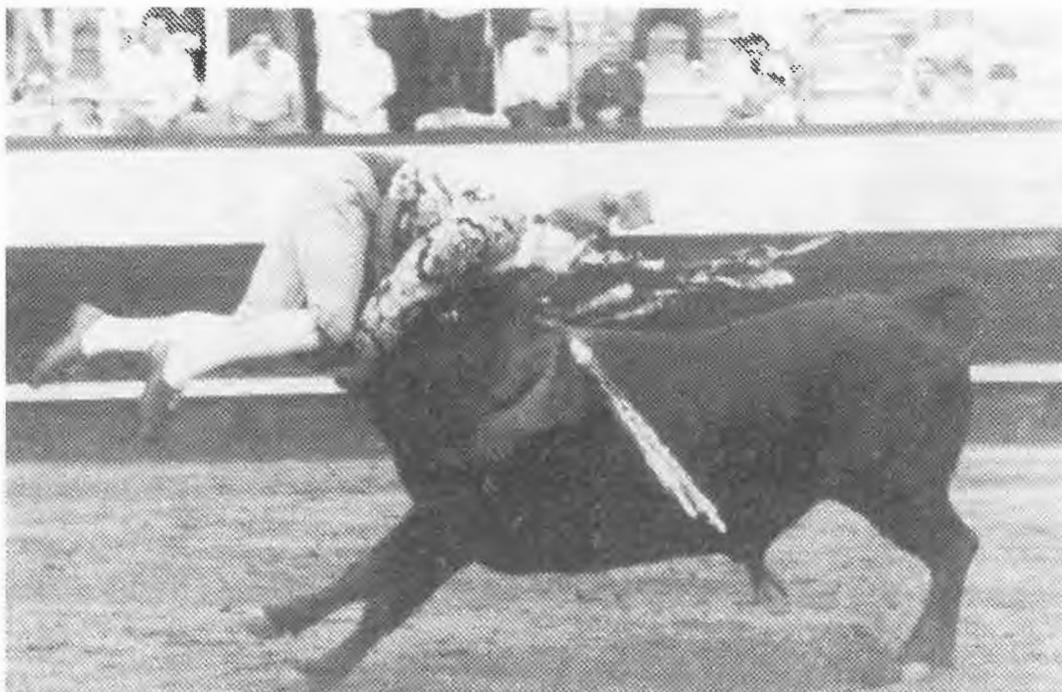
No entanto, e também como em qualquer outro tipo de toureio, a sorte de pega de caras tem três elementos fundamentais: o parar, o mandar e o templar. O forcado pára quando, depois do cite, aguenta parado a investida inicial do touro; manda quando consegue marca o tempo de arranque do touro; e finalmente templa, quando controla a sua velocidade através de forma e momento de recuar para receber o touro.

Por fim é bom lembrar que um grupo de forcados é uma escola onde se aprende, a interajuda e a amizade, o sentido da responsabilidade do espectáculo, enfim, a forma diferente de ser Portugal. Como em qualquer escola há aprendizes, mestres e veteranos mas é do seu mútuo equilíbrio que se guarda o passado, se vive o presente e se garante o futuro do grupo.

\* Com base no livro "Iniciação à Tauromaquia" de Saraiva Lume.

**Tomás Dentinho**

# Entrevista ao Forcado Luís Vieira ("CAVACO")



- 1- Acha que ser forcado é muito arriscado ?**  
Um bocado.
- 2- Gosta de ser forcado ?**  
Sim.
- 3- Já se magoou alguma vez ?**  
Não.
- 4- Como é que acha que se deve tratar um touro?**  
Com respeito.
- 5- Qual é a sua função quando é forcado ?**  
Pegar no touro.
- 6- Para ser forcado é preciso ser forte ou inteligente ?**  
Ambas as coisas.
- 7- Um forcado é ou não diferente das outras pessoas?**  
Sim porque tem coragem e vai contra o medo.
- 8- O que é que sente como forcado ?**  
Sinto um gosto. Pois é um gosto pela pega que tenho desde pequeno.
- 9- És a favor ou contra à morte dos touros na Arena ?  
Porquê ?**  
A favor porque acho mais dignificante o touro ser morto na Arena do que no matadouro.
- 10- Preferes touradas à corda ou de praça ? Porquê ?**  
Gosto mais de touradas de praça pelo o facto de eu ser forcado e também por gostar de todos os elementos nomeadamente dos cavaleiros, e dos picadores.
- 11- Qual é o seu cavaleiro preferido ?**  
João Moura.
- 12- Qual é a ganaderia que achas que possui touros exemplares? Porquê ?**  
Rego Botelho porque é um trabalho feito já de há muito tempo.
- 13- Achas que as touradas tem um papel fundamental na Ilha Terceira ou não?**  
Sim já vem de há muito tempo, porque é um gosto de todos terceirenses.
- 14- Acha que devia haver sempre touradas ?**  
Sim, principalmente no Verão devia haver mais.

# Espera de gado



Aspecto da Espera de Gado em S. Pedro

É dia de feriado municipal - 24 de Junho marca a comemoração efusiva de uma cidade que garbosamente presta homenagem a S. João.

Todos os anos, por esta altura, o Burgo Angrense vive uma alegria desenfreada, pautada pelo espírito comunicativo e esfuziante que estabelece um forte elo de ligação entre novos e velhos, entre Terceirenses e forasteiros.

Com o decurso dos anos, ganhou fama a tradicional espera de gado, que ocorre no Alto das Covas, e ao longo de S. Pedro.

Estas folias Tauromáquicas entusiasma a população, à semelhança do que ocorre em Pamplona (Espanha), ou em Vila Franca de Xira.

Nas horas que antecedem este acontecimento, as pessoas começam a fazer os preparativos característicos: - preparam-se os tapumes; colocam-se cancelas, as camionetas vedam certas entradas; e as colchas regionais são dependuradas nas janelas.

Muita cor; vida e alegria - tudo congrega-se para acolher a muita população que começa a surgir de todos os lados.

O Sol espreita por detrás de uma nuvem teimosa, que insiste em esconder o vasto manto azul celeste, e surge gente e mais gente num delírio de cores, que é impossível imortalizar numa tela.

A população amontoa-se em tudo o que é sítio - em cima das camionetas; no chafariz; nas janelas, e até nas velhas árvores do Alto das Covas. Interessa fugir do gado bravo, e das suas investidas desenfreadas.

O ruído é estonteante... o burburinho envolve o ar... muitos

sons de conversas que ficam interrompidas, pelo vendedor de milhos torrados, que apregoa o "ora mais"... velhos amigos encontram-se, lembrando outras épocas... foram separados pela emigração, mas hoje dão o longo abraço da saudade. Há que contar as suas novidades - de cá; e dos territórios longínquos da América; do Canada, ou até de paragens mais distantes.

Maré humana que aumenta em ondas de arco íris, invadindo o percurso onde decorre a festa.

Rostos bonitos aparecem nas janelas, fazendo jus à beleza das moças terceirenses. Os "olhos pretos" transmitem um sortilégio enigmático, prendendo os moços que garbosamente passeiam na rua, esperando a hipótese de efectuarem um bom passe, facto que motivará o interesse das jovens donzelas. Um foguete eleva-se no ar, ressoando explosivamente.

As gaiolas são abertas, e os toiros saem rapidamente... resfolegando avançam em grupo obrigando os toureiros de ocasião a efectuarem passes ou fugas precipitadas.

Festa Brava onde a "Aficion" rejubila com a destreza dos capinhas. Caso a sorte seja menos benfazeja, grita-se um "Ai Jesus" em unísono. O capinha menos lesto é arrastado, mas lá trepa a uma balustrada, conseguido escapar aos ariscos animais. Não ganhou para o susto, mas sente-se orgulhoso - apresenta-se garboso e ileso, ante as pessoas que aglomeradas nas janelas, tinham gritado anteriormente. É o herói do momento.

Arfando de forma esgotada, os toiros ficam imóveis no meio da rua - estão desnorreados, com as línguas pendentes,



Todos os sítios permitem observar a Espera de Gado em segurança

assumindo atitudes defensivas, quando lhes torcem a cauda, tocam nos chifres, ou picam com a ponta aguçada de um guarda-sol.

Rapidamente os bichos mudam de atitude. Ensaiam uma corrida perseguindo enraivecidos os incómodos capinhas.

E ressurge o alvoroço, quando tropeçando uns nos outros, na fuga precipitada, rolam pelo chão os desamparados toureiros.

Os toiros passam imponentes, matraqueando os cascos no alcatrão ou no empedrado do pavimento - arrastam a arrogância da bravura que encerra toda uma ilha, feita da lava vulcânica e do azul ondeado do mar.

Este divertimento prolonga-se durante um certo tempo, ficando registado na objectiva da máquina fotográfica, ou gravado pelos vídeo-amadores.

Quando o último toiro entra na gaiola, os foguetes rebentam estalejando no ar.

Assiste-se ao desmontar de todo o cenário - tiram-se os tapumes, abrem-se as cancelas, começam-se a tirar das janelas

as mantas e colchas regionais. Tudo tem o seu término apenas restam alguns curiosos que relatam garbosamente certos pormenores que passaram despercebidos àqueles que se encontram mais afastados - o toiro brincou no pátio da Escola do Infante; colheu o fotógrafo e o turista, e ainda numa última investida, galgou as escadas.

A multidão vai-se dispersando, e o burburinho vai acalmando. Tudo retoma a paz original... É a hora do repasto, pois ainda faltam muitos dias de festa para gozar.

*Como dizia um autor:*

“Enquanto houver um terceirense e abrir o casaco à cara de um toiro, enquanto houver um terceirense que espere de frente a pés juntos, de guarda-sol aberto um toiro, não acabarão as toiradas, não morrerão as esperas de gado, e a festa brava será um dos folguedos mais populares da Ilha de Jesus”...

Ano após ano a tradicional espera de gado do dia 24 de Junho, continua a atrair multidões continuamente renovadas, mas sempre unidos pelo espírito da “Terra dos Bravos”.

# Espera de gado para crianças

Tal como para os adultos as crianças também são contempladas com manifestações tauromáquicas, mas adaptadas ao seu nível etário. O espaço privilegiado para esta manifestação é a rua de S. João.

Nesta rua ocorre uma festa taurina, para toureiros de palmo e meio. De pequeno é que se começa a preparar a nova "afficion" tauromáquica.

Nas varandas são dependuradas colchas multicores, tecidas no tear da tradição, e urdidadas por mãos perfeitas.

Os jovens participantes começam a afluír acompanhados



Espera de Gado - colorido e alegria



Aspectos da Espera de Gado para Crianças na Rua de S. João

pelos progenitores. Alguns até vêm vestidos a rigor - usar o traje característico dos pastores terceirenses.

De palmo e meio surgem os novos capinhas. Sem medo ou sobressaltos, esperam de forma desenvolta, os bezerros que farão o delírio da pequenada.

As extremidades da rua foram fechadas por camionetas, que estão apinhadas de público. Todos tentam captar do melhor ângulo possível esta folia taurina.

As crianças não arredam pé. Querem brincar com o bezerro, fazer tropelias, improvisarem um passo apressado, não vá o bicho fazer das suas.

O medo não existe. Também é natural: para a criançada foram escolhidos bezerros bravos novos, que não farão mal e que não provocarão acidentes aparatosos.

Interessa divertir, entusiasmar esta multidão de crianças, granjeando adeptos entusiastas das lides tauromáquicas.

Entre o som do apregoar das pipocas; o barulho do foguete

irrompe no ar. Foi dado o sinal. Das “gaiolas” saem os seis bezerros, que atravessam nervosamente a rua. Desconfiados, parecem querer fugir da multidão, que aglomerada, experimenta atormentar os bichos.

Alguns ousam tocar no bezerro, mas com a companhia do pai por perto, não vá o bicho arrepender-se e fazer algum movimento mais ousado.

Nas varandas as mães, captam imagens fotográficas, que depois serão recordadas anos mais tarde, folheando um álbum de saudade, verão os filhos demonstrando uma valentia liliputiana.

O barulho esfuziante inunda o ar. O Sol irrompe por entre as nuvens, e a aragem faz esvoaçar o colorido ondeado das colchas.

Tudo é muito peculiar, e difícil de transmitir. Cada uma destas manifestações tem de ser vivida, só assim é possível sentir o âmago da cultura deste povo.

De ano para ano as festas continuam, só que cada vez o sentimento é renovado... parece rejuvenescido; e é inesgotável.

Nova gritaria... Ai Jesus que o toureiro foi ao chão. Logo se recompõe, e salta ligeiro. Os aplausos dão ânimo, e incitam a novo passo.

Os bichos estão exaustos e “esquivam-se” da multidão. É hora de terminar a “Espera de Gado”.

Ao som dos foguetes os bezerros entram para as “gaiolas”. Retiram-se as camionetas, recolhem-se as colchas; fecham-se as janelas, e as crianças seguem felizes para casa. Saltitando vão comendo guloseimas, e pedem aos pais para comprarem balões coloridos.

Nos altifalantes continuam a soar os acordes da marcha das Sanjoaninas. Apenas este som interrompe a pacatez da rua, que agora ficou mergulhada num sossego estival.

Antes tanto bulício; agora uma pacatez estranha convida ao descanso.

# Um Adeus à Velha Praça de Toiros



Praça de S. João (1924)

A praça de toiros de S. João foi inaugurada no dia 24 de Junho de 1870, mas como a imprensa não pode desfrutar de tão belíssima inauguração, não podemos dizer o que aconteceu nessa tarde.

No entanto foi na praça de toiros de S. João que os toureiros, cavaleiros, pegadores e ganaderos apresentaram e fizeram as delícias do povo terceirense.

Seria muito difícil fazer uma listagem dos artistas que actuaram nessa praça, no entanto alguns serão recordados com

gosto.

**Os cavaleiros:** Adolfo Machado, Victor Fernandes, Simão da Veiga, David Ribeiro Telles, José João Zoio, João Carlos Pamplona e Fernando de Oliveira (1º Cavaleiro de alternativa a tourear em Angra)...

**Os toureiros:** Diamantino Viseu, Manuel dos Santos, Filipe Gonzalez, Madrinelito Alé e Joaquim Perez "Pechuga"...

**Os forcados:** José Luís, D. Duarte de Noronha, Aldino Carvalho e Carlos Anacleto...



Corrida de Toiros no Dia de S. João



Tourada realizada no dia 24/06/1960



1ª. Corrida de S. João - Victor Ribeiro (1969)



Festas da Cidade (1968)



3ª Corrida de S. João (1969)



Festas da Cidade (1968)

# As Ganaderias da Ilha Terceira

(as que participam habitualmente nas sanjoaninas)

## GANADEROS DA TERCEIRA

Vigia, apreensivo, a manada  
A quem dedica o peso do afecto.  
Depressa vem o dia da tourada  
E o toiro é filho; por vezes, neto.  
É ver o ganadero como anseia  
Que o curro seja o corpo da bravura.  
A alma é uma praça sempre cheia  
E a arena mar de aventura.

Se o toiro não procura o toureiro,  
Se deixa o brio morrer em mansidão,  
O ganadero fica prisioneiro,  
Procura as tábuas da solidão.  
Mas quando a sorte sai com euforia  
E o toiro é bravo, então, canta vitória.  
Por dentro, uma ovação de alegria  
E sai aos ombros da sua glória.

É homem-criador e traz consigo,  
Em sonho imenso, o sol à sua beira.  
Não há pai mais perfeito, nem amigo,  
Que o ganadero desta Terceira.  
Ele é o redondel que sempre brilha  
Na festa brava da nossa gente.  
Ele é a alma toda desta ilha,  
A voz do peito, o abraço quente.

REFRÃO:  
Só se cria por amor—  
Há muita verdade nisto.  
E há o grande criador  
Que se chama Jesus Cristo.  
É por demais conhecido  
Pelos seus cabelos loiros;  
E é certo e sabido  
Que também gosta de toiros.

Alamo Oliveira



José Albino Fernandes (24/06/1962)



— A ganaderia de Rego Botelho  
— A ganaderia de Ezequiel Rodrigues.

— A ganaderia de José Albino Fernandes  
— A ganaderia de José Eduardo Silva



José Albino chamado à Praça (24/06/1958). Na foto pode observar-se o novilheiro Amadeu dos Anjos

## *Sem menosprezar outros cavaleiros, faremos aqui uma breve resenha biográfica de alguns intervenientes notáveis que actuaram na Terceira*

*(em virtude do programa das Sanjoaninas 1989)*

### **JOAQUIM MANUEL TENÓRIO** **(JOAQUIM BASTINHAS)**

Nasceu a 8 de Março de 1956 em Elvas, tendo começado como cavaleiro praticante em 8 de Setembro de 1979 ( com 23 anos).

Tomou alternativa a 15 de Maio de 1983 na praça de toiros de Elvas, sua (terra natal).

Adquiriu conhecimentos e desenvolveu as suas técnicas

em praças espanholas.

Actualmente é um cavaleiro de 1º plano, sendo considerado (o cavaleiro popular que atrai multidões às praças portuguesas).

De realçar o já famoso “par de Bandarilhas”.

Toureu na inauguração da monumental praça de toiros da Ilha Terceira em 1984.

### **JOÃO ANTÓNIO ROMÃO MOURA**

Nasceu em 21 de Março de 1960, prestou provas de praticante em Montemor-o-Novo em 21/5/1976 tendo tirado alternativa em 11 de Junho de 1978 na praça de toiros de Santarém tendo como padrinho o Mestre David Ribeiro Telles e testemunhas José Mestre Batista e José João Zoio.

Toureu no dia da sua alternativa com um toiro da ganaderia

Palha (Gaivotto) com 601 Kg.

É sem dúvida o cavaleiro português que mais orelhas cortou na Real Maestanza de Madrid.

Tal como João Nuncio, João Moura foi o cavaleiro que marcou em letras de ouro a História da lide equestre portuguesa.

### **JOÃO PALHA RIBEIRO TELLES**

Nasceu em 12/07/1959 nas Caldas da Rainha, toureu pela 1ª vez com 7 anos de idade na praça de toiros de Santarém, fez prova para praticante em Abril de 1974.

Tomou alternativa no dia 5/6/1980, na monumental praça de toiros de Santarém sendo apadrinhado por seu pai David

Ribeiro Telles e testemunha João Moura, toureando um toiro da ganaderia do seu progenitor.

Como figura de toureiro de 1º plano, mantém a tradição da casa Ribeiro Telles, sendo um belíssimo equitador, para além de saber tourear um toiro do princípio ao fim da lide.

### **ANTÓNIO PALHA RIBEIRO TELLES**

Nasceu em Vila Franca da Xira a 14/5/1963.

Toureu pela 1ª vez em Salvaterra de Magos em Abril de 1973, fez a prova de praticante em 8/9/79 em Vila Viçosa, tomou alternativa em 21/7/1983, na Praça de Toiros do Campo Pequeno, a primeira praça do país, apadrinhado por seu pai David Ribeiro Telles e testemunha seu irmão João Ribeiro

Telles toureando o toiro “ Simão “ da ganaderia de seu progenitor.

Foi o triunfador da época taurina de 1988, tendo alcançado numerosos troféus da melhor lide como por exemplo: Sanjoaninas 88, Televisão Portuguesa, revista “ Nova Gente “, Rádio Comercial, Tc....

## JOÃO CARLOS SOARES PAMPLONA REIS



Após o triunfo - uma volta à Praça

Nasceu a 12/9/1958 em Angra do Heroísmo.

Toureu pela primeira vez a 4 de Abril de 1968 na velhinha praça de toiros de S. João numa tourada organizada pela Tertúlia Tauromáquica Terceirense.

Fez provas de praticante em 2/7/1979 na praça de toiros desmontável que esteve instalada na Carreirinha—S. Bento, sendo testemunha o cavaleiro José João Zoio. Tirou alternativa em 24/6/1984 no dia da inauguração da monumental praça de

toiros da Ilha Terceira, sendo apadrinhado pelo cavaleiro Joaquim Bastinhas e testemunha Joaquim José Correia Lopes. O toiro lidado “Macaco” pertencia à ganaderia Rego Botelho e pesava 420 Kg. Foi o 1º cavaleiro a tourear em terras da Califórnia—U.S.A

O cavaleiro da “nossa terra”, possuía o famoso cavalo “Malhinha”, sendo detentor da “Quinta do Malhinha”, onde ensina equitação a jovens praticantes.



Homenagem ao Malhinha (presentes diversas praticantes de equitação da Escola “Quinta do Malhinha” (1994)

# Entrevista ao cavaleiro João Carlos Pamplona

**1 - Há quanto tempo iniciou a sua carreira, como cavaleiro tauromáquico?**

Iniciei a minha carreira há 29 anos.

**2 - Como surgiu o interesse por esta profissão?**

Toda a vida gostei de cavalos e o meu pai tinha cavalos e, por isso, gosto muito deles.

**3 - Acha que para desempenhar esta profissão é necessário, começar cedo?**

É mais fácil começar cedo, pois temos que habituar-nos a conhecer os cavalos.

**4 - É uma profissão que requer um elevado investimento económico, ou não?**

Sim, bastante. Os cavalos são caros, a alimentação também é muito dispendiosa. Os arreios para um cavalo custam cerca de 200 contos, o equipamento para o cavaleiro anda à volta de 500 contos e, um bom cavalo custa entre 5000 e 10000 contos.

**5 - Quanto aos cavalos, é preciso que seja um bom cavalo, e ao mesmo tempo que tenha um bom aspecto físico?**

Sem dúvida, porque se não tiver um bom aspecto físico não poderá tourear.

**6 - Quais são os principais cuidados a ter com um cavalo?**

São muitos os cuidados a ter com um cavalo: por exemplo manter sempre o cavalo bem alimentado, pois através de uma boa alimentação o cavalo irá ficar com uma boa saúde. Trabalhar o máximo possível com o cavalo para que ganhe confiança em si e em nós próprios.

**7 - Quantos cavalos deve ter um cavaleiro tauromáquico?**

Um cavaleiro deve ter o número de cavalos que quiser e que achar suficiente, no meu caso quando tinha o "Malhinha" estava bem montado, tudo isto depende da categoria dos cavalos.

**8 - Há que treinar os cavalos o suficiente. Quantas vezes por semana treina os seus cavalos?**

Todos os dias, uma hora por cada cavalo, o melhor, duas vezes por dia.

**9 - É necessário treinar um cavalo a um ritmo bom, para que este dê uma boa prestação quando se encontra na praça?**

Sim, tem de ter um ensino bastante forte, fisicamente bem

preparado. Leva 4 ou 5 anos a treinar um cavalo.

**10 - Quando entra na arena tem receio de enfrentar o touro?**

Sim, não só o touro como o público, tenho sempre receio.

**11 - Sente-se mais à vontade com um cavalo que já conhece, ou com um cavalo bom mas que ainda não conhece?**

Prefiro um cavalo que já conheço, e ao qual já estou habituado.

**12 - É necessária muita ou alguma perícia para dominar o cavalo, quando este foge do touro?**

É preciso dar ao cavalo um bom ensino, para que este obedeça ao cavaleiro.

**13 - Acha que a tauromaquia terceirense, deveria possuir cavaleiros jovens ainda por estrear?**

Sim, sem dúvida porque há bons jovens cavaleiros, o mal é que há poucas corridas para estes actuarem

**14 - Já actuou alguma vez em Portugal Continental ou no estrangeiro?**

Sim, em Portugal já actuei em praticamente todas as praças. Já fui também, 63 ou 64 vezes aos EUA e 2 vezes à França.

**15 - Gosta mais de actuar entre o nosso povo ou no estrangeiro?**

Gosto mais de tourear perante o nosso público, mas onde alcancei o máximo da minha carreira foi em França, numa corrida onde fui muito aplaudido e na qual também saí em ombros.

**16 - Acha que nas Sanjoaninas, os espectáculos tauromáquicos atraem mais gente, como turistas e até mesmo pessoas de cá da ilha, do que noutras épocas menos festivas?**

Com certeza, porque nas Sanjoaninas há mais emigrantes e pessoas que vêm do estrangeiro.

**17 - Recebe algum apoio financeiro, para exercer a sua profissão?**

Recebo apenas o "caché" por cada corrida.

**18 - Como caracteriza as Sanjoaninas?**

Penso que são o ponto máximo a nível Açores - festas nas quais todos os cavaleiros gostam de tourear.

# *Touradas de Praça em 1979 Sanjoaninas*

Na manhã de 23 de Junho houve toiros que se repetiram nos dias 24, 30 e 1 de Julho.

José João Zoio distinto e toureiro sério que atingiu o seu apogeu na tauromaquia portuguesa fez vibrar a nossa aficcion.

Os matadores de toiros, Ricardo Chibanga, Mário Coelho e o novilheiro Parreirita Cigano, que estiveram em praça foram

de certo as bases destas Sanjoaninas.

O Grupo de Forcados foi capitaneado por João Hermínio.

Os toiros pertenciam a José Albino Fernandes e Rego Botelho.

Como complemento desta mini-feira realizada na Praça de toiros desmontável (Victória) instalada nos terrenos da Carreirinha realizou-se a tradicional espera de gado.

# *Inauguração da praça de toiros em 84*

A nova praça de toiros da Ilha Terceira, construída em tempo recorde, foi estreada em 84 com uma corrida bastante bonita à portuguesa nas festas Sanjoaninas, onde foi dada alternativa ao cavaleiro-amador terceirense João Carlos Pamplona.

Nessa corrida destacou-se o gandero Rego Botelho com toiro cujo peso rodava em média 400 Kg.

Os cavaleiros que actuaram foram: Joaquim Bastinhas, Afonso Lopes e João Carlos Pamplona.

A praça de touros da Ilha Terceira, provém da ideia de um grupo de aficcionados da Festa Brava dos anos cinquenta. Não era novo o sonho de querer dotar a nossa cidade com uma praça de touros, só que foi aumentando cada vez mais, até que um dia este grande sonho se realizou.

Para que tudo corresse conforme queriam, efectuaram tudo por fazes - duas das quais foram rapidamente definidas: a sua localização e o projecto, que foi elaborado pelo engenheiro Fernando Ávila, um dos empenhados no cometimento, (deu-se ao obséquio de reproduzir os desenhos).

A nova praça apresentava, as características proporcionais à sua localização.

A arena de trinta e oito metros de diâmetro, uma bancada

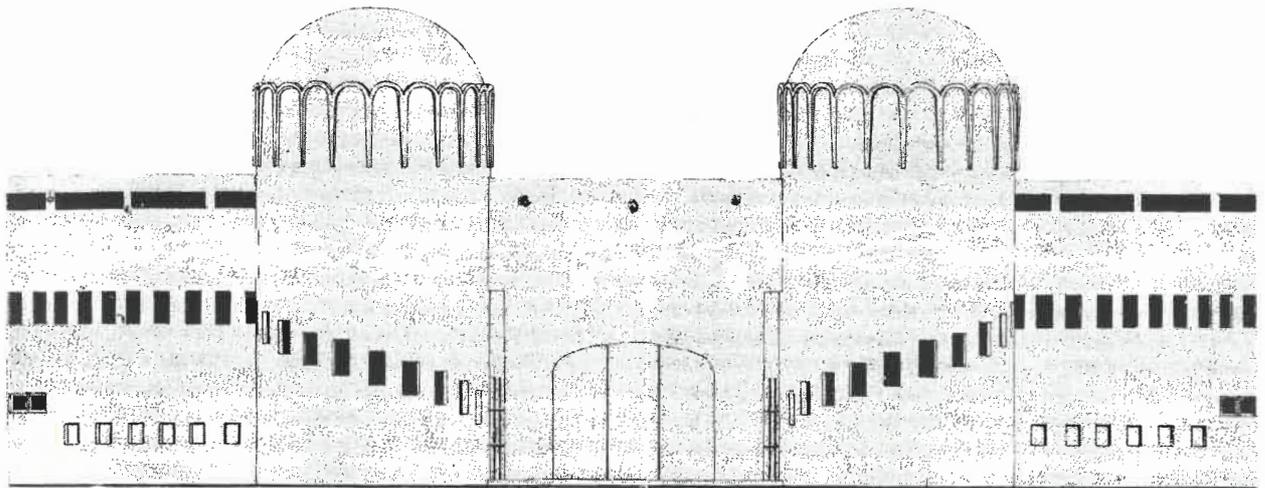
dividida em meia dúzia sectores, que "preenchiam" os cinco mil lugares de lotação prevista. Os W.C., foram instalados sob as bancadas e em grande número, para satisfazer as carências e também para evitar as linhas de espera. A Capela, posto de socorros de acesso ao redondel, camarim dos artistas com lavabos e ventiladores, bares, pátio de enjaulamento, cavalariças isoladas ao público etc., integram-se em conjunto nos moldes actuais, de funcionamento pleno, de livre amplitude de movimentação dos respectivos utentes. Não se deve esquecer de referir as salas para a Direcção e Museu. Enfim será uma Praça Taurina bem proporcionada, e de acordo com as suas capacidades.

A construção foi realizada com base numa estrutura concêntrica de três finos (pórticos) de betão armado, irradiando do centro da arena. As fundações da parede em elevação serão executadas em alvenaria hidráulica ou betão ciclópico.

Os materiais e as cores a utilizar irão ser de acordo com o aspecto e ambiente da mesma.

A construção da Praça deu-nos a oportunidade de mantermos as nossas tradições e ao mesmo tempo concedeu-nos também a oportunidade de "convidarmos" para a nossa Ilha figuras importantes da Tauromaquia Portuguesa.

# Touradas de Praça Sanjoaninas de 1984



## SABE QUE A PRAÇA TEM:

- Arena com 38<sup>m</sup> de diâmetro (mais 2<sup>m</sup> que a Praça de Toiros do Campo Pequeno)
- Trincheira com 2,00<sup>m</sup> largura
- Bancada numerada para 4.804 lugares
- Camarotes 28 com 224 lugares
- Lotação total 5028 lugares (mais de metade da lotação da Praça de Toiros do Campo Pequeno)
- Cavalariças para 10 cavalos
- Curros para 14 toiros
- Curral para vacas de chocalho
- Capela, bares, sanitários, enfermaria, museu e bilheteiras

## A Lide Equestre

O toureio equestre é, sem sombra de dúvida, um dos pilares fundamentais da Corrida à Portuguesa, o outro, serão os forcados. Na corrida mista (a que vamos presenciar) também intervêm matadores de toiros ou novilheiros. Em qualquer uma das modalidades dos espectáculos citados, a intervenção do cavaleiro começa nas cortezias que as executa usando bonita montada e exigindo-lhe exercício de "alta escola" como o ladear e a "passage".

Ao referir-me à actuação de um cavaleiro em praça, começarei por espelhar a imagem imponente e garbosa que os nossos cavaleiros portugueses bem apresentam.

Com o seu traje a rigor, do tricórnio com plumas brancas, casaca de seda bordada a ouro, da época de Luiz XV, punhos de renda, bota alta de verniz, é uma indumentária magistosa e de refinado gosto, que bem nos fala das tradições dos nossos antigos fidalgos.

Como condição fundamental, para se ser bom cavaleiro tauromáquico, tem que se ter muitos conhecimentos de equitação e possuir além da intuição artística, boas montadas.

Após ter o cavaleiro entrado em praça e recebido a farpa comprida que irá cravar, isto tudo antes de lhe ter saído o toiro para a arena, costuma galopar a montada, sobre qualquer das mãos, adiantando-lhe ou retardando-lhe a velocidade, para numa e rápida análise ver as reacções que o cavalo está apresentando, para então iniciar a prova a que o vai submeter.

Durante a lide de um toiro, por vezes o cavaleiro troca de cavalos, para assim melhor poder tirar partido e êxito, adequando cada tipo de cavalo ao estado em que o inimigo se encontra.

No decorrer da actuação o cavaleiro, geralmente, coloca três ferros compridos e três curtos e muitas vezes termina, com um par de bandarilhas a duas mãos ou com um ferro de palmo, sorte que saca sempre grande entusiasmo do público, pela forma como o cavaleiro tem que deixar consentir o toiro para as executar, imprimindo verdade.

As sortes mais usadas no toureio a cavalo são: de caras, tira, meia volta, sesgo, garupa e bandarilhar a duas mãos.

A título de curiosidade transcrevo dos livros de Jaime Duarte de Almeida, Martim Maquedá e Pepe Luis, as definições dessas mesmas sortes:

**Sorte de Caras:** - A mais valiosa e difícil, executa-se estando o cavaleiro e o toiro, frente a frente, fitando-se mutuamente. Feito o cite, partem ambos ao encontro um do outro, em linha recta mas, na altura conveniente, o cavaleiro dá a saída orientando a montada para a sua esquerda e descrevendo um arco de círculo. Alternando assim, de surpresa, a trajectória inicial, obriga o toiro a desviar a marcha e, portanto, a abrandá-la levemente, quando, no momento da reunião, humilha para colher. Então o cavaleiro crava o ferro e, completando o desvio até descrever o semi-círculo completo, sai da sorte pelo lado de trás do toiro. Se o cavaleiro e o toiro estão inicialmente colocados em dois extremos da arena, sobre o mesmo diâmetro, a **sorte de caras** diz-se **de poder a poder** e a reunião dá-se no centro do redondel; se o toiro arranca e o cavaleiro espera a arremetida só partindo para realizar a consumação, diz-se que a **sorte foi recebendo**. Esta última é a mais difícil e, portanto, a mais rara.

**A Tira:** - A tira executa-se estando o cavaleiro e toiro voltados um para o outro, mas mais próximos e não tão perfeitamente como na sorte de caras. Feito o cite o cavaleiro parte, orientando desde logo a montada no sentido da saída, o que obriga o toiro a seguir a mesma direcção. As linhas descritas pela marcha de um e outro têm, naturalmente, um local em que se cruzam e é esse o centro da sorte, aquele que marca a reunião.

**O Sesgo:** - O sesgo executa-se estando cavaleiro e toiro no terreno das tábuas e a uma distância não muito grande. O cavalo arranca a galope, como na tira, mas a saída é que é diferente, pois o cavaleiro em vez de descrever o semi-círculo para sair pela parte posterior do toiro, executa uma evolução precisamente para o lado contrário, no sentido dos médios. É sorte difícil que exige um bom cavalo.

**Bandarilhar a duas mãos:** - Pode esta sorte considerar-se como um alarde de destreza do cavaleiro e de domínio do cavalo. Para a sua realização tem o cavaleiro que libertar a mão esquerda das rédeas do cavalo, sendo apenas pela acção das pernas que pode dirigi-lo e regular no caminho a sua velocidade.

Ricardo Jorge

## A Lide Apeada

O toureio apeado representa a mais séria e completa manifestação de arte de entre quantas práticas taurinas tem conhecido a humanidade.

Desde os jogos de antiguidade, às práticas medievais da arte de alancear ou às sortes de vara que caracterizaram o século XVII e princípios do século XVIII, até à actualidade, houve um percurso enriquecedor manifestado pelo apogeu de uma nova era marcada pelos matadores de toiros e a introdução de sortes, lances e passes, que modificaram o conceito do toureio, deixando este de ser um mero jogo de forças para se transformar numa arte de domínio que tem por segredo três regras fundamentais - aguentar, templar e mandar. A superficialidade e, de algum modo, a brutalidade, deram lugar à subtilidade e à profundidade. Para tanto não bastou que se criassem lances (de capote) e passes (de muleta). Foi preciso criar um toiro novo, possante, nobre e decidido no combate.

O Conde de Vistahermosa (1770) e Vicente José Vasquez (1780), são os ganaderos conhecidos e aficionados que, na Andaluzia, e seleccionando a casta desta região, criaram o toiro novo, com diferente estilo de investida, cuidando da casta, codícia e resistência, um toiro com grande poder de acometida e de recarregar as sortes.

Do toiro dos nossos dias espera-se comportamento que se enquadre nestes parâmetros. Ao sair o toiro deve mostrar-se alegre e simultaneamente interessado, acudindo aos chamamentos. No tércio de bandarilhas deve crescer ao castigo, não sentindo as farpas, procedendo se possível com maior ímpeto. Na muleta deve continuar a dar resposta pronta aos cites e, embora "doblado" e "destronado" há-de ir no engano, humilhando e não procurando o "vulto", isto é, o corpo do toureiro. Assim se portam os bravos, mas a bravura tem uma escala muito vasta e complexa.

Três tércios constituem o toureio apeado. São eles:

- **Tércio de capote** - 1º tércio. Executam-se lances. Primordial a até básico, é o lance de verónica, toureando por baixo. Depois, vistosos e cheios de graça, são: a "gaonera", toureando com o capote por detrás; a "chiquelina", dando a saída ao touro, girando o toureiro; o farol, lance por alto; as "saltideras" e as navarras, mudando o toureiro de terrenos rodopiando; e ainda o toureio a uma mão, o galeio ou os remates por meia verónica, revolvera ou serpentina.

Enquadrando-se no primeiro tércio, a sorte de picar é a mais primitiva e a base de todas as outras. Toma-se indispensável para o maior luzimento de todas as sortes que se hão-de executar posteriormente. Tem por objectivo fundamental parar e castigar os toiros, na medida ideal, e digamos, "conformar-lhes" a cabeça, quebrando-os e logrando que humilhem. Esta sorte é indispensável para que se possibilite a execução eficaz de toda a gama de passes que constituem a maior expressão do belo envolvente numa faena. Além do mais constitui o mais eficaz teste à bravura dos toiros.

- **Tércio de bandarilhas** - 2º tércio. Possibilita o reequilíbrio anímico do toiro, reabilitando-o, se assim se pode dizer, para o toureio com a muleta. Este tércio é cheio de beleza e galhardia. As sortes mais frequentes são o quarteio, o sesgo e o câmbio. Mas também se executam à meia volta, ao recorte, cambiando de terrenos, a toiro corrido, etc.

- **Tércio de muletas** - executam-se passes. O último tércio é o mais fulgurante, o mais precioso e também o de maior risco e dificuldade. O toureio de muleta vai permitir o total domínio do toiro e prepará-lo para o momento culminante que é a estocada. Esta a lógica do espectáculo e da arte, quer se goste ou não.

Os passes fundamentais são - o passe natural, toureando por baixo com a mão esquerda; o derechazo, também por baixo e com a mão direita. Estes passes executam-se lineares ou em redondo. O remate apropriado é o passe de peito, primordialmente com a mão esquerda, mas podendo executar-se com a direita. Como passe de ligação surge o molinete que é um passe de adorno mas resulta vistoso e deixa o toiro em sorte. Os meios passes resultam da execução dos acima referidos, tirando o toureiro a muleta a meio da viagem. Os passes por diante usam-se para o toureio de recurso e os passes por alto para harmonizar a lide, prolongando-a e aliviando o toiro.

Enfim, o toiro dominado e a estocada... Simulações não valorizam o espectáculo, antes o degradam, retirando a "verdade" a uma das mais belas artes que o Homem produz.

José Alpoim Bruges

# Ecoss Taurinos

## Feira Taurina Açoriana - 87

1º toiro para João Moura era toiro n.º 193 e pesava 380 Kg e era da Ganaderia Rego Botelho. Saiu bem, recebeu o 1º ferro e saiu ligeiramente desinteressado da montada tendo depois “acudido ao cite” do cavaleiro. Foi sério, fixou-se e esteve sempre disposto ao combate. A Pega deste 1º toiro foi feita por Cabecinhas Mendes, dos Amadores de Santarém, que citou muito bem e fez boa pega.

2º toiro com ferro de Rego Botelho era o n.º 171 e pesava 460 kg, saiu para Vasco Taborda que precipitou as sortes pelo que os seus três ferros compridos tiveram cravagem desigual. Cravou 4 curtos sem conseguir colocar o toiro e precipitando os acontecimentos. A Pega foi feita por Américo Cunha da Tertúlia Tauromáquica Terceirense. Pega feita de caras, dando vantagem e fechando-se muito bem.

3º toiro com ferro de João Moura era o n.º 80 e pesava 440 Kg. Saiu para João Moura que executou seis sortes, tendo o toiro procurado as tábuas, estado em que se manteve quase até final. A Pega feita por Alberto Xavier do grupo de Santarém, fez a Pega com emenda no percurso.

4º toiro com ferro de Ezequiel Rodrigues, era o n.º 132 e pesava 420 Kg. Saiu para Vasco Taborda que foi cumprindo a ferragem sem brilhar. A Pega foi feita por Paulo Magalhães e foi feita à cara do toiro.

5º toiro com ferro de Ezequiel Rodrigues era o n.º 133 e pesava 400 Kg. Saiu para João Moura. Cravou cinco ferros em sortes curtas, indo com o piton contrário, o 5º foi de maior tom, o público rendeu-se, viu e aplaudiu. A Pega feita por António Gama de Santarém foi boa à segunda tentativa.

6º toiro com ferro de João Moura era o n.º 84 e pesava 430 Kg. Saiu para Vasco Taborda imprimiu um toureio frontal. Três ferros compridos sendo o primeiro o melhor. A pega feita por Tomás Borba que indo à cara do toiro foi derrotado sendo substituído por Porto que esteve bem na cara do toiro e fez boa Pega.

## Sanjoaninas de 1989

**17-6-89 às 18:00**—Tourada de praça (Monumental praça de toiros da Ilha Terceira).

**23:30**—Colóquio tauromáquico (auditório do Rádio Club de Angra).

**18-6-89 às 19:00**—Tourada de praça (2ª corrida) (na monumental praça de toiros da Ilha Terceira).

**20-6-89 pelas 11:00**—Tradicional espera de gado para crianças (Rua de S. João -Sé- Angra do Heroísmo).

**23-6-89 pelas 10:00**—Tourada de praça para crianças e lares de 3ª idade (monumental praça de toiros da Ilha Terceira).

**24-6-89 pelas 12:00**—Espera de gado (Alto das Covas, S. Pedro).

**18:00**—Tourada de praça (3ª corrida) (monumental praça de toiros da Ilha Terceira).

**22:30**—Colóquio tauromáquico no auditório do Rádio Club de Angra.

**25-6-89 às 18:00**—Tourada de praça (4ª corrida)

**22:30**—Colóquio tauromáquico no auditório do Rádio Club Angra.

## Sanjoaninas de 1990

Começou no Domingo dia 24 a feira taurina da Ilha Terceira.

Na terceira corrida um toiro de Rego Botelho representou neste certame tauromáquico as ganaderias da Terceira.

A derradeira corrida teve a aliciante presença dos cavaleiros Joaquim Bastinhas e João Carlos Pamplona. A eles juntaram-se o valente grupo de forcados da Tertúlia Tauromáquica Terceirense.

# Prémios de Bravura e Apresentação



Aspecto dos Troféus a entregar (Prémio Bravura)



## O "picador" a "sorte de varas" o "toureio da verdade"

Picar um toiro não é diminuí-lo, desde que a sorte seja bem executada, conforme os regulamentos. E a provar tal facto está a indelével realidade de ter sido em fases posteriores da lide que se registou, até hoje, o maior número de colhidas (às vezes mortais). Portanto...

A "sorte de varas" pode refrear o ímpeto (exagerado e descontrolado) dos toiros; mas pode, também, dar-lho na medida que se haja por necessária. E aumenta também o desenvolvimento do "sentido", que é a apreensão de dados intuitivos por parte do toiro.

Por outro lado, uma rês picada (bem) permite a execução do toureio mais puro, como arte de relaxe e êxtase que é; o toureio pretende-se lento, para poder criar-se (arte, estética, beleza). Permite, de facto, que haja condições para o toureio de verdade (que se canta e nos encanta...), onde a lentidão deixa que o toureio se veja e se aprecie na sua mais alta expressão. Algo diferente do dar passes a cem à hora, que é coisa que quase todos são capazes de fazer, ao contrário do toureio que só às vezes acontece plenamente!

Mas há mais. O papel da sorte de varas é primordial para os ganaderos. Todos a praticam no campo, nas tentas (de fêmeas e de machos). E todos encontram nela os valores essenciais para o desenvolvimento (em crescendo) da ganaderia brava. O "empurrar" o bem protegido cavalo, metendo a cabeça sem rebrincar, humilhando (e, portanto, sem se aliviar), e repetindo investidas diante do "castigo", pode significar que é toiro bravo.

A "sorte de varas" é como os temperos. A comida sem tempero, lá comer come-se, mas não tem sabor requintado, ficando o "prato" incompleto...

Para bem da qualidade do toureio, o tal que é puro "ballet" e para a preservação da Raça Brava, se há coisa imprescindível e inadiável, ela é a sorte de varas.

Por isso, aqui se deixa o testemunho de que no mundo só Portugal não compreende ainda a importância vital dos "Picadores" (honestos)! E aqui se deixa a esperança de que as coisas mudem; a Festa de toiros necessita libertar-se, antes que seja tarde. Então, o esplendor maior acontecerá naquela que é uma das mais lindas Artes que o homem (de Deus...) inventou - o TOUREIO!

Armando Soares (Matador)

# Tauromaquia

O dia de S. João foi assinalado por dois acontecimentos taurinos, 1º de manhã ao meio-dia realizou-se a habitual espera de gado em S. Pedro.

Às 17 horas encheram-se as bancadas da praça de S. João. Toiros de José Albino Fernandes. João Carlos Pamplona enfrentou o 1º e 4º toiros não tendo desiludido a aficcion terçoirenses executando sortes de bom recorte artístico. Toiros difíceis.

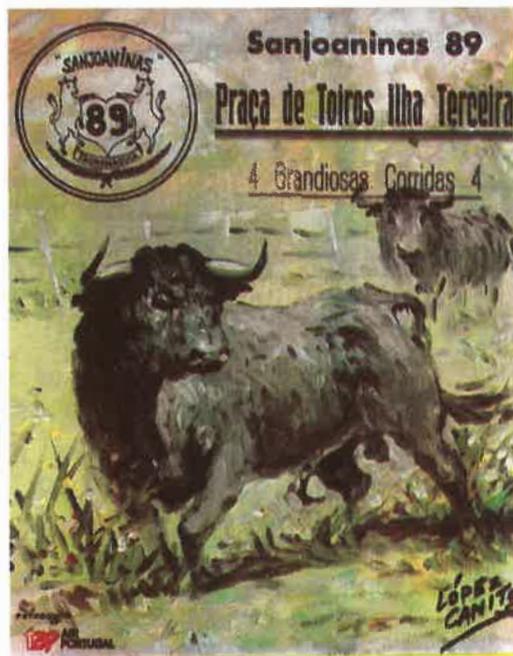
João Hermínio pegou à 3ª tentativa acompanhando o cavaleiro à volta do redondel. Por sua vez Moules pegou muito

bem o 2º toiro, aguentando fortes derrotas, pelo que teve chamada especial aos médios depois da volta que dera na companhia de Pamplona.

Armando Soares enfrentou o toiro n.º 1, tendo executado verónicas e chiquelinas de fino recorte no 2º lanceou por verónicas, tendo concedido o tércio a Freire e Bartissol.

Luís Peixinho actuou pela 1ª vez em Angra não deixando má impressão.

Esta corrida foi dirigida pelo aficcionado Sr. João Borba.



<p><b>1ª Corrida (Sábado 17.6.89)</b> (18 Horas)</p> <p><b>Cavaleiros:</b> João P. R. Teles António P. R. Teles João Carlos Pamplona</p> <p><b>Matador:</b> Victor Mendes</p> <p><b>Forcados:</b> Tertúlio T. Terçoirensis</p> <p><b>Ganaderia:</b> Rogo Botelho RB</p>	<p><b>2ª Corrida (Domingo 18.6.89)</b> (18 Horas)</p> <p><b>"FESTA DA FLOR"</b></p> <p><b>Matadores:</b> Juan Antonio "Esplo" Victor Mendes Rui Bento Vasques</p> <p><b>Ganaderia:</b> Eng. Samuel Lupi Corrida com toiros Picados ◊</p>
<p><b>3ª Corrida (Sábado 24.6.89)</b> (18 Horas)</p> <p><b>Cavaleiros:</b> João Moura Joaquim Bestinhas</p> <p><b>Matador:</b> Rui Bento Vasques</p> <p><b>Forcados:</b> Montemor-O-Novo Tertúlio T. Terçoirensis</p> <p><b>Ganaderia:</b> Trasquil Rodrigues BR</p>	<p><b>4ª Corrida (Domingo 25.6.89)</b> (18 Horas)</p> <p><b>Concurso de Ganaderias</b></p> <p><b>Cavaleiros:</b> João Moura João P. R. Teles Joaquim Bestinhas António P. R. Teles</p> <p><b>Forcados:</b> Montemor-O-Novo Tertúlio T. Terçoirensis</p> <p><b>Ganaderias:</b> Eng. Samuel Lupi Rogo Botelho Ezequiel Rodrigues</p>

# Flashes

## Praça de Toiros da Ilha Terceira

### 1ª das Sanjoaninas 90

Triunfo do Novilheiro Jesulin de Ubrique

“Isto fica para a História” 24/6/90

Jesulin de Ubrique o triunfador da Feira Taurina Sanjoaninas 90

Novilhada de S. João foi uma lição de bem tourear

Toiros da ganaderia do Dr. Brito Paes foram novilhos preciosos com nobreza e bravura

JESULIN conseguiu pôr a bancada de pé

### 2ª Sanjoaninas 90

Rafi Camino toureou da ganaderia Pinto Barreiros cujos toiros desiludiram a todos, não houve voltas nem para o director da corrida.

Os toiros foram picados por Ambrósio.

### 3ª das Sanjoaninas 90

Joaquim Bastinhas e João Carlos Pamplona chegaram aos “tendidos”

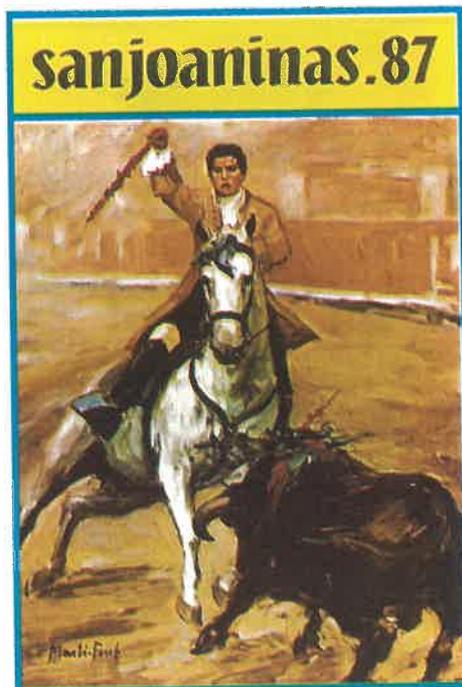
Joaquim Bastinhas esteve bastante bem. É um cavaleiro cheio de recursos, com conhecimento de toiros e cavalos, tendo uma vez mais conquistado o nosso público.

João Carlos Pamplona provou os seus méritos de cavaleiro de alternativa, cravando ferros de valor. Teve música, deu volta e ouviu palmas. Uma referência para o “Malhinha” que foi um colaborador incansável durante a tarde, pois este magnífico cavalo aguentou a lide de 3 toiros de “fio a pavio”.

Os forcados foram valentes: Luís e Tomás Borba, Toni Ortins e José Lúcio que se fechou à córnea ao meio da corrida.

Toiros de Rego Botelho proporcionaram melhor lide, os 1º e 4º sendo os restantes muito difíceis.

Dirigiu com acerto o aficionado cavaleiro-amador Raúl Pamplona.



PRACA DE TOIROS DA ILHA TERCEIRA

4 - GRANDIOSAS CORRIDAS - 4

Cavaleiros - João Moura e Vasco Taborda  
Matadores - Victor Mendes e Ruiz Miguel  
Banderilheiros - Amândio Grilo, César Marino  
Isabel José e Manuel Jacinto

Grupos de Forcados - Amadores de Santarém e Amadores da Tertúla T. Farcarense  
Toiros de: Gaspar Baldaia, Ezequiel Rodrigues e João Moura (pai)

Dias 20, 21 e 24 de Junho às 17 horas  
e 27 de Junho às 16 horas

Vassalo pela DGF

Panorama, TAP 82 Portugal

# Sanjoaninas de 1992

No dia 20 de Junho pelas 18:00 realizou-se a 1ª corrida de toiros de praça. Os toiros foram de Rego Botelho, os cavaleiros foram António Teles, João Carlos Pamplona e João Salgueiro além de dois grupos de forcados. (Um de Vila Franca de Xira e o outro da Tertúlia Tauromáquica Terceirense).

## Aspectos da propaganda das touradas de Praça

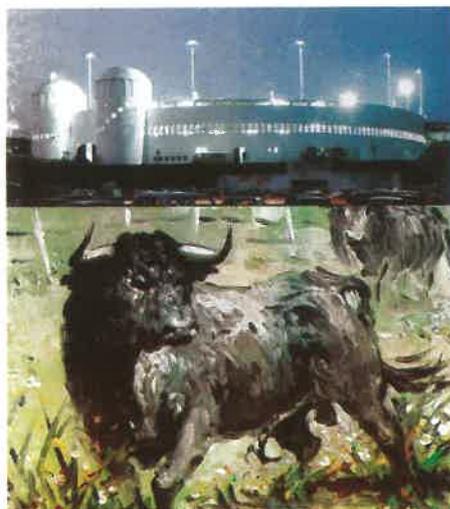
<p>Sábado 22 <b>FABULOSA CORRIDA</b></p>  <p>UM MAND-A-MANO PARA A HISTÓRIA <b>JOÃO SALGUEIRO</b> <b>JESULIN DE UBRIQUE</b></p> <p>OS MONSTROS DO TOURISMO MUNDIAL</p> <p>6 BONDOS 3 REGO BOTELHO 3 S. MARCOS</p> <p>GRUPO DE FORCADOS AMADORES DA TERTÚLIA TAUROMÁQUICA TERCEIRENSE</p>	<p>Domingo 23 <b>IMPONENTE CORRIDA MISTA</b> Às 18:00</p>  <p>CAVALHEIROS: <b>JOÃO RIBEIRO</b>   <b>MANOEL CABALLERO</b> <b>TELLES</b>   <b>RUI</b> <b>SALVADOR</b>   <b>ALEXANDRE</b></p> <p>3 TOIROS DE EZEQUIEL RODRIGUES 4 TOIROS DE S. MARCOS</p> <p>FORCADOS AMADORES DE ALCOCHETE</p>	<p>DOMINGO 19 <b>IMPORTANTE NOVELHADA</b> Às 18 horas</p> <p><b>MÁRIO MIGUEL PEDRO PAVÃO</b></p> <p><b>RUI PLACIDO</b></p> <p><b>LUIZ REINOSO "EL CARTUJANO"</b></p> <p>6 NOVILHOS - TOIROS</p> <p>4 REGO BOTELHO</p> <p>2 EZEQUIEL RODRIGUES</p> <p>GRUPO DE FORCADOS AMADORES TERTÚLIA TAUROMÁQUICA TERCEIRENSE</p>	<p>6.ª-FEIRA 24 <b>SENSACIONAL CORRIDA DE TOIROS</b> Às 18 horas</p> <p><b>JOÃO CARLOS PAMPLONA</b> <b>LUIZ ROUXINOL</b></p> <p>que incluem 3 TOIROS EZEQUIEL RODRIGUES</p> <p>GRUPO DE FORCADOS AMADORES TERTÚLIA TAUROMÁQUICA TERCEIRENSE</p> <p><b>PEDRITO DE PORTUGAL</b></p> <p>incluindo 3 TOIROS HERD. CONDE CABRAL</p>
<p>1.ª-FEIRA 24 <b>GRANDIOSO CONCURSO DE CANABARRAS</b> Às 18:00</p>  <p>CAVALHEIROS: <b>JOÃO RIBEIRO</b>   <b>JOÃO C. PAMPLONA</b> <b>TELLES</b>   <b>JOÃO SALVADOR SALGUEIRO</b></p> <p>6 IMPONENTES TOIROS - 8 REGO BOTELHO 2 D. LUIS PASSANHA 2 EZEQUIEL RODRIGUES</p> <p>ALCOCHETE</p>		<p>SÁBADO 25 <b>FABULOSA CORRIDA DE TOIROS</b> Às 18 horas</p> <p><b>ANTÓNIO TELLES</b> <b>MÁRIO MIGUEL</b></p> <p><b>TOMÁS CAMPUZANO</b> <b>JOSÉ LUIS GONÇALVES</b></p> <p>4 REGO BOTELHO</p> <p>3 EZEQUIEL RODRIGUES</p> <p>FORCADOS AMADORES DE ÉVORA</p>	<p>DOMINGO 26 <b>GRANDIOSO CONCURSO DE CANABARRAS</b> Às 18 horas</p> <p><b>ANTÓNIO TELLES</b> <b>JOÃO CARLOS PAMPLONA</b> <b>LUIZ ROUXINOL</b></p> <p>6 IMPONENTES TOIROS</p> <p>2 REGO BOTELHO</p> <p>2 JOSÉ ALBINO FERNANDES</p> <p>2 EZEQUIEL RODRIGUES</p> <p>2 GRUPOS DE FORCADOS AMADORES ÉVORA - TERTÚLIA T. TERCEIRENSE</p>



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA  
Rua do B. João - ANGRA DO HEROÍSMO

# Sanjoaninas 89

## TAUROMAQUIA



ANGRA DO HEROISMO - TERCEIRA - AÇORES



<p><b>QUINTA-FEIRA 24 ÀS 19 HORAS</b></p> <p><b>SENSACIONAL CORRIDA DE TOIROS</b></p> <p><b>Joaquim Bastinhas</b> C. Pamplona</p> <p><b>Yitor Mendes</b></p> <p><b>4 TOIROS de EZEQUIEL RODRIGUES</b> DIVERSA - VERMELHA E BRANCA</p> <p><b>2 TOIROS de S. MARCOS</b> DIVERSA - BRANCA</p> <p><b>GRUPO DE FOMCADOS AMADORES</b> <b>TENTULIA TAUROMÁQUICA TERCEIRENSE</b> Companheiros por ANTONIO BILGUEIRO</p>	<p><b>SEXTA-FEIRA 25 ÀS 21 HORAS</b></p> <p><b>GRANDIOSA NOVIHADA</b></p> <p><b>Pedro Martins 'Bombita'</b> Antonio Ferrera</p> <p><b>Luz Reinoso 'El Cartujano'</b></p> <p><b>CONCURSO DE GANADARIAS</b> 8 NOVIHADOS-TOIROS</p> <p><b>2 REGO BOTELHO</b> DIVERSA - AZUL E BRANCO</p> <p><b>2 JOSÉ ALBINO FERNANDES</b> DIVERSA - VERMELHA E VERDE</p> <p><b>2 EZEQUIEL RODRIGUES</b> DIVERSA - VERMELHA E BRANCO</p>	<p><b>SÁBADO 26 ÀS 19 HORAS</b></p> <p><b>FABULOSA CORRIDA DE TOIROS</b></p> <p><b>Paulo Caetano</b> Rui Salvador</p> <p><b>António Borrero 'Chamaco'</b></p> <p><b>GRUPO DE FOMCADOS AMADORES</b> <b>APOSENTO DA MOITA</b> Companheiros por JOSÉ MIGUEL</p> <p><b>4 TOIROS do REGO BOTELHO</b> DIVERSA - AZUL E BRANCO</p> <p><b>2 TOIROS de S. MARCOS</b> DIVERSA - BRANCO</p>	<p><b>DOMINGO 27 ÀS 19 HORAS</b></p> <p><b>EXTRAORDINÁRIO CONCURSO DE GANADARIAS</b></p> <p><b>Paulo Caetano</b> Joaquim Bastinhas</p> <p><b>Rui Salvador</b></p> <p><b>2 REGO BOTELHO</b> DIVERSA - VERMELHA E BRANCO</p> <p><b>2 JOSÉ ALBINO FERNANDES</b> DIVERSA - VERMELHA E VERDE</p> <p><b>2 EZEQUIEL RODRIGUES</b> DIVERSA - VERMELHA E BRANCO</p> <p><b>MÁRIO MIGUEL</b> - 2º PRÊMIO - 1º TOURO - 1º PRÊMIO</p>
<p><b>COLÓQUIO: Dia 27 às 22 horas no Salão Nobre da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo</b></p>			

# *Do que depende o brilhantismo de um Espectáculo Tauromáquico*



Sanjoaninas 1997 - Tourada de Praça (destaque para o cavaleiro terceirense Mário Miguel)

Como todos os espectáculos que se realizam em todo o mundo, o espectáculo tauromáquico também requer um toque de brilhantismo, pois é um dos “pólos” de maior atracção das pessoas da nossa Ilhas.

O brilhantismo deste espectáculo, não depende apenas dos cavaleiros, que toureiam harmoniosamente e com muita perícia o touro, nem só dos artistas que vêm de fora, para actuar perante os olhos insaciáveis do povo terceirense. É claro que tudo isto é fulcral, mas acima de tudo, é importantíssimo que exista um touro, pois o que seria uma tourada sem a valentia tauromáquica.

Este belo animal negro, que muitos temem, é a “alma do espectáculo”, pois as pessoas não se contentam apenas com

um cartel formado por artistas de alta categoria. Tudo depende muito do comportamento do touro, pois só assim temos um bom espectáculo. Mas no entanto sendo o touro um animal “imprevisível”, bravo e robusto, são muitos os que por vezes se amedrontam perante o feroz animal; devendo-se no entanto referir que nem todos têm medo, pois o sangue forte que corre nas veias do nosso povo “dá coragem e valentia”. É um espectáculo que todos apreciam e aplaudem enchendo os corações com uma mistura de sensações que nos fazem sentir aterrorizados, alegres, livres e fortes.

A qualidade que este tipo de espectáculo requer, acaba por ser dado pelo próprio público - é claro pelos constituintes da lide tauromáquica.



A Valentia dos Forcados

## Forcados da Terceira

Carlos Alberto Mont'Al

Alamo Oliveira

Mas com que brio saltam a trincheira,  
Jaqueta justa, linda na ramagem;  
São os forcados da ilha Terceira  
Que vão fazer a pega da coragem.  
Brindam a sorte aos olhos da morena;  
Com garbo, alinham para a investida  
E o barrete voa pela arena  
De encontro ao touro, de encontro à vida.

*Refém*  
Entram na praça  
P'ra cortesia  
A sua graça  
É valentia  
Todos guapos,  
Bem à maneira...  
Bravo, forcados!  
Bravo, Terceira!

Na praça, o povo é um mar suspenso  
Desse silêncio que reveste o medo,  
Há um olhar que estremece intenso  
Como quem guarda a alma do segredo.  
Tanto salero a sitar de frente...  
O touro investe de alegria em flor  
Que o forcado, o derrotado, aguente.  
Pega do caracé e pega de amor.

Como quem abre a sua mão direita,  
O medo cai em agonia lenta,  
A reunião, de forma tão perfeita,  
Dá voz ao povo e a evasão rebenta.  
O touro fica em solidão fechada.  
Bem consumada foi a pega inteira.  
Por isso, já não pode haver tourada  
Sem os forcados da ilha Terceira.



A valentia de um espectáculo tauromáquico



Touros Picados

## A Venda dos Bilhetes para as Sanjoaninas

Como já é habitual, todos os anos as bilheteiras abrem com antecedência para a venda dos bilhetes. Quando isto acontece, as pessoas aparecem “como do nada” para adquirirem o seu bilhete - por vezes até vão horas antes para não perderem a sua aquisição. Pode dizer-se que é um verdadeiro assalto pois ninguém quer perder o(s) espectáculo(s) que vão acontecer.

Poderá dizer-se que o povo Terceirense é um grande aficionado da Tauromaquia.

Para quem chega a ficar de noite, à porta das bilheteiras, este espaço de tempo serve para conviverem uns com os outros,

trocarem impressões, falar de touros e partilharem os seus pensamentos sobre as touradas de praça ou à corda.

Pode dizer-se que os Terceirenses, reagem, gostam e participam nas nossas touradas de uma forma peculiar, que é importante para manter esta graciosa tradição que tem muitos anos de existência. As touradas são bem aceites em todos os pontos da nossa Ilha, assim como pelas nossas gentes. Há que mencionar entre este público que compra os bilhetes e assiste às nossas touradas, os turistas que vêm de muitos lugares do mundo para esta festa, e podemos ver o interesse que manifestam pelas nossas tradições e cultura.



“As Enchentes” de público no decurso das Sanjoaninas



Uma nova geração que trará brilho à Tauromaquia Terceirense

**Ano de 1849- nomes dos intervenientes que actuaram nos festejos realizados nas tardes de 24 a 27 de Junho, no pátio da**

**Quinta das Mercês:**

Frederico Côrte-Real  
 Álvaro Fournier - Cavaleiro  
 Júlio Noronha + 6 amigos - Forcados  
 João Moniz de Sá  
 Francisco do Canto e Castro  
 António Sieuve de Séguier  
 António Moniz de Sá Côrte Real  
 Miguel Coelho Borges

Esta notícia foi desenvolvida no

Jornal: "O Angrense"  
 (28 de Junho de 1849)

Ao longo dos anos actuaram em Angra na vertente Tauromáquica:

Eduardo dos Santos, "Varino"  
 Francisco Gonçalves Lima  
 Bandarilheiro de apelido Monteiro ( Pedro de Merelim afirma que deve tratar-se de: Augusto Maria Monteiro)  
 Paulino  
 José dos Santos  
 António Gonçalves Golegã  
 Pegador José Martins Ribeiro da Silva  
 Cavaleiro amador António Borges Leal Côrte-Real  
 Rodrigo Maria Monteiro (hábil picador)  
 José Maria Salta (Bandarilheiro Profissional)  
 Mateus José da Rosa Júnior (Cavaleiro)  
 Luís Machado de Ávila (Canário)  
 José de Sousa (Moreno) Bandarilheiro  
 António de Lemos Bettencourt (Cavaleiro)  
 José Dias da Fonseca  
 José Narciso (Cavaleiro)  
 El Pechuga (Joaquim Pérez) Novilheiro  
 José Ruiz y Garcia (El Joseito)  
 Silvestre Calabaça (Bandarilheiro Profissional)  
 Francisco Elias (Pegador)  
 José Lopes do Riacho (Pegador)  
 Cipriano Bosqued y Braojos ( El chicorrito) Novilheiro  
 Egas Moniz Barreto do Couto (Cavaleiro amador)  
 Gabriel Lopez (Mateito)  
 Francisco de Paula Moniz Barreto  
 Francisco Moniz Barreto Côrte-Real  
 Francisco José da Cruz (O Milho Torrado)  
 José Poleiro  
 António Moniz e Sá (Pegador)  
 João Toste Parreira (Moço de Forcado)  
 Francisco Bernall (Bernalito) Espada  
 Morenito de Madrid  
 Pablo Bernall (Bernalim)  
 Mazzantini  
 Manuel Colino (Nieto) Espada  
 José Quenos (Carpinteirito) Bandarilheiro  
 Ângelo Sanadina (Angelete)  
 Ventura Costa (Forcado)  
 Carlos Santos (Forcado)  
 Teodoro Rodrigues  
 Manuel Garcia (Revertido)  
 Ricardo Baena (BarBi)  
 Nicolau Jimenez (Remelão)  
 José Rivas (Morenito - Chico)  
 António Herrera (Añillo)  
 Manuel dos Santos  
 Cândido Vellasco - Novilheiro  
 Justo Sandez (Zurini) Bandarilheiro  
 Julio Martinz (Mamiero) Bandarilheiro

Jacinto Martinz (Palmirijo) Bandarilheiro  
 Angel Herrero (Cantarito)  
 Sanchez Conturas  
 Ricardo Neves (Ricardo de Sevilha)  
 Madrilenito  
 Gonzalito e Mesita - Bandarilheiro  
 Júlio Procópio  
 Amadeu Simões - Bandarilheiro de alternativa  
 D. Francisco de Mascarenhas  
 D. Alexandre de Mascarenhas  
 Pedro Gorjão (Bandarilheiro)  
 Manolo Ortiz  
 Paco Raldan  
 Simão da Veiga  
 José Mestre Baptista  
 Miguel Campos - Matador  
 Manuel Morales (Quitin) Novilheiro  
 Diamantino Vizeu  
 José Trincheira - Matador  
 Júlio Glória - Bandarilheiro  
 Francisco Costa - Bandarilheiro  
 Ludovino Bacatum - Bandarilheiro  
 Ramon Montero (Maravillas) Matador Venezuelano  
 Ricardo Chibanga - Novilheiro  
 Pedro Louceiro - Cavaleiro  
 Gustavo Zenkel - Cavaleiro de alternativa  
 Amadeu dos Anjos - Matador  
 Flores Blasquez - Matador  
 José Maldonado Cortes - Cavaleiro  
 Mário Coelho - Novilheiro  
 Juan Caparros - Novilheiro  
 José Simões - Matador  
 Pepe Cámara (Venezuelano) - Matador  
 Raúl Sanches - Matador  
 José Samuel Lupi - Cavaleiro  
 Raimundo Ventura - Espada  
 Reyto - Espadas  
 Luís Miguel da Veiga  
 Joselito  
 José João Zoio  
 João Carlos Pamplona  
 Parreirita Cigano  
 António e Manuel Badajoz  
 Manuel Jorge de Oliveira - Cavaleiro  
 Rui Salvador - Cavaleiro  
 Ortega Cano - Matador  
 José Tinoco - Bregas  
 Manuel Barreto - Bregas  
 Joaquim Bastinhas - Cavaleiro

Muitos outros vultos actuaram ao longo dos anos, para os aficcionados terceirenses.

Em tardes de sol intenso, muitos "olés" encheram a velhinha praça de toiros de São João, ou então a nova monumental da Ilha Terceira, relembrando a grande ligação da Terceira à Festa Brava.

Também tem decorrido diversos colóquios tauromáquicos, onde as problemáticas taurinas são discutidas. Costumam afluir personalidades de vulto dos meandros da Festa Brava, que abordam temáticas interessantes, provocando o gáudio da "Afficcion" Terceirense.

A lista aqui apresentada resultou da consulta bibliográfica efectuada, e tem como base o trabalho do escritor Pedro de Merelim, intitulado "Tauromaquia Terceirense".

# ***GASTRONOMIA***

# Gastronomia

Factos e acontecimentos que estiveram na origem da gastronomia Terceirense e bem assim das festividades denominadas Sanjoaninas.

Com a descoberta por Vasco da Gama do Caminho Marítimo para a Índia, na segunda metade do século XV, um intenso tráfego marítimo contribuiu para o desenvolvimento desta ilha. As armadas vindas do continente, aguardavam as naus regressadas da Índia, para as defenderem da cobiça de corsários e piratas, ávidos das riquezas transportadas nos seus bojos.

De tais riquezas constavam as drogas aromáticas denominadas *especiarias* (pimenta, canela, cominhos, gengibre, noz-moscada, pau de cravo, etc.), tão do agrado dos orientais, e que nos últimos séculos da Idade Média, o seu uso se havia de generalizar entre alguns povos europeus.

Para se avaliar do valor atingido pelas especiarias, bastará citar, que a pimenta serviu de moeda entre alguns povos.

Transportadas do longínquo Oriente, primeiro por mar, e depois em caravanas, saqueadas durante os percursos, tornavam-se assim fabulosamente oneradas.

Angra tornou-se então o empório do mar, e os que regressavam de outras longitudes anteviam-na como um prazer apetecido.

Quando chegavam as frotas do Levante, o cais animava-se no bulfício colorido do desembarque. O alarido da faina marítima alastrava-se até aos becos mais distantes numa algazarra de vozes mesclada de idiomas estranhos.

Angra, a fidalga, sofria a influência mágica dos mares, entrecruzada de rumores e falas bárbaras, plena de exotismo, como uma Babilónia dos oceanos, impregnadas de incensos e de flores da Índia.

As tripulações aproveitavam as curtas estadias para transaccionarem especiarias, sonegando-as ao fisco régio, na mira de uma soldada extra.

Tais preciosidades, não só teriam o condão de requintar a culinária nas casas solarengas, dando aos repastos o aroma e o paladar dos manjares dos deuses, como ainda se apresentavam de fácil aquisição à arraia-miúda, privilégio vedado à plebe do continente.

E se tais factos terão influenciado o curso evolutivo da alimentação dos Terceirenses, a clausura conventual, por sua vez, teve papel de relevo no tocante a doçaria, confeitaria e licores.

As freiras oriundas quase sempre da nobreza, trocavam

entre si, as receitas levadas das casas paternas, trabalhando fora das horas de devotamento piedoso, nas fornalhas da cozinha, com um entusiasmo de alquimistas, obtendo com o açúcar guloseimas que fariam da doçaria terceirense, das mais reputadas, variadas e gostosas do país, senão do Mundo.

O culto por S. João Baptista data da fundação da nacionalidade, com consagração oficial no séc. XV, mais precisamente no reinado de D. João II.

No séc. XVI o Papa Júlio II, mandou celebrar grandes festas comemorando a vitória alcançada pelos Hospitaleiros de Rhodes contra uma armada turca.

Tal facto coincidiu com as celebrações Baptistinas e como então na época se incrementava o povoamento dos Açores, o acontecimento terá influenciado em fausto tais festividades que, entre nós, passaram a denominar-se de Joainas.

Ao canto da rua de S. João, onde actualmente se acha instalada a Loja Vidal, existiu uma capela devotada a S. João Baptista, mandada edificar no séc. XVI pelo fidalgo terceirense João Vieira – O Velho.

Dois arcos inteiros, rasgados, um para a rua da Sé e outro para a de S. João, permitiam ver o altar do taumaturgo.

Era nessa Capela que os fidalgos terceirenses montados em seus corcéis sumptuosamente ajaezados, envergando os mais deslumbrantes trajes, depois de ouvirem missa celebrada pelo prelado da Diocese, recebiam os Sacramentos das mãos do mesmo.

Este ritual precedia as justas, torneios e touradas, que se realizavam com luzimento na Praça Velha.

Estas festas tiveram um prolongado interregno, vindo a reavivarem-se nos anos trinta, implantando-se no calendário festivo da nossa ilha como “Festas da Cidade”.

O seu programa varia de ano para ano, introduzindo-se aliciantes números, a chamarem turistas e emigrantes.

Entre eles figuram as célebres “tasquinhas” instaladas nos terrenos do “Bailhão”, a oferecerem e a desafiar o apetite de uma alegre população, a curiosidade dos forasteiros e a chamada “nostalgia do estômago” dos nossos emigrantes.

Nestes pequenos templos da glotonaria regional podem-se apreciar os chicharos e cavalas de molho crú, o polvo à nossa moda, as lapas, as cracas, a lagosta, a sapateira, a santola, os caranguejos, as favas de molho crú, também conhecidas por molho de unha, a morcela, o sarapatel, a linguça, os torresmos, os ovos cozidos, etc.

Augusto Gomes

# Comidas



Sopa do Espírito Santo

Ao longo dos séculos a cozinha tradicional da Ilha Terceira sofreu algumas influências que foram enriquecendo o seu paladar.

Uma das atracções gastronómicas da coroação / função das Sanjoaninas é por exemplo a Sopa do Espírito Santo, feita

com carne de vaca, galinha, chouriço, presunto, fígado, sangue cozido, vegetais e pão.

Outras iguarias são por exemplo o Cozido e a Alcatra, e mais recentemente, pratos mais simples como as Bifanas.



A Tradicional e Famosa Alcatra Terceirense

## Doces

No que diz respeito às guloseimas começamos por mencionar os Covilhetes de Nata e de Feijão, as Cornucópias, as Barrigas de Freira, os Papos de Anjo, Massa Sovada, Biscoitos e finalmente as Farturas, que são uma das principais atrações a nível de guloseimas. Mais recentemente apareceram

as pipocas e o algodão doce.

Deixamos para o fim as tradicionais e antigas Donas Amélias.

O seu nome resulta de uma homenagem do povo terceirense prestada à Rainha de Portugal, D. Amélia, aquando da sua visita à Ilha Terceira.

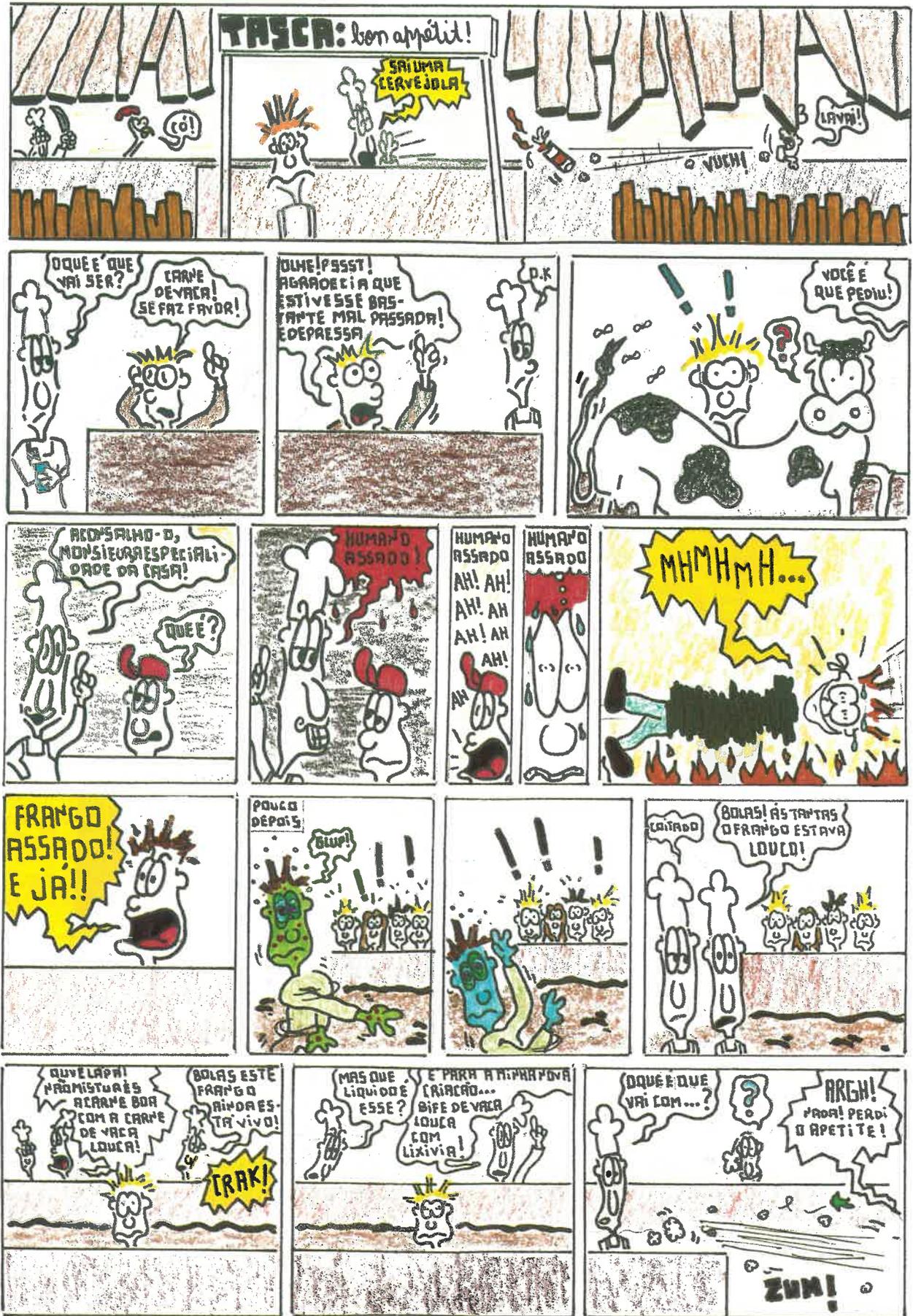


## Bebidas

Quanto às bebidas, temos nas Sanjoaninas a nossa já habitual Sangria, Angelica Terceirense, Cervejas, Aguardente, Sumos para os mais novos e os vários Vinhos. O vinho que predomina na nossa ilha é o Vinho de Cheiro, que no Continente é conhecido por Americano ou Morangueiro.

São conhecidos os vinhos dos Biscoitos, Porto Martins e Pesqueiro.

Mas existe igualmente o Verdelho dos Biscoitos que já tem condições para competir com os vinhos do Continente.



# Tascas



O ambiente festivo vivido na tasca

Nas Sanjoaninas o lugar onde encontramos maior variedade de comida e aperitivos é nas tascas. A tasca é geralmente um recinto feito de madeira, que se costuma ver nas festas da nossa Ilha.

É montada em viaturas, recintos improvisados ou espaços cedidos por particulares. Ao longo dos tempos, as tascas foram perdendo o ar castiço que as caracterizavam. Antigamente, quase todas exibiam (penduravam) à porta como chamariz uma bandeirola vermelha muitas vezes acompanhada da casca de uma lagosta.

No interior da tasca, um cavalete armado servia de balcão sobre o qual exibiam os petiscos bem temperados e para nada faltar o já famoso Vinho de Cheiro. Por vezes viam-se expostos **Petiscos**, tais como, Morcela Frita, Linguiça Frita, Codornizes, Ovos Cozidos, Torresmos de Galinha, Batatas Fritas, Bifanas e Favas Escoadas. Também eram comercializados deliciosos **Aperitivos**, como por exemplo, Favas e Milho Torrado, Milho Aberto, Pevides e Tremoços. Hoje, tal como há uns anos bebe-se nas tascas vinhos e sangrias, mais recentemente apareceram a cerveja e os sumos.

Em 1995, devido ao projecto da construção da marina ao pé do Pátio da Alfândega, as tascas foram mudadas para o Cerrado do Bailão, que passou a ser o “palco” de grande parte dos eventos das Sanjoaninas.

Uma das várias tascas existentes nas Sanjoaninas é a tasca “O Coral”. A tasca já existe há 6 anos, “surgiu como forma de angariar fundos para as despesas do coro” (Associação Coro Tibério Franco - Terra Chã), para que possam viajar. Por dia costumam servir 200 refeições, das quais os principais pratos são, a Morcela e Linguiça fritas.

As comidas começam a ser preparadas no mês de Abril, mais concretamente a Morcela e o Frango. Assim, também têm tempo de lavar as tripas como deve ser. Participam na organização da tasca cerca de 50 pessoas, que dividem-se em 3 grupos. Cada grupo trabalha um dia, e descansa outros 2 dias.

Os dias de maior movimento são nos dias de abertura e encerramento, mas principalmente, na noite de S. João.

(As informações do texto anterior foram conseguidas através duma entrevista ao Sr. Cândido Fernandes)



**Aspectos populares vividos nas tascas**



# Entrevista com Augusto Gomes

**1) Quais são os pratos típicos confeccionados no decurso das Festas Terceirenses, nomeadamente, as Sanjoaninas?**

- Peixe de Molho Crú, Polvo, Cracas, Morcela, Torresmos, Ovos Cozidos, Favas de Molho Crú (\*Molho Unha), Lapas, Lagosta, Sapateira, Santola, Sarapatel e Linguça Frita .

\*O Molho Cru é também conhecido por Molho Unha porque, as pessoas ao tirarem as favas do molho (em tascas), como eram muitas (pessoas), o molho tornava-se “preto” devido à sujidade das mãos.

**2) Acha que estes pratos diferem muito dos pratos típicos de, por exemplo, há 10 anos? Se há diferenças, quais são?**

- Modo geral é o mesmo, agora há o Frango Frito/ de Churrasco/Assado.

**3) As pessoas costumam cozinhar esses pratos ou em vez disso, vão comer por exemplo a uma tasca?**

- (Esses pratos) são comidos nas tascas. Só se comem em casa em dia de Festa.

**4) A importância das tascas passou a acentuar-se a partir**

**de quando?**

- As tascas andaram sempre associadas às Touradas à Corda. Tenho 62 anos e quando era miúdo já haviam tascas, embora diferentes das de agora.

**5) Acha que esta geração está a mudar os Costumes Gastronómicos terceirenses?**

- Sim, muito. Quando os jovens vão comer fora pedem Hamburguers, Pizzas, ...

**8) A estrutura organizativa das tascas alterou-se muito em relação ao passado? (se resposta fôr sim, indique em que aspectos)**

- Sim, hoje vêm-se tascas em viaturas; antes era em casas em ruínas, tinham uma bandeira vermelha, penduravam casca de lagosta,...

**9) A afluência às tascas é tanta como antigamente, ou mudou?**

- Deviam ir mais pessoas às tascas. Mas como há mais tascas, há mais pessoas. Antigamente as mulheres não iam a tascas. Hoje comem-se refeições nas tascas, antigamente não.

# Entrevista ao Dr. Domingos Cunha (Tasca “O Coral”)

O Coro Tibério Franco-Terra Chã é uma Associação Cultural sem fins lucrativos, fundada por escritura pública no dia 15 de Março de 1995, que tem como objectivo a recolha, estudo, promoção e divulgação da música.

## *Qual a razão de fazer uma tasca? Como e porque surgiu?*

A tasca “O CORAL” é uma iniciativa do Coro através do empenhamento de todos os seus sócios coralistas, e que ocorre durante as festas Sanjoaninas. A tasca realiza-se há vários anos, com excepção do ano de 1998, para que o Coro angarie fundos que permitam a sua deslocação para o Continente e Estrangeiro, quer no intercâmbio entre os Coros da Ilha Terceira, quer em deslocações a convite de outras Instituições ou Associações Culturais.

## *Como se procede aos preparativos?*

Os preparativos da tasca iniciam-se logo após o Encontro de Coros da Ilha Terceira, que acontece, normalmente, durante o mês de Abril, em que os seus elementos se organizam por equipas – os homens ficam encarregues de descascar e picar cebolas para serem cozidas para as morcelas, e as mulheres, um grupo lava as tripas de porco com que são feitas as morcelas e o outro grupo enche e coze-as, e depois alternam entre si. Atingido o número de morcelas que normalmente se calcula que irão ser gastas durante as festas (cerca de 1000 a 1200), são conservadas em arcas frigoríficas destinadas exclusivamente para esse fim. Os frangos para o churrasco são comprados frescos, todos arrançados pelos coralistas e congelados às metades, para serem descongelados à medida do consumo diário.

## *É gratificante?*

É gratificante sob o ponto de vista financeiro e quando no

final das festas se conclui que o Coro ganhou algum dinheiro.

## *Qual foi a razão de em 1998 a tasca não se ter realizado?*

Em 1998 não se realizou a tasca porque os coralistas em Assembleia Geral decidiram parar por um ano, para descansar, uma vez que já vinham fazendo a tasca há alguns anos, o que se torna muito cansativo.

## *Não se goza a festa? Ou vê-se a festa de outra perspectiva?*

Não é possível que todos os coralistas gozem na totalidade as festas porque nos dias que estão de serviço à tasca iniciam o seu trabalho cerca das 18h00 e só terminam cerca das 03h00 ou 04h00. Assim, a festa é vista como uma oportunidade de angariação de fundos que irão possibilitar deslocações agradáveis, que acabam por recompensar as canseiras da tasca e o esforço semanal dos ensaios ao longo do ano.

## *Quais os pratos servidos na tasca?*

Os pratos servidos na tasca são: morcela frita, linguiça frita, bifanas no prato e no pão, batatinhas, sopa, frango de churrasco, espetadas, pão de milho e doces.

## *Quais as bebidas servidas na tasca?*

As bebidas são: sangria, cerveja, sumos, coca-cola, 7 up, fanta, vinho tinto, água e café.

## *No final das Sanjoaninas qual o número de pessoas que foram comer à tasca “O Coral”?*

No local onde habitualmente se realiza a tasca é provável que no final das festas tenham sido servidas cerca de 2500 pessoas.

# ***DESPORTO***

# Desporto nas Sanjoaninas



Desfile de Associações/Clubes Desportivos (1996)

Através da documentação investigada na Biblioteca de Angra e extraída do jornal “Diário Insular”, conseguimos constatar, que o Desporto sempre fez parte das Sanjoaninas.

Surgiram intervenientes de origem Terceirense, Regional e por vezes até Nacional.

Atendendo que nos primeiros anos, não se dava ao desporto o papel que hoje possui, mesmo assim, verificamos que nas décadas nas décadas 60 e 70, registou-se uma maior participação de equipas nacionais, ex.: Belenenses, Estoril-Praia e algumas selecções nacionais, selecção de júniores que representou Portugal no Mundial 80 no Japão.

Com o decorrer dos anos, o desporto local foi ganhando vulto, e aí as colectividades desportivas locais, tudo fazem para testemunhar o bom nome e prestígio dos seus clubes, defendendo as cores que representavam, e dando uma importante participação nas Sanjoaninas.

Saliente-se os torneios de futebol, basket, judo, ténis, voleibol, futebol de salão, andebol, badminton, ténis de mesa.

Passar-se-á ao atletismo, ciclismo, ginástica, aeróbica, tiro aos pratos, xadrez que já trouxe à nossa Ilha um campeão nacional.

Quanto aos jovens que adoram emoções temos corridas de automóveis, desportos náuticos e motorizado. Alguns espalham-se pela Baía de Angra, outros como a natação, pelas piscinas da Inatel, Pavilhão Municipal, Estádio João Paulo II.

De revelar o papel e estruturas das Escolas Secundária e Preparatória de Angra com Campo de Férias de Basketball.

Houve quem ressuscitasse os chamados jogos tradicionais

como ex.: jogo da malha, do pau, do pico, da macaca, etc... relembrando o que anteriores gerações praticavam.

Para finalizar e a título de curiosidade aqui vai a informação:

Sport Clube Lusitânia: Criado a 24 de Junho de 1922, sendo hoje o clube de maior projecção na Terceira.

Sport Clube Angrense: Fundado a 1 de Dezembro de 1929, sendo a nova sede inaugurada a 27 de Agosto de 1950.

Sport Clube Marítimo: Fundado a 9 de Maio de 1938.

A aposta no desporto durante as Sanjoaninas sempre foi uma preocupação da população Angrense, tal como atesta um artigo do jornal “Diário de Angra” (1923), e que passamos a descrever devido à sua pertinência:

## As Festas da Cidade e as Grandes Provas Desportivas

“...Porquê não passar a realizar-se todos os anos grandes festas desportivas, em que haja uma pequena demonstração de todos os desportos? Fariam parte do programa das Festas da Cidade que a Câmara Municipal deve organizar, e nelas tomarão parte grupos Terceirenses, e aqueles estranhos que nos queriam visitar. Mas isto era uma fonte de receita e de estímulo para os diversos grupos, cuja preparação lhes devia merecer uma muito particular durante o ano desportivo.

A festa que constaria de provas de natação e de remo,

torneio de tiro, campeonato de football e ténis, corridas, saltos e campeonatos de sports atléticos, representaria o mais importante número do programa e só por si constituiria diversões para mais de cinco dias.

*...aí fica o alvitre, que o examinem a Câmara Municipal e a Liga da Educação Física desta cidade. Se alguma consideração lhes merecer, que o adoptem, aproveitando a atmosfera favorável sob que marcha actualmente o gosto pela cultura Física...*"

Este artigo estava incluído na edição do jornal, no dia de São João (feriado municipal), e atesta a preocupação pela promoção das actividades desportivas, procurando o seu enquadramento harmonioso no vasto leque programático das Sanjoaninas.

Felizmente muitos anos são volvidos sobre este artigo, e

podemos verificar que este apelo foi escutado - as entidades responsáveis pelos festejos empenharam-se no incremento desportivo, pugnando pela apresentação de um vasto leque de modalidades, atingindo um número crescente de participantes e espectadores.

Ao folhear de ano para ano o programa das Sanjoaninas, podemos constatar a crescente aposta na qualidade.

Um bem haja a todos os que tornam possível tal concretização, pois estão pugnando pelo desporto da sua terra, e da sua região. Interessante foi o cortejo efectuado no ano de 1996, onde foi possível verificar a quantidade de jovens que integram as nossas equipas de futebol. Todos alinhados, vestindo as cores do seu clube, desfilaram na Rua da Sé, ante os olhares dos transeuntes que se agrupavam nos passeios.

As bandeiras das colectividades demonstravam que o desporto está vivo, e que atrai inúmeros jovens...

## Flashes Desportivos

*extraídos do jornal "A União" dos respectivos anos)*

No ano de 1962 no dia 23 de Junho efectua-se um jogo de futebol entre o Micaelense (Campeão de S. Miguel) e o S.C. Angrense (Campeão da Terceira), com o resultado final de 5 golos para o Angrense e 4 para o Micaelense.

Também se efectuaram os jogos de futebol do S. C. Lusitânia frente ao S. C. Angrense, e o Micaelense frente ao S.C Lusitânia.

No dia 26 de Junho do ano de 1966 as competições das Festas da Cidade tiveram os seguintes resultados:

A selecção de Angra triunfou por equipas (1; 3; 5) com 9 pontos, seguida pela selecção de S. Miguel (4; 6; 8) e da equipa da Base Aérea nº4 com 18 pontos.

Na pesca desportiva triunfou na classificação individual o Capitão Martins de Freitas. Por equipas o primeiro lugar foi

para o Clube Naval de P. Delgada com 31 pontos, seguido da Academia de Angra com 16 pontos e seguido do Praiense com 1 ponto.

No ténis de mesa o clube O Desporto da Serra de Santiago e o Micaelense foram batidos pelo Grupo Juvenil da Sé por igual marca; 3 a 0; triunfando Sónia Cardoso na competição feminina.

Os Micaelenses estiveram em grande destaque na natação com os seguintes resultados. Na prova de fundo cujo trajecto vai desde o Porto das Pipas ao Cais da Figueirinha - a vitória foi para Joaquim Cabral do Clube Naval de P. Delgada.

Nos 50 metros livres femininos a vitória foi para Belita de Angra. Nos 100 metros livres a vitória foi para António Jacinto do Clube Naval de P. Delgada.



Passeios de Barco na Baía

## Baía de Angra

Não esquecer a nossa querida Baía de Angra cujas águas azuis servem de palco aos desportos náuticos, que tanto espectáculo proporcionam ao público.

É de lamentar a poluição que todos os dias ocorre sem que ninguém faça nada. Apesar dessa poluição ainda é possível praticar alguns desportos náuticos por exemplo, o jet ski, a vela e canoagem.

Temos que referir também que a construção da marina pode ser ou não o desenvolvimento de Baía de Angra.

Com o lançamento deste livro pretendemos, fazer um pedido à Câmara Municipal e a todas as pessoas em geral: que se empenhem em acelerar a despoluição de nossa baía, porque a qualidade de vida desta cidade evoluirá bastante e diversificar-se-á o número de actividades náuticas, fazendo sair este espaço do adormecimento em que já se encontra há anos.

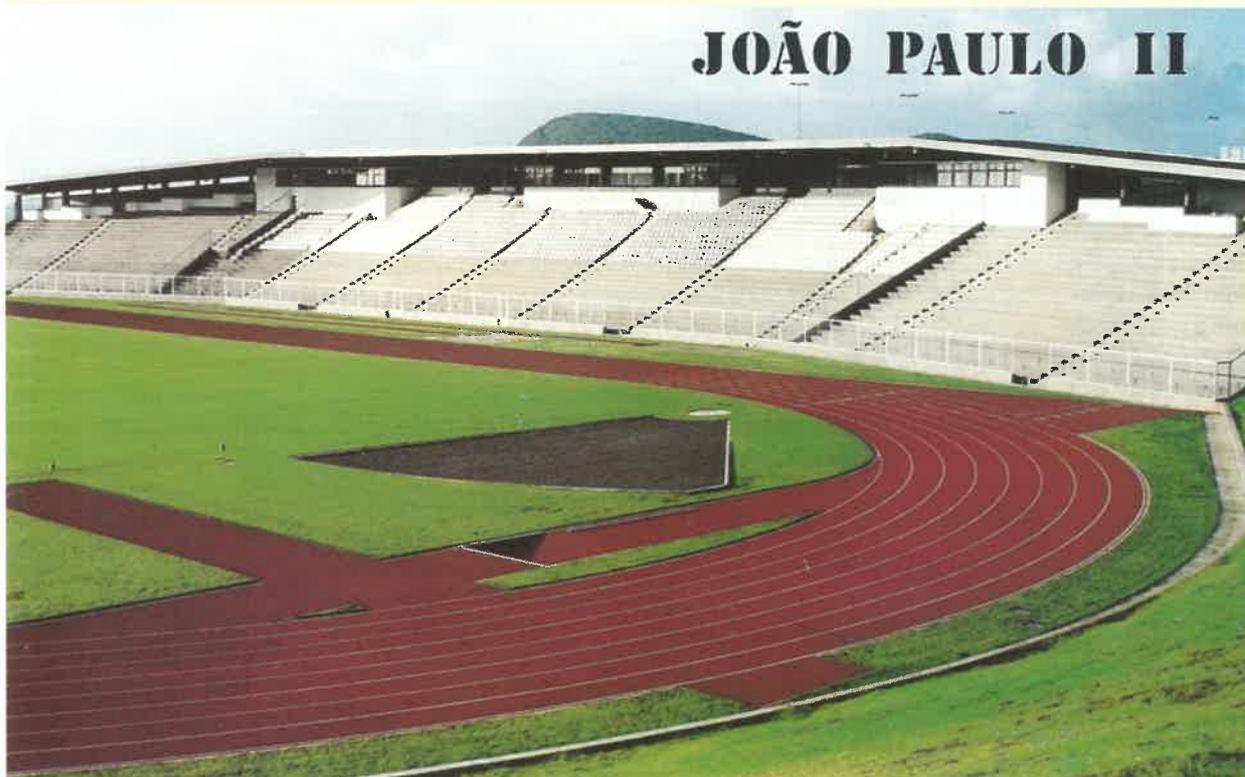
Durante as Sanjoaninas é belo vê-la animada pela variedade de barcos à vela, que praticando as suas competições, recordam o tempo das caravelas, onde Angra - Baía, foi porto de escala das rotas vindas do Oriente, servindo de sede a todas as embarcações.



Regatas

# PARQUE DESPORTIVO DE ANGRA DO HEROISMO

## JOÃO PAULO II



# *As Modernas Instalações Desportivas de Angra*

Analisando os diversos locais onde decorrem as provas desportivas, no decurso das Sanjoaninas, interessa referir o Parque Desportivo de Angra do Heroísmo.

Inaugurado no dia 24 de Março de 1992, é designado por Estádio João Paulo II, prestando homenagem ao Papa que visitou a nossa Ilha.

O Parque Desportivo ocupa uma área de cerca de 19 hectares; e nas edificações construídas podemos destacar: estádio; bilheteiras; balneários; arrecadação técnica, posto de transformação e reservatório de água.

As instalações Desportivas incluem: campo de futebol relvado; pista de atletismo; campo de treinos; pista de atletismo em terra batida; uma pista de corridas em patins e um ringue de patinagem.

A importante estrutura do Estádio possui: bancadas voltadas a nascente, tendo lugar para 6000 espectadores

distribuídos pelas bancadas central e lateral norte e sul.

O imponente campo de futebol relvado com dimensões de 68 por 105 m. permite a realização de importantes jogos de futebol substituindo os antigos campos de terra batida. Este campo foi inaugurado com o jogo de futebol entre as selecções olímpicas de Portugal e do Canadá.

Com estas modernas estruturas a Cidade de Angra ficou dotada de um importante complexo, que pode acolher importantes modalidades desportivas; demonstrando o interesse e a aposta nas actividades e modalidades desportivas.

A partir de 1992 o Burgo Angrense, pôde contar com este Parque Desportivo, permitindo a realização de provas ou competições no decurso das Sanjoaninas.

Logo no ano da inauguração realizou-se neste recinto, no decurso das Festas, um "Campo de Férias de Futebol".

# Pavilhão e Piscinas



Competições Desportivas - Provas de Natação

Estas importantes estruturas para o desporto angréense foram construídas na década dos anos 90. Praticam-se no pavilhão as seguintes modalidades: basquetebol, hóquei, voleibol, andebol, futebol de salão, patinagem artística, etc.

No sábado dia 22 de Junho de 1991, foi inaugurado o Pavilhão Municipal.

Este acontecimento foi enriquecido com o jogo de basketball Benfica-Porto, que atraiu grande número de entusiastas desta modalidade desportiva. Este evento constou do programa das Sanjoaninas 1991.

Neste ano já decorreram outras actividades neste espaço (ex. judo, ginástica rítmica).

Além do desporto, verificaram-se espectáculos (Ex. Fafá de Belém em 91).

Nas Sanjoaninas estes recintos recebem importantes competições desportivas, permitindo efectuar com qualidade

nacional e até internacional, os torneios e manifestações competitivas.

Posteriormente foram construídas mesmo ao lado do Pavilhão Municipal, o complexo das piscinas do INATEL.

À semelhança do Pavilhão Municipal, este recinto tornou-se um grande palco para a prática da natação.

Nas amplas piscinas podem-se apreciar competições demonstrando a qualidade e a amplitude destas estruturas. Em largas braçadas os nadadores fazem "crawl", tentando ultrapassar o tempo cronometrado durante os treinos. É assim que se fazem os verdadeiros campeões. Nos últimos anos as Sanjoaninas ficaram substancialmente beneficiados, com este conjunto de novas e amplas estruturas desportivas. Assim é possível agendar ou convidar importantes desportistas, garantindo uma crescente qualidade no programa das nossas festas.

# Entrevista ao Sr. Jorge Jacinto

## **1-Em que ano fez parte da comissão das Sanjoaninas?**

Fiz parte da comissão das Sanjoaninas duas vezes em 1993 e 96.

## **2-Que modalidades se praticaram na altura em que fez parte da comissão?**

No primeiro ano houve golfe, patinagem, pesca desportiva, triatlo, futebol sénior e das camadas jovens, xadrez, Basket, ginástica rítmica e o rally paper. No segundo ano optamos mais pelo desporto de rua como basket, ginástica rítmica, xadrez e sueca. Também houve uma corrida para todas as pessoas que desejassem participar. Na nossa Baía houve corridas de barcos e canoagem, realizando-se também uma regata de baleeiros com a participação de baleeiros do Pico e da Horta. Também houve saltos no trampolim com a participação de atletas com um importante palmarés a nível Regional e Nacional.

## **3-Acha que há diferença nas actividades desportivas da época em que participou com as de hoje?**

É muito subjectivo porque desde há pouco tempo começou-se a optar pelo Desporto de Rua, sendo antigamente apenas praticado nos recintos fechados. Podemos dizer que tem existido mais participações desde que se optou pelo Desporto de Rua.

## **4-Qual era a modalidade que tinha mais apoio e participantes?**

De facto foi o futebol pois conta como grande apoio da Direcção Regional de Educação Física e Desportos.

## **5-Antigamente havia mais participações internacionais e Nacionais?**

Não. Porque as nossas verbas são limitadas, e assim impossibilita a vinda de Estrelas do Desporto,

## **6-O desporto tem um papel importante nas Sanjoaninas?**

Sem dúvida que tem um papel importante nas Sanjoaninas.

## **7-Os apoios e o número de praticantes aumentou ou diminuiu em relação a épocas passadas?**

Aumentou muito nestes últimos tempos.

## **8-Acha que estão a dar mais importância ao desporto agora ou antigamente?**

Antigamente era só o futebol onde participavam pessoas que sabiam jogar ou que realmente gostassem de futebol. Hoje em dia existem muitos mais desportos onde as pessoas podem optar por várias modalidades.

## **9-Tenciona voltar a pertencer a uma comissão das Sanjoaninas? Porquê?**

Não. É uma área que dá muito trabalho e a idade não permite. Prefiro dar oportunidade a pessoas mais novas.

# *Desportos Radicais*

Durante muitos anos nas Sanjoaninas, os desportos tradicionais foram fundamentais. Mas nos nossos dias a evolução desportiva é diferente - cada vez aumenta mais a percentagem dos jovens que aderem aos desportos radicais. Daí surgir o apoio de várias associações. Este género de desportos é recente, apresentando diversos perigos, facto que os torna mais excitantes.

Como afirmam praticantes destes desportos «são sem limites», e cada pessoa pode fazer a manobra que quiser e que souber. É um desporto “sem regras”, o que não impede que se não organizem campeonatos.

Num campeonato ganha o que fizer mais manobras, acumulando o maior número de pontos.

Os principais desportos radicais são: surf, bodyboard, windsurf, skate, patins em linha, BMX, canoagem skimming, motonáutica, etc.

Nesta linha as Sanjoaninas a partir de 1997 irão dar apoio aos jovens de hoje, ajudando os desportos radicais. Entre eles mais especificamente os patins em linha, BMX e o skate.

De acordo com as informações da Dr.<sup>a</sup> Filipa Magalhães (Presidente das Sanjoaninas 1997) haverá demonstrações dos desportos radicais, não descurando os desportos tradicionais.

É importante dinamizar novas manifestações desportivas, incentivando a sempre crescente e gradual participação da juventude nas Sanjoaninas.

## Corridas de Nabiças



Corridas de Nabiças - corredores de S. Mateus (24/06/59)

Os Nabiças eram vendedores ambulantes que deslocavam-se de um lugar para o outro vendendo os produtos da época. Serviam para abastecer as populações locais de ovos, galinhas, mas vendiam sobretudo peixe.

Transportavam as mercadorias para venda em dois cestos redondos pendurados num pau de carroto, que depunha um peso substancial nos ombros.

Corriam de freguesia em freguesia e especialmente para a cidade.

No entanto as Sanjoaninas costumam recordar esta manifestação popular, realizando em certos anos uma corrida

de nabiças que tem início em S. Mateus, e que terminava no Alto das Covas,

Com camisas multicores de xadrez, trazem as costas curvadas pelo peso dos cestos que transportam. Os pés descalços cansados calcorreiam os caminhos, procurando afastar os quilómetros que os distanciam da meta.

Agora é apenas uma competição desportiva que pretende demonstrar ao público, uma velha tradição profissional da Ilha, mas durante longos anos os Nabiças fizeram parte da "alma da nossa gente".



# Principais Desportos

Se desejarmos estabelecer ou apresentar uma panorâmica sobre os desportos das Sanjoaninas, podem consultar a lista aqui apresentada.

Partindo de uma análise rápida pode-se constatar que o número de modalidades é considerável. Admirável é também o número de praticantes que motivando os jogos dão mais brilho às Sanjoaninas.



Jogos de Mesa na Rua da Palha

## Principais modalidades

**Jogos de mesa** - sueca, dominó, xadrez, damas,

**Atletismo**

**Andebol**

**Ciclismo**

**Ginástica rítmica:** analisando o programa das Sanjoaninas 88 constatou-se a existência de um sarau de ginástica com a participação de 3 prestigiados componentes :

- Colégio da Academia Militar
- Colégio de Santa Clara
- Clube de Judo da ilha Terceira

**Voleibol**

**Judo**

**Basquetebol**



Outro aspecto dos Jogos de Mesa

**Jogo do pau** - relativamente ao jogo do pau é interessante um artigo de Valdemar Mota apresentado na revista Ilha Terceira.

Procedemos a uma pequena transcrição do mesmo permitindo constatar a sua prática no decurso das Sanjoaninas « foi um número saliente nas festas de S. João o chamado jogo do pau que, ao longo de anos e anos, se desenvolveu por variadíssimas localidades, num costume característico de origem portuguesa ...

A reconstituição do jogo do pau agora vista, por ocasião das Sanjoaninas da Ilha Terceira veio da freguesia da Aigualva. Foram intervenientes :Manuel Adriano Sales Dinis, Roberto Sales Gomes de Melo, José Valentim Evangelho Aguiar, Félix Valadão Rocha, José Gerez e José Homem. O mais novito com 9 anos e o mais velho de 65 anos, este jogador do jogo do pau em tempos antigos ...»



Ginástica Rítmica (1993)

**Jogo da malha****Futebol****Tiro aos pratos****Ténis de mesa****Badminton****Futebol de cinco****Futebol de salão**

**Desportos náuticos:** vela ,remo, jet-ski, canoagem, natação, regata de canoas

**Triatlo** - corridas, ciclismo e canoagem.

**Desportos motorizados** - carros e motos (ex. Prova de motocross no ano de 1991 com motos de 50 e 125 cc ).

**Ciclo-turismo****Motonáutica**

**Pesca desportiva - modalidades** - fundo, corrico e calhau.

**Bicicross** - (ex. Praticado na Pedreira em 1990 ).

**Corridas de patins****Ténis de campo**

**Golfe** - torneio de golfe - modalidades: gross e net no ano de 1990

**Regatas** - modalidades: optimist, windsurf, vaurien, fun board, etc.

Interessante verificar no dia 22 de Junho de 1988 a chegada da regata internacional « Sanjoaninas cup 88 »

**Gincanas** - de triciclos e bicicletas .

**Hóquei em patins****Canoagem**

Voleibol (1996)



Judo na Praça Velha (1996)



Basquetebol (1995)



jogo do Pau



Tiro (1993)



Motocross



Motonáutica



Ténis



Hóquei em Patins



Patinagem (1962)



Canoagem

# Desporto Terceirense

(extraído do jornal "A União" - anos mencionados)

Em 2-7-1974 encontro entre a Selecção Terceirense e a turma de Espinho esteve à beira do fracasso em todos os aspectos. Como vem sendo digno das festas a chuva contribuiu grandemente para o empobrecimento da realização.

Em 2.7.1974 dentro do programa das Festas e numa organização que a muitos títulos se mostrou exemplar disputou-se Domingo uma prova a que ocorreram o Angrense, o Lusitânia e o Praiense.

Efectuou-se primeiro uma prova em linha Angra-Praia que foi ganha por João Fernando do Lusitânia com o tempo de 32 m.17s. seguido de José Couto do Angrense com 33m. conquistando João Fernando 11 pontos nas metas volantes e José Couto 9 pontos, enquanto que fora o prémio da montanha as posições inverteram-se respectivamente com 13 e 12 pontos.

Em 21.6.1977 escolheram-se os convocados para a selecção de Angra que disputará o torneio das Sanjoaninas de 1978.

Em 21.6.1988 Paulo Paím venceu o troféu "Stand Sachs" após ter tido alguns problemas mecânicos no princípio da primeira manga. Mas Paulo Paím foi o vencedor da prova que animou as Sanjoaninas.

O grande animador da prova de motocross foi Paulo Filipe que na condução de uma Zundapp deu show na primeira manga e só abandonou porque a máquina não quis dar mais.

Nas Sanjoaninas de 1989 disseram que seria um erro esquecer a Baía de Angra cenário lindo, palco privilegiado para admirar a beleza da Cidade Património, a Baía de Angra contribui no dia 17 para o enriquecimento do programa desportivo das Sanjoaninas 1989.

Em 20.6.89 o Golfe foi uma modalidade que marcou presença no segundo dia das Sanjoaninas 1989. Na manhã de sábado, 86 concorrentes iniciaram a sua partida no torneio com 18 buracos do Club de Golfe da Ilha Terceira. Depois de 5 horas de competição apuraram-se os seguintes vencedores. Em masculinos na especialidade GROU o primeiro foi o jovem Paulo Melo seguido de Adelino Monteiro.

Em 1985 houve uma corrida de estafeta de Angra até à Praia. Participaram 9 equipas e o vencedor foi o Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo seguido pelo Lusitânia e em 3º lugar o C.A.T. O Objectivo foi transportar o testemunho Angrense - um facho olímpico sinal de começo das Sanjoaninas 1985.

# Desporto Açoriano

Em 28.6.1974 a Selecção Micaelense magnífica de constituição física dos seus componentes, rápida no ataque explorando bem a velocidade dos seus atacantes. A vitória sobre a selecção do Faial não deixava dúvidas

a ninguém que a selecção Terceirense iria ter um adversário à altura. A selecção do Faial batida por S. Miguel por 3 a 0 e pela Terceira 6 a 2 deixou fraca impressão.

# Desporto Nacional

Em 1984 foram organizados pelo Sr. José Gabriel Alves (um dos responsáveis pela parte desportiva das Sanjoaninas), 12 dias de festa sendo esses dias preenchidos com 18 modalidades: tiro, golfe, ciclismo, motocross ténis de mesa, jogo do pau, jogo do malha e Embol.

Em 19.6.1989 a primeira participação Terceirense no campeonato nacional é obviamente o maior êxito de voleibol

terceirense. Este facto justifica a inclusão da modalidade no programa das festas.

Em 1995 a vinda de grupos desportivos de Portugal Continental, tal como a selecção de hóquei em patins e de outras modalidades incluindo a selecção de velhas glórias do futebol e a implantação de novas actividades tais como as competições motorizadas.

## *Brincandebol /98*

1998 desporto

A Associação Desportiva de Andebol da Ilha Terceira promoveu na segunda feira, dia 22, um encontro de mini-andebol, designado também por “brincandebol”, que decorreu na rua de São João. Estas actividades constituem um motivo de animação sócio desportiva para as crianças com idades compreendidas entre os seis e os onze anos. Os intervenientes que eventualmente residissem fora da cidade de Angra, tiveram ao seu dispor transporte de

autocarro para o local do evento com partida da escola preparatória dos Biscoitos, e passagem pelas escolas primárias dos Altares, Raminho, Serreta, Doze Ribeiras, Santa Bárbara, Cinco Ribeiras, São Bartolomeu, São Mateus e por fim Terra-Chã.

Os participantes regressaram a casa cansados, mas extremamente entusiasmados com a manifestação desportiva que tinham praticado. (Quem sabe se não aparecerão futuros praticantes da modalidade?)

## *Regata*

Agora entrando numa outra área do desporto, o Clube Náutico de Angra do Heroísmo, levou a efeito, na Baía de

Angra, a regata “três horas de vela de Angra do Heroísmo”, contando com uma significativa adesão dos velejadores locais.

## *Triatlo das Sanjoaninas*

1998 desporto

Integrado nas festas Sanjoaninas deste ano, teve lugar na Silveira a grande prova de triatlo. Consta de 750 metros a nadar, 20 Km de bicicleta e 5 Km de corrida. Participaram na totalidade 11 atletas sendo dez do sexo masculino e apenas uma senhora. Numa prova deste cariz, os atletas poderiam fazê-la na sua totalidade, ou então jogavam em equipa, pois a união

faz a força: assim cada um deles realizava uma das subprovas tornando-a em estafetas.

Apesar da organização estar bem estruturada, o lamentável foi não haver interrupção do trânsito - só assim seria viável a existência de total segurança para os participantes (é que os automobilistas esquecem-se por vezes do respeito para com os praticantes de desporto).

# *O ténis das festas Sanjoaninas /98*

Iniciativa do Clube de Ténis da Ilha Terceira.

Realizou-se também nestas festas o torneio de ténis das Sanjoaninas/98 em pares mistos. Trata-se de um desafio simpático sem grandes pretensões para ninguém, cujo principal objectivo era simplesmente a participação e a divulgação desta modalidade. Nesse evento participaram tenistas de várias gerações, do sexo masculino e do sexo feminino.

«O ténis vamos jogar  
Com graça e emoção  
Tanto faz, perder ou ganhar  
Neste torneio de São João

Margarida, Manuel, Isabel  
Dionísio, Janico, e Conceição  
Todos estão presentes  
No torneio de São João

Muitos outros não faltaram  
Como se escreve no final  
Adelina, Fátima, Nanonas  
Jesuína, Ana e Rosa Carvalhal»

## **Desporto radical é para manter**

“Já na edição anterior das Sanjoaninas, tomaram lugar os chamados desportos radicais. Por acaso, foi um reaparecimento para manter, como aliás se constatou com a passagem dos jogos para o Bailão. Até não faltaram os mais idosos, que assim se juntaram aos jovens malucos de quem se espera continuidade. Jogos radicais são para se manter decididamente.

Tal como sempre, realizaram-se outros eventos desportivos como o futebol, basquetebol, voleibol, ginástica que iam acontecendo durante as festas no Pavilhão Municipal e outros recintos apropriados.

*(In Diário Insular, Junho, 1998)*

# Conclusão

Ao terminarmos este trabalho podemos concluir que foi extremamente importante a investigação bibliográfica/documental que efectuámos ao longo de diversos meses, pois assim ficámos com um conhecimento mais aprofundado do fenómeno cultural/festivo intitulado “Sanjoaninas”.

Criámos hábitos de pesquisa e de investigação muito importantes para os jovens que estão integrados no final de um século e que muitas vezes vivem preocupados com os elementos característicos da contemporaneidade.

As “Sanjoaninas” são de facto um momento de júbilo no âmbito do panorama festivo da ilha Terceira.

Esta investigação foi muito importante para nós porque foi-nos dada a possibilidade de poder publicar toda a nossa recolha documental, garantindo o contacto literário com o público.

Esperamos no futuro ampliar esta investigação possibilitando a concretização de uma obra literária mais completa pois o fenómeno das “Sanjoaninas” é inesgotável, visto anualmente continuar a atrair multidões de terceirenses e de forasteiros que acorrem a Angra com o objectivo de visualizarem dez dias de festa imemorable.

Contámos com a adesão do público pois apesar da simplicidade da nossa escrita pretendemos demonstrar: as Sanjoaninas são intemporais e transmitem o pulsar festivo de uma ilha!

É importante constatar que este fenómeno festivo tem um processo de continuidade, adaptado às características de final do século; mas continua a atrair multidões. É a alegria renovada de um povo que acolhe os forasteiros efusivamente, e abraça os seus “filhos” emigrantes com os acordes musicais da “saudade”.

Este livro é um legado de uma nova geração, deixando um testemunho de esperança e de confiança: como filhos do burgo angrense continuaremos a perpetuar as Sanjoaninas.

- Alexandra Pintado
- Alexandra Ramos
- Ana Luísa Silva
- Ana Maria Rocha
- Ana Maria Duarte
- Andreia Vilas
- Bruno Teixeira
- Bruno Medeiros
- Bruno Guitas
- Joaquim Mano
- Michelle Borba
- Patrícia Noronha
- Paulo Henrique Cardoso
- Ricardo Freitas
- Rodrigo Flores
- Samuel Vieira
- Sandra Pacheco
- Tatiana Simas
- Thiago Aguiar
- Tiago Gomes
- Tiago Cruz
- Ricardo Ribeiro

*Alunos responsáveis pela elaboração do trabalho “Angra em Festa”*

- Rodrigo Cabeceiras

*(trabalho de computador e enquadramento sequencial do texto/fotos)*

# Agradecimentos

## Iluminações

Sr. Antonino Borba  
Sr. Carlos Gregório

## Fogo de Artifício

Sr. António G. Pimentel Cota

## Origens

Sr.<sup>a</sup> Dra. Maria Teresa Valadão C. Martins

## Cortejos

Sr.<sup>a</sup> Dra. Maria Teresa Valadão C. Martins  
D. Natália Ferreira  
Sr.<sup>a</sup> Guida Pinheiro  
D. Leonor Rego da Silva  
Dr.<sup>a</sup> Filipa Magalhães  
Sr.<sup>a</sup> Ana Benevides  
Sr. Ildefonso Silva

## Marchas

Sr.<sup>a</sup> Guida Pinheiro  
Sr. Álamo de Oliveira  
Sr. Clemente Martins  
Casa Branca  
Casa Silva  
Sr. Gilberto Jarroca  
Sr.<sup>a</sup> Filomena Lestinho  
Sr.<sup>a</sup> Maria Natália Ferreira  
Sr.<sup>a</sup> Areovalda Leonardo  
Sr. David França

## Assuntos Culturais

Sr.<sup>a</sup> Maria Teresa Valadão C. Martins  
Sr. Belarmino Ramos  
Sr. Álamo de Oliveira  
Sr.<sup>a</sup> Guida Pinheiro  
Sr. Jorge Vieira  
Sr. Maduro Dias  
Sr.<sup>a</sup> Teresa Cristina T. Diniz Jarroca  
Sr. Presidente da Filarmónica da Serreta  
Sr. Presidente da Filarmónica Recreio dos Artistas  
Sr. José Gabriel Bettencourt

## Tauromaquia

Sr. Ricardo Jorge  
Sr. João Carlos Pamplona

Sr. Luís Vieira

## Gastronomia

Sr. Cândido Fernandes  
Sr. Augusto Gomes  
Dr. Domingos Cunha

## Desporto

Sr. José Pedro Cardoso  
Sr. Jorge Jacinto

Ao Conselho Directivo pela comparticipação Financeira na reprodução das fotografias.

A todos os Professores que integravam o conselho de turma, e que disponibilizaram toda uma semana de aulas para podermos efectuar a investigação bibliográfica.

## Cedência de Fotografias

D. Maria Leonor Corte Real Rego da Silva  
D. Nélia Rocha  
D. Ana Benevides  
D. Mercês Matos Fonseca  
D. Teresa Ourique  
D. Bárbara Ourique  
D. Edite Noronha  
D. Lúcia Pereira e Silva  
Prof. Fernanda Bettencourt  
D. Natália Ferreira  
D. Ana Maria Borba  
D. Ana Luísa Borba  
D. Sofia Borba  
D. Luísa Flores Brasil  
D. Judite Teves  
Sr. José Pedro Cardoso  
Foto Iris

“O Fotógrafo” (reproduções das fotografias das Rainhas – exposição efectuada na Câmara Municipal).

Foto Madeira (através do seu proprietário Sr. Arnaldo Tristão)  
Sr. Manuel Bettencourt (a título póstumo)

D. Paula Alves  
Sr. Augusto Alves  
D. Leonor Forjaz

Álbuns da Câmara Municipal

Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo através da sua Directora Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana Mesquita (Álbuns do Dr. Valadão)

## Cedência de Programas

Sr. Gilberto Noronha

# Bibliografia

- BRÁS, Henrique, "Ruas da Cidade: notas para a toponímia da Cidade de Angra, da Ilha Terceira e outros escritos", Angra do Heroísmo, Instituto Histórico, 1985

- DRUMMOND, Francisco Ferreira, "Anais da Ilha Terceira" (4 volumes), Açores: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1981

- GOMES, Augusto, "Cozinha Tradicional da Ilha Terceira", Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1982

- GOMES, Augusto, "Teatro Angrense: Elementos para a sua história", Angra do Heroísmo, Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Divisão de Assuntos Culturais e Relações Públicas, 1993

- LIMA, Gervásio, "As Festas de S. João". S.D, A. Heroísmo, Tip. Insulana Editora.

- MERELIM, Pedro de (pseud.), "Tauromaquia Terceirense", Angra do Heroísmo, Delegação de Turismo, 1986

- NEMÉSIO, Vitorino, "Festa Redonda: décimas e cantigas de terreiro oferecidas ao povo da Ilha Terceira", Lisboa, Bertrand, 1950

- PINHEIRO, José Joaquim, "Épocas Memoráveis da Ilha Terceira", Angra do Heroísmo, J. J. Pinheiro, 1890/1896/ (6 volumes)

- RIBEIRO, Luís da Silva, "Etnografia Jurídica da Ilha

Terceira (Açores)", 1932

- Ribeiro, Luís da Silva, "Jogos Florais - 1924", A. Heroísmo, Ed. da Câmara Municipal.

## JORNAIS

- "A União" (de 1937 a 1998)

- "Diário Insular" (de 1937 a 1998)

- "Jornal de Angra"

- "O Angrense" (nº 93 Ano de 1938)

- "O Escudo"

## REVISTAS

- Ilha Terceira" (Anos de 1979, 1986, 1987, 1988 e de 1989)

## PROGRAMAS

- Programas das Festas Sanjoaninas (1974 a 1998)

## BOLETIM

- Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira. Vol. XVI, 1958 (pp. 198 - 213)

- Artigo: "Festas Velhas, Festas Novas"

# Índice

- 3 - Dedicatória**  
**5 - Prefácio dos Autores**  
**6 - Prefácio do Presidente da Comissão Sanjoaninas 1999**  
**7 - Introdução**  
**8 - Origens**  
 9 - Lendas da véspera de S. João  
 14 - Estatutos da Irmandade de São João  
 17 - As Tradições Populares  
 19 - As ermidas de devoção a S. João  
 21 - A Nova Irmandade de S. João Baptista  
 22 - Iluminações  
 25 - Fogo de Artifício
- 27 - Percursos**  
 28 - Percursos  
 30 - Angra e o seu Traçado Urbanístico  
 32 - Angra do Heroísmo: Cidade Património Mundial  
 34 - Terramoto de 1980
- 35 - Cortejos e Jogos Florais**  
 36 - Cortejos  
 37 - Importância da Rainha das Sanjoaninas  
 38 - Importância do povo no contexto das Festas Sanjoaninas  
 41 - Jogos Florais: Festas da Cidade em Poesia  
 43 - Jogos Florais de Verão da Câmara de Angra do Heroísmo  
 45 - Entrevista realizada à rainha dos Jogos Florais de Verão da Câmara de Angra do Heroísmo (Ano de 1937)  
 46 - Programa dos Jogos Florais do ano de 1937, sendo lido pelo Chefe de Protocolo Sr. Dr. Henrique da Costa Brás  
 55 - Ano de 1959  
 58 - Ano de 1960  
 64 - Ano de 1962  
 66 - Ano de 1963  
 69 - Ano de 1966  
 72 - Ano de 1968  
 76 - Ano de 1970  
 79 - Ano de 1971  
 82 - Ano de 1972  
 83 - Ano de 1974  
 86 - Feriado Municipal  
 88 - Ano de 1986  
 89 - Ano de 1987  
 90 - Ano de 1988  
 92 - Ano de 1989  
 93 - Ano de 1990  
 94 - Ano de 1991  
 95 - Ano de 1992  
 97 - Ano de 1993  
 100 - Ano de 1994  
 101 - Ano de 1995  
 103 - Ano de 1996  
 105 - Ano de 1997  
 107 - Ano de 1998
- 110 - Marchas**  
 111 - Marchas  
 112 - A marcha oficial das Sanjoaninas  
 115 - A noite de São João  
 118 - Ensaçando as marchas de São João  
 120 - Marcha Infantil do "Colégio o Baloíço"  
 121 - Materiais utilizados na confecção das roupas
- 125 - Assuntos Culturais**  
 126 - Participação Teatral  
 129 - Coroações  
 131 - A organização da Coração das Sanjoaninas  
 134 - Procissões  
 135 - Participação da Escola Secundária nas Sanjoaninas  
 137 - Outras manifestações das Sanjoaninas  
 140 - Espectáculos e actividades para Crianças  
 141 - Cantoria e Pezinho
- 142 - Forma como as pessoas encaram as Sanjoaninas  
 143 - A participação das Filarmónicas no contexto das Sanjoaninas  
 145 - Entrevista à Filarmónica da Serreta  
 146 - Filarmónicas  
 147 - Grupos que actuaram  
 150 - Entre "Excesso" e outras sonoridades  
 152 - Luís Represas 198  
 155 - Mensagens dos Presidentes e Comissões das Sanjoaninas  
 156 - Cortejo Etnográfico  
 162 - Folclore  
 165 - Feira Açores  
 167 - A imprensa e as Sanjoaninas  
 170 - Curiosidades sobre as Sanjoaninas  
 171 - Entrevista ao Sr. Álamo Oliveira  
 173 - Entrevista ao Sr. Belarmino Ramos  
 175 - Entrevista ao Sr. Dr. Maduro Dias
- 176 - Tauromaquia**  
 177 - Tauromaquia  
 178 - Touradas à Corda  
 179 - Tourada do Porto de Pipas  
 181 - Entrevista ao Forcado Luís Vieira ("Cavaco")  
 182 - Espera de Gado  
 184 - Espera de gado para crianças  
 186 - Um Adeus à Velha Praça de Toiros  
 190 - As Ganaderias da Ilha Terceira (as que participaram nas Sanjoaninas)  
 193 - Entrevista ao cavaleiro João Carlos Pamplona  
 194 - Touradas de Praça em 1979  
 - Inauguração da Praça de Toiros em 84  
 197 - Ecos Taurinos  
 198 - Prémios de Bravura e Apresentação  
 199 - Tauromaquia  
 200 - Flahses  
 201 - Sanjoaninas de 1992  
 203 - Do que depende o brilhantismo de um Espectáculo Taurino  
 206 - A Venda dos Bilhetes para as Sanjoaninas
- 208 - Gastronomia**  
 209 - Gastronomia  
 210 - Comidas  
 211 - Doces  
 - Bebidas  
 213 - Tascas  
 215 - Entrevista com Augusto Gomes  
 216 - Entrevista ao Dr. Domingo Cunha (Tasca "O Coral")
- 217 - Desporto**  
 218 - Desporto nas Sanjoaninas  
 219 - Flashses Desportivos  
 220 - Baía de Angra  
 221 - Parque Desportivo de Angra do Heroísmo  
 222 - As Modernas Instalações Desportivas de Angra  
 223 - Pavilhão e Piscinas  
 224 - Entrevista ao Sr. Jorge Jacinto.  
 225 - Desportos Radicais  
 226 - Corridas de Nabiças  
 227 - Principais Desportos  
 234 - Desporto Terceirense  
 - Desporto Açoriano  
 - Desporto Nacional  
 235 - Brincandebol 198  
 - Regata  
 - Triatlo das Sanjoaninas  
 236 - O Ténis das festas Sanjoaninas 198
- 237 - Conclusão**  
**238 - Agradecimentos**  
**239 - Bibliografia**

EDIÇÃO



SANJOANINAS 99